Ygor Klain Belchior

IAM VICTUM FAMA NON VISI CAESARIS AGMEN
(LUC. *PHARS.* 2, 600): OS BOATOS NAS
GUERRAS CIVIS ENTRE POMPEU E
CÉSAR (54-48 A.C.)

[Versão corrigida]

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello.

São Paulo

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B427i Belchior, Ygor Klain
Iam victum fama non visi Caesaris agmen (Luc. Phars. 2, 600): os boatos nas guerras civis entre Pompeu e César (54-48 a.C.) / Ygor Klain Belchior ; orientador Norberto Luiz Guarinello. - São Paulo, 2018.
227 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Guerra Civil. 2. História Antiga. 3. Boato. 4. Fama. 5. Império Romano. I. Guarinello, Norberto Luiz , orient. II. Título.

Nome: Ygor Klain Belchior.

Título: *Iam victum fama non visi Caesaris agmen* (Luc. *Phars.* 2, 600): os boatos nas guerras civis entre Pompeu e César (54-48 a.C.).

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura:_____

Prof. Dr. Julio César Magalhães de Oliveira

Julgamento:_____

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura:_____

Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva

Julgamento:_____

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura:_____

Profa. Dra. Sarah F. L. de Azevedo

Julgamento:_____

Instituição: Universidade de São Paulo

Assinatura:_____

Prof. Dr. Fabio Fav ersani

Julgamento: _____

Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto

Assinatura:_____

À Ana Lucia.

Aos meus pais e avós.

AGRADECIMENTOS

Foram quatro anos e meio de caminhada. Nesse longo caminho é preciso reconhecer as muitas pessoas que foram importantes. Faço aqui, então, um breve agradecimento, breve porque nunca alcançará o real significado que elas tiveram.

Aos Professores Doutores Julio César Magalhães de Oliveira, Fabio Favarsani e Marcelo Cândido e à Professora Doutora Sarah Fernandes Lino de Azevedo, pelas críticas e sugestões durante o Exame de Qualificação e a Defesa, as quais foram fundamentais para a escrita desta tese.

Aos demais Professores Doutores Alexandre Agnolon, Álvaro Antunes, Celso Taveira, Fabio Duarte Joly, Helena Mollo, Paulo Martins, Renato Boy e Valdei Lopes de Araújo, pela contribuição para minha formação como historiador e meu crescimento intelectual.

À Ana Lucia Santos Coelho, minha companheira e melhor amiga, pela dedicação ímpar em momentos importantes da minha tese, ensinando-me muito sobre trabalhos acadêmicos e sobre vida e relacionamentos, e permanecendo ao meu lado todos os dias de nossa vida em comum.

À minha família, por apoiarem o meu sonho de ser Doutor em História. Aos meus pais, Tonhão e Elisete, por todo o carinho. Aos meus irmãos, Raíssa, Natasha e Yan, aos meus avós, Teva, Isa e Dita – amores incontestáveis –, às minhas tias, Márcia, Mara e Elaine, aos meus tios Marcos e Bueno e a todos os meus primos, em especial o Tavão (*in memoriam*), pela força e incentivo.

Aos não tão nobres amigos Lucas e Epaminondas Rocco, aos irmãos Rodrigo Araújo, Robson Cruz, Everton Moreira, Fábio Araújo, Ricardo Coelho, Humberto Bis, Tércio Veloso, Fabio Jabour, Lucas Rocha, Marcelo Sena, Marcus Reis, Pedro Carvalho, Victor Guedes, Rodrigo Calhelha, Lucas Lima, Matheus Souza, Wesley Araújo, Alexandre Monteiro, Fabrício Oliveira, Pedrão Eduardo, Edward Armache, Túlio Almeida, Glauber Borges, Alex Fernandes e Rodrigo Batagello, pelos momentos compartilhados fora da academia.

Às minhas queridas amigas Sarah Azevedo, Maria Aparecida, Letícia Ferraz, Marcella e Maria Fernanda Alves, Jamile Neme, Luana Viana, Mariana Martins, Suzana Lourenço e Maria Tereza Souza, pela amizade e atenção.

Aos amigos de LEIR, Ana Paula Scarpa, Alex Degan, Bruno dos Santos Silva, Camila Condilo, Fabio Morales, Gabriel Cabral, Gustavo Junqueira, João Victor Lanna e Uiran Gebara, pelos debates, ideias e cervejas.

Às quatro universidades em que lecionei até agora: UNIMEP, Barão de Mauá, UFOP e UEFS, pelo crescimento profissional e pela oportunidade de conhecer alunos e docentes maravilhosos.

Por último, às coisas que são fúteis, ao Palmeiras, às músicas do Jorge Ben Jor, dos Secos e Molhados, do B. B. King, do Dire Straits, do Eric Clapton, do Led Zeppelin e dos The Rolling Stones, às cervejas no jardim de Mariana e ao tropeiro da Dona Rosângela, pela manutenção da minha integridade mental durante o doutorado.

Enfim, àqueles cujos nomes não mencionei, mas que me dedicaram tempo e amizade, peço desculpas por ser um pisciano esquecido.

A fama correu através das grandes cidades da Líbia.
Fama, nenhum mal é mais rápido. Ela floresce velozmente
e ganha força com o seu movimento:
primeiro, limitada pelo medo, ela logo atinge o céu,
anda no chão e esconde a cabeça nas nuvens.
Da deusa Terra, incitada a ira contra os deuses,
é o que testemunham, irmão de *Coeus* e *Encélado*,
dela foi gerado, com asas rápidas e de pés rápidos,
um monstro, que para cada pena do seu corpo
tem a mesma quantidade em olhos atentos (conto maravilhoso),
como muitas línguas que falam, como em muitos ouvidos para escutar.
Ela voa, gritando, de noite pelas sombras entre a terra e o céu,
nunca fechando as pálpebras em doce sono:
por dia, fica de guarda em telhados
ou torres altas, e assusta grandes cidades,
tenaz como se noticiasse a verdade.
Agora em deleite encheu os ouvidos dos países com fofocas
cantando alegremente fato e ficção de igual maneira (Verg. *Aen.* 4, 173-190).¹

¹ *Exemplo Libyae magnas it Fama per urbes,/ Fama, malum qua non aliud velocius ullum:/ mobilitate
viget virisque acquirit eundo,/ parva metu primo, mox sese attollit in auras/ ingrediturque solo et caput
inter nubila condit./ Illam Terra parens ira inritata deorum/ extremam, ut perhibent, Coeo Enceladoque
sororem/ progenit pedibus celerem et perniciousis alis,/ monstrum horrendum, ingens, cui quot sunt
corpore plumae,/ tot vigiles oculi subter (mirabile dictu),/ tot linguae, totidem ora sonant, tot subrigit
auris./ nocte volat caeli medio terraeque per umbram/ stridens, nec dulci declinat lumina somno;/ luce
sedet custos aut summi culmine tecti/ turribus aut altis, et magnas territat urbes,/ tam ficti pravi
tenax quam nuntia veri./ Haec tum multiplici populos sermone replebat/ gaudens, et pariter facta atque
infecta canebat.*

BELCHIOR, Y. K. *Iam victum fama non visi Caesaris agmen* (Luc. *Phars.* 2, 600): os boatos nas guerras civis entre Pompeu e César (54-48 a.C.) [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2018.

RESUMO

O estudo analisa a influência dos boatos na vitória de César sobre Pompeu, ocorrida nas guerras civis de 49 e 48 a.C. Apesar do breve período de disputas, tem como recorte temporal os anos de 54 a 48 a.C., pois foi aí que apareceram os primeiros boatos das lutas entre os generais. Para tanto, toma como fontes obras de gêneros literários variados, situadas entre os séculos I a.C. e IV d.C. Dentro de tal *corpus*, destacam-se os *Comentários sobre as Guerras Civis*, redigidos por César, as *Cartas a Ático* e as *Cartas aos Amigos*, escritas por Cícero, e a *Farsália*, composta por Lucano. O referencial teórico abrange os conceitos de boato, janelas de oportunidades, ação coletiva e memória social. O objetivo geral é compreender a relação entre uma *stasis*, a propagação de boatos e a mobilização dos grupos. Seguem-no os objetivos específicos, por meio dos quais o estudo analisa de que modo as ações coletivas oportunizavam vantagens ou desvantagens militares, e também precisa como a formação de alianças tornou César o favorito ao sucesso. Considera que os boatos foram decisivos para o triunfo cesariano, pois contribuíram para a conquista de apoio, a rendição de cidades e a aquisição de recursos.

PALAVRAS-CHAVE: Boatos. César. *Fama*. Guerras civis. Pompeu.

BELCHIOR, Y. K. *Iam victum fama non visi Caesaris agmen* (Luc. *Phars.* 2, 600): the rumors in the civil wars between Pompey and Caesar (54-48 BC.). [thesis]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2018.

ABSTRACT

This work analyses the influence of rumours concerning the victory of Caesar over Pompey during the civil wars in 49 and 48 BC. Despite the brief period of disputes, this study considers a time frame that encompasses the years from 54 to 48 BC, for it was during this period that appeared the first rumours about the dispute between these generals. For this end, the study takes as sources works of varied literary genres from the 1st Century BC to the 4th Century AD. Within such a *corpus*, we highlight the *Commentaries on the Civil War*, written by Caesar, the *Letters to Atticus* and the *Letters to Friends*, authored by Cicero, and the *Pharsalia*, written by Lucan. The theoretical references embrace the concepts of rumour, windows of opportunity, collective action and social memory. The general purpose of this research is to understand the relation between a *stasis*, rumour spread and the mobilization of groups. The specific objectives concern the understanding of how the collective actions propitiated military advantages and disadvantages; also they specify how the formation of alliances made Caesar the favourite to succeed. It is considered that the rumours were decisive for the triumph of Caesar, due to their contribution regarding the obtainment of support, the surrender of cities and the acquisition of resources.

KEYWORDS: Rumours. Caesar. *Fama*. Civil wars. Pompey.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>An anti-rumor cartoon</i> por Thomas Derrick	20
Figura 2 – A corrida da conversa de banheiro	31
Figura 3 – O boato é igual às sementes jogadas no solo	31
Figura 4 – Representação de César cruzando o Rubicão	77
Figura 5 – Busto de Pompeu (séc. I)	88
Figura 6 – Mosaico de Alexandre (100 d.C.)	88
Figura 7 – Reconstituição do teatro de Pompeu	91
Figura 8 – Denário de prata representando Pompeu como Hércules	92
Figura 9 – Soldados cortando árvores para construir um acampamento	103
Figura 10 – Soldados cortando árvores para erguer paliçadas	103
Figura 11 – Soldados buscando forragens	104
Figura 12 – Soldados buscando forragens	104
Figura 13 – A multiplicidade de redes de um boato	117
Figura 14 – Assalto a Sarmizegetusa	137
Figura 15 – Saque a Sarmizegetusa	137
Figura 16 – Modelo de um acampamento	138

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – O mundo romano no ano 50	52
Mapa 2 – O trajeto de César na Itália	78
Mapa 3 – O trajeto de César na Gália e nas Hispânicas Citerior e Ulterior	79
Mapa 4 – O trajeto de Curião no norte da África	80
Mapa 5 – O trajeto de César na Grécia	81
Mapa 6 – A cidade de Roma no século I	124
Mapa 7 – O Fórum romano no século I	126
Mapa 8 – O Campo de Marte	131
Mapa 9 – A rede de estradas da Itália	132
Mapa 10 – As <i>villae</i> da Itália Central no ano 50	133
Mapa 11 – O cerco de Marselha	135
Mapa 12 – As cidades pró-Pompeu na Itália	155
Mapa 13 – O cerco a Lérida	176
Mapa 14 – A campanha de Curião no norte da África	180
Mapa 15 – A batalha de Dirráquio	184
Mapa 16 – A batalha de Farsália	187

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As referências dos meios de comunicação	83
Tabela 2 – As referências das negociações cívicas	99
Tabela 3 – As referências dos destinatários e remetentes	103
Tabela 4 – As referências dos agentes da comunicação	109
Tabela 5 – As referências dos centros de informação	118
Tabela 6 – As referências das ações sociais	150

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As cartas de Cícero no ano 49	55
Quadro 2 – As cartas de Cícero no ano 48	57
Quadro 3 – Categorias de análise dos meios de comunicação	58
Quadro 4 – Categorias de análise das negociações cívicas	60
Quadro 5 – Categorias de análise dos destinatários e remetentes	61
Quadro 6 – Categorias de análise dos agentes da comunicação	62
Quadro 7 – Categorias de análise dos centros de informação	65
Quadro 8 – Categorias de análise das ações sociais	68

LISTA DE ABREVIATURAS

ACH – Atlas of Classical History.

CAH IX – Cambridge Ancient History, volume IX.

OCD – Oxford Classical Dictionary.

RRC – Roman Republican Coinage.

LISTA DE AUTORES ANTIGOS

<u>Abreviatura</u>	<u>Nome do autor</u>	<u>Título da obra</u> (<u>Latim ou Grego</u>)	<u>Título da obra</u> (<u>Português</u>)
App. <i>B Civ.</i>	Apiano de Alexandria	<i>Bella Civilia</i>	Guerras Civis
App. <i>Gall.</i>	Apiano de Alexandria	<i>εκ της Κελτικής</i>	Guerra Gálica
App. <i>Mith.</i>	Apiano de Alexandria	<i>Μιθριδάτειος</i>	Guerra Mitridática
Aris. <i>Reth.</i>	Aristóteles	<i>Τέχνη ρητορική - Ars Rhetorica</i>	Retórica
<i>BAfr.</i>	Aulo Hirtio	<i>Bellum Africum</i>	Guerras Africanas
<i>BAlex.</i>	Caio Oppio ou Aulo Hirtio	<i>Bellum Alexandrinum</i>	Guerras Alexandrinas
<i>BHisp</i>	Aulo Hirtio	<i>Bellum Hispaniense</i>	Guerras Espanholas
Caes. <i>BCiv.</i>	Caio Júlio César	<i>Commentariorum de Bello Civili</i>	Comentários sobre as Guerras Civis
Caes. <i>BGall.</i>	Caio Júlio César	<i>Commentariorum de Bello Gallico</i>	Comentários sobre a Guerra Gálica
Cat. <i>Carm.</i>	Caio Valério Catulo	<i>Carmina</i>	Carmina
Cic. <i>Att.</i>	Marco Túlio Cícero	<i>Epistulae ad Atticum</i>	Cartas a Ático
Cic. <i>Clu.</i>	Marco Túlio Cícero	<i>Pro Cluentio</i>	Pró-Cluêntio
Cic. <i>Comment. pet.</i>	Marco Túlio Cícero	<i>Commentariolum Petitionis</i>	Pequeno Manual Eleitoral

Cic. <i>De or.</i>	Marco Túlio Cícero	<i>De oratore</i>	Sobre o orador
Cic. <i>Fam.</i>	Marco Túlio Cícero	<i>Epistulae ad familiares</i>	Cartas aos familiares
Cic. <i>Inv. rhet.</i>	Marco Túlio Cícero	<i>De inventione rhetorica</i>	Da invenção
Cic. <i>Mur.</i>	Marco Túlio Cícero	<i>Pro Murena</i>	Discurso pró- Murena
Cic. <i>Phil.</i>	Marco Túlio Cícero	<i>Orationes Philippicae</i>	Filípicas
Cic. <i>QFr.</i>	Marco Túlio Cícero	<i>Epistulae ad Quintum fratrem</i>	Cartas ao seu irmão Quinto
Columella. <i>Rust.</i>	Lúcio Júnio Moderato Columela	<i>De re rustica</i>	<i>De re rustica</i>
Dio.	Lúcio Cláudio Cássio Dio (Dião Cássio)	<i>Ῥωμαϊκὴ Ἱστορία</i>	História Romana
Liv.	Tito Lívio	<i>Ab urbe condita</i>	História de Roma
[Liv]. <i>Per.</i>	Tito Lívio	<i>Periochae</i>	<i>Periochae</i>
Luc. <i>Phars.</i>	Lúcio Aneu Lucano	<i>Bellum Civile</i>	Farsália
Plin. <i>HN.</i>	Plínio, o velho	<i>Naturalis historia</i>	História Natural
Plut. <i>Ant.</i>	Lúcio Méstrio Plutarco	<i>Vitae paralelae Antonius</i>	Vida de Antônio
Plut. <i>Caes.</i>	Lúcio Méstrio Plutarco	<i>Vitae paralelae Caesar</i>	Vida de César
Plut. <i>Cic.</i>	Lúcio Méstrio Plutarco	<i>Vitae paralelae Cicero</i>	Vida de Cícero
Plut. <i>Crass.</i>	Lúcio Méstrio Plutarco	<i>Vitae paralelae Crassus</i>	Vida de Crasso

Plut. <i>Pomp.</i>	Lúcio Méstrio Plutarco	<i>Vitae paralelae Pompeius</i>	Vida de Pompeu
Quint. <i>Inst.</i>	M. Fábio Quintiliano	<i>Institutio oratoria</i>	Educação Oratória
Sen. <i>Controv.</i>	Sêneca, o velho	<i>Controversiae</i>	Controvérsias
Strab.	Estrabão	<i>Γεωγραφικά</i>	Geografia
Suet. <i>Calig.</i>	Caio Suetônio Tranquilo	<i>Gaius Caligula</i>	Vida de Calígula
Suet. <i>Iul.</i>	Caio Suetônio Tranquilo	<i>Divus Iulius</i>	Vida do divino Júlio
Suet. <i>Ner.</i>	Caio Suetônio Tranquilo	<i>Nero</i>	Vida de Nero
Tac. <i>Ann.</i>	Públio Cornélio Tácito	<i>Annales</i>	Anais
Tac. <i>Germ.</i>	Públio Cornélio Tácito	<i>Germania</i>	Germânia
Tac. <i>Hist.</i>	Públio Cornélio Tácito	<i>Historiae</i>	Histórias
Varro. <i>Rust.</i>	Marco Terêncio Varrão	<i>De re rustica</i>	Das coisas do campo
Val. Max.	Valério Máximo	<i>Factorvm et dictorvm memorabilivm libri novem</i>	Nove livros de fatos e dizeres memoráveis
Vell. Pat.	Veleio Patérculo	<i>Historiae Romanae</i>	História Romana
Veg. Mil.	Flávio Vegécio	<i>De re militari</i>	Compêndio da arte militar
Verg. <i>Aen.</i>	Públio Virgílio Maro	<i>Aeneid</i>	Eneida

SUMÁRIO

PROLÓGO	20
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I: ENTENDENDO OS BOATOS	27
1.1 O ESTADO DA ARTE	30
1.2 A RELAÇÃO ENTRE OS BOATOS E A OPINIÃO PÚBLICA NO MUNDO ROMANO	38
1.3 COMO LEMOS OS BOATOS?	49
CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZANDO E INTERPRETANDO OS BOATOS	71
2.1 O CONTEXTO TARDO-REPUBLICANO	72
2.2 O CONTEXTO DAS GUERRAS CIVIS	76
2.3 OS SIGNIFICADOS DOS BOATOS	82
2.4 AS <i>FAMAE</i> DE POMPEU E CÉSAR	87
2.5 AS NEGOCIAÇÕES CÍVICAS: AS BUSCAS POR ACORDOS	98
2.6 OS DESTINATÁRIOS E OS REMETENTES: DE ONDE SAEM E PARA ONDE VÃO AS NEGOCIAÇÕES?	103
CAPÍTULO III: OS TRANSMISSORES DOS BOATOS	107
3.1 OS AGENTES DA COMUNICAÇÃO: OS ATORES DOS BOATOS	109
3.2 OS CENTROS DE INFORMAÇÃO: OS CENÁRIOS DAS CONVERSAS	118
3.3 <i>CASTR</i> , <i>OPPUGNATIO</i> E <i>DIRIPERE</i> : OS CATALISADORES DA SOCIABILIDADE	135

CAPÍTULO IV: ANALISANDO OS BOATOS	144
4.1 O PRELÚDIO DA <i>STASIS</i>	145
4.2 AS AÇÕES SOCIAIS: AS DETERMINAÇÕES DOS GRUPOS E OS SEUS INTERESSES	149
4.3 O AVANÇO DE CÉSAR SOBRE A ITÁLIA	155
4.4 A CONQUISTA DE ROMA	163
4.5 O CERCO A MARSELHA	169
4.6 AS CAMPANHAS NAS HISPÂNIAS ULTERIOR E CITERIOR	175
4.7 O SÍTIO A ÚTICA	179
4.8 AS BATALHAS NA GRÉCIA	182
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 191
 REFERÊNCIAS	
DOCUMENTAÇÃO PRIMÁRIA	196
OUTRAS OBRAS CONSULTADAS	199
 ANEXOS	
ANEXO A – Glossário dos vocábulos	211
ANEXO B – Cronologia das guerras civis	221

INTRODUÇÃO

Com efeito, todos os municípios [...], um após outro, imitaram a vós e a vossa conduta, e não é sem motivo que César vos aprecia com simpatia, e os inimigos com tanta severidade. Realmente, Pompeu, sem ter sido batido em batalha alguma, deixou a Itália [...]. Não ouvistes os boatos das façanhas de César na Hispânia? Dois exércitos postos em fuga, a vitória sobre dois generais, a conquista de duas províncias; e isso obra de quarenta dias, a partir do momento em que César se apresentou à vista dos adversários? [...] E vós, que seguistes César quando a vitória era incerta, ireis, agora que a sorte da guerra está decidida, seguir o vencido [...]? (Caes. *BCiv.* 2, 32, 1-5).²

Em 2016, a *Oxford Dictionaries* elegeu o adjetivo “pós-verdade” (*post-truth*) como a palavra do ano. Ele foi definido como uma circunstância na qual as emoções e as crenças particulares influenciam mais na opinião pública do que os fatos objetivos.³ Para os jornais da época, o vocábulo não era só um neologismo impactante, era também um rótulo para descrever a “era da pós-verdade” vivida pelas sociedades modernas, uma era marcada pela disseminação de mentiras, boatos e fofocas em uma velocidade alarmante, ou seja, de notícias infundadas cientificamente, todas divulgadas nas plataformas digitais e redes sociais, como o Google e o Facebook.

Tal divulgação seria o resultado, segundo os periódicos, da perda do valor empírico das provas, da facilidade proporcionada pelas tecnologias na manipulação de documentos imagéticos, sonoros ou visuais e da descredibilização sofrida pelas grandes mídias (EL PAÍS, 11/02/2018; NEXO, 16/11/2016).

De qualquer forma, nos últimos anos, temos lidado com diversas informações infundadas e desaveriguadas. Como ilustração, falaremos sobre dois casos já bastante conhecidos: os “terraplanistas” e os que negam a ditadura brasileira. Basicamente, os primeiros defendem que a Terra não tem o formato de um geóide,

² *Vos enim vestrumque factum omnia [...] deinceps municipia sunt secuta, neque sine causa et Caesar amicissime de vobis et illi gravissime iudicaverunt. Pompeius enim nullo proelio pulsus vestri facti praeiudicio demotus Italia excessit [...]. An vero in Hispania res gestas Caesaris non audistis? Duos pulsos exercitus, duos superatos duces, duas receptas provincias? Haec acta diebus XL, quibus in conspectum adversariorum venerit Caesar? [...] Vos autem incerta victoria Caesarem secuti diiudicata iam belli fortuna victum sequamini [...]*?

³ Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>.

mas, sim, de uma pizza, enquanto os segundos sustentam a inexistência do regime ditatorial entre 1964 e 1985. Ambos, além de se pautarem em declarações ilógicas, ignoram pesquisas, fontes e estudiosos consagrados.

Existe ainda um caso famoso em que os dados ilegítimos interferiram nos pleitos eleitorais norte-americanos de 2016. A disputa presidencialista entre Donald Trump e Hilary Clinton foi marcada pela intensa difusão de calúnias na internet. O candidato do Partido Republicano concentrou esforços em publicar várias afirmações enganosas, em seu Twitter, a respeito da candidata do Partido Democrata. Essa atitude gerou, de acordo com os especialistas, três consequências: a criação de uma “bolha”, na qual os pares ideológicos conversavam entre si e autenticavam as falsas notícias; o crescimento do apoio popular, verificado no aumento do número de seguidores – quatro milhões a mais do que o da adversária; e a vitória de Trump (FORBES, 18/11/2016).

Cabe lembrar que ele foi acusado pela *Central Intelligence Agency* (CIA) e pelo *Federal Bureau of Information* (FBI) de comprar informações sigilosas dos russos para espalhar boatos que prejudicassem a campanha da sua concorrente. Os mais impactantes circularam no *Bible Belt* e a apontavam como homossexual e culpada por gastar milhares de dólares em cirurgias estéticas.⁴ A então senadora foi pressionada a convocar os veículos midiáticos para negar publicamente as acusações (BBC, 10/12/2016; G1, 21/09/2017).

Os episódios supracitados levam-nos a ponderar que a era da “pós-verdade” transformou anúncios incertos em ferramentas determinantes na disputa política, criando critérios de julgamento, controlando a opinião pública, inventando crises e até mesmo justificando golpes de Estado.

Inclusive, o colapso do governo Dilma pode ser avaliado sob esse viés. Oliveira (2016) rememora que, no início de fevereiro de 2015, o Governo Federal lançou um pacote de medidas para o ajuste das contas públicas, contendo o aumento de impostos e restrições a benefícios trabalhistas e previdenciários. De alguma forma, isso levou a população a transmitir boatos, nas redes sociais, de que a caderneta de

⁴ O *Bible Belt*, no português *Cinturão Bíblico*, é uma região do centro-sul dos Estados Unidos onde o protestantismo é dominante.

poupança seria confiscada. O Ministério da Fazenda, então, foi obrigado a lançar uma nota desmentindo essa informação. No mês seguinte, novos boatos foram propagados por WhatsApp, Facebook e Twitter. Uns referiam-se à descoberta de um grupo de homens com mais de 20 mil armas na Floresta Amazônica prontos para uma guerra civil. Outro recomendava que a população estocasse alimentos em casa porque uma intervenção federal “de direita e de esquerda” estava sendo preparada. Com eles, ocorreram ainda ataques à personalidade da presidenta. O tópico debatido era de que ela era incapaz de gerir o País por ser arrogante, histérica e “louca”, estando sob tratamento psiquiátrico para esquizofrenia (ISTOÉ, 01/04/2016).

Em suma, esses casos demonstram que os boatos estão presentes em todos os momentos e em todos os grupos sociais. Eles correspondem aos anseios e temores dos sujeitos, aos pressentimentos mais ou menos conscientes e às expectativas sociais quanto aos indivíduos que nos são próximos afetiva e geograficamente, seja um amigo ou um governante.

Até aqui, contudo, mostramo-los em uma acepção negativa, isto é, como fantasiosos e irracionais. Por isso, foram desdenhados por muito tempo pelos estudiosos, tratados como desvios breves, parênteses da loucura, um abandono que não levou em consideração a própria razão de ser dos boatos: eles não são necessariamente falsos, mas também não são necessariamente verdadeiros. São, com efeito, mídias complementares que contestam a realidade oficial e propõem outras. É com base em tal entendimento que escrevemos esta tese.

A nossa proposta, porém, foi examiná-los para além das tecnologias atuais, levando-os a novos contextos, distantes da televisão e da internet. Decidimos, então, testar o seu funcionamento em um ambiente conturbado e ameaçador, a saber, nas guerras civis entre Pompeu Magno e Caio Júlio César ocorridas entre 49 e 48 a.C. A baliza temporal deste trabalho está imersa nesse um ano de disputas, mas não somente. Resolvemos ampliá-la até o ano 54 por entendermos que os primeiros boatos dos embates surgiram ali.

A ideia apareceu com a leitura inicial da documentação que trata das querelas entre os generais. Aí notamos uma intensa divulgação de boatos entre aristocratas, comandantes, soldados e cidadãos, cujo conteúdo trazia a movimentação das

tropas, os resultados das batalhas e os perigos vindouros. Observamos também que eles incitavam o posicionamento das comunidades italianas e provinciais em relação a Pompeu e César, fortalecendo-os ou enfraquecendo-os. Logo, começamos a refletir que, se induziam à disposição, poderiam igualmente induzir à vitória. Assim formulamos um problema de pesquisa: De que modo os boatos determinaram a vitória de César? Nossa hipótese é: os boatos foram importantes para a conquista de apoio, a rendição de cidades e a aquisição de recursos?

Para comprová-la, percorreremos três objetivos: compreender a relação entre uma *stasis*, a propagação de boatos e a mobilização dos grupos; analisar de que modo as ações coletivas oportunizavam vantagens ou desvantagens militares; precisar como a formação de alianças tornou César o favorito ao sucesso.

Esses objetivos serão averiguados com base no seguinte complexo categorial: os meios de comunicação, as negociações cívicas, os destinatários e remetentes dos boatos, os agentes da comunicação, os centros de informação e as ações sociais. Essa seleção foi elaborada em conjunto com a bibliografia indicada ao final deste trabalho, a qual considera as produções mais recentes sobre as formas de se fazer uma guerra no mundo romano.

Tanto a validação da hipótese quanto a busca dos objetivos serão fundamentadas em um *corpus* textual amplo e variado, organizado aqui em dois blocos: primário e secundário. O primário contempla os *Comentários sobre as Guerras Cívicas*, escritos por César, as *Cartas a Ático* e as *Cartas aos amigos*, redigidas por Marco Túlio Cícero, e a *Farsália*, elaborada por Marco Aneu Lucano. O secundário abrange 18 obras, situadas entre o século I a.C. e IV d.C., a exemplo das biografias de Pompeu e César, realizadas por Plutarco e Suetônio, e do *Compêndio da Arte Militar*, composto por Vegécio.

Essa documentação articula-se ao aporte teórico pautado no conceito de boato, proposto por Aldrin (2005), Kapferer (1993), Kovacs (1998), Lefebvre (1979), Peterson e Gist (1951) e Shibutani (1966); de janelas de oportunidades, indicado por Oliveira (2016); de ação coletiva, exposto por Tilly (1978); e de memória social, defendido por Peralta (2007).

Todas as reflexões estão organizadas em quatro capítulos.

No Capítulo I, intitulado *Entendendo os boatos*, discutimos o “estado da arte” dos boatos a partir de dois paradigmas teóricos, o psicopatológico e o política, social e interacional. Prosseguimos com o exame de como influenciavam na formação da opinião pública em Roma e de que maneira demarcavam os arranjos políticos. Em seguida, apresentamos o nosso modelo de análise para o estudo dos conflitos entre Pompeu e César.

No Capítulo II, denominado *Contextualizando e interpretando os boatos*, elucidamos os contextos tardo-Republicano e das guerras civis, evocando os problemas sociais e militares que geraram uma enorme carência alimentícia. Após, comentamos as referências dos boatos nas fontes, constatando a sua preeminência em relação aos demais meios de comunicação. Passamos, então, à abordagem das carreiras dos estrategos e às negociações cívicas entre os diversos destinatários e remetentes.

No Capítulo III, *Com quem e por onde andam os boatos?*, explanamos os agentes da comunicação e os centros de informação, visando assimilar as atividades das principais redes de notícias do período. Posteriormente, tratamos da movimentação dos acampamentos e da construção dos cercos, a fim de mostrá-los como responsáveis pelo aumento da sociabilidade.

No Capítulo IV, *Analizando os boatos*, discutimos o impacto dos boatos nos seis episódios centrais das guerras civis: o avanço de César sobre a Itália; a conquista de Roma; o cerco a Marselha; as campanhas nas Hispânias Ulterior e Citerior; o sítio à Útica; e as batalhas na Grécia.

Depois dos capítulos, sintetizamos os nossos argumentos nas Considerações Finais, reforçando os debates desenvolvidos nesta tese.

Por fim, julgamos essencial findar tal introdução com a exposição de quatro questões técnicas: 1) os episódios citados aqui ocorreram, boa parte, antes da Era comum ou antes de Cristo, por isso não repetiremos as siglas AEC ou a.C. a partir desse ponto, salvo exceções; 2) as traduções do inglês, francês, latim e grego são de nossa autoria, exceto as versões portuguesas da *Farsália* e dos *Comentários sobre as Guerras Civis*; 3) as demais edições dos textos antigos são

majoritariamente da LOEB; 4) esta tese traz três anexos para facilitar o entendimento do leitor acerca do contexto, a saber, um glossário com os vocábulos utilizados no complexo categorial, a cronologia dos principais eventos das disputas e quadros com as referências das categorias nas fontes.

CAPÍTULO I

1 ENTENDENDO OS BOATOS

Nenhum dos sinais discutidos até agora ajudou a espalhar mais a insurreição do que o discurso anônimo em sua forma clássica – boatos. Esta não foi, naturalmente, por nenhum meio, uma experiência exclusiva dos indianos. Alguém talvez seria perfeitamente justificado em dizer que o boato é tanto universal como portador necessário de insurgência em qualquer sociedade pré-industrial e pré-literária. Um inconfundível e indireto reconhecimento de seu poder é a preocupação historicamente conhecida pela sua supressão e controle por parte daqueles que em todas essas sociedades tinham mais a perder pela rebelião. Os imperadores romanos eram sensíveis o suficiente aos boatos a ponto de engajar um quadro inteiro de funcionários – *delatores* – para coletá-los e reportá-los, enquanto em 1789 os agricultores franceses acharam que era de sua vantagem querer acabar com os boatos, excitações e as conversas sediciosas por parte das ordens inferiores no mercado (GUHA, 1999, p. 251).

Ranajit Guha, em seu estudo ambientado à época da Índia colonial, realizou a afirmação supramencionada para explicar ao leitor as peculiaridades da comunicação entre os setores subalternos, no caso os camponeses, contrários à ocupação inglesa naquela localidade. Ao fazê-lo, revelou que em qualquer sociedade pré-literária ou pré-industrial os boatos são imprescindíveis para organizar os grupos revoltosos e fomentar insurgências contra os poderes dominantes, e que os governos sempre despenderam esforços para controlar essa conversação causadora de dissensões (GUHA, 1999).

Escolhemos começar por tal citação porque ela aponta um problema importante às pesquisas modernas sobre os boatos, problema de modo geral apresentado sem nenhuma crítica prévia. A questão concerne ao anacronismo, já que relaciona duas realidades muito distintas: a indiana e a romana. No mundo indiano, por exemplo, havia mecanismos de repressão, censura e fiscalização dos boatos por funcionários do Estado. No caso de Roma, era comum o uso dos *delatores*,⁵ mas, ao fazerem uso indiscriminado dos seus serviços, os imperadores concorriam com a possibilidade de assumir uma forma tirânica de governo, o que gerava críticas por parte dos seus contemporâneos (GONÇALVES, 1997).⁶

⁵ Tac. *Ann.* 2; Tac. *Hist.* 2, 10,1 e 4, 41; Dio. 58, 21, 5; Suet. *Calig.* 15, 4 e 60, 6, 3.

⁶ Segundo Flint (1912), os *delatores* eram particulares que visavam às premiações oferecidas pelos julgamentos e, mesmo com os serviços, não se tornavam magistrados ou funcionários do “Estado”.

Semelhantemente, Finley (1988), em *A Censura na Antiguidade Clássica*, comenta que não havia no mundo antigo uma censura como a do mundo moderno, com os recursos de polícia, serviços secretos e órgãos governamentais (*Centro de Operações de Defesa Interna / DOI-CODI*). A título de ilustração, as opiniões contrárias às do imperador, em Roma, circulavam a todo momento entre o público e nos diversos espaços da *Urbs* sem nenhum tipo de controle ideológico. Contudo, se tais opiniões fossem transmitidas às pessoas erradas e nos lugares errados poderiam provocar o desagrado do *princeps*. O curioso é que muitas vezes eram os senadores, devido ao fenômeno da bajulação imperial, que tomavam uma atitude em relação a essas opiniões, e não o próprio soberano. É o que observamos no episódio de Cremúcio Cordo ocorrido durante o governo de Tibério:

Foi acusado Cremúcio Cordo de um crime novo e absolutamente desconhecido até aquele tempo; porque, tendo escrito e publicado uns *Anais*, fazia elogio a Bruto e denominava C. Cássio o último dos romanos. [...] Os senadores decidiram que os seus livros fossem queimados pelos ediles: apesar disso se conservaram escondidos e pelo tempo adiante se viram a fazer públicos (Tac. *Ann.* 4, 34–35).⁷

Nesse excerto, o crime pelo qual Cordo foi acusado era uma novidade jurídica. Em outras palavras, não havia existido até esse momento uma acusação de *maiestas* pela redação e publicação de um livro, embora as denúncias de atentado contra a vida do *princeps* fossem comuns, especialmente em conspirações. Apesar da gravidade, os senadores foram os responsáveis por levar a acusação perante o imperador e, mesmo com a condenação, não houve uma perseguição sistemática àqueles que ainda conservavam a obra de Cordo.

Esclarecido o problema do anacronismo, dividiremos o presente capítulo da seguinte forma: iniciaremos com a discussão das pesquisas modernas sobre o “estado da arte” dos boatos a partir de dois paradigmas teóricos, o psicopatológico e a abordagem política, social e interacional do fenômeno – a qual servirá como base para a escrita desta tese; prosseguiremos com o exame de como os boatos influenciavam na formação da opinião pública em Roma e de que modo essa

⁷ *Cremutius Cordus postulatur novo ac tunc primum audito crimine, quod editis annalibus laudatoque M. Bruto C. Cassium Romanorum ultimum dixisset [...] libros per aedilis cremandos censuere patres: set manserunt, occultati et editi. Quo magis socordiam eorum inridere libet qui praesenti potentia credunt extinguere posse etiam sequentis aevi memoriam.*

mesma opinião provocava determinados posicionamentos políticos; por último, apresentaremos o modelo de análise empregado para a leitura das fontes.

1.1 O ESTADO DA ARTE

As menções iniciais aos boatos são esparsas e não os descrevem como um fenômeno passível de investigação acadêmica e científica. A primeira delas foi encontrada em um documento do Parlamento Francês em 1274 e descreve o boato como um “grito” ou um “ruído”, que empurrava todos os cidadãos às contendidas e às rebeliões. No século XVI, o termo volta a aparecer em documentos policiais e judiciários, porém agora associado ao vocábulo latino *rumor*, na mesma acepção de *fama*, significando uma notícia que se espalhou ao público e que vigora como um “conhecimento notório”, a exemplo de um crime. Em meados do XVIII, temos o retorno à noção de ruído, só que dessa vez associado aos conceitos de “verdadeiro” e “falso”, indicando a possibilidade de uma autenticação (PAILLARD, 1990).

Somente no século XX, os boatos começaram a ser pensados sistematicamente dentro das universidades, mudança ocorrida, principalmente, devido a um contexto específico: a comunicação em massa e o perigo de um grande conflito bélico, a Segunda Guerra Mundial. Nesse ínterim, encontramos cartazes patrocinados pela inteligência militar de determinados países, como a Alemanha, a Inglaterra e os Estados Unidos, que disseminaram uma vasta quantidade de material propagandístico a fim de educar o povo no reconhecimento de boatos. Eis um exemplo de tal política na Inglaterra:

Neste estágio, 541,000 pôsteres haviam sido distribuídos em hotéis e lugares públicos, 21,000 foram encaminhados para os correios, 50,000 para as autoridades locais, 5,000 em postos de trocas de serviços e 4,250 para ferrovias e portos. [...] O Ministério do Transporte implorava pelo aumento das luzes no interior dos trens noturnos [...] para encorajar que as pessoas lessem dentro dos vagões ao invés de falarem, reconhecendo que as viagens [...] eram terrenos muito férteis para conversas indiscretas [...] (FOX, 2012, p. 6).

O que temos nessa citação é a exposição de duas preocupações quanto à comunicação de boatos em uma guerra. A primeira diz respeito ao fato de que eles podem conter informações vitais para a segurança nacional. A segunda concerne ao controle das conversas e das notícias, uma vez que elas teriam informações que desestabilizariam a nação. Logo, a principal recomendação dos governos era “ficar calado”. Na ausência do silêncio, as autoridades incitavam a violência contra aqueles que espalhavam boatos, pois, caso fossem divulgados, se alastrariam exponencialmente. Vejamos as Figuras 2 e 3:

Figura 2 – A corrida da conversa de banheiro.

Fonte: Richards (2010, p. 5).

Figura 3 – O boato é igual às sementes jogadas no solo.

Fonte: National Archives Catalog.⁸

Segundo as pesquisas acadêmicas contemporâneas, tal reação das autoridades de Estado advinha da compreensão dos boatos como uma comunicação informal, desenvolvida em momentos de perigo. Para melhor entendê-los é necessário, a partir deste ponto, abordarmos os autores que influenciaram essas produções.

Na *Psicologia das Multidões*, Le Bon (2008, p. 10) observa que as “massas sociais em movimento”, inclusive aquelas originadas por boatos, devem ser sempre concebidas como um fenômeno psicopatológico, ou seja, uma doença psiquiátrica no “corpo social”. E quais seriam os seus sintomas? O instinto de barbárie e o

⁸ Disponível em: <https://catalog.archives.gov>. Registro 513739.

hipnotismo seriam os mais comuns e poderiam fazer até mesmo com que a sociedade descesse alguns degraus da “civilização”. Em suas palavras:

Sempre que uma afirmação é suficientemente repetida com unanimidade (isto é, sem que haja a repetição da afirmação contrária), como acontece com certas empresas financeiras que podem comprar todos os meios de comunicação, forma-se aquilo a que se chama uma “corrente de opinião”. É nessa altura que intervém o poderoso mecanismo do contágio. As ideias, os sentimentos, as emoções ou as crenças possuem, entre as multidões, um poder contagioso tão forte como o dos micróbios. É um fenómeno que se observa até nos animais logo que eles se reúnem em multidão. A mania de um cavalo numa estrebaria é imediatamente imitada por todos os outros cavalos da mesma estrebaria. Um gesto de terror, um movimento de desorientação de algumas ovelhas é logo propagado a todo o rebanho. O contágio das emoções explica a rapidez dos pânico. Também as desordens cerebrais, como a loucura, se propagam por contágio (LE BON, 2008, p. 64).

Conforme essa visão, os boatos circulantes em tempos de crise são o resultado do “colapso” da ordem e do controle social. Por isso, a interferência de Comitês de Guerra torna-se essencial no combate a uma patologia que desestabilizaria uma nação em conflito, pois, se contaminados, os indivíduos transformar-se-iam em agentes fanáticos, comunicando-se cada vez mais e buscando a brutalidade ativista (LE BON, 2008).

A perspectiva apresentada também é justificada pela *Psicologia dos Rumores*, desenvolvida por Allport e Postman (1944) e patrocinada pelo exército americano.⁹ Em tal obra, os autores tentaram encontrar preceitos psicológicos para combater os boatos que haviam desmoralizado as tropas e a população de algumas cidades durante a guerra. Assim, realizaram o protocolo experimental do “jogo do telefone”, projetando o boato como uma proposta relacionada com os acontecimentos mais importantes do dia, o qual, para ser acreditado, era transmitido de pessoa a pessoa, geralmente pelo boca a boca, sem que existissem dados concretos para averiguar sua precisão (ALLPORT; POSTMAN, 1947, p. 502).

O trabalho de Allport e Postman foi inspirado nas reflexões de Stern, contidas em *The Psychological Methods of Intelligence Testing*. Com base na psicologia forense e nos testemunhos de criminosos, o autor apresenta os boatos “[...] como uma

⁹ Os autores foram os responsáveis pela fundação da escola teórica em psicologia dos boatos, no ano de 1947.

experiência que vai de um assunto para outro, na qual o experimentador revive os acontecimentos observando o que é transmitido entre os indivíduos” (STERN, 1914, p. 132). Allport e Postman tomaram essa noção emprestada e a incorporaram a um modelo de controle social, propaganda e estratégia militar. Com efeito, o boato acabou tornando-se uma arma de guerra, pois, pela repetição entre os indivíduos, poderia levar até mesmo à morte.¹⁰

Contudo, não permaneceu restrito à esfera militar, pois, em 1969, Morin fez um estudo a respeito de um dos boatos mais famosos já acontecidos na França: o de Orléans. A história divulgada era a de que algumas jovens, que frequentavam butiques famosas da cidade – todas de proprietários judeus –, tinham sido sequestradas dentro dos provadores de roupa. Após o rapto, as meninas eram drogadas e mantidas em cativeiro, até que, ao final da noite, saíam do país em submarinos, através do rio Loire, para serem exploradas sexualmente em outras localidades. Poucos meses depois, o boato se sofisticou, e foi reportado às autoridades que 28 jovens já haviam passado por aquela situação. Com as investigações, a polícia concluiu que nenhuma mulher havia desaparecido da cidade (MORIN, 1969).

Como Morin analisa esse fato? Com base na “psiquiatrização” do fenômeno. Em sua reflexão, o boato não tinha nenhum fundamento, era um delírio que correspondia à “[...] imagem de uma doença mental do corpo social” (KAPFERER, 1993, p. 12). O autor esclarece ainda que as lojas nas quais as mulheres supostamente haviam desaparecido vendiam uma espécie de minissaia que a mentalidade da época compreendia como um estímulo ao erotismo, o que explicaria, portanto, o caráter sexual do boato e a ideia de que essas meninas serviriam à prostituição. Outro fator psicológico que contribuiu para a história foi o antissemitismo da região.

¹⁰ Acerca da visão psicopatológica dos boatos no contexto brasileiro, temos o livro *Viagem ao Planeta dos Boatos*, de Santos (1996). Nesta obra, o autor narra os acontecimentos decorrentes da deflagração do boato de que a represa de Tapacurá, em Recife, havia estourado e que um turbilhão de água estava a caminho. Como a cidade sempre enfrentou fortes chuvas, as pessoas recorreram à experiência psicológica de eventos passados de grandes enchentes que sofreram desde a ocupação dos holandeses, no século XVII, e prontamente acreditaram nos boatos de que a represa não conteria a quantidade de água. Isso incitou um grande pânico na população e levou inclusive os seus moradores ao êxodo. Em meio ao ambiente de terror que se alastrava, as pessoas confirmavam a possível “veracidade” da tragédia vindoura. Com isso, já era até mesmo possível “ouvir o barulho das águas chegando” (SANTOS, 1996, p. 20-25).

Após apresentarmos as visões de Le Bon, Allport e Postman, Stern e Morin, podemos chegar às seguintes conclusões: a) todas as pesquisas partem do pressuposto de que os boatos são sempre informações falsas e atuantes no imaginário das pessoas; b) a sua difusão se dá de forma patológica, marcada pela utilização de conceitos que são metáforas de doenças ou ações psiquiátricas: loucura, alucinação coletiva, contágio, entre outros; c) os boatos impulsionam ações sociais, cuja motivação é dada por um inconsciente do grupo, a partir de um “colapso” da ordem social.

Embora tais conclusões sejam consolidadas e respeitadas no campo da psicologia dos boatos, não concordamos totalmente com elas e explicaremos o porquê. No que tange à questão da não veracidade, as pesquisas apontadas não consideram o fato de que o boato, mesmo sendo falso e constituído de uma parte do imaginário das pessoas, é criado e divulgado como uma informação verídica. Por ser amplamente repetido e difundido no corpo social como verdadeiro, acaba tornando-se convincente. Conforme Kapferer (1993, p. 9), “[...] acredita-se neles justamente porque têm um fundo de verdade; fato comprovado pelos ‘vazamentos de informação’ e segredos políticos divulgados”.¹¹

Quanto à dissolução patológica da sua transmissão, cabe apontar que as informações recebidas via boatos nunca chegam até nós através de pessoas desconhecidas, e sim daqueles que nos são mais próximos, pois, quanto mais unido o grupo, a exemplo de uma família ou um partido político, maior a probabilidade de um indivíduo ter a sua voz ouvida e ela se transformar na voz do grupo. Ademais, as informações diárias que recebemos sempre circulam em espaços de sociabilidade que estamos acostumados a frequentar, como as igrejas, as escolas, o trabalho, entre outros (DÍAZ BORDENAVE, 2006).

Por último, em relação aos boatos e sua consequente ação social, entendemos que não haja um vínculo, porque os boatos não provocam ações, ao contrário, eles criam as condições favoráveis às ações. Ou seja, o que os boatos fazem é revelar as “oportunidades políticas” disponíveis aos grupos dentro de uma determinada

¹¹ Entre 1973 e 1974, nos Estados Unidos, foi divulgado o boato de que a falta do petróleo atingiria a produção de papel higiênico. Quando as pessoas souberam dessa possível falta, logo fizeram estoques do produto. O resultado foi o esgotamento de todos os estoques nos supermercados (KIMMEL, 2004). Disponível em: <http://explodingthephone.com/docs/dbx1031.pdf>.

situação, como nos contextos de ameaça ou bélicos. O que leva o coletivo a agir após ouvi-los são os interesses existentes anteriormente, e não o boato em si (OLIVEIRA, 2016).

Encerramos aqui a análise psicopatológica. Discutiremos agora a abordagem política, social e interacional do fenômeno. Nesse sentido, o trabalho de Lefebvre (1979) é essencial para demarcarmos tal mudança de interpretação.

No livro *O Grande Medo de 1789*, o autor busca examinar um conjunto de revoltas camponesas no início da Revolução Francesa. Ao fazer isso, não estabelece uma relação entre os boatos e a ação social, porquanto entendia que os camponeses se rebelaram por razões conhecidas: os seus problemas econômicos e sociais.¹² Lefebvre (1979), porém, não deixa de destacar a predominância dos boatos nesse contexto. A seu ver, constituíam uma informação rápida e confiável, uma vez que eram transmitidos por canais habituais de pessoas – parentes, vizinhos e comerciantes –, reforçando mais os laços sociais. E, em geral, giravam em torno da preocupação camponesa diante de um possível ataque da nobreza. Desse modo,

[...] foi sobretudo por tradição oral que os camponeses continuaram sendo notificados, com todos os inconvenientes que ela comportava: era vindo ao mercado que eles se informavam; os deputados das paróquias na assembleia do bailado, permanecendo em contato com os das cidades, desempenharam em realçar a isso um papel preponderante (LEFEBVRE, 1979, p. 79).

Aldrin é outro importante autor. Para ele, o boato pode ser traduzido, em termos sociológicos, como a troca de notícias dentro de um grupo social, incluindo uma nova transmissão. É, portanto, um repertório da ação coletiva, e não a ação coletiva em si. Em situações de guerra, por exemplo, serve “[...] para exprimir um sentimento latente, partilhar opiniões e dar sentido às situações inesperadas ou inquietantes” (ALDRIN, 2003, p. 141; 2005, p. 80; 2010, p. 24).

¹² No primeiro capítulo do livro, intitulado *A fome*, Lefebvre considera a situação de miséria no campo como o principal motivo das manifestações de pânico na França. Segundo o autor, a pobreza ocasionou o surgimento de vagabundos e errantes que tentavam sobreviver por meio da mendicância e da queima de castelos. Tais famintos logo se rebelaram e saquearam os mercados da capital, provocando uma contraofensiva por parte da Guarda Nacional. Com isso, começaram a circular boatos sobre uma provável retaliação da nobreza contra o terceiro Estado revoltoso (LEFEBVRE, 1979).

De modo semelhante, Shibutani (1966), em seu livro *Improvised News: a sociological study of rumor*, define os boatos como uma "transação" em que os indivíduos coletivos reúnem os seus conhecimentos para dotar um evento de significado. Dito de outra forma, são o resultado de uma deliberação coletiva, da busca de informações diante da escassez de notícias ou da desconfiança em relação à verdade oficial. Assim, podem ser entendidos como notícias informais e improvisadas para remediar o silêncio ou o fracasso, transitando nos canais oficiais.

Aproveitaremos o estudo de Shibutani para nos dedicarmos, neste momento, à circulação dos boatos nos canais oficiais. É preciso estabelecer a diferença entre um canal oficial e uma notícia oficial. O primeiro pode ser definido como um veículo que transmite informações chanceladas pela grande mídia ou por órgãos governamentais. A segunda é justamente a mensagem propagada nesses canais "validados", o que excluiria os boatos. Entretanto, mesmo não sendo uma notícia oficial, o boato pode ser divulgado por canais oficiais. Como assim? Os jornais e as revistas, em geral, costumam transmitir boatos devido à sua aceitação e credibilidade, uma segurança advinda da qualidade dos indivíduos que o difundem, como familiares, líderes de opinião e autoridades municipais, todos considerados confiáveis e portadores de mensagens verossímeis.

Voltando à abordagem política, social e interacional, temos ainda o trabalho de Peterson e Gist. Em *Rumor and Public Opinion*, estudam os boatos a partir da ideia de que representam uma explicação de fatos não verificados sobre uma questão de interesse público. Os autores comentam ainda que deve ser dada atenção à composição do público, ao estabelecimento de crenças daquelas pessoas e às suas atitudes culturais, pois, a partir da comunicação dos boatos, podemos compreender o papel dos agentes em grupos para além das características da personalidade das pessoas que se especializam em sua transmissão (PETERSON; GIST, 1951).

Os apontamentos teóricos supracitados são evidenciados no estudo de Elias e Scotson. Ao escreverem *Os Estabelecidos e os Outsiders*, os autores entram no campo da observação sociológica e investigam o bairro Winston Parva, articulando as práticas individuais e grupais às fofocas. A obra em questão dialoga com a construção de autoimagens coletivas por meio de um acordo entre aqueles que se percebiam como membros da "boa sociedade" e aqueles que não pertenciam a ela

(ELIAS; SCOTSON, 2000). E como se dava esse acordo? Com base em duas formas de fofocas, as *praise gossip* e as *blame gossip*, ambas com a função de promover a coesão grupal, a identificação coletiva e a hierarquização social.

Trata-se então de fofocas que compartilham valores de grupos, tentando delimitar e até mesmo demarcar o bairro de Winston Parva mediante informações de cunho moral, uma incumbência de censura análoga à dos boatos, visto que são entendidos como expressões das “normas sociais” ou dos “padrões de comportamento” de uma determinada coletividade (ELIAS; SCOTSON, 2000).

É indispensável destacar, contudo, que não falaremos apenas de boatos morais nesta tese, mas de um amplo repertório com funções diversas. Sendo assim, usaremos a proposta de Kovacs (1998), que delimita a existência de três tipos de boatos comumente encontrados em contextos bélicos: os de medo, os de raptos e torturas e os de monstros estranhos. Esses tipos são ainda subdivididos em três categorias: boatos por desconhecimento, boatos religiosos e boatos políticos.¹³ Estes últimos são os que mais nos interessam, porquanto justificam as atrocidades cometidas contra os inimigos, a associação de pessoas e a mobilização de recursos.

Percorrendo os boatos políticos, temos o livro *Boatos: o mais antigo média do mundo*, de Kapferer. Na obra, o autor demonstra o seu funcionamento como informações políticas, expressões da situação psicológica da época, circulando fora dos canais habituais das grandes mídias, seja de forma oral ou escrita, uma circulação que, conseqüentemente, afronta as versões advindas dos grupos políticos dominantes, tornando o boato um “mercado clandestino da informação”; um incômodo, porque são um tipo de informação que o poder não pode controlar. Diante da versão oficial, surgem outras verdades: a cada um a sua (KAPFERER, 1993).

Aldrin tem um posicionamento similar ao de Kapferer. Para ele, a atividade política é sempre oportuna aos boatos, pois é a partir de um contexto político que os boatos são socialmente construídos e transmitidos em espaços públicos. Tal transmissão é realizada no mundo profissional da política, nos altos escalões, na grande mídia e na opinião comum com uma abordagem de baixo para cima. Devido à circulação entre

¹³ Mialle (1999) fornece uma leitura jurídica do fenômeno. Em seu trabalho *La Rumeur entre Société Civile et État*, demonstra como as leis poderiam ser empregadas em conexão com a fama, isto é, a “notoriedade pública”, atuando na construção da reputação de pessoas.

coletividades tão distintas, o boato acaba tornando-se uma informação de interesse público, permitindo aos grupos manipularem a opinião pública (ALDRIN, 2005).

Em suma, é possível considerar o boato um fenômeno político, social e interacional. E justamente por isso, dialoga diretamente com a memória social dos indivíduos, necessitando da realidade para retirar todo o seu poder simbólico e fazer-se inteligível. Falamos, então, de uma informação formulada para ser acreditada, principalmente em momentos de guerra. Nesse caso, os boatos transformam-se nas melhores notícias, porquanto trazem furos de informações que atuam nas expectativas sobre aquilo que poderá acontecer e/ou confirmam as expectativas em relação à cena política.

Finalmente, desenvolveremos esta tese entendendo os boatos como expressões das opiniões coletivas e das expectativas sociais, isto é, uma chave para compreendermos os interesses e as “oportunidades políticas” que os grupos observam como disponíveis para si. Defendemos que o seu estudo revela questões importantes sobre o modo de se fazer e de se vencer uma guerra na Antiguidade, uma vez que atuavam na conquista da opinião pública, tornando-se decisivos.

Para que tal hipótese tenha sustentação, precisamos encontrar nas fontes antigas elementos que justifiquem a nossa leitura. Nesse sentido, começaremos a análise por meio das seguintes questões: Qual era o papel dos boatos em Roma? É possível estabelecer uma relação entre boatos e opinião pública no mundo antigo? Para um político romano, qual era a principal função de um boato? E, por último, há um consenso universal a respeito de um boato?

1.2 A RELAÇÃO ENTRE OS BOATOS E A OPINIÃO PÚBLICA NO MUNDO ROMANO

Para melhor compreendermos o papel dos boatos na Roma antiga, optamos por uma investigação que os dividem em duas vertentes: a literária e a política e sociológica. É necessário salientar que tal classificação não é comum nos estudos

sobre o fenômeno, mas consiste em uma abordagem construída para esta tese de doutoramento. Começamos pela primeira.

Em *Rumour and Renown: representations of “fama” in Western Literature*, Hardie (2012) apresenta o emprego dos boatos com base na pesquisa dos vocábulos *fama* e *rumor* na literatura ocidental. Sua ideia é de que ambos sempre consistiriam em uma estratégia textual e retórica, não devendo ser usados como evidências históricas. Por exemplo, nos *Anais* e nas *Histórias* de Tácito, o autor observa que as ocorrências da *fama* se relacionam ao julgamento que o historiador latino faz dos imperadores descritos na trama.

Autin (2015) também dialoga com a vertente literária. No artigo intitulado *Rumour as a literary device in Tacitus*, refuta as abordagens que consideram os boatos taciteanos dentro de uma perspectiva de “meros fatos históricos”. Ao contrário, para o autor, o boato tem um papel significativo na estrutura e na organização literária da narrativa historiográfica, cumprindo, muitas vezes, a recomendação da oratória ciceroniana, ou seja, a de que a *historia* deveria ser *ornata*.¹⁴ De uma forma ou de outra, o que temos ainda é a noção de que os boatos não são objetos de um estudo histórico, e sim literário.

Em síntese, os autores da perspectiva literária defendem que os boatos presentes nas fontes antigas são apenas elementos textuais e ficcionais. A nosso ver, uma perspectiva válida e consistente, mas que não dialoga com a proposta desta tese, pois acreditamos que, no contexto de uma guerra civil, os boatos podem, sim, ser lidos como evidências históricas.

Cabe ressaltar que, para os oradores antigos, a verossimilhança do discurso também era atingida por meio de provas documentais.¹⁵ E que provas seriam essas? Os boatos. Em outras palavras, eles eram apreendidos pelos historiadores e biógrafos da Antiguidade como evidências documentais de que aquilo que foi dito realmente aconteceu. É o que podemos observar quando Suetônio descreve Nero:

¹⁴ Sobre esses debates, cf. Aubrion (1985) e Cogitore (2012).

¹⁵ As *átechnoi* ou *inartificiales* são as evidências produzidas pelo orador. Cf. Quint. *Inst.* 5, 1, 2; 5, 9, 1. Cic. *Inv. rhet.* 2, 46; *De Or.* 2. 27. 116; Arist. *Rhet.* 1418a.

Desde que ele foi aclamado igual a Apolo na música e no sol em dirigir uma biga, ele havia planejado emular os trabalhos de Hércules também; dizem que um leão foi especialmente treinado para ele matar sem usar nenhum tipo de vestimenta, na arena do anfiteatro, diante de todo o povo, apenas com um porrete e com suas próprias mãos (Suet. *Ner.* 53).¹⁶

Para fazer tal afirmação, Suetônio recorre em linhas anteriores ao vocábulo *opinio*, objetivando justificar a veracidade do ocorrido.¹⁷ Nesse sentido, ao descrever um imperador, utiliza como fonte histórica aquilo que era dito sobre Nero pela opinião comum. E, por mais estranho que possa parecer, os boatos acerca do *princeps* e de todos os outros governantes avaliados pelo biógrafo antigo tinham a mesma validade e confiabilidade de um testemunho escrito.

Outro exemplo é extraído de uma carta de Cícero (*Att.* 2, 12), na qual ele relata um acontecimento aparentemente trivial: o fato de ter encontrado, em meio a uma viagem, um amigo seu vindo de Roma e um mensageiro enviado por Ático. Tanto a carta quanto o que foi dito pelo amigo continham o mesmo boato: haveria eleições para o tribunato, e Públio, um inimigo de Caio César, concorreria. Tal boato, como é possível observar, circulou de modo escrito, no formato de cartas, e falado, *viva vox*, duas maneiras de circulação consideradas igualmente válidas:

Eis uma coincidência. Eu tinha acabado de pegar a estrada para Âncio, na via Ápia [...], quando meu amigo Curião se encontrou comigo, recém-saído de Roma [...]. Curião perguntou se eu tinha ouvido as notícias. “Não”, eu disse. “Públio irá concorrer ao tribunato”, diz ele. “Não me diga!”, “e ele é inimigo mortal de César”, ele responde, “e quer anular todas as suas leis”. “E o que César vai fazer?”, eu perguntei [...]. Quanta baboseira é falada “viva vox?”. Porque eu, que já aprendi muitas vezes da mesma forma sobre os assuntos políticos, extraí a mesma coisa de sua carta e da conversa com ele – aquele bate papo do dia a dia.¹⁸

A carta de Cícero nos leva à primeira pergunta elencada ao final do tópico “Boatos: o ‘estado [moderno] da arte’”: Qual era o papel dos boatos em Roma? Era transmitir

¹⁶ *Destinaverat etiam, quia Apollinem cantu, Solem aurigando aequiperare existimaretur, imitari et Herculis facta; praeparatumque leonem aiunt, quem vel clava vel brachiorum nexibus in amphitheatri harena spectante populo nudus elideret.*

¹⁷ O OCD (2012, p. 1277) apresenta o vocábulo *opinio* da seguinte maneira: “[...] aquilo que alguém pensa a respeito de algo, uma crença”, “[...] a faculdade de formar imagens mentais, imaginação” e “[...] aquilo que é pensado a respeito de alguma pessoa”.

¹⁸ *Emerseram commodum ex Antiati in Appiam [...] veniens Curio meus. Ibidem ilico puer abs te cum epistulis. Ille ex me, nihilne audissem novi. ego negare. 'Publius' inquit 'tribunatum pl. petit.' 'quid ais?' 'Et inimicissimus quidem Caesaris, et ut omnia' inquit 'ista rescindat.' 'Quid Caesar?' [...] quanto magis vidi ex tuis litteris quam ex illius sermone quid ageretur, de ruminacione cotidiana.*

informações sobre determinados acontecimentos e personalidades políticas (*crebrior fama*) e tinham tanta importância que assumiam também o estatuto legal, sendo, inclusive, empregados em casos jurídicos (Sen. *Controv.* 7, 5).¹⁹

Como afirma Wyke (1989, p. 35),

[...] devemos reconhecer que, em uma cultura oral, como a de Roma, os sistemas de crença e representação eram construídos primeiramente na base da comunicação verbal – em outras palavras, “boatos”. Mas “boatos” não é simplesmente fofoca; ao contrário, é uma fonte de conhecimento para a formulação das regras compartilhadas. “Boatos” define o que é *fandus*, que é ao mesmo tempo “dito” e “exato”.

Trata-se de um “exato” que pode ainda pertencer à vertente política e sociológica. Nela observamos que os boatos não se resumem somente às expressões *rumor* e *fama*. Há outros vocábulos, como os *sermones*, que são utilizados pelos escritores romanos para descrever conversações portadoras de opiniões coletivas.

Segundo López (2007, p. 115), os *sermones* aparecem na literatura latina de três maneiras, todas com o sentido de opinião pública. A primeira delas é a expressão *sermo populi* (opiniões populares), encontrada seis vezes nas fontes: quatro em Cícero (sendo três em seus discursos e a outra em uma carta a Ático), uma em Tácito e uma em Plínio, o Jovem. A segunda é *sermo hominum* (opiniões dos homens) e é a mais usual em tratados filosóficos e retóricos. A terceira maneira é *rumor populi* (rumor popular), empregada para apresentar os boatos nas obras de Ênio, Plauto e Terêncio.

Em *Tacitean Rumours*, Shatzman (1974) aponta usos dos *sermones* nas fontes antigas. Ao analisar a passagem 2, 96 das *Histórias*, mostra que Vespasiano decidiu enviar soldados a Roma com o propósito de que eles confirmassem a opinião pública a respeito dele, o que seria feito com base em uma coleta dos próprios *sermones*, ou seja, daquilo que era dito pela população nas ruas da capital. A preocupação com os “falares” era muito comum, pois era por meio deles que os imperadores avaliariam o próprio governo, guiariam as suas ações, regulariam os seus comportamentos, escolheriam os seus aliados e determinariam os seus

¹⁹ Tac. *Hist.* 1, 41, 6; 3, 71, 8; *Ann.* 14, 2, 4; *Germ.* 34, 2; 45, 2.

inimigos. Eram informações tão significativas que às vezes eles forjavam – ou pareciam forjar – situações para descobri-las. É o que notamos no episódio sobre a morte de Calígula:

Com efeito, quando se divulgou a notícia de seu assassinato, a princípio ninguém acreditou e surgiu a suspeita de que o próprio Caio havia inventado e feito circular essa notícia para desta maneira descobrir quais eram os ânimos dos homens ao seu respeito (Suet. *Calig.* 60).²⁰

A relação entre os *sermões* e os boatos também é evidente em uma epístola trocada entre Cícero e Ápio Pulcro, no ano 50. Nela, o político deixa claro que as notícias a respeito de um homem importante poderiam circular por meio de cartas, mensagens e boatos:

É verdade que eu fui informado sobre isso muito antes em cartas, mensagens e, finalmente, por boatos, pois nada a esse respeito poderia permanecer em segredo – não que alguém pensasse o contrário, mas como geralmente acontece, nenhum anúncio que afeta os homens de grande reputação pode ser mantido em segredo – de qualquer maneira, sua carta me deu mais prazer do que toda notícia anterior, não só porque você falou com mais nitidez e em detalhes mais ricos do que se ouve pela opinião popular, mas porque eu pensei que meus parabéns seriam mais bem justificados quando eu ouvisse você me contar a sua própria história (Cic. *Fam.* 3, 11, 1).²¹

Em resumo, dentro da perspectiva *política e sociológica*, os boatos não devem ser entendidos apenas como abordagens literárias nem como fofocas vãs. Ao contrário, necessitam ser trabalhados como expressões de opiniões coletivas que dialogam com o contexto de sua produção e com a memória social dos envolvidos em sua transmissão. É, portanto, a partir dessa perspectiva que trilharemos as nossas reflexões. Tendo em vista que o boato pode ser considerado uma opinião consolidada acerca de um assunto ou de uma pessoa, examiná-lo-emos como ferramenta de manifestação e controle da opinião pública em Roma.

²⁰ *Nam neque caede vulgata statim creditum est, fuitque suspicio ab ipso Gaio famam caedis simulatam et emissam, ut eo pacto hominum erga se mentes deprehenderet.*

²¹ *De qua etsi permulto ante certior factus eram litteris, nuntiis, fama denique ipsa – nihil enim fuit clarius, non quo quisquam aliter putasset, sed nihil de insignibus ad laudem viris obscure nuntiari solet –, tamen eadem illa laetiora fecerunt mihi tuae litterae, non solum quia planius loquebantur et uberius quam vulgi sermo, sed etiam quia magis videbar tibi gratulari, cum de te ex te ipso audiebam.*

O primeiro pensador a vincular a opinião pública à esfera pública foi Habermas. Ao investigar os contextos francês e inglês, o filósofo alemão observou o surgimento da esfera pública como resultado da expansão da participação política e da consolidação dos ideais de cidadania, ocorridas nos finais do século XVIII. Essas transformações permitiram aos Estados burgueses suplantarem o absolutismo e implementar leis que defendessem a liberdade de expressão, de reunião e de associação. O resultado foi a criação de “espaços neutros de discussão”, a exemplo das cafeterias e das associações voluntárias, que se consolidaram como locais primazes na “comercialização” de notícias, na tomada de posições e na expressão da opinião pública (HABERMAS, 1984).

Para o autor, contudo, tanto a discussão quanto a opinião pública só passaram a existir, de fato, com o advento da imprensa, em especial os jornais impressos e as revistas. Através desses veículos, as informações de interesse público tornaram-se mais democráticas, atingindo um amplo número de leitores, uma coletividade marcada ainda pelo desenvolvimento de uma cultura urbana em teatros, livrarias e bibliotecas (HABERMAS, 1984).

Vale dizer que não concordamos com a análise de Habermas por um motivo específico: não podemos vincular a existência da opinião pública à invenção da imprensa, e os boatos são a chave para justificarmos tal discordância. Ora, na Antiguidade não havia noticiários e revistas e era por meio dos boatos que os imperadores, generais e governadores de províncias, por exemplo, descobriam a opinião a seu respeito.

Ademais, é importante salientar que, na ausência da mídia em Roma, o boato podia circular por canais oficiais de informação. Como vimos, os canais confiáveis também podem ser pessoas conhecidas e próximas que portam e transmitem mensagens verossímeis. E, em um contexto onde não havia jornais, eram esses indivíduos os principais responsáveis por divulgar os eventos do dia. É necessário, porém, lembrarmos que havia, sim, na *Urbs*, canais de informação chancelados, como os éditos, os *Senatus consulta* e as cartas diplomáticas. Contudo, eles continham um problema: a maior parte dos indivíduos no mundo antigo não sabia ler, o que limitava o acesso à informação à aristocracia (THOMAS, 2005). Logo, restava à plebe saber dos acontecimentos por meio dos boatos – entre outras formas. Para tal grupo era

mais fácil acreditar em seus familiares e nos seus patronos, por exemplo, do que nas autoridades. Portanto, o boato funcionava como uma notícia improvisada, uma deliberação coletiva, chegando a agir diretamente na manipulação da opinião pública. Como já dizia Cícero, em Roma, “[...] o leve sopro de um boato muitas vezes muda radicalmente as opiniões” (Cic. *Mur.* 35).²²

Essa afirmação de Cícero refere-se a um discurso feito por ele visando defender o senador Murena, que concorreria ao consulado e estava sendo acusado de suborno. A defesa do orador pautou-se na exposição das opiniões que circulavam nos bairros da *Urbs*, objetivando demonstrar que os boatos poderiam mudar a *opinio* geral a respeito de questões jurídicas. Ao final de seu discurso, Cícero afirma que a acusação a Murena não passava de um falso boato para que ele não recebesse o apoio dos amigos na eleição vindoura (Cic. *Mur.* 36-45).

Voltamos aqui à segunda pergunta feita ao final do tópico “Boatos: o ‘estado [moderno] da arte’”: É possível estabelecer uma relação entre boatos e opinião pública no mundo antigo? Sim, pois eram vistos como informações confiáveis que, devido à sua circulação rápida e ampla, determinavam o funcionamento da política.

Tal resposta nos conduz à terceira pergunta: Para um político romano, qual era a principal função de um boato? A política. Defendemos isso pelas leituras do *corpus* documental ciceroniano. Nele, os boatos aparecem, em geral, como informações relacionadas a figuras e assuntos políticos (*πολιτική*), mesmo quando concernem a casos judiciais. A atenção do orador dificilmente estava direcionada para boatos de cunho sexual ou moral, e isso porque, como um bom senador da República romana – e alguém que se considerava um bom “fofoqueiro” (Cic. *Att.* 6, 1, 24) – ele estava mais interessado nas alianças e nos trâmites políticos.²³ É o que verificamos na seguinte epístola:

²² *Et totam opinionem parva non numquam commutat aura rumoris.*

²³ *Sumus enim ambo belle curiosi.*

Eu aguardo uma carta sua que me ofereça os boatos sobre o veredito e sobre a situação política, lidando, se eu posso dizer assim, mais com os tópicos públicos [...]. Eu não quero uma carta para dizer o que realmente está acontecendo [...], mas eu quero saber o que provavelmente está para acontecer (Cic. Att. 5, 12, 2).²⁴

A análise das cartas de Cícero revela que para um cidadão romano todas as decisões dependiam da observação da opinião pública na capital. Porquanto, sem notícias, boatos, fofocas e rumores não havia o que falar nem o que fazer. Outros aristocratas também compartilhavam desse pensamento. Crasso, por exemplo, nunca ousou dizer uma palavra que colocasse em risco a sua popularidade, por isso, procurava saber de antemão qual era a opinião pública sobre qualquer assunto que fosse deliberar no Fórum. O motivo? Ele temia como as pessoas poderiam manifestar-se em Roma (Cic. Att. 1, 18; 3, 9; 3,10).

Neste ponto, passamos para a última pergunta: Há um consenso universal a respeito de um boato? A fim de respondermos a tal questão, escolhemos explorar brevemente o caso do assassinato de César.

Ao investigarmos a carreira de César, observamos que ele enfrentou uma dura campanha de difamação pelos seus opositores que o acusavam de instaurar uma monarquia em Roma. Foi no ano 44 que os boatos contra ele se fortaleceram, quando o nomearam *dictator perpetuus*, conferindo-lhe, ainda, o direito de assistir aos jogos entre os tribunos, o título de *Pater Patriae*, o cargo de censor para toda a vida, a sacrossantidade, a cadeira de ouro e o traje de rei ([Liv]. Per. 116).

De acordo com Plutarco, o que lhe granjeou

²⁴ *Sed tuas de eius iudici sermonibus et me hercule omni de rei publicae statu litteras exspecto politikoteron quidem scriptas [...] eius modi inquam litteras ex quibus ego non quid fiat [...] sed quid futurum sit sciam.*

[...] um ódio mais patente ainda e mais mortal foi o desejo de se fazer nomear rei, o qual deu o primeiro motivo de lhe querer mal o povo [...]. Todavia, os que lhe queriam proporcionar essa honra, semearam o boato entre o povo de que estava escrito nos livros proféticos da Sibila que os romanos venceriam o poder dos partas, quando lhes fizessem a guerra sob o comando de um rei, do contrário, nunca o conseguiriam [...]. Tendo-lhe sido decretadas no Senado certas honras, que superavam a dignidade humana, os cônsules e os pretores, seguidos por toda a assembleia dos senadores, foram ter com ele no fórum, onde ele estava nos *rostra*, para avisar e comunicar-lhe o que na sua ausência havia sido decretado em sua honra: ele, porém, [...] respondeu-lhes que suas honras precisavam ser diminuídas, e não acrescidas ainda mais. Esse ato não somente desgostou o Senado, mas foi também julgado de mau gosto pelo povo, que pensava que a dignidade das coisas públicas eram desprezadas e depreciadas por ele, [...] e todos os que ali estavam retiraram-se de cabeça baixa, taciturnos e tristes, a tal ponto que ele mesmo o percebeu e também dirigiu-se imediatamente para sua casa, onde, retirando a túnica em volta do pescoço, disse bem alto aos seus amigos, que ele estava pronto a apresentar sua garganta a quem quisesse cortá-la (Plut. *Caes.* 60, 1-4).²⁵

Nesse âmbito, Suetônio também relata que os adversários de César enfeitaram suas estátuas com diademas reais. Ademais, divulgaram boatos de que o ditador queria mudar a capital do Império para Alexandria ou Troia e de que havia sugerido ao Senado o título de *rex*. Os culpados por tais boatos, segundo o biógrafo, foram perseguidos pelo general, cuja preocupação rendeu a prisão de um homem e um discurso a toda a população de Roma, no qual dizia: “Eu sou César e não um rei” (Suet. *Iul.* 76-79; 79, 4).²⁶

Plutarco (*Caes.* 60) realiza ainda outro relato. Durante a festa das Lupercais, César observava da tribuna a execução dos ritos, sentado em uma cadeira de ouro, quando Marco Antônio adentrou os corredores portando um diadema real para o ditador. Alguns poucos que ali estavam bateram palmas em aprovação e, quando viram que o general recusou a coroa, aplaudiram mais fortemente. Antônio, entretanto, ofereceu-lhe novamente a coroa, gerando uma segunda recusa pública.

²⁵ [...] τὸ δὲ ἐμφανὲς μάλιστα μῖσος καὶ θανατηφόρον ἐπ’ αὐτὸν ὁ τῆς βασιλείας ἔρως ἐξεργάσατο, τοῖς μὲν πολλοῖς αἰτία πρώτη, τοῖς δὲ ὑποούλοις πάλαι πρόφασις εὐπρεπεστάτη γενομένη, καίτοι καὶ λόγον τινὰ κατέσπειραν εἰς τὸν δῆμον οἱ ταύτην Καίσαρι τὴν τιμὴν προξενούντες, ὡς ἐκ γραμμάτων Σιβυλλείων ἀλώσιμα τὰ Πάρθων φαίνοιτο Ῥωμαίοις σὺν βασιλεῖ στρατευομένοις ἐπ’ αὐτούς, ἄλλως ἀνέφικτα ὄντα [...] ἐν δὲ συγκλήτῳ τιμὰς τινας ὑπερφυεῖς αὐτῷ ψηφισαμένων ἔτυχε μὲν ὑπὲρ τῶν ἐμβόλων καθεζόμενος, προσιόντων δὲ τῶν ὑπάτων καὶ τῶν στρατηγῶν, [...] ἀπεκρίνατο συστολῆς μᾶλλον ἢ προσθέσεως τὰς τιμὰς δεῖσθαι. καὶ τοῦτο οὐ μόνον ἡνίασε τὴν βουλὴν, ἀλλὰ καὶ τὸν δῆμον, ὡς ἐν τῇ βουλῇ τῆς πόλεως προπηλακίζομένης, καὶ μετὰ δεινῆς κατηφείας ἀπῆλθον εὐθύς οἷς ἐξῆν μὴ παραμένειν, ὥστε κάκεῖνον ἐννοήσαντα παραχρῆμα μὲν οἶκαδε τραπέσθαι καὶ βοᾶν πρὸς τοὺς φίλους, ἀπαγαγόντα τοῦ τραχήλου τὸ ἱμάτιον, ὡς ἔτοιμος εἶη τῷ βουλομένῳ τὴν σφαγὴν παρέχειν.

²⁶ *Caesarem se, non regem esse responderit.*

A população presente alegrou-se com essa manifestação e festejou quando César decidiu depositar o diadema na cabeça de Júpiter, no Capitólio.

Como podemos perceber, tanto Suetônio quanto Plutarco apontam as acusações de César tentar tornar-se rei e sua consequente política de refutação dessa impressão. Todavia, tal política parece não ter funcionado, pois os senadores contrários ao ditador recorreram a Marco Bruto para assassiná-lo (Plut. *Caes.* 62, 4).²⁷ Logo, os opositores passaram a escrever cartas e a sair às ruas ambicionando saber se a população da *Urbs* aceitaria a morte de César. Como grande parte das respostas revelou-se favorável, uma conspiração foi levada a cabo (Cic. *Att.* 14, 2).

Assim, no dia 15 de março de 44, cerca de cem senadores, sob a liderança de Marco Bruto e Caio Cássio, decidiram assassinar o ditador durante uma reunião no Senado. O episódio, denominado “Idos de Março”, iniciou com um senador desferindo um golpe nas costas de César com uma adaga, um pouco abaixo do pescoço, e prosseguiu com mais 22 punhaladas. O final de sua vida é marcado pela emblemática frase “Até tu, meu filho”, quando César, tombado pela dor, olha para Bruto e desfalece (Suet. *Iul.* 82). Ao vê-lo sem vida, os conspiradores fugiram.²⁸

Como a opinião pública se manifestou a respeito do assassinato? No círculo dos opositores de César, como vimos, a notícia foi bem aceita. Como exemplo, temos uma carta na qual Cícero (*Att.* 14, 2) comenta que Ático havia observado a alegria pública de populares com a morte, fato comprovado pelos calorosos aplausos que Crasso recebeu de uma multidão presente no teatro. As manifestações de aprovação, no entanto, restringiram-se aos adversários do ditador. A população de Roma lamentou o assassinato, inclusive, chegou a carregar uma enormidade de materiais para aumentar a pira funerária de César. Mas o povo não se limitou às lágrimas. Plutarco (*Caes.* 86) revela que, após a cremação do corpo, muitos

²⁷ Marco Bruto era um dos descendentes de Lúcio Júnio Bruto, o primeiro cônsul que participou da expulsão do último rei de Roma (Liv. 1, 60). A escolha dele pelos opositores de César foi uma tentativa de manipulação da opinião pública, haja vista que, no ano 54, Bruto patrocinou a cunhagem de uma moeda evidenciando a relação entre os *Bruti* e a *libertas*. Cf. *RRC* 433/1; Cic. *Att.* 2, 24, 2-3.

²⁸ Woolf (2006) analisa o assassinato de César a partir da tradição posterior, manifesta em óperas, teatros, livros e filmes, meios preocupados em exaltar o caráter ditatorial do político, ao defender os valores republicanos e os sacrifícios dos heróis para salvar a *Respublica*. O autor argumenta que a figura dos “tiranos” é artificial e consiste muito mais em um exercício literário, que visa atuar no presente, do que em uma escrita historicamente construída. Seguindo a ideia do exercício literário, temos, por exemplo, a tragédia *Júlio César*, de Shakespeare.

indivíduos saíram às ruas desejando incendiar as casas dos assassinos e matá-los. Cícero também explana a força do luto, declarando que os conspiradores passaram a ser ameaçados nas ruas; violência que demonstrou uma opinião pública contrária à ideia do assassinato como um tiranicídio (Cic. *Att.* 14, 9-12).

O desagrado popular foi tamanho que Cícero o compara ao poder de um tirano. Para ele, todas as medidas adotadas após o crime favoreciam os aliados de César, pois, ao terem a *vox homines* ao seu lado, acabaram sendo fortalecidos com o assassinato. Anos depois, ao rememorar o fato, o senador continuou a demonstrar que não se esquecia do poder da opinião pública, recordando que Ático havia exclamado, durante o funeral, que tudo estava perdido (Cic. *Att.* 14, 9; 14, 14; 16, 2).

Até aqui observamos que os inimigos de César tentaram criar uma janela de “oportunidade política” para justificar o seu assassinato. E fizeram isso a partir de boatos que evocavam a memória social da monarquia. Segundo Peralta (2007), a memória social é um sistema de significados produzido ao longo do tempo que permite criar uma imagem do passado correspondente a quadros de significação do presente. Toda representação do passado torna-se essencialmente polissêmica, envolvendo conflito e negociação entre os interesses políticos, sociais e culturais. Para a autora, então, a “memória” situa-se em um espaço que medeia a manipulação ideológica e a experiência social que os membros de uma comunidade específica têm de determinados eventos.

Levando em consideração tais afirmações, entendemos que, ao construírem a imagem de César como um rei, os adversários souberam utilizar-se de um passado romano traumático – a monarquia – para difamar o ditador e criar condições ideológicas que justificassem um assassinato político. Em resumo, estudamos que boatos, rumores e memórias, portanto, fazem parte “[...] daqueles momentos da interação social em que os atores [...] confrontam e avaliam os eventos passados, presentes ou iminentes e estabelecem ou reforçam suas identidades” (OLIVEIRA, 2015, p. 115-116).

Finalmente, a exposição do assassinato de César demonstrou a inexistência de um consenso universal acerca dos boatos. O que há, de fato, são grupos com interesses opostos, que disputam o domínio da opinião pública para controlar a

Respublica. Por exemplo, o principal objetivo do partido adversário a César era produzir um sentimento de insatisfação em relação aos poderes acumulados pelo *dictator perpetuus*, pois, quanto maior o número daqueles que acreditassem em seu desejo de ser rei, maior seria a probabilidade de outros indivíduos confiarem que essa era a opinião correta. O problema foi que muitos não compartilharam de tal sentimento e se mantiveram favoráveis a César. Isso nos leva a concluir que, apesar de os boatos atuarem no controle social e demarcarem os que pertencem a uma coletividade e os que estão fora dela, os interesses dos grupos sempre prevalecem. E é nos momentos de crise que esses interesses se tornam ainda mais visíveis, evidenciando as expectativas das pessoas e até mesmo provocando o seu posicionamento físico.

Tais considerações nos levam ao último tópico deste capítulo, em que apresentaremos o nosso modelo de análise para o estudo dos boatos durante os conflitos civis entre Pompeu e César.

Pretendemos, portanto, sustentar como as reflexões feitas até agora nos permitem afirmar que os boatos foram decisivos para a vitória cesariana, porquanto estimularam a fuga de Magno da *Urbs* e da Itália, e foram importantes no recrutamento de reforços advindos das cidades vizinhas à guerra. Assim, elucidaremos quais foram as evidências históricas estudadas e que categorias analisamos em nossas leituras.

1.3 COMO LEMOS OS BOATOS?

O confronto entre Pompeu e César é amplamente investigado tanto pelos estudiosos modernos quanto pelos autores antigos, resultando em uma variedade de produções muito positiva a um historiador que se propõe averiguar o assunto, sobretudo porque existem temas do mundo antigo que não detêm tamanha riqueza conteudística. Diante desse aspecto profícuo que, se não for utilizado com métodos e categorias bem definidas, pode tornar-se um empecilho ao desenvolvimento da pesquisa, julgamos apropriado iniciarmos este tópico delimitando a nossa baliza temporal.

A análise dos boatos nas guerras civis situar-se-á entre os anos de 54 a 48, embora o conflito em si tenha ocorrido entre 49 e 48. Optamos por começar pelo ano 54, pois foi quando apareceram os primeiros boatos sobre as aspirações ditatoriais dos generais em comandar a República.

Estabelecido o marco cronológico, organizamos as fontes textuais consultadas nesta tese em dois grupos: principal e secundário.

O primeiro compreende a *Pharsalia* (*Farsália*), escrita por Lucano; os *Commentarii de Bello Civili* (*Comentários sobre a Guerra Civil*), de autoria do próprio César, e as produções de Cícero, em especial as suas *epistolae ad Atticum* (*Cartas a Ático*) e *ad Familiares* (*Cartas aos Amigos*). Trata-se de um *corpus* que se mostrou essencial à investigação do papel dos boatos, dos agentes que promoviam a sua circulação, dos destinatários da informação e das consequências de sua divulgação.

O grupo secundário abrange as biografias de Pompeu e César, redigidas por Plutarco e Suetônio; os *Commentarii de Bello Gallico* (*Comentários sobre as Guerras Gálicas*), compostos por César; os relatos de *Bello Alexandrino* (*Guerras Alexandrinas*), de *Bello Africo* (*Guerras Africanas*) e de *Bello Hispaniensi* (*Guerras Espanholas*), atribuídos a César;²⁹ o *Bellum Catilinae* (*A conjuração de Catilina*), o *Bellum Iugurthinum* (*A Guerra de Jugurta*) e os *Fragmenta Historiarum* (*Fragmentos Históricos*), escritos por Salústio; os livros 91 a 133 das *Periochae*, de Tito Lívio; o livro 40 da *Βιβλιοθήκη ἱστορική* (*Biblioteca Histórica*), de Diodoro; os livros 13 a 17 da *Ῥωμαϊκά* (*História Romana*), de Apiano; os livros 37 a 44 da *Ῥωμαϊκὴ Ἱστορία* (*História Romana*), de Dião Cássio; o livro 35 da *Naturalis Historia* (*História Natural*), de Plínio, o Velho; o *De Rerum Natura* (*A Natureza das Coisas*), de Lucrécio; o *De Re Militari* (*Compêndio da Arte Militar*), de Vegécio, e a obra completa de Catulo. Essas fontes foram imprescindíveis para a compreensão da conjuntura histórica das guerras civis e para a obtenção de dados biográficos dos generais.

Para além das obras textuais, utilizamos a numismática encontrada no *Roman Republican Coinage*, organizado por Crawford em 1939, e em publicações

²⁹ Os tradutores modernos preferem atribuir a autoria das obras de *Bello Africo* e de *Bello Hispaniensi* a Aulo Hirtio e a autoria de *Bello Alexandrino* a Caio Oppio. Ambos fizeram parte das campanhas de César nessas localidades (WAY, 1988, pp. XII-XIII).

modernas. Tal consulta foi importante para verificarmos como os líderes construíram suas carreiras militares.

Todo esse material foi lido no intuito de observarmos a validade de nossa hipótese, a qual questiona se os boatos foram importantes no resultado dos embates, ao interferiram diretamente na conquista da opinião pública.

Acerca da construção da hipótese, achamos essencial esclarecer que, quando iniciamos este trabalho, em 2013, constatamos nas fontes literárias a existência de diversos meios de comunicação que transmitiam informações no contexto das guerras civis. Entre eles havia as cartas, os éditos, os discursos públicos, as notícias, os livros, os panfletos, os *Senatus consulta* e os boatos. À medida que nossa leitura ia se aprofundando, começamos a notar que os boatos, embora constituíssem apenas um dentre todos os meios de comunicação, eram os que alcançavam a maior amplitude, fosse territorial ou populacional. Eram eles também que circulavam mais rapidamente e mais influenciavam no comportamento das comunidades. Com tais considerações em mente, encontramos nas fontes trechos que narravam, por exemplo, a rendição de cidades após o conhecimento de boatos sobre a *fama* dos generais, uma rendição que ocorria após deliberações suscitadas novamente pelos boatos: Quem apoiaremos, César ou Pompeu? Nos rendemos ou nos defendemos? Quanto de suprimento temos? Quanto aguentaremos? Essas questões nos levaram, então, a formular um problema inicial de pesquisa: Os boatos influenciaram no resultado das guerras civis?

Por acreditarmos que sim, passamos ao estudo sociológico e político dos boatos. Nesse momento, examinamos a importância e a eficácia do boato como um canal de comunicação, bem como o *status* de informação privilegiada que assume, especialmente em épocas de crise. Foi aí que nos direcionamos à aplicabilidade da teoria dos boatos no mundo romano e notamos que eles, em geral, representavam, no caso do avanço sobre a Itália, os interesses particulares dos membros da elite senatorial, atuando na definição de grupos políticos.

O confronto tornou-se, assim, um campo experimental para o exame do papel dos boatos e sua interferência na opinião pública, principalmente porque verificamos, no início dos eventos, que os generais controlavam territórios distintos do *imperium*,

seja em localização seja em proporção – o primeiro dominava todas as províncias da Ásia, do norte da África, a Itália e suas ilhas, Marselha, a Grécia e as duas Hispânicas; e o segundo, a Gália Cisalpina, a Transalpina e o Ilírico (Mapa 1).

Mapa 1 – O mundo romano no ano 50.

Fonte: CAH IX, p. 995.

Trata-se de uma disparidade vigente também na quantidade de recursos, sendo Magno aquele que detinha o maior número de soldados e de territórios favoráveis a ele.³⁰ Mesmo assim, César foi o vencedor do conflito em apenas 1 ano e 7 meses, fato que talvez demonstre a plausibilidade do nosso problema de pesquisa inicial.

³⁰ César, em *Bellum Civile* (3, 3-5), comenta que seu adversário recebeu soldados da Ásia, das Cíclades, de Córceira, de Atenas, do Ponto, da Bitínia, da Síria, da Cilícia, da Fenícia e do Egito. Magno contava com muitos auxiliares da Tessália, da Beócia, Acaia e Épiro e aguardava outras duas legiões da Síria, arqueiros de Creta, da Lacedemônia, do Ponto e da Síria. São enumerados ainda 600 gálatas, 500 da Capadócia, um contingente semelhante vindo da Trácia, 200 da Macedônia, 500 de Alexandria, gauleses, germanos e um contingente de 800 escravos e pastores. Ademais, César comenta que 300 homens vinham da Galogrecia e 200 da Síria. A eles seriam somados dárdanos, bessos, alguns dos quais eram mercenários, uns conscritos e outros voluntários.

A fim de resolvê-lo, então, nos detivemos na leitura das fontes do grupo principal: a *Pharsalia*, os *Commentarii de Bello Civili* e as *epistolae ad Atticum* e *ad Familiares*. A primeira obra, redigida por Lucano, é composta por 10 cantos, totalizando 7.386 versos hexâmetros, que descrevem a disputa entre César e o Senado romano sob a liderança de Pompeu. Vieira (2011) defende que o poeta pretendia terminar o seu trabalho com a morte de César, em março de 44, porém sua escrita foi interrompida durante a narrativa das operações militares desse estrategista em Alexandria, no inverno de 48-47.³¹

A leitura da *Farsália* foi circunscrita entre os cantos primeiro e oitavo. Em linhas gerais, o primeiro canto é dedicado às causas da disputa e às primeiras hostilidades. O segundo inicia-se com discursos anônimos que expressam os anseios das pessoas na cidade de Roma, esperançosas por mais uma guerra civil e memoriosas dos tempos difíceis de Mário e Sula. O terceiro retrata a chegada de Pompeu à Grécia e as contendas em Marselha. O quarto contempla o conflito em Lérída, na província da Hispânia, findando com a derrota de Curião no norte da África. O quinto perpassa a conquista de Lérída e o deslocamento de César à Grécia, para encontrar Magno. O sexto e o sétimo narram as lutas em Dirráquio e em Farsália. Por fim, o oitavo canto relata os últimos momentos de Pompeu.

Ao longo da interpretação dos cantos, notamos um cuidado de Lucano em destacar os boatos que circulavam na cidade de Roma, na Itália, e nos acampamentos militares. Entendemos que tal diligência ocorreu porque o poeta, ao consultar a documentação acerca dos conflitos, considerou a *fama* de César como preponderante para o seu triunfo.

Em vista dos perigos de se trabalhar com uma obra do gênero épico, embasamos-nos nos trabalhos de Canfora (2002, p. 229) e de Martin e Gaillard (1990). Para o primeiro, o relato da guerra civil contido na *Farsália* é “[...] muito próximo dos fatos [...]”, podendo ser entendido como uma “[...] historiografia em versos, [e] não pura invenção poética”. Para os outros autores, a poesia pode ser classificada como uma “epopeia histórica”. Ambas as acepções permitem-nos considerar que Lucano

³¹ A interrupção, segundo Vieira (2011), deu-se por causa da perseguição sofrida pelo poeta devido à sua participação na conspiração Pisoniana, em 30 de abril de 65 d.C.

estava interessado em fazer uma história em formato poético, validando o caráter real – e não ficcional – da *fama* cesariana.

A *fama* dos generais também tem lugar de destaque nos *Comentários sobre as Guerras Cívicas*, escritos por César.³² Por pertencer ao gênero *commentarius*, é dedicada à memória dos grandes eventos, resguardados com o propósito de serem lidos e analisados por historiadores posteriores (PESKETT, 1990). O texto, em si, encontra-se dividido em três livros. O primeiro contempla a ida de César a Roma, a sua tentativa de impedir que Pompeu e o Senado fugissem para a Grécia, o início das hostilidades contra Marselha e a campanha na Hispânia. O segundo contém o cerco e a submissão de Marselha, a rendição de Varrão na Hispânia Ulterior e a expedição de Curião à Numídia. O terceiro livro abrange a eleição de César ao consulado em 48, as narrativas das batalhas de Dirráquio e Farsália e a fuga de Pompeu ao Egito.

No decorrer desses relatos, constatamos o desvelo cesariano com os boatos. Embora não conceda tanto peso à sua *fama* quanto Lucano, o general reconhece que os boatos tinham efeito direto sobre as comunidades da Itália. Por exemplo, ele comenta que algumas cidades, ao ouvirem boatos de sua chegada, abriam as suas portas para recebê-lo e/ou expulsavam os comandantes de Magno.

Por último, temos as cartas de Cícero. Inseridas no gênero epistolar, podem ser consideradas como um "diálogo entre ausentes", marcadas por tópicos, disposição e estilo próprios (MUHAMA, 2000). As *Cartas a Ático* são distribuídas em um conjunto de 453 correspondências enviadas por Cícero ao equestre Tito Pompônio, de codinome Ático. Já as *Cartas aos amigos* formam um conjunto de 426 epístolas, divididas em 16 livros e destinadas a senadores, à sua esposa e à sua filha.

É necessário frisar aqui que essas obras ciceronianas compreendem uma cronologia bastante ampla, pois as *Cartas a Ático* situam-se entre 1.º de julho de 65 e 9 de dezembro de 44 e as *Cartas aos amigos*, entre janeiro de 56 e dezembro de 41. Sendo assim, optamos por trabalhar com as correspondências situadas exclusivamente no período das guerras civis, embora elas ainda formem um

³² Os *Comentários sobre as Guerras Cívicas* foram publicados entre os meses de junho e novembro do ano 46, quando César estava em campanha na Ásia menor (FOWLER, 1908).

montante de 120 epístolas – datadas dos anos 49 e 48. Vejamos os Quadros 1 e 2.³³

Quadro 1 – As cartas de Cícero no ano 49.

(continua)

ANO		MESES					
49		Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
DIAS	1			Att. 8, 13.		Att. 10, 8; 10, 8a; 10, 8b.	Fam. 14, 7, 3.
	2		Att. 7, 17. Fam. 16, 8.	Att. 8, 14.			
	3		Att. 7, 18; 7, 19.	Att. 8, 15.	Att. 10, 1.	Att. 10, 9; 10, 10.	
	4			Att. 8, 16.		Att. 10, 11.	
	5		Att. 7, 20.	Att. 9, 1.		Att. 10, 12.	
	6				Att. 10, 2; 10, 3a.		
	7			Att. 9, 2a.	Att. 10, 3.	Att. 10, 13.	
	8		Att. 7, 21; 7, 22; 7, 23.			Att. 10, 14.	
	9		Att. 7, 21; 7, 22; 7, 23.	Att. 9, 3.			
	10		Att. 7, 24; 7, 25; 8, 11a.	Att. 9, 5; 9, 7a.			
	11		Att. 7, 25; 8, 12b.	Att. 9, 6; 9, 7b.			
	12		Att. 8, 12b.	Att. 9, 4; 9, 7b.		Att. 10, 15.	
	13			Att. 9, 7.			
	14			Att. 9, 8.	Att. 10, 4.	Att. 10, 16	

³³ Apesar do nosso recorte temporal compreender os anos de 54 a 48, optamos por expor em tabela apenas as cartas de Cícero dos anos 49 e 48, porque é durante este período que as epístolas ciceronianas passam a compreender apenas assuntos relativos à guerra.

(conclusão)

ANO		MESES					
49		Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
	15		Att. 7, 26.	Att. 9, 9.			
	16		Att. 8, 1; 8, 11b, 8, 12c.		Att. 10, 5.	Att. 10, 9a; 10, 17.	
	17	Att. 7, 10; 7, 11.	Att. 8, 2; 8, 12a; 8, 12d.				
	18	Att. 7, 10; 7, 11.	Att. 8, 3; 8, 12a.	Att. 9, 10.			
	19	Att. 7, 11.		Att. 9, 11a.		Att. 10, 18.	
	20	Att. 7, 11.	Att. 8, 11c.	Att. 9, 11; 9, 12.		Att. 10, 18.	
	21	Att. 7, 11; 7, 12; 7, 13.	Att. 8, 6.				
	22	Att. 7, 11. Fam. 14, 18, 2.	Att. 8, 4.		Att. 10, 7.		
	23	Att. 7, 11; 7, 13a.	Att. 8, 5; 8, 7.	Att. 9, 13a.			Fam. 14, 14.
	24	Att. 7, 11.	Att. 8, 8.	Att. 9, 13.			
	25	Att. 7, 14.	Att. 8, 9.	Att. 9, 14; 9, 15.			
	26	Att. 7, 15.	Att. 8, 10.	Att. 9, 16.			
	27		Att. 8, 11; 8, 11d.	Att. 9, 17.			
	28	Att. 7, 16.	Att. 8, 12.	Att. 9, 18.			
	29		N/A				
	30		N/A				
	31		N/A	Att. 9, 19.	N/A		N/A
Sem data		Fam. 5, 20.	Att. 8, 15a.	Att. 9, 6a; 8, 15, 1.	Att. 10, 6. Fam. 4, 1, 1; 4, 2; 5, 19; 8, 16	Fam. 2, 16, 1.	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 2 – As cartas de Cícero no ano 48.

ANO		CARTAS
48		
MESES	Janeiro	Att. 11, 1.
	Fevereiro	Fam. 8, 17.
	Março	Att. 11, 2.
	Maio	Fam. 8, 19.
	13 de junho	Att. 11, 3.
	15 de junho	Att. 11, 4.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os quadros revelam o interesse de Cícero em acompanhar diariamente os acontecimentos iniciais dos embates. Isso porque ele sabia de boatos sobre a vinda de César a Roma como um novo Sula, ansioso para massacrar toda e qualquer oposição. Temeroso com a vinda, o senador escreve diversas cartas a fim de alertar os seus partidários do perigo e tentar evitar uma possível chegada sangrenta do general. Tamanha preocupação serve para demonstrar que Cícero, assim como Lucano e César, concede relevância aos boatos.

Após a leitura dessas fontes do grupo principal, ficou mais nítida a influência dos boatos e da *fama* no posicionamento militar das comunidades italianas e provinciais em relação a César e a Pompeu. Por consequência, repensamos o problema inicial de pesquisa, entendendo a necessidade de complexificá-lo. Então, ao invés de questionar se os boatos influenciaram no resultado da guerra passamos a investigar o seguinte: de que forma os boatos determinaram a vitória de César nas guerras civis? Nossa hipótese é: os boatos foram importantes para a vitória cesariana?

E foi a partir do esforço de comprová-la que construímos as categorias de análise. Todas estiveram centradas na tentativa de percorrer a amplitude, a rapidez e a eficácia dos boatos, razão pela qual as organizamos em seis grupos: 1) os meios de comunicação, 2) as negociações cívicas, 3) os destinatários e os remetentes, 4) os agentes que transmitiam a comunicação, 5) os centros de informações, 6) as ações sociais criadas favoravelmente pelos boatos. Acreditamos que tal divisão se mostrou eficiente e distinta, uma vez que as reflexões suscitadas não são comuns nos estudos relacionados às guerras civis na contemporaneidade.

Cabe ressaltar que a escolha das categorias se embasou nos trabalhos de Bowman (1994), Keppie (1994), Le Bohec (1994), Lendon (2005), Sammer (2003), Santosuosso (1997) e Watson (1969). Consultamos também os renomados compêndios *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare* (volume I), editado por Sabin, Whitby e van Wees (2007), e o *Companion to the Roman Army*, organizado por Erdkamp (2007). Essas produções são valiosas ao campo da historiografia e ao desenvolvimento desta tese, porquanto investigam o funcionamento das campanhas – a exemplo da organização das tropas e da logística militar – e o papel de cada legionário na circulação das correspondências.

Consideremos, portanto, o primeiro grupo (Quadro 3).

Quadro 3 – Categorias de análise dos meios de comunicação.³⁴
(continua)

MEIOS DE COMUNICAÇÃO	VOCÁBULOS
Boatos	<i>audire</i>
	<i>dicere</i>
	<i>famae</i>
	<i>murmurare</i>
	<i>nuntiare</i>
	<i>rumores</i>
	<i>sermones</i>
Cartas	<i>litterae</i>
	<i>litterae publicae</i>
Discursos públicos	<i>orationes</i>
Éditos	<i>edita</i>
Livros ou panfletos	<i>libelli</i>

³⁴ No Anexo A desta tese encontra-se um glossário com os significados dos vocábulos dos seis grupos de categorias de análise.

(conclusão)

MEIOS DE COMUNICAÇÃO	CATEGORIAS
Notícias	<i>nuntius</i>
Opinião pública	<i>animi</i>
	<i>loqui</i>
	<i>opiniones</i>
	<i>voces</i>
Recados	<i>tabellae</i>
<i>Senatus consultum</i>	<i>Senatus consultum</i>
Sinais	<i>signa</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essas categorias compõem o conjunto dos meios de comunicação existentes nas fontes literárias do grupo principal, e todos eles transmitem informações sobre o conflito entre Pompeu e César. Nesse sentido, os vocábulos *audire*, *dicere*, *famae*, *murmurare*, *nuntiare*, *rumores*, *sermone*s são os que designam os boatos ou as formas de se contar um boato. Os termos *litterae* e *litterae publicae* aludem às cartas trocadas entre os líderes e as comunidades. As expressões *orationes*, *edita*, *libelli* e *nuntius* referem-se, respectivamente, aos discursos públicos, éditos, livros ou panfletos e notícias. Por seu turno, as manifestações da opinião pública são observadas a partir dos *animi* (ânimos), *loqui* (conversas) e *opiniones* / *voces* (opiniões). Por fim, as *tabellae*, os *Senatus consulta* e os *signa* representam os recados em cera, os decretos do Senado e os sinais que anunciavam a aproximação ou a presença de tropas.

Visto o quadro, julgamos necessário apontar três observações. A primeira delas diz respeito à variedade dos vocábulos que descrevem os boatos. Com exceção do verbo *murmurare*, os demais serão considerados quando encontrados igualmente na voz passiva. A segunda observação concerne à presença dos boatos nos outros meios de comunicação, ou seja, sua investigação não se limitará em si mesma, ao contrário, realizar-se-á em outros veículos, a exemplo dos éditos. A terceira envolve a própria escolha dos meios de comunicação, dispostos em oficiais (cartas e

discursos públicos, éditos, notícias e *Senatus consulta*) e não oficiais (boatos, cartas particulares, livros ou panfletos, opinião pública, recados e sinais), pois entendemos que, apesar de os boatos circularem majoritariamente de modo informal, é indispensável a sua verificação nas mídias oficiais.

Vejamos agora as categorias relacionadas às negociações cívicas (Quadro 4):

Quadro 4 – Categorias de análise das negociações cívicas.

AS NEGOCIAÇÕES CÍVICAS	VOCÁBULOS
Alianças	<i>amicitiae</i>
	<i>clientes</i>
	<i>paces</i>
	<i>socii</i>
Dificuldades	<i>aquae</i>
	<i>fames</i>
	<i>hiberna</i>
	<i>hiemes</i>
	<i>inopiae</i>
	<i>prohibere</i>
	<i>tempestates</i>
	<i>tempus difficillimum</i>
	<i>tempus longum</i>
Pedidos	<i>arbores</i>
	<i>copiae</i>
	<i>frumenta</i>
	<i>ignes</i>
	<i>iumenta</i>
	<i>ligna</i>
	<i>pecora</i>
	<i>pecuniae</i>
	<i>sales</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tal grupo abrange os vocábulos latinos relacionados às negociações ocorridas durante as guerras civis, a saber: as solicitações de alianças por parte das

comunidades e das tropas; os relatórios sobre as dificuldades enfrentadas, no caso fome, penúria total e inverno; os pedidos feitos pelos envolvidos no conflito, como trigo, madeira, gado e sal.

A comunicação mais frequente e regular é a referente à transação de alimentos para os acampamentos e as cidades, principalmente porque, sem comida, fogo, animais e lenha, os generais e seus soldados não poderiam continuar a batalha. Delimitamos doravante os destinatários e os remetentes da comunicação (Quadro 5):

Quadro 5 – Categorias de análise dos destinatários e remetentes.

OS DESTINATÁRIOS E OS REMETENTES	VOCÁBULOS
Destinatários e remetentes	<i>castra</i>
	<i>civitates</i>
	<i>Europa</i>
	<i>hiberna</i>
	<i>Latium</i>
	<i>oppida</i>
	<i>orbis</i>
	<i>provinciae/ regiones</i>
	<i>Roma</i>
	<i>senatus</i>
	<i>tota Italia</i>
	<i>villae</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os destinatários e remetentes foram pensados com base nos lugares em que os meios de comunicação se mostraram mais atuantes. Assim, dividimos as categorias em dois tipos: os microespaços, organizados em *castra* e *hiberna* (acampamentos), *civitates* e *oppida* (cidades), *villae* (vilas) e *Roma*; e os macro, compostos pela *Europa*, pelo *Latium* (Lácio), pelo *mundus* e *orbis* (mundo), pelas *provinciae* /

regiones (províncias e regiões) e por *tota Italia* (toda a Itália). Circulando nesses lugares temos os agentes da comunicação (Quadro 6):

Quadro 6 – Categorias de análise dos agentes da comunicação.
(continua)

OS AGENTES DA COMUNICAÇÃO	VOCÁBULOS
Aristocratas	<i>Atticus</i>
	<i>Balbus</i>
	<i>equestres</i>
	<i>L. Caesar</i>
	<i>M. Cato</i>
	<i>senatores</i>
	<i>Terentia</i>
	<i>Tulia</i>
Comandantes de tropas	<i>A. Varrum</i>
	<i>Brutus</i>
	<i>Caesar</i>
	<i>Cicero</i>
	<i>Cn. Domitius</i>
	<i>Curio</i>
	<i>Juba</i>
	<i>Labienus</i>
	<i>L. Domitius</i>
	<i>M. Antonius</i>
	<i>M. Cotta</i>
	<i>M. Varrum</i>
	<i>Petreius</i>
	<i>Pompeius</i>
Militares	<i>aquatores</i>
	<i>equites</i>
	<i>exploratores</i>
	<i>frumentarii</i>
	<i>fugitivi</i>
	<i>legati</i>
	<i>milites</i>
	<i>pabulatores</i>
	<i>perfugae</i>
	<i>speculatores</i>

(continua)

OS AGENTES DA COMUNICAÇÃO	VOCÁBULOS
Outros agentes	<i>amici</i>
	<i>captivi</i>
	<i>cives</i>
	<i>clientes</i>
	<i>familiares</i>
	<i>liberti</i>
	<i>tabelarii</i>
	<i>multitudines</i>
	<i>municipes</i>
	<i>negotiatores</i>
	<i>oppidani</i>
	<i>principes</i>
	<i>reges</i>
	<i>rusticani</i>
	<i>viatores</i>
	<i>servi</i>
Povos	<i>Aegyptii</i>
	<i>Africani</i>
	<i>Allobroges</i>
	<i>Asiatici</i>
	<i>Britanni</i>
	<i>Calagurritani</i>
	<i>Corfiniensis</i>
	<i>Cumanii</i>
	<i>Cydones</i>
	<i>Gaditanii</i>
	<i>Galli</i>
	<i>Germani</i>
	<i>Gomphensis</i>
	<i>Graeci</i>
	<i>Hispani</i>
	<i>Iacetani</i>
	<i>Lacedaemonii</i>
	<i>Lingones</i>
	<i>Lusitanii</i>
	<i>Macedones</i>

(conclusão)

OS AGENTES DA COMUNICAÇÃO	VOCÁBULOS
Povos	<i>Massilienses</i>
	<i>Metropolitae</i>
	<i>Neapolitanii</i>
	<i>Numidae</i>
	<i>Oscensis</i>
	<i>Parthi</i>
	<i>Phocaici</i>
	<i>Sicani</i>
	<i>Sulmonensis</i>
	<i>Syriaci</i>
	<i>Tarraconenses</i>
	<i>Thessalos</i>
	<i>Thraces</i>
	<i>Tyrii</i>
	<i>Uticensis</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os agentes, como podemos observar, são dispostos em cinco redes: a dos aristocratas, a dos comandantes de tropas, a dos militares e soldados, a dos outros agentes, como clientes e escravos, e a dos povos habitantes das cidades. Por abranger indivíduos pertencentes a mais de uma sociabilidade, essas redes não seguiam uma lógica linear na transmissão de informações, isto é, a comunicação não permanecia restrita a um só grupo. E, sobretudo em guerras civis, a necessidade de sobrevivência, recursos e apoio fazia com que os assuntos circulassem de maneira intensa e veloz entre todos os agentes.

É imprescindível mencionar também que a comunicação não ocorre no vácuo, mas em espaços de sociabilidade (BORDENAVE, 2006, p. 38), os quais denominamos centros de informação (Quadro 7):

Quadro 7 – Categorias de análise dos centros de informação.

(continua)

OS CENTROS DE INFORMAÇÃO	VOCÁBULOS
Cidade de Roma	<i>Campus Martius</i>
	<i>domus</i>
	<i>fana</i>
	<i>muri urbis</i>
	<i>Senatus</i>
	<i>theatra</i>
	<i>viae</i>
Demais cidades e vilas	<i>Alexandria</i>
	<i>Ancona</i>
	<i>Arcanum</i>
	<i>Arpinium</i>
	<i>Arretium</i>
	<i>Ariminum</i>
	<i>Asparagium</i>
	<i>Athenae</i>
	<i>Auximium</i>
	<i>Avaricum</i>
	<i>Brundisium</i>
	<i>Buthrotum</i>
	<i>Calles</i>
	<i>Calydon</i>
	<i>Canusium</i>
	<i>Capua</i>
	<i>Cingulum</i>
	<i>Corcyra</i>
	<i>Corduba</i>
	<i>Corfinium</i>
	<i>Cumae</i>
	<i>Cyrene</i>
	<i>Dyrrhachium</i>
	<i>Ephesus</i>
	<i>Fanum</i>
	<i>Firmum</i>
	<i>Formiae</i>
	<i>Gades</i>

(continua)

OS CENTROS DE INFORMAÇÃO	VOCÁBULOS
Demais cidades e vilas	<i>Gaza</i>
	<i>Gomphos</i>
	<i>Iguvium</i>
	<i>Ilerda</i>
	<i>Larisa</i>
	<i>Laterium</i>
	<i>Lissum</i>
	<i>Luceria</i>
	<i>Massilia</i>
	<i>Menturnae</i>
	<i>Messana</i>
	<i>Metropolita</i>
	<i>Munda</i>
	<i>Narbo</i>
	<i>Naupactus</i>
	<i>Octogesa</i>
	<i>Oricum</i>
	<i>Palaeste</i>
	<i>Pelusium</i>
	<i>Pergamum</i>
	<i>Petra</i>
	<i>Pisa</i>
	<i>Pisaurum</i>
	<i>Puteoli</i>
	<i>Salonas</i>
	<i>Sidon</i>
	<i>Sulmo</i>
	<i>Teanum</i>
	<i>Tyrus</i>
	<i>Utica</i>
Províncias	<i>Achaia</i>
	<i>Aegyptus</i>
	<i>Africa</i>
	<i>Aquitania</i>
	<i>Asia</i>
	<i>Cappadocia</i>

(conclusão)

OS CENTROS DE INFORMAÇÃO	VOCÁBULOS
Províncias	<i>Cilicia</i>
	<i>Creta</i>
	<i>Cyprus</i>
	<i>Gallia</i>
	<i>Germania</i>
	<i>Hispaniae</i>
	<i>Hispania citerior</i>
	<i>Hispania ulterior</i>
	<i>Illyricum</i>
	<i>Libya</i>
	<i>Lusitania</i>
	<i>Macedonia</i>
	<i>Mauretania</i>
	<i>Pontus</i>
	<i>Sardinia</i>
	<i>Sicilia</i>
	<i>Syria</i>
Regiões ou reinos	<i>Aetolia</i>
	<i>Apulia</i>
	<i>Armenia</i>
	<i>Boeotia</i>
	<i>Campania</i>
	<i>Candavia</i>
	<i>Colchis</i>
	<i>Cyclades</i>
	<i>Epirus</i>
	<i>Graecia</i>
	<i>Hiberia</i>
	<i>Lacedaemonia</i>
	<i>Lycia</i>
	<i>Minturnae</i>
	<i>Nymphaeum</i>
	<i>Pamphylia</i>
	<i>Parthia</i>
	<i>Phoenicia</i>
	<i>Picenum</i>
	<i>Thessallia</i>
	<i>Thracia</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo Buckner (1965), é justamente a necessidade de adquirir notícias que conduz os agentes a esses ambientes e, por ser a maior parte imprecisa, há maior interação, sobretudo porque os indivíduos desejam sempre adquirir mais informações sobre os assuntos de urgência pública.

Logo, os aristocratas, seus clientes e escravos bem como os comandantes de tropas encontravam-se e conversavam na cidade de Roma, a saber, no Campo de Marte (*Campus Martius*) e nas casas aristocráticas (*domus*), nas demais cidades e vilas do Império (*Formiae, Gades, Ilerda, Massilia*), nas províncias (*Hispaniae Citerior e Ulterior e Sicilia*), e nas regiões ou reinos (*Aetolia, Campania e Lacedaemonia*).

Depois da apresentação dos cinco grupos de categorias de análise, resta ainda o último: o das ações sociais criadas favoravelmente pelos boatos (Quadro 8).

Quadro 8 – Categorias de análise das ações sociais.

(continua)

AÇÕES SOCIAIS	VOCÁBULOS
Abertura das portas	<i>aperire</i>
Assalto	<i>diripere</i>
	<i>perfringere</i>
Assembleias	<i>colloquia</i>
	<i>concilia</i>
	<i>contiones</i>
Deserções	<i>deserere</i>
Envio de homens e de recursos	<i>mittere</i>
Expulsões ou fugas	<i>fugae</i>
	<i>fugere</i>
Fechamento das portas	<i>claudere</i>
	<i>obstruere</i>
	<i>praecludere</i>
	<i>reficere</i>

(conclusão)

AÇÕES SOCIAIS	VOCÁBULOS
Pânicos	<i>catervae</i>
	<i>pavores</i>
	<i>terrores</i>
	<i>timores</i>
	<i>trepidantes</i>
	<i>tumultus</i>
	<i>perturbare</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

O estabelecimento dessas categorias restringiu-se aos padrões de ação coletiva propostos por Tilly (1978). Assim, elencamos as ações dos sujeitos que agiram em conjunto, perseguindo interesses comuns, os quais foram manifestados a partir das expectativas quanto ao poder, à repressão, ao sucesso, ao fracasso e às ameaças.

As primeiras práticas coletivas que nos chamaram atenção foram as assembleias, pois determinavam uma decisão em relação à guerra e ao posicionamento dos agentes da comunicação. Os *concilia* eram reuniões formais entre as lideranças das cidades ou dos acampamentos militares; os *colloquia* consistiam em encontros informais entre indivíduos pertencentes a um mesmo grupo; e as *contiones* decorriam da associação de diversas pessoas, de coletividades distintas e convocadas por um magistrado.

Após as deliberações, as comunidades iniciavam as suas mobilizações, que podiam variar entre enfrentar o assalto das tropas invasoras (*diripere* / *perfringere*), enviar homens e recursos (*mittere*), fechar as suas portas (*claudere* / *obstruere* / *praecludere* / *reficere*) e afirmar a rendição, por meio do abrir dos portões (*aperire*), pelas deserções (*deserere*) e pelos pânicos (*pavores* / *terrores* / *timores* / *trepidantes* / *tumultus* / *perturbare*). Este último motivava também as fugas (*fugae*).

Por fim, é válido lembrar que todo esse complexo categorial foi construído na intenção de responder ao problema da pesquisa e comprovar a nossa hipótese.

Portanto, pautou-se na verificação da relevância dos boatos em referência aos outros meios de comunicação, na relação entre os boatos e as consequentes negociações cívicas e nos principais agentes e locais envolvidos na recepção e transmissão das informações. Acreditamos ainda que a documentação utilizada é suficientemente sólida para fornecer os subsídios necessários à análise de tais categorias. As demais fontes mencionadas também são valorosas, uma vez que, sem elas, não podemos compreender o contexto de produção dos boatos. É justamente para esse contexto que nos deslocaremos agora.

CAPÍTULO II

2 CONTEXTUALIZANDO E INTERPRETANDO OS BOATOS

A fim de que todos estejam em condições de acompanhar o espetáculo, é necessário [...] primeiro [...] montar um cenário, [e depois] resumir num brevíssimo prólogo a intriga sobre a qual nada se comenta no corpo da narrativa (DUBY, 1993, p. 25).

Para defendermos que os boatos determinaram a vitória de César é necessária a realização de algumas tarefas, como 1) apresentar a discussão das pesquisas modernas sobre o “estado da arte” dos boatos, 2) investigar a relação entre os boatos e a opinião pública no mundo antigo, 3) demonstrar de que forma eles influenciavam no posicionamento dos indivíduos, 4) expor o nosso modelo de análise, 5) explorar o contexto tardo-Republicano e o das guerras civis, 6) apontar as referências dos boatos e dos meios de comunicação nas fontes, 7) estudar as *famae* de Pompeu e César, 8) elucidar as negociações cívicas e seus destinatários e remetentes, 9) determinar os agentes da comunicação e os locais da transmissão na Itália e nas províncias e 10) examinar o seu impacto nas guerras civis.

As quatro primeiras foram feitas no capítulo anterior, no qual efetuamos uma abordagem das teorias dos boatos e das suas implicações no mundo antigo e nas fontes do grupo principal. As tarefas de número cinco a oito serão objetos deste segundo capítulo, pois é a partir de um contexto histórico que os boatos são socialmente construídos e transmitidos. O exame da sua transmissão e de seu impacto será realizado nos capítulos III e IV.

2.1 O CONTEXTO TARDO-REPUBLICANO

A nosso ver é impraticável analisar o conflito entre Pompeu e César, ocorrido entre os anos 49 e 48, sem levarmos em consideração a dimensão do contexto tardo-Republicano. Especialmente porque os aspectos políticos, sociais e militares

definidores das guerras civis fazem parte de uma conjuntura histórica muito mais ampla e anterior, que não pode ser ignorada.

Essa exigência explica também a escolha de algumas das nossas fontes secundárias. Os *Comentários sobre as Guerras Gálicas*, as *Guerras Alexandrinas*, as *Guerras Africanas* e as *Guerras Espanholas*, por exemplo, abrangem diferentes confrontos do período tardo-Republicano travados contra inimigos estrangeiros e entre os romanos. Considerá-los é fundamental para entendermos o funcionamento de uma campanha à época e a influência da comunicação informal, no caso, os boatos, nos campos de batalha.

Apresentemos, então, essa documentação. Os *Comentários sobre as Guerras Gálicas*, de composição cesariana, encontram-se divididos em oito livros, que narram os feitos de César na Gália entre 58 e 52. A obra inicia-se com as lutas entre os romanos e os helvécios, prossegue com a derrota dos gauleses e germanos, passa ao relato da chegada à Bretanha e finaliza com a vitória sobre Vercingetórix.

As *Guerras Alexandrinas*, por seu turno, foram escritas por Caio Ópio e descrevem as hostilidades suscitadas após a morte de Pompeu no Egito. Compostas por apenas um livro de 78 capítulos, informam sobre a luta pelo controle de Alexandria (entre outubro de 48 e março de 47), sobre a situação da Ásia Menor e do Ilírico, sobre o caso da Hispânia (de setembro de 49 a dezembro de 48) e sobre a intervenção de César na Ásia (entre maio e agosto de 47).

As *Guerras Africanas*, por sua vez, são da autoria de Aulo Hirtio e estão dispostas em um só livro, de 98 capítulos. Sua história inicia-se no final das campanhas de César contra Fárnaces no Ponto, em agosto de 47, e encerra-se com o recomeço da resistência dos pompeianos na província da África.

As *Guerras Espanholas* também são de Aulo Hirtio e contemplam um livro de 42 capítulos. Eles abordam a luta anticesariana na Hispânia Ulterior, em meados de 46, a captura de Cneu Pompeu, filho de Magno, na mesma província, e a morte de Sexto Pompeu em 45.

Essas quatro fontes revelam a turbulência dos últimos anos da República, cujos acontecimentos levaram o Império à penúria, uma inópia provocada por outros

eventos, como as Guerras Sociais, as guerras civis entre Mário e Sula, o conflito entre Pompeu e Sertório, a rebelião de Espártaco e a pirataria no Mar Egeu.

No século I, a desigualdade na distribuição das terras públicas e dos recursos financeiros oriundos das conquistas militares criou as condições favoráveis para a rebelião das cidades italianas contra Roma, uma sublevação que se transformou em Guerras Sociais (91 a 88), paralisando a produção de cereais e aumentando a fome e a pobreza entre os envolvidos (App. *B Civ.* 1, 9).³⁵

Em decorrência de tal episódio, não tardou para que os italianos presenciassem as guerras civis dos anos 88 a 81 entre Mário e Sula. Os dois chefes pertenciam a facções políticas inimigas, os *populares* e os *optimates*, que havia muito lutavam pela resolução dos problemas sociais já existentes. Em geral, os *populares* brigavam pelo favorecimento das categorias sociais mais baixas, por meio da defesa de distribuição de trigo gratuitamente pelo Estado e da reforma agrária. Os *optimates*, ao contrário, buscavam privilegiar a oligarquia tradicional, de onde vinham os seus principais membros, com ideias de reduzir os gastos do erário público e limitar o acesso à cidadania (SEAGER, 1972). No decorrer do embate, acabou prevalecendo o poder destes últimos, o que prolongou ainda mais a resolução da fome e da pobreza dos cidadãos.

Anos depois, entre 82 e 72, os romanos estiveram envolvidos em outro episódio: a disputa entre Pompeu e Quinto Sertório na Hispânia.³⁶ Para lutar contra o inimigo, Magno precisou pedir ao Senado que enviasse trigo da Itália e da Sicília, objetivando o abastecimento de suas tropas. Isso porque a Hispânia vivenciava um longo inverno e não havia nenhuma outra cidade que pudesse resolver o seu problema alimentício (Plut. *Pomp.* 20). O Senado, então, aprovou o pedido e mandou o trigo solicitado, facilitando a vitória pompeiana. Contudo, o envio provocou uma queda significativa na quantidade de cereais existentes na Itália, perpetuando novamente o quadro de escassez e penúria.

³⁵ A respeito das Guerras Sociais, Mantas (2015, p. 339-340) afirma que explodiu em Ascoli, no Piceno, onde muitos romanos foram assassinados, transformando-se o ocorrido num movimento que se espalhou rapidamente pela Itália. “O conflito depressa atingiu grande intensidade, [...] incluindo o massacre dos que não aderiram à revolta, nomeadamente quando os Samnitas ocuparam Nola, Stabiae, Pompeios e outras cidades campanienses. Os insurretos conseguiram mobilizar [...] 100.000 homens, com a agravante que havia entre eles muitos veteranos das guerras romanas, bons conhecedores das táticas dos que eram agora seus inimigos [...]”.

³⁶ Sobre Quinto Sertório, cf. Mantas (2015, p. 352-353).

Ao mesmo tempo, temos a revolta de Espártaco entre 73 e 71.³⁷ A contenda consistiu na rebelião de 45 mil homens que decidiram fugir da Itália para adquirir melhores condições de vida, mais comida e liberdade. A ideia dos revoltosos era saquear o interior da Itália, recrutando pessoas e recursos, até atingirem a saída pelos Alpes. O plano, por fim, não deu certo, e o movimento foi massacrado por Pompeu. Apesar da derrota, os liderados por Espártaco causaram grandes prejuízos à agricultura, que já não supria as demandas (MORAIS, 2015).

Finalmente, no ano 67, houve a luta contra a pirataria no Mar Egeu. À época, Pompeu foi escolhido pelo Senado para atacar os piratas, que, situados na costa italiana, atrapalhavam as rotas comerciais impedindo a chegada dos fornecimentos cerealíferos da Sicília, da Sardenha, do Egito e do norte de África. Não obstante a eliminação dos corsários, o aprovisionamento na península continuou precário devido a uma crise na produção de trigo na Sicília, entre os anos de 58 a 56, a qual afetou Roma até 54 (MORAIS, 2015).

Para além dos episódios citados, é importante comentar sobre dois outros problemas. Brunt (1971) afirma que, nos últimos anos da República, houve um aumento demográfico significativo no Império Romano. A população geral passou de 910.000 homens, no ano 70, para um total de 4.937.000 em 14 d.C., perfazendo um crescimento de 542% em apenas 74 anos. Somam-se ainda as estimativas alimentares apontadas por Garnsey (1999). Segundo o autor, durante as décadas de 60 e 50 do século I, a *Urbs* precisava de 18 milhões de *modii* para alimentar 300.000 pessoas, ou seja, cerca de 157 milhões de quilos de trigo eram necessários para saciar a fome de somente um terço da população total.

Portanto, o período tardo-Republicano deve ser compreendido como um momento da história em que a escassez alimentar, a fome e a penúria foram hegemônicas, dificultando a vida não só dos cidadãos comuns, mas de todos os comandantes e soldados que precisavam levar uma guerra adiante, um cenário que, longe de ser resolvido, foi agravado e consolidado à época dos confrontos civis.

³⁷ De acordo com Fields (2009), Espártaco era um mercenário trácio, tendo-se tornado um soldado auxiliar do exército romano. Seus seguidores eram principalmente gauleses, germanos e trácios. Depois da sua deserção, atuou como um banido, antes de tornar-se gladiador (Plut. *Crass.* 8-9).

2.2 O CONTEXTO DAS GUERRAS CIVIS

Lucano, inclusive, ao escrever a *Farsália*, menciona os obstáculos enfrentados por César no decorrer da campanha nas Hispânicas:

Fáceis presas os pastos não dão, nem forragem
há nos submersos sulcros.
[...] Ora, a primeira das mazelas companheira,
a fome cruel veio e, sem cerco inimigo,
o infante esfaima-se: com todo o soldo, avaro
mal compra uns grãos de Ceres (Luc. *Phars.* 4, 90-96).³⁸

Ademais, o próprio elucida as privações de suas tropas:

[...] tendo-se já consumido o trigo de toda a redondeza, padeciam de extrema penúria. E, no entanto, os soldados a suportavam com extraordinária resignação, pois se lembravam de que no ano anterior tinham passado na Hispânia por iguais sofrimentos e, à custa de esforço e paciência, tinham levado a bom termo uma guerra importantíssima [...] (Caes. *BCiv.* 3, 47, 4-5).³⁹

A fim de esclarecermos como a fome e a escassez presentes na conjuntura tardo-Republicana fortaleceram-se nas disputas entre Pompeu e César é preciso explicarmos, de antemão, o que foi tal conflito.

Existe uma longa tradição que vincula o início das guerras civis ao cruzamento do Rubicão, em 10 de janeiro de 49, quando César teria dito a sua famosa frase: *iacta alea est* (Suet. *Iul.* 32).⁴⁰ O episódio é tão associado à gênese da contenda que foi representado em diversos códices medievais (Figura 4):

³⁸ *Non pecorum raptus faciles, non pabula mersi/ulla ferunt sulci/ [...] iamque comes semper magnorum prima malorum/ saeua fames aderat, nulloque obsessus ab hoste/ miles eget: toto censu non prodigus emit/ exiguum Cererem.*

³⁹ *Ipse autem consumptis omnibus longe lateque frumentis summis erat in angustiis. Sed tamen haec singulari patientia milites ferebant. Recordabantur enim eadem se superiore anno in Hispania perperos labore et patientia maximum bellum confecisse.*

⁴⁰ Seguindo tal tradição interpretativa, temos a obra *The Epic Saga of Julius Caesars Tenth Legion and Rome*, escrita por Dando-Collins (2002), e o livro de Ruppert (2004), intitulado *Crossing of the Rubicon: the decline of the American empire at the end of the age of oil*.

Figura 4 – Representação de César cruzando o Rubicão.

Fonte: *The British Library* (Royal MS 16 G VIII).⁴¹

Entretanto, para alguns autores a importância da travessia na demarcação do começo dos embates só foi reconhecida bem mais tarde. Por exemplo, Beneker (2011) comenta que Veleio Patérculo (2, 49, 4) foi o primeiro a destacar o evento como o marco primaz das guerras, e sua obra data do século I d.C. Essa atitude foi seguida também por Lucano (*Phars.* 1, 183-235), Apiano (*B Civ.* 2, 35), Plutarco (*Caes.* 32), Suetônio (*Iul.* 31-32) e Dião Cássio (41, 4), todos situados entre os séculos I e III d.C.⁴²

Outra versão encontra-se no *corpus* ciceroniano. Para o senador, as lutas tiveram prelúdio em 54 – quase quatro anos antes do Rubicão – quando começaram a circular boatos sobre as aspirações ditatoriais dos generais em comandar a República, boatos que se intensificaram com a morte de Júlia, filha de César e casada com Pompeu, rompendo o vínculo pacífico entre os dois (Cic. *QFr.* 3, 8, 4).

Em vista das diferentes interpretações, delimitamos o nosso próprio início. Assim, o confronto será estudado a partir tanto de 49 quanto de 54, porquanto a primeira data é a que delimita a abertura da campanha militar de César, e a segunda é a que demarca a divulgação dos primeiros boatos sobre as disputas.

⁴¹ A imagem é datada do final do século XV e está contida em uma tradução francesa das obras de César. Disponível em:

https://imagesonline.bl.uk/en/asset/show_zoom_window_popup_img.html?asset=171137.

⁴² De acordo com Beneker (2011), foi o conflito civil de 69 d.C., conhecido como o ano dos quatro imperadores, que resgatou a tradição da travessia do Rubicão. Tal relação é perceptível em Lucano, no desenvolvimento do tópos literário da *stasis* como um ataque à *patria*.

Destarte, no dia 10 de janeiro de 49, César cruzou o rio Rubicão, no norte da Itália, dando origem às contendas. Em seu caminho, passou por Mutina, Ravena, Arimínio, Ancona, Áuximo, Asculo, Corfíno, Cápua e, por último, Brundísio, chegando a Roma no mês de março (Mapa 2).⁴³

Mapa 2 – O trajeto de César na Itália.

Fonte: CAH IX, p. 104.

Ao longo de todo o caminho, o general enviou Curião à Sicília, à Sardenha e à África, visando garantir o suprimento contínuo de *frumentum* para as suas tropas. Depois de ficar três dias em Roma, César partiu em direção à Gália, onde sitiou Marselha e, posteriormente, as Hispânicas Citerior e Ulterior, em que derrotou os pompeianos nas batalhas de Munda e Lérída (Mapa 3). Consumada a vitória, regressou a Roma em dezembro de 49.

⁴³ No anexo B desta tese encontra-se a cronologia com os principais eventos das guerras civis e as referências nas fontes.

Mapa 3 – O trajeto de César na Gália e nas Hispânicas Citerior e Ulterior.

Fonte: CAH IX, p. 104.

Segundo Plutarco, durante essa viagem, “[...] por várias vezes, sua vida esteve em perigo, por causa das ciladas e das emboscadas que lhe armavam em diversos lugares e de maneiras variadas, e também se encontrou em risco de perder todo o seu exército, por falta de víveres” (Plut. *Caes.* 36, 1).⁴⁴

Nesse ínterim, Curião, que tinha ficado responsável por restabelecer o *frumentum* de algumas províncias, decidiu invadir a cidade de Útica, a qual estava ocupada por soldados de Pompeu (Mapa 4). Tal comunidade encontrava-se sob o comando de Varrão e Catão, que usufruíram da ajuda do rei Jubá da Numídia para derrotar os cesarianos na batalha do rio Bagrada, em 24 de agosto de 49.

⁴⁴ κινδυνεύσας δὲ καὶ τῷ σώματι πολλάκις κατ’ ἐνέδρας καὶ τῷ στρατῷ μάλιστα διὰ λιμόν, οὐκ ἀνῆκε πρότερον διώκων καὶ προκαλούμενος καὶ περιπαφρεύων τοὺς ἄνδρας ἢ κύριος.

Mapa 4 – O trajeto de Curião no norte da África.

Fonte: CAH IX, p. 104.

Em dezembro do mesmo ano, depois de onze dias na capital, César renunciou à magistratura de *dictator*. Marchou depois com suas tropas em sentido ao porto de Brundísio, objetivando transportá-las à Grécia. A travessia aconteceu pelo estreito de Otranto, no litoral do mar Jônico, até a cidade de Órico. O estrategista permaneceu na Grécia por cinco meses, dominando diversos territórios, como Apolônia, Salona e Córsera (Mapa 5). De acordo com Plutarco (*Caes.* 39, 1-2),

[...] desde o começo não tivera víveres em abundância [e] encontrou-se em dificuldades a esse respeito; seus homens colhiam raízes que misturavam com leite e as comiam; faziam assim também com o pão e, às vezes, combatendo em escaramuças com o inimigo, atacando as sentinelas, impeliam-nas até as suas trincheiras, dizendo que, enquanto a terra produzisse tais raízes, jamais levantariam o cerco a Pompeu.⁴⁵

Efetivadas as conquistas, dirigiu-se a Dirráquio, em julho de 48, para combater os exércitos de Magno, e lá foi derrotado. César, porém, conseguiu reerguer-se e atacar novamente, vencendo Pompeu em Farsália, em 9 de agosto de 48.

⁴⁵ Καῖσαρ προὔκαλεῖτο Πομπηῖον ἰδρυμένον ἐν καλῷ καὶ χορηγούμενον ἔκ τε γῆς καὶ θαλάττης ἀποχρώντως, αὐτὸς ἐν οὐκ ἀφθόνοις διάγων κατ' ἀρχάς, ὕστερον δὲ καὶ σφόδρα πιεσθεὶς ἀπορία τῶν ἀναγκαίων, ἀλλὰ ρίζαν τινὰ κόπτοντες οἱ στρατιῶται καὶ γάλακτι φυρῶντες προσεφέροντο. καὶ ποτε καὶ διαπλάσαντες ἐξ αὐτῆς ἄρτους καὶ ταῖς προφυλακαῖς τῶν πολεμίων ἐπιδραμόντες ἔβαλλον εἴσω καὶ διερρίπτουν, ἐπιλέγοντες ὥς, ἄχρι ἂν ἡ γῆ τοιαύτας ἐκφέρῃ ρίζας, οὐ παύσονται πολιορκοῦντες Πομπηῖον.

Mapa 5 – O trajeto de César na Grécia.

Fonte: CAH IX, p. 105.

Com o insucesso, Pompeu fugiu em um navio pago com o soldo dos seus soldados. Navegou até Pelúcio, no norte do Egito, e de lá enviou mensageiros a Ptolomeu, clamando por asilo em Alexandria. O faraó, fiando-se na opinião dos seus conselheiros, demonstrou cordialidade e o chamou para uma audiência. Aceitando o convite, Magno subiu a bordo do barco que o conduziria e foi assassinado no dia 28 de setembro de 48.

Em síntese, as guerras civis entre Pompeu e César ocorreram durante um período de um ano e oito meses. Nesse ínterim, os exércitos travaram batalhas na Península Itálica e em cinco províncias: a Gália Narbonense, a Hispânia Citerior e a Ulterior, a Lusitânia, a África Proconsular e a Grécia. Em todos os locais, a fome e a escassez alimentar, advindas do cenário tardo-Republicano, mantiveram-se presentes, levando os dois chefes à constante procura por víveres. À medida que o confronto foi acontecendo, a situação tornou-se cada vez mais preocupante, pois, em um

momento de *stasis*, a produção de cereais foi interrompida, as cidades recolheram todas as provisões de suas redondezas para garantir a sua sobrevivência e não houve mais o auxílio do Senado, em virtude do partidarismo dos seus membros.

Soma-se a isso a hostilidade enfrentada por César, uma vez que os territórios eram, a princípio, dominados por Pompeu. Portanto, temos um general sem comida, sem assistência e sem recursos, mas que ainda assim se sagrou vitorioso, o que nos leva a defender, novamente, a importância dos boatos. E é para eles que nos direcionaremos agora. A proposta é expor os seus diversos sentidos e as referências nas fontes em que são encontrados, levando sempre em consideração a dimensão da conjuntura tardo-Republicana.

2.3 OS SIGNIFICADOS DOS BOATOS

As pesquisas acadêmicas contemporâneas, até então, não discutiram acerca da influência dos boatos em contextos bélicos, um esquecimento que, talvez, esteja relacionado à atualidade do debate, ainda pouco aplicado ao mundo antigo, ou ao fato de os estudiosos darem mais crédito à genialidade militar dos comandantes do que à interferência dos boatos nas vitórias.

Com o intuito de escaparmos de tal obliúvio e fugirmos das narrativas focadas em grandes personagens, vejamos como um objeto histórico recente pode ajudar no desenvolvimento de novas interpretações sobre eventos já consolidados. Façamos estritamente dos boatos.

No Capítulo I, delimitamos dez meios de comunicação para pesquisar a circulação de um boato: os próprios boatos, as cartas, os discursos públicos, os éditos, os livros ou panfletos, as notícias, a opinião pública, os recados, o *Senatus consulta* e os sinais, e, ao nos debruçarmos sobre as fontes literárias, notamos uma multiplicidade de referências relevantes à comprovação de nossa hipótese. Na Tabela 1, reproduzimos os dados encontrados:

Tabela 1 – As referências dos meios de comunicação.

(continua)

MEIOS DE COMUNI-CAÇÃO	VOCÁ-BULOS	FONTES LITERÁRIAS							TOTAL DE REFE-RÊNCIAS
		Grupo primário			Grupo secundário				
		<i>Phar-salia</i>	<i>de Bello Civili</i>	<i>epistulae Cice-ronem</i>	<i>de Bello Alexan-drino</i>	<i>de Bello Africo</i>	<i>de Bello Hispa-niensi</i>	<i>de Bello Gallico</i>	
Boatos	<i>audire</i>	23	20	15	2	4	N/A	30	94
	<i>dicere</i>	N/A	3	2	2	4	1	16	28
	<i>famae</i>	52	10	3	1	2	N/A	11	79
	<i>murmurare</i>	17	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	17
	<i>nuntiare</i>	1	5	4	6	14	10	41	81
	<i>rumores</i>	2	3	4	1	2	N/A	5	17
	<i>sermões</i>	1	5	12	N/A	57	N/A	4	79
Cartas	<i>litterae</i>	1	20	112	10	7	12	19	181
	<i>litterae publicae</i>	N/A	N/A	3	N/A	N/A	N/A	1	4
Discursos públicos	<i>orationes</i>	3	13	1	4	3	3	21	48
Éditos	<i>edita</i>	N/A	1	N/A	1	N/A	N/A	4	6
Livros ou panfletos	<i>libelli</i>	N/A	N/A	2	N/A	N/A	N/A	N/A	2
Notícias	<i>nuntius</i>	1	45	3	4	7	13	37	110
Opinião Pública	<i>animi</i>	22	25	1	17	22	15	67	169
	<i>loqui</i>	N/A	N/A	1	N/A	2	3	8	14
	<i>opiniones</i>	N/A	31	2	6	2	9	26	76
	<i>voces</i>	78	12	1	N/A	N/A	3	3	97
Recados	<i>tabellae</i>	N/A	1	N/A	N/A	1	1	N/A	3
<i>Senatus consulta</i>	<i>Senatus consulta</i>	N/A	9	3	N/A	N/A	3	4	19
Sinais	<i>Signa</i>	81	39	N/A	7	13	17	40	197

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com base na tabela, observamos que o meio de comunicação mais utilizado é o boato, totalizando 395 referências. Seus vocábulos também são muito frequentes: *audire* aparece 94 vezes nas fontes, *dicere*, 28, *famae*, 79, *murmurare*, 17, *nuntiare*, 81, *rumores*, 17, e *sermões*, 79. Esses números mostram-nos que, em uma guerra

tardo-Republicana, grande parte das informações transitavam por meio do “ouvir falar” ou “foi noticiado”.

O verbo *audire*, por exemplo, tem os sentidos de “[...] ouvir, perceber pelo ouvido; ouvir dizer, saber, ter conhecimento de; e escutar” (SARAIVA, 2006, p. 126). Em geral, surge relacionado à chegada e à movimentação das tropas e dos generais. Como nos diz César: “[...] os habitantes de Cáralis, **tão logo ouviram** que lhes tinha sido enviado Valério e antes mesmo de sua partida, de livre e espontânea vontade expulsaram Cota da cidade” (Caes. *BCiv.* 1, 30, 3, *grifo nosso*).⁴⁶

O verbo *dicere* detém um significado similar: “[...] dizer; afirmar; exprimir, recitar; falar em público; descrever, expor, contar, [...] anunciar; advertir, dar a saber, notificar” (SARAIVA, 2006, p. 370). Também designa o trajeto das milícias e dos estrategos, conforme o trecho retirado das *Guerras Cívicas*: “[...] quando **já se dizia** que era iminente a chegada de César [...] o exército foi tomado de tal pânico que quase todos os soldados do Épiro desertaram” (Caes. *BCiv.* 3, 12, 2, *grifo nosso*).⁴⁷

Por sua vez, as *famae* são definidas como “[...] boato, voz pública, [...] objeto das conversações [...], reputação, renome, estima, honra, glória” (SARAIVA, 2006, p. 472). Vale salientar que a avaliação quantitativa desse vocábulo pode disfarçar a sua verdadeira importância em uma guerra. Ao analisarmos o contexto de suas ocorrências, percebemos que são os boatos mais decisivos e com a maior credibilidade, porquanto “[...] a *fama* quase sempre chega em primeiro lugar [...]” e é “[...] suportada por informações ainda mais confiáveis”, mesmo quando apresenta o relato distorcido dos eventos e dos personagens (GUASTELLA, 2017, p. 118).

Segundo Oliveira (2015, p. 113-114), em Roma, ela

[...] designava [...], em primeiro lugar, o processo de transmissão de uma informação pela conversa, pelo boca-a-boca [...] e, de modo mais geral, toda notícia de caráter incerto. Num segundo sentido, *fama* significava não mais o processo de transmissão, mas o seu resultado. Tratava-se [...] da *opinio uulgi*, da *existimatio hominum*, isto é, da opinião pública ou do julgamento das pessoas (positivo ou negativo) a respeito de um evento ou de uma pessoa conhecida.

⁴⁶ *Caralitani, simul ad se Valerium mitti audierunt, nondum profecto ex Italia sua sponte Cottam ex oppido eiciunt.*

⁴⁷ *Simul Caesar appropinquare dicebatur, tantusque terror incidit eius exercitui, ut paene omnes ex Epiro finitimisque regionibus signa relinquerent.*

A *fama* é a responsável por celebrar ou destruir a reputação no presente e transmitir aos pósteros a memória do passado. Está ligada, então, ao fato de que alguém ou algo é falado extensivamente e por um longo tempo. Daí advém sua relevância para o nosso trabalho (GUASTELLA, 2017). Por exemplo, a reputação de César era tão comentada que assustava os adversários, fazendo com que desistissem de enfrentá-lo. É o que assinalamos nas *Guerras Africanas*: “A cavalaria de Cipião [...], chegou em Parada; mas foi recusada a sua entrada pelos habitantes, **após ouvirem a fama** da vitória de César [...]” (*BAfr.* 86, 1, *grifo nosso*).⁴⁸

Por seu turno, o verbo *murmurare*, localizado apenas na *Farsália*, remete a “[...] falar em voz baixa, murmurar, cochichar, resmungar, segredar” (SARAIVA, 2006, p. 761). Tais sussurros são valorosos devido à sua intensa repetição e ressonância, percorrendo rapidamente comunidades, regiões e acampamentos militares, um quadro constatado nos versos lucanianos: “[...] mas indecisa a **murmurante** tropa/ consigo a dúvida rumina” (*Luc. Phars.* 1, 352-353, *grifo nosso*).⁴⁹

O próximo vocábulo compreende o verbo *nuntiare* e se restringe às informações acerca de acontecimentos bélicos e do estabelecimento de alianças. Fixado como “[...] anunciar, trazer uma notícia [ou] apresentar uma mensagem [...]”, representa os boatos transmitidos pelos espectadores dos eventos (SARAIVA, 2006, p. 793). Por essa razão, adquire o caráter de uma notícia oficial, tornando-se bastante persuasivo e eficaz, atributo, aliás, elucidado na seguinte passagem: “[...] nesse meio tempo, **noticiaram** a César que os habitantes de Sulmona [...] estavam desejosos de cumprir as suas ordens” (*Caes. BCiv.* 1, 18, 1, *grifo nosso*).⁵⁰

Outro vocábulo é *rumores*, delimitado como “[...] boato, [...] notícia, [...] rumor público, fama; reputação, [...] grito, murmúrio, ruído [...]” (SARAIVA, 2006, p. 1048). Apesar de poucas serem as referências a eles – um total de 17 –, surgem em cenários bem decisivos, como cercos e batalhas, e são os que mais refletem a opinião pública dos envolvidos nos confrontos. Reparemos:

⁴⁸ *Equites interim Scipionis [...], perveniunt ad oppidum Paradae. Ubi cum ab incolis non reciperentur, ideo quod fama de victoria Caesaris praecurrisset.*

⁴⁹ *At dubium non claro murmure uolgus/ secum incerta fremit.*

⁵⁰ *Interim Caesari nuntiatul Sulmonenses [...] cupere ea facere, quae vellet.*

Muitos generais do rei o encontraram [César] no caminho, e imploraram por perdão; a todos enviou palavras amistosas, e eles se reuniram em Zama. O **rumor** de sua clemência e brandura espalhou-se por todas as partes, e a cavalaria Numida correu para César em Zama [...] (BAfr. 92, 2, grifo nosso).⁵¹

O último vocábulo dos boatos é *sermones* e pode ser entendido como “[...] discurso familiar, conversação, conversa, [...] objeto de conversação de todos, [...] ditos que correm no público; falatório; rumor” (SARAIVA, 2006, p. 1091). Esses enunciados denotam prosas coloquiais a respeito de assuntos públicos, influenciando na construção da opinião geral. Como exemplo, temos um trecho das *Guerras Civis* em que os pompeianos comentam com os cesarianos sobre a atitude de César em não os matar. A conversa torna-se profícua e os pompeianos decidem consensualmente passar para o lado de César, julgando-o benevolente:

A ausência dos comandantes proporciona aos seus soldados a oportunidade de dialogar livremente com os nossos; eles aparecem vindos de todos os lados, e os que tinham conhecidos ou conterrâneos no acampamento de César procuram por eles e os chamam. Todos começam por agradecer a todos porque, diziam, na véspera, [...] tinham sido poupados. Depois, perguntam sobre a lealdade de César; agiriam corretamente entregando-se a ele? Lamentam não tê-lo feito desde o início e ter empunhado armas contra pessoas amigas e do mesmo sangue. [...] Estimulados pelas **conversas**, [...] eles garantem que passarão imediatamente seus estandartes para o lado de César; [e] enviam, como delegados, centuriões das patentes mais elevadas, para tratar da paz [...] (Caes. BCiv. 1, 74, grifo nosso).⁵²

Depois de analisarmos os boatos, passemos aos outros meios de comunicação. O interesse em explorá-los advém da obrigação de verificar a proeminência dos boatos em relação aos demais veículos de informação do período tardo-Republicano, razão que norteou o recolhimento dos vocábulos *litterae*, *litterae publicae*; *orationes*; *edita*; *libelli*; *nuntius*; *animi*, *loqui*, *opiniones*, *voces*; *tabellae*; *Senatus consulta* e *signa*.

⁵¹ *Ipse postero die Utica egressus cum equitatu in regnum ire contendit. Interim in itinere ex regiis copiis duces complures ad Caesarem veniunt orantque ut sibi ignoscat. Quibus supplicibus venia data Zamam perveniunt. Rumore interim perlato de eius lenitate clementiaque propemodum omnes regni equites Zamam perveniunt ad Caesarem [...].*

⁵² *Quorum discessu liberam nacti milites colloquiorum facultatem vulgo procedunt, et quem quisque in castris notum aut municipem habebat conquirunt atque evocat. Primum agunt gratias omnibus, quod sibi perterritis pridie pepercissent: eorum se beneficio vivere. Deinde de imperatoris fide quaerunt, rectene se illi sint commissuri, et quod non ab initio fecerint armaque cum hominibus necessariis et consanguineis contulerint, queruntur. His provocati sermonibus [...] Quibus confirmatis rebus se statim signa translaturus confirmant legatosque de pace primorum ordinum centuriones ad Caesarem mittunt [...].*

Ao pesquisá-los nas fontes literárias, comprovamos a disparidade no tocante aos boatos (395 menções). Por exemplo, existem 185 cartas, 48 discursos públicos, seis éditos, dois livros, 110 notícias, 356 alusões às opiniões públicas, três recados, 19 *Senatus consulta* e 197 sinais. São números que revelam a validade do boato, a legitimidade da nossa hipótese e a maior circulação de comunicações informais nas guerras; são 1.134 canais não oficiais e 187 oficiais.

Portanto, boa parte das notícias circulava por meio do “ouvir dizer”, um falar que funcionava como um grito de alerta, isto é, um brado anunciador de perigos vindouros e medos compartilhados. Dentre os gritos possíveis, o que provocava um completo alarde, a nosso ver, era a *fama*, pois ela impulsionava decisões vitais em momentos bélicos, alterando as alianças e encorajando os indivíduos a escolherem um partido, ou dissuadindo-os disso. Sua importância era tamanha que as cidades sempre a apuravam antes de tomar uma decisão, e quanto maior a *fama* de um comandante mais receio tinham de se declararem seus inimigos. E vale lembrar: Pompeu e César tinham muita *fama* antes do ano 49. Portanto, como o propósito deste capítulo é investigar contextos, julgamos essencial abordar o cenário no qual os dois edificaram suas *famae*.

2.4 AS *FAMAE* DE POMPEU E CÉSAR

As vidas de Pompeu e César foram objeto de muitos estudos e produções culturais. Neles, por exemplo, Magno sempre foi reconhecido como um homem melancólico, um excepcional estrategista, um bom administrador e um grande defensor dos ideais republicanos (SEAGER, 1972). César, por sua vez, teve a *fama* de um general intrépido, disciplinador e conquistador. Suas façanhas políticas e militares nunca foram esquecidas pelos escritores da posteridade; seu nome passou a significar poder e a identificar desde os imperadores romanos até os governantes modernos (GRIFFIN, 2009).

Em relação a Pompeu, os textos da Roma tardo-Republicana demonstram fascínio por sua pessoa e por sua capacidade como líder, a qual, inclusive, é elogiada pelos

opositores políticos (*BHisp.* 58; *Plut. Caes.* 13; *Suet. Iul.* 27). Há ainda louvores à sua imagem física, comparada à de Alexandre, o Grande, devido às feições de seu rosto e ao seu cabelo ondulado (*Plut. Pomp.* 2, 2-4)⁵³, uma semelhança, aliás, muito bem utilizada por Pompeu. Segundo Zanker (1988), o estrategista romano usou as mesmas fórmulas heroicas dos retratos helenísticos para confeccionar as suas estátuas, escolhendo os olhos elevados e o estilo ondulado dos cabelos para consagrar o título de "novo Alexandre". Vejamos as Figuras 5 e 6:

Figura 5 – Busto de Pompeu (séc. I).

Fonte: Museu de Arqueologia Clássica de Cambridge.⁵⁴

Figura 6 – Mosaico de Alexandre (100 d.C.).

Fonte: Museu Arqueológico Nacional de Nápoles.⁵⁵

Pompeu iniciou a sua vida militar aos 23 anos de idade, em 83. Nesse contexto, recrutou os camponeses assentados nas propriedades de sua família, no Piceno, para lutarem por Sula na Sicília e na África. Foi aí que adquiriu renome e o título de *Magno*, oferecido pelo próprio Sula (*Plut. Pomp.* 13, 6-10).

⁵³ Cneu Pompeu Magno nasceu em 106 na região do Piceno, a leste de Roma. Era oriundo de uma rica família provincial, e seu pai, Cneu Pompeu Estrabão, foi o primeiro de sua genealogia a alcançar a posição consular, em 89. Cf. Seager (2002).

⁵⁴ Disponível em: <http://museum.classics.cam.ac.uk/collections/casts/pompey-gnaeus-pompeius-magnus>.

⁵⁵ Acervo pessoal.

Na mesma época, foi conferido a ele o Triunfo, uma honraria alcançada, vale mencionar, sem a detenção dos requisitos necessários, pois Magno ainda pertencia à ordem equestre. Com o desfile triunfal, adquiriu popularidade entre os cidadãos mais pobres de Roma e influência política, chegando a decidir as eleições consulares de 83 (Plut. *Pomp.* 14-15).

Anos depois, em 76, recebeu o governo da Hispânia Citerior para lutar contra a rebelião de Quinto Sertório (76-71), um antigo aliado de Mário. À frente de tal província, tornou-se procônsul de modo irregular, porquanto não tinha exercido nenhuma das magistraturas intermediárias. Essa rápida ascensão conferiu-lhe mais *status* e o ajudou na batalha, pois muitos dos seus inimigos, ao serem informados de sua chegada, decidiram trair Sertório e apoiá-lo. Assim, conquistou os adversários e subjugou 876 cidades (Plut. *Pomp.* 18).

Em 71, depois das campanhas na Península Ibérica, Pompeu foi chamado pelo Senado para combater Espártaco e seus seguidores. A batalha culminou com a morte de 5.000 rebeldes e tornou Magno conhecido, em toda a Itália, como o *adulescentulus carnifex* (Val. Max. 6, 2, 8). Após o êxito, recebeu o consulado e o triunfo pelas vitórias na Hispânia e na Itália.

Em 67, com 39 anos de idade, foi convocado a enfrentar os piratas no mar Egeu. Para a expedição, os senadores aprovaram a *Lex Gabinia* e a *Lex Manilia*, concedendo ao general o domínio absoluto sobre “[...] todo o mar e toda a terra” e poderes ilimitados na condução da guerra (Plut. *Pomp.* 25, 3, 4). Ao final, apossou-se da maior parte das províncias da Ásia, impôs arranjos políticos, fundou cidades e obteve o apoio e a clientela de monarcas,⁵⁶ glórias que lhe renderam o apelido de “Agamenon”, isto é, “rei dos reis”.⁵⁷

Entre os anos de 60 a 56, Pompeu se dedicou à política em Roma, deixando de lado, por um tempo, a carreira militar. Nesse sentido, celebrou três triunfos e ofereceu espetáculos, dinheiro e banquetes a toda a população (Plut. *Pomp.* 43-45). Ao mesmo tempo, convenceu o Senado a reconhecer os seus arranjos políticos no Oriente e o assentamento de seus veteranos. Também estabeleceu uma coalizão

⁵⁶ Pompeu, inclusive, aventurou-se em campanhas contra os Partas e impôs a pacificação à Judeia e à Palestina, que se encontravam rebeladas (App. *Mith.* 12, 17).

⁵⁷ Plut. *Caes.* 41, 2; 42, 2; Plut. *Pomp.* 67, 3; App. *B Civ.* 2, 69; *Caes. BCiv.* 3, 72; 3, 82-83.

com Crasso e César, em 59, objetivando eleger os cônsules e preservar os seus interesses e de seus aliados.⁵⁸

O vínculo entre César e Magno merece um destaque especial, pois foi firmado com o matrimônio de Júlia – filha do primeiro – com Pompeu. Por meio de tal acordo, cada um recebeu o governo de uma região do Império por cinco anos: Pompeu ficou com as Hispânicas Citerior e Ulterior, Crasso com a Síria e César com a Gália Cisalpina, a Transalpina e o Ilírico (Plut. *Caes.* 13).⁵⁹

A aliança entre os três políticos continuou e, em 56, firmaram um novo acordo na cidade de Luca. Plutarco (*Caes.* 21) afirma que eles prorrogaram os seus proconsulados por mais um quinquênio, decidiram que Pompeu e Crasso seriam eleitos cônsules em 55 e definiram que César receberia mais dinheiro para suas campanhas na Gália. Todas essas medidas foram sancionadas por cem senadores presentes durante o momento.

Sob a posse do consulado, em 55, Magno resolveu o problema da importação de grãos, o que lhe proporcionou o apoio dos tribunos da plebe e da população mais pobre. No mesmo ano, finalizou a construção de um suntuoso teatro no Campo de Marte, ao norte do Circo Flamínio, com o seu próprio nome: *Theatrum Pompeium*, um edifício que, segundo Platner (1929), representava a glorificação de um indivíduo em uma escala jamais vista, porquanto foi o primeiro teatro permanente da capital. É o que notamos na Figura 7:

Figura 7 – Reconstituição do teatro de Pompeu.

⁵⁸ A aliança é conhecida modernamente como “primeiro triunvirato”.

⁵⁹ Cabe ressaltar que essa manobra foi excepcional, pois a lei determinava que o governador de uma província teria o mandato de apenas um ano.

Fonte: King's College.⁶⁰

O evento de inauguração ocorreu grandiosamente. Plutarco (*Pomp.* 52, 4) relata os concursos de ginástica, musicais e lutas de animais selvagens oferecidos por Pompeu, chamando a atenção para um “[...] combate de [vinte] elefantes, que foi um espetáculo mais terrível”.⁶¹ Plínio (*NH.* 8, 20, 21) também comenta sobre a temerosa atração, salientando que, antes de desfalecerem, os bichos começaram a chorar. Suas lágrimas revoltaram os espectadores, cuja reação resultou em um repúdio público de Magno. As mortes favoreceram o aumento de sua *fama* como um homem cruel, a qual percorreu todos os cantos de Roma. Cícero (*Fam.* 7, 1, 3) foi um dos que criticaram o episódio:

O último dia foi o dos elefantes e, naquele dia, a plebe e a multidão ficaram muito impressionadas, mas não manifestaram prazer. De fato, o resultado foi uma certa compaixão e uma espécie de sentimento de que essa enorme fera é muito semelhante a raça humana.⁶²

⁶⁰ Reconstituição do teatro de Pompeu em três dimensões pelo Professor Martin Blazeby, do King's College. Disponível em: <http://www.humanities.mq.edu.au/acans/caesar/images-coins/3DVisualisation-theatre-of-Pompey.jpg>.

⁶¹ ἐπὶ πᾶσι δὲ τὴν ἐλεφαντομαχίαν, ἐκπληκτικώτατον θέαμα, παρέ.

⁶² *Extremus elephantorum dies fuit: in quo admiratio magna vulgi atque turbae, delectatio nulla exstitit; quin etiam misericordia quaedam consecuta est atque opinio eiusmodi, esse quandam illi beluae cum genere humano societatem.*

Entre 54 e 53, a aliança entre Pompeu, César e Crasso começou a ruir; *a priori* porque Júlia faleceu enquanto dava à luz, e *a posteriori* por causa da morte de Crasso e da derrota das suas sete legiões na Batalha de Carras, acontecimentos que suscitaram a necessidade de um novo arranjo entre os dois restantes. Mas, em virtude das novas alianças firmadas com os *optimates* por Pompeu, pouco a pouco começaram a se distanciar (Plut. *Caes.* 31; Plut. *Crass.* 33; Suet. *Iul.* 26-29).⁶³

Então, Magno decidiu, em 52, realizar duas manobras para fortalecer o seu poder e enfraquecer o de seu adversário: tornou-se *consul sine collega* (cônsul único), sob a justificativa da violência praticada pelos partidos na capital, e tentou retirar duas legiões de César da Gália para direcioná-las ao Oriente, o que acabou não dando certo (Plut. *Pomp.* 53-55). Nesse mesmo ano, pretendeu ainda associar a sua imagem à do herói grego Hércules, patrocinando a cunhagem de uma moeda que aludia às suas próprias vitórias (Figura 8).

Figura 8 – Denário de prata representando Pompeu como Hércules.

Obverso: Cabeça de Hércules usando a pele de um leão. Legenda: S.C.

Reverso: Globo rodeado por três pequenas coroas e uma grande coroa de flores; abaixo, à esquerda, *aplustre*; abaixo, à direita, um feixe de trigo.

Fonte: RRC 426/3.

⁶³ Suetônio (*Iul.* 26-29) alega que, nesse contexto, Pompeu recusou o matrimônio com Otávia, sobrinha de César.

Crawford (1974) explica que as três pequenas coroas rememoram os triunfos de Pompeu sobre os marianos na Líbia, sobre Sertório na Hispânia e sobre Mitrídates na Ásia (Plut. *Pomp.* 45, 5; Vell. Pat. 2, 40, 4). A grande coroa, por seu turno, relembra a *corona aurea* (coroa de ouro) concedida ao general em 63, após o seu retorno das campanhas no Oriente. O *οἰκουμένη* estampado no centro simboliza que Magno conquistou todo o mundo conhecido (Dio. 37, 21, 2-4), enquanto o *aplustre* e o trigo representam, respectivamente, sua vitória naval contra os piratas e a *Cura Annonae*, quando resolveu o problema da fome, em 57.

Em 50, Pompeu conseguiu a aprovação de duas leis, na tentativa de prejudicar o seu oponente. A primeira proibia as candidaturas *in absentia*, porquanto sabia que César desejava tornar-se cônsul, mas encontrava-se na Gália. A segunda proibia um cônsul de assumir o governo de uma província romana sem respeitar o interstício de cinco anos. Simultaneamente, o senador Marcelo propôs a remoção das províncias de César e a perda da cidadania de seus colonos assentados em *Novum Comum* (Plut. *Caes.* 56; Suet. *Iul.* 28).

Até aqui, estudamos como Pompeu construiu a sua *fama* antes dos conflitos civis contra César. Tratemos agora da *fama* de César.⁶⁴

A primeira menção das fontes sobre os feitos de César é referente ao ano de 74. Ela relata o sequestro do jovem romano por piratas cilícios e sua retenção em uma ilha por cerca de 30 dias. De acordo com Plutarco (*Caes.* 2), apesar de tais corsários serem os maiores assassinos do mundo, não conseguiram amedrontar César e, logo após o pagamento do resgate, ele reuniu alguns homens e voltou à ilha para capturar os corsários e levá-los a Pérgamo. Lá, mandou enforcar e crucificar todos.

Nesse mesmo ano viajou à Grécia para aulas de retórica com Apolônio. Os conhecimentos adquiridos foram utilizados quando em Roma, para ganhar renome como orador e participar de casos jurídicos. Sua notoriedade o ajudou a tornar-se amado e querido pelo povo, levando-o à eleição como tribuno militar em 70 (Plut. *Caes.* 4-5; Suet. *Iul.* 3-5).

⁶⁴ Caio Júlio César nasceu no ano 100, em Roma. Era oriundo de uma família de senadores que dizia ter as suas origens em uma estirpe de reis do passado (Suet. *Iul.* 6). Os *Iulii*, contudo, tiveram o seu prestígio diminuído com o tempo e, quando César era criança, já não vigoravam mais no panorama político como protagonistas, pois haviam perdido grande parte do seu patrimônio e de sua influência. Coube a ele a missão de resgatar a *dignitas* de seus ascendentes. Cf. Badian (2009).

Em 67, com 33 anos de idade, voltou a fazer uso de sua eloquência. Na ocasião, proferiu um elogio fúnebre em homenagem à sua mulher Cornélia e à sua tia Júlia, a antiga esposa do general Mário. Essa exposição de dever familiar fez com que o povo o venerasse ainda mais e o visse como bondoso e cordial (Plut. *Caes.* 5). É válido mencionar que César, ao falar sobre sua tia, ressaltou uma ascendência real e divina, afirmando que sua família era “[...] descendente, por parte de sua mãe, de reis e, por parte de seu pai, possuía parentesco com os deuses imortais; quanto aos *Marcii Reges* (a família de sua mãe), retornavam até Ancus Marcius e os *Julii*, a Vênus” (Suet. *Iul.* 6).⁶⁵

Após o discurso foi eleito Edil em 66. À ocasião, ofereceu jogos, festas públicas e combates de 320 pares de gladiadores, superando a magnificência dos eventos anteriores. Logo, “[...] tornou o povo tão afeiçoado a ele, que todos iam imaginando novas magistraturas, novas honrarias e novas atividades para recompensá-lo” (Plut. *Caes.* 5, 5).⁶⁶ Ainda como Edil,

[...] mandou fazer secretamente estátuas de Mário, junto aos seus triunfos e troféus de suas vitórias, as quais ordenou colocar durante a noite, no Capitólio. No dia seguinte, pela manhã, quando viram brilhar as estátuas douradas, muito bem-feitas e trabalhadas, com as inscrições das vitórias de Mário sobre os cimbrios, todos se admiravam da ousadia daquele que lá as havia feito colocar, pois muito bem se sabia o culpado; espalhou-se imediatamente a notícia por toda a cidade e grande multidão acorreu para vê-las (Plut. *Caes.* 6, 1-2).⁶⁷

A notoriedade de César, portanto, crescia cada vez mais. Plutarco (*Caes.* 6, 3-4) alega que muitos dos seus antigos admiradores, ao saberem do feito, correram ao Monte Capitolino e admiraram as estátuas com gritos e aplausos, comoções justificadas pela força da memória de Mário, que amparou a plebe com leis para a diminuição do preço do trigo, a concessão de terras e a cidadania aos veteranos de guerra (LINTOTT, 1992). De acordo com Suetônio (*Iul.* 11), a associação a Mário

⁶⁵ *Amitae meae Iuliae maternum genus ab regibus ortum, paternum cum diis immortalibus coniunctum est. Nam ab Anco Marcio sunt Marcii Reges, quo nomine fuit mater; a Venere Iulii, cuius gentis familia est nostra.*

⁶⁶ οὕτω διέθηκε τὸν δῆμον ὡς καινὰς μὲν ἀρχὰς καινὰς δὲ τιμὰς ζητεῖν ἕκαστον, αἷς αὐτόν ἀμείψαιτο.

⁶⁷ φιλοτιμίαις ἀκμὴν ἐχούσαις εἰκόνας ἐποιήσατο Μαρίου κρύφα καὶ Νίκας τροπαιοφόρους, ἃς φέρων νυκτὸς εἰς τὸ Καπιτώλιον ἀνέστησεν. ἅμα δὲ ἡμέρα τοὺς θεασαμένους μαρμαίροντα πάντα χρυσῶ καὶ τέχνη κατεσκευασμένα περιπτῶς διεδήλου δὲ γράμμασι τὰ Κιμβρικὰ κατορθώματα θάμβος ἔσχε τῆς τόλμης τοῦ ἀναθέντος ὅου γὰρ ἦν ἁδελός, ταχὺ δὲ περιῖων ὁ λόγος ἤθροιζε πάντας ἀνθρώπους πρὸς τὴν ὄψιν.

rendeu a César o *populi favore*, consolidando a sua carreira como político e dando-lhe poderes para pressionar os seus inimigos.

Em vista de tamanha popularidade, foi eleito Questor em 65. Dois anos depois, no ano 63, candidatou-se à *Pontifex Maximus*. O processo eleitoral foi bastante conturbado devido às inúmeras acusações de subornos contra os candidatos envolvidos. Ainda assim César venceu, derrotando adversários superiores em honra e em idade (Suet. *Iul.* 13). Nesse mesmo ano, teve de lidar com a circulação de boatos sobre o adultério de sua mulher com Clódio, cujo resultado gerou o divórcio, pois César queria preservar a sua imagem (Plut. *Caes.* 10).

Em 62, presenciou a conspiração de Catilina. Esse senador, depois de perder pela segunda vez a disputa ao consulado, reuniu um exército para dominar a cidade de Roma (Plut. *Cic.* 15). A conjuração foi utilizada por um inimigo de César, Vétio, para incriminá-lo. Ele escreveu uma carta de próprio punho falsificando a letra do general a fim de associá-lo a Catilina e forjar o seu interesse na tomada da capital. Ao formalizar a acusação diante da população, Vétio foi insultado e massacrado por todos os que estavam em frente aos *rostra* (Suet. *Iul.* 17).

No mesmo ano foi escolhido como governador da Hispânia Ulterior. Mas, antes de partir, teve que devolver aos seus credores o dinheiro emprestado para as suas campanhas políticas e espetáculos públicos. Acertada a questão, dirigiu-se à província e realizou uma boa administração, resolvendo os problemas dos juro que afligiam os habitantes. Em razão do sucesso, acumulou riquezas e ganhou o título de *Imperator* (Plut. *Caes.* 11-12; Suet. *Iul.* 18).

Ao retornar a Roma, em 60, decidiu candidatar-se ao consulado. Com a vitória, defendeu medidas populares que acentuaram seu renome. Sua atuação enérgica, todavia, rendeu-lhe a *fama* de que governava sozinho, fingindo esquecer seu colega de magistratura (Plut. *Caes.* 13; Suet. *Iul.* 20).

Entre os anos 59 a 52, firmou uma aliança com Crasso e Pompeu, a qual lhe assegurou os poderes proconsulares sobre três províncias: o Ilírico, a Gália Cisalpina e a Transalpina. Nestas duas últimas, permaneceu por dez anos e foi

[...] o primeiro dos romanos que, atravessando o Reno por uma ponte, atacou as tribos germânicas que habitavam o país além desse rio, a quem ele derrotou em várias ocasiões. Ele também invadiu os britânicos, um povo antes desconhecido, saindo-se vitorioso e exigindo deles dinheiro e reféns. Em meio a uma série de sucessos, experimentou apenas três vezes o sinal do desastre; uma vez na Bretanha, quando sua frota estava quase toda destruída por uma tempestade; na Gália, em Gergóvia, onde perdeu uma das suas legiões por derrota; e no território dos germanos, quando seus tenentes Titurio e Aurunculeio foram pegos em uma emboscada (Suet. *Iul.* 25, 2).⁶⁸

Destarte, a reputação de César como comandante consolidou-se depois da sua ida à Gália e à Bretanha. Ele próprio fazia questão de enviar relatos e cartas ao Senado e ao povo de Roma, por meio de mensageiros velozes, narrando as disputas com as populações desconhecidas. Cícero, inclusive, comenta com seu irmão Quinto que uma correspondência remetida na Bretanha chegou a Roma em apenas 26 dias (Cic. *QFr.* 3, 1, 6, 25).

A divulgação surtiu o efeito desejado, porquanto a afeição do público da *Urbs* não parava de crescer, e alguns inimigos chegaram a argumentar que o estrategista inventava as façanhas para aumentar a sua *fama* (Plut. *Caes.* 23). Mesmo com as alegações, o entusiasmo continuou intenso, a ponto de Cícero escrever:

Quão feliz fiquei ao receber sua carta da Bretanha! Eu temia o oceano, temia a costa da Ilha. As outras partes da empresa eu não subestimo; [...] é o suspense antes de qualquer verdadeiro alarme que me torna inquieto [...]. Você, no entanto, eu posso ver, possui um esplêndido assunto para descrever, topografia, aspecto natural de coisas e lugares, costumes, raças, batalhas, o seu próprio comandante – que temas para sua pena! (Cic. *QFr.* 2, 15, 4-5).⁶⁹

Outro autor que evidencia sua admiração por César é Apiano:

⁶⁸ *Primus Romanorum pontefabricato adgressus maximis adfecit cladibus; adgressus est et Britannosignotos antea superatistique pecunias et obsides imperavit; per tot successuster nec amplius aduersum casum expertus: in Britannia classe uitempestatis prope absumpta.*

⁶⁹ *O iucundas mihi tuas de Britannia litteras! Timebam Oceanum, timebam litus insulae: reliqua non equidem contemno [...], magisque sum sollicitus exspectatione ea quam metu [...] te vero ὑπόθεσιν scribendi egregiam habere video. Quos tu situs, quas naturas rerum et locorum, quos mores, quas gentis, quas pugnas, quem vero ipsum imperatorem habes!*

Durante os dez anos de sua campanha, combateu contra mais de quatro milhões de homens selvagens, considerando o total, e, destes, um milhão foram feitos prisioneiros e muitos outros mortos em combate. Ele submeteu quatrocentas tribos e mais de oitocentas cidades [...] (App. Gall. 1, 2).⁷⁰

Consoante Suetônio (*Iul.* 25), ao longo dessas campanhas, o líder reuniu 400 milhões de sestércios, presenteando os seus soldados e comprando o apoio político de que precisava na capital. Ao final, recebeu honrarias, aproveitando para distribuir donativos à plebe, comprar um terreno para a construção de um novo Fórum e patrocinar a elevação de monumentos nas províncias.

Em resumo, César trilhou uma trajetória formidável. Ao contrário de Pompeu, obteve a *fama* após exercer praticamente todas as magistraturas de Roma, garantidas a ele em razão de seus esforços e do dinheiro adquirido em guerras. Outrossim, vimos que o general se utilizou intencionalmente da descendência de Vênus e dos sucessos anteriores do seu tio Mário para fortalecer o seu poder e a sua representação como chefe militar, uma edificação que se baseou ainda no uso de mensageiros para a circulação de relatos que o representavam como o conquistador de povos e lugares nunca vistos.

Magno, por sua vez, tornou-se consagrado devido a muitos êxitos, destruindo inimigos que ameaçavam a soberania de Roma. Sua imagem foi concebida em paralelo à de Alexandre e Hércules, para além dos títulos recebidos: *Magno*, *adulescentulus carnifex* e *Agamenon*. E seus feitos incitaram sua carreira, na qual triunfou três vezes, em um deles, inclusive, sem possuir a qualificação necessária.

Por fim, verificamos que as *famae* pompeiana e cesariana tornaram-se vigorosas e consolidadas, transformando-se em glórias duradouras. Elas se multiplicaram e se converteram em armas poderosas, capacitando um rápido aumento dos medos e pânicos. Justamente por isso foram compreendidas como gritos de alerta, visto que a movimentação das tropas ou as decisões das cidades eram avaliadas com base no que era “dito” ou “ouvido” sobre os estrategos.

⁷⁰ ἐν τοῖς δέκα ἔτεσιν ἐν οἷς ἐστρατήγησεν, ἐς χεῖρας ἦλθον, εἴ τις ὑφ' ἐν τὰ μέρη συναγάγοι, τετρακοσίων πλείοσι, καὶ τούτων ἑκατὸν μὲν ἐζώγησαν, ἑκατὸν δ' ἐν τῷ πόνῳ κατέκτανον. ἔθνη δὲ τετρακόσια καὶ πόλεις ὑπὲρ ὀκτακοσίας.

Pretendemos continuar a discussão abordando o conteúdo das mensagens militares no período tardo-Republicano. Nosso objetivo é estabelecer uma relação entre os perigos anunciados pelos boatos e o posicionamento das regiões próximas aos campos de batalhas.

2.5 AS NEGOCIAÇÕES CÍVICAS: AS BUSCAS POR ACORDOS

De acordo com César, nos momentos conflituosos, a primeira atitude de uma pessoa que tomasse conhecimento de um boato deveria ser informar as autoridades.

Aquelas cidades [...] têm prescrito por leis que qualquer pessoa que tenha aprendido algo importante para a comunidade com os seus vizinhos, seja por boatos ou pela *fama*, deverá transmiti-lo ao magistrado, e não o comunicar a qualquer outro [...] (Caes. *BGall.* 6, 20).⁷¹

A sugestão advém da emergência de controlar a comunicação informal e evitar possíveis desesperos, por meio da promoção de assembleias públicas que determinariam o futuro da comunidade. Somente com as deliberações é que as cidades se organizariam para iniciar as negociações cívicas com os generais, as quais são discriminadas na Tabela 2.

⁷¹ *Quae civitates [...] habent legibus sanctum, si quis quid de re publica a finitimis rumore aut fama acceperit, uti ad magistratum deferat neve cum quo alio communicet [...].*

Tabela 2 – As referências das negociações cívicas.

A NEGOCIA- ÇÃO CÍVICA	VOCÁ- BULOS	FONTES LITERÁRIAS							TOTAL DE REFE- RÊNCIAS
		Grupo primário			Grupo secundário				
		<i>Phar- salia</i>	<i>de Bello Civili</i>	<i>epistulae Cice- ronem</i>	<i>de Bello Alexan- drino</i>	<i>de Bello Africo</i>	<i>de Bello Hispa- niensi</i>	<i>de Bello Gallico</i>	
Alianças	<i>amicitiae</i>	N/A	16	N/A	14	3	N/A	34	67
	<i>clientes</i>	2	2	N/A	1	2	N/A	13	20
	<i>paces</i>	N/A	8	27	3	1	3	24	66
	<i>socii</i>	18	6	3	6	3	N/A	14	50
Dificuldades	<i>aquae</i>	N/A	22	N/A	7	8	5	11	53
	<i>fames</i>	13	1	4	N/A	N/A	N/A	4	22
	<i>hiberna</i>	2	1	N/A	2	1	1	7	14
	<i>hiemes</i>	7	8	N/A	1	2	N/A	30	48
	<i>inopiae</i>	8	15	N/A	2	6	1	28	60
	<i>prohibere</i>	N/A	32	N/A	5	4	2	45	91
	<i>tempestates</i>	N/A	8	2	5	3	3.	14	35
	<i>tempus difficillimum</i>	N/A	1	1	1	2	N/A	6	11
	<i>tempus longum</i>	N/A	5	N/A	N/A	N/A	N/A	4	9
Pedidos	<i>arbores</i>	N/A	4	N/A	1	1	N/A	4	10
	<i>frumenta</i>	N/A	44	3	4	19	N/A	78	148
	<i>ignes</i>	N/A	8	N/A	N/A	2	4	4	18
	<i>iumenta</i>	N/A	12	N/A	2	6	11.	10	41
	<i>ligna</i>	N/A	5	N/A	1	4	3	1	6
	<i>pecora</i>	N/A	3	N/A	1	1	N/A	10	15
	<i>pecuniae</i>	N/A	22	3	6	10	4	10	55
	<i>sales</i>	N/A	1	N/A	N/A	1	N/A	N/A	2

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como observamos, as dificuldades são as que detêm o maior número de ocorrências nas fontes, totalizando 341 referências. Elas, no entanto, não constituíam uma negociação de fato, mas representavam as causas propulsoras do estabelecimento de acordos entre as cidades e os comandantes. Por essa razão, elas foram incluídas na tabela.

O principal motivo da definição de pactos advinha da privação (*prohibere*) de víveres – com 91 menções. Tais privações, em geral, eram utilizadas como estratégias de guerra, cujo propósito era forçar os exércitos a desertar ou a se render. É o que assinalamos nas *Guerras Alexandrinas*:

Marcello foi mais intenso nas marchas, pois comandava soldados veteranos de grande experiência. Cássio dependia mais da fidelidade do que da coragem de suas tropas. Os dois acampamentos estavam muito próximos um do outro, [e] Marcello apoderou-se de um terreno, onde construiu um forte, muito conveniente para **privar** o inimigo da água (*BAlex.* 61, 1, *grifo nosso*).⁷²

Outras dificuldades que impulsionavam a solicitação de tratos eram as *inopiae* (penúrias) e a falta de água (*aquae*), contabilizando 60 e 53 alusões, respectivamente. Nas palavras de César:

A princípio os soldados de Afrânio, exultantes, saíam correndo do acampamento a nos ver e nos acompanhar com gritos insultantes: “pela **penúria** de víveres, eram forçados a fugir e tornar a Lérida” (*Caes. BCiv.* 1, 69, 1, *grifo nosso*).⁷³

[Depois] os afranianos, completamente bloqueados, há quatro dias sem forragem, com os animais retidos dentro do acampamento, com escassez de **água**, lenha e trigo, [pediram] conversações e, se possível, longe da presença dos soldados [...] (*Caes. BCiv.* 1, 84, 1-2, *grifo nosso*).⁷⁴

O inverno (*hiemes*) também era um quadro bastante temido – com 48 citações –, porque gerava perdas significativas, como mortes, doenças e extinção de alimentos e animais. Não é à toa que os generais evitavam mobilizar os seus soldados nessa estação, preferindo hibernar nos quartéis:

⁷² *Erat copiis pedestribus multo firmior Marcellus; habebat enim veteranas nultisque proeliis expertas legiones. Cassius fidei magis quam virtuti legionum confidebat. Itaque, cum castra castris collata essent et Marcellus locum idoneum castello cepisset quo prohibere aqua Cassianos posset.*

⁷³ *Ac primo Afraniani milites uisendi causa laeti ex castris procurrebant contumeliosque uocibus prosequerantur nostros: necessarii uictus inopia coactos fugere atque ad llerdam reuerti.*

⁷⁴ *Tandem omnibus rebus obsessi, quartum iam diem sine pabulo retentis iumentis, aquae, lignorum, frumenti inopia colloquium petunt et id, si fieri possit, semoto a militibus loco.*

César, por lhe terem os inimigos tomado a dianteira na marcha para Dirráquio, põe termo à sua pressa, monta acampamento junto ao rio Apso, no território dos apolinenses, com o objetivo de proteger, com fortificações e postos de observação, as cidades que mereciam o seu reconhecimento; decide aguardar a chegada das demais legiões da Itália, e **invernar** sob tendas (Caes. *BCiv.* 3, 13, 5, *grifo nosso*).⁷⁵

A segunda negociação mais frequente nas fontes eram os pedidos, perfazendo 285 referências. Essas demandas, fossem de comida ou madeira, determinavam a sobrevivência das milícias em batalha e nos contextos de penúria, talvez, a vitória. Assim, as *frumenta* (trigo e cevada) são as maiores solicitações, com 148 menções. César, por exemplo, todos os dias “[...] requeria [...] aos heduos o **trigo** que tinham solenemente prometido; pois, achando-se a Gália [...] situada sob o setentrão, não só não estava a madurar há meses por causa do frio, mas nem ainda abundava assaz forragem nos campos” (Caes. *BGall.* 1, 16, 1-2, *grifo nosso*).⁷⁶

Outro requerimento constante eram os de *pecuniae* (moedas), com 55 alusões. O seu uso se destinava ao pagamento das tropas e às compras de alimento para os acampamentos, razão que justifica a pressa e a urgência dos líderes em adquiri-las. Conforme observamos nas *Guerras Civis*:

[Pompeu] promoveu recrutamento em toda a província; após formar duas legiões completas, a elas incorporou perto de trinta coortes auxiliares. [...] Fez transportar para a cidade de Cádiz todas as **moedas** e todo o tesouro do templo de Hércules; para lá enviou da província uma guarnição de seis coortes e pôs no comando dessa cidade Gaio Galônio [...] (Caes. *BCiv.* 2, 18, 1-2, *grifo nosso*).⁷⁷

Não podemos deixar de mencionar os rogos por *iumenta* (animais), os quais somam 31 passagens. Estão inclusos aí os seres usados na dieta ou no transporte de cargas, a exemplo dos cavalos, bois, vacas e mulas. Eram tão essenciais nas

⁷⁵ *Caesar praeoccupato itinere ad Dyrrachium finem properandi facit castraque ad flumen Apsum ponit in finibus Apolloniatum, ut bene merita civitates tutae essent praesidio, ibique reliquarum ex Italia legionum adventum exspectare et sub pellibus hiemare constituit.*

⁷⁶ *Interim cotidie Caesar Haeduos frumentum, quod essent publice polliciti, flagitare. Nam propter frigora [quod Gallia sub septentrionibus, ut ante dictum est, posita est,] non modo frumenta in agris matura non erant, sed ne pabuli quidem satis magna copia suppetebat.*

⁷⁷ *Frumenti magnum numerum coegit, quod Massiliensibus, item quod Afranio Petreioque mitteret. [...] Pecuniam omnem omniaque ornamenta ex fano Herculis in oppidum Gades contulit; eo sex cohortes praesidii causa ex provincia misit Gaiumque Gallonium.*

disputas que levavam os estrategos a apelar “[...] para uma grande quantidade de pessoas e **animais** de toda a província [...]” (Caes. *BCiv.* 2, 1, 4, *grifo nosso*).⁷⁸

A última negociação concerne às alianças, contando 203 trechos. Estavam diretamente relacionadas ao planejamento da guerra, sendo estabelecidas entre os chefes militares e os membros das cidades, com o intuito de fixar compromissos defensivos e ofensivos. Nesse sentido, as *amicitiae* (amizades), os tratados de paz (*paces*) e as sociedades (*socii*) são os mais reportados nas fontes (67, 66 e 50 excertos), porquanto eram criados ou rememorados a fim de evitar o derramamento de sangue, em concordância com as seguintes passagens:

Delfos, Tebas e Orcômeno se entregaram espontaneamente a Caleno. De algumas cidades ele se apoderou à força, e as demais populações ele se esforçava por ganhá-las à **amizade** de César, enviando delegações para todas as partes. Quase só disso estava ele ocupado (Caes. *BCiv.* 3, 56, 4, *grifo nosso*).⁷⁹

Enquanto este projeto estava indo adiante, ele nunca deixou de enviar embaixadores a Domício com propostas de **paz** e amizade, imaginando, com isso, que seria mais fácil atraí-lo (*BAlex.* 37, 1, *grifo nosso*).⁸⁰

[...] Por lei e decreto do Senado, fora concluído um acordo de **sociedade** com Ptolomeu pai; em vista disso, [César] fez ver que era sua vontade que o rei Ptolomeu e sua Cleópatra desmobilizassem seus exércitos e que perante ele discutissem suas divergências à luz do direito, e não com recurso às armas (Caes. *BCiv.* 3, 107, 2, *grifo nosso*).⁸¹

De tal maneira, entendemos que as negociações cívicas ocorriam em harmonia com as decisões que as autoridades precisavam tomar. Ademais, vale destacar que eram frutíferas tanto para as *urbes* quanto para os comandantes, pois possibilitavam a preservação citadina de um saque e o resguardo da vida dos soldados e dos escassos recursos que detinham.

⁷⁸ *Ad ea perficienda opera C. Trebonius magnam iumentorum atque hominum multitudinem ex omni provincia vocat; vimina materiamque comportari iubet.*

⁷⁹ *Calenus Delphos, Thebas, Orchomenum voluntate ipsarum civitatum recepit, nonnullas urbes per vim expugnavit, reliquas civitates circummissis legationibus amicitia Caesari conciliare studebat. In his rebus fere erat Fufius occupatus.*

⁸⁰ *Haec cum administraret, numquam tamen intermittebat legatos de pace atque amicitia mittere ad Domitium, cum hoc ipso crederet facilius eum decipi posse.*

⁸¹ *Quod superiore consulatu cum patre Ptolomaeo et lege et senatusconsulto societas erat facta, ostendit sibi placere regem Ptolomaeum atque eius sororem Cleopatram exercitus, quos haberent, dimittere et de controversiis iure apud se potius quam inter se armis disceptare.*

2.6 OS DESTINATÁRIOS E OS REMETENTES: DE ONDE SAEM E PARA ONDE VÃO AS NEGOCIAÇÕES?

Para encerrarmos o capítulo, resta elucidar ainda o caminho percorrido por essas transações. Abordaremos, então, os destinatários e os remetentes das mensagens veiculadas nas lutas, ou seja, os espaços onde a troca de informações se mostrou mais atuante (Tabela 3).

Tabela 3 – As referências dos destinatários e remetentes.

OS DESTINA- TÁRIOS E OS REME- TENTES	VOCÁ- BULOS	FONTES LITERÁRIAS							TOTAL DE REFE- RÊNCIAS
		Grupo primário			Grupo secundário				
		Phar- salia	de <i>Bello Civili</i>	<i>epistulae Cice- ronem</i>	de <i>Bello Alexan- drino</i>	de <i>Bello Africo</i>	de <i>Bello Hispa- niensi</i>	de <i>Bello Gallico</i>	
Destinatários	<i>castra</i>	87	87	16	11	14	11	56	282
	<i>civitates</i>	38	38	N/A	4	2	N/A	12	94
	<i>hiberna</i>	N/A	4	N/A	2	N/A	N/A	31	37
	<i>Europa</i>	8	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	8
	<i>Latium</i>	22	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	22
	<i>oppida</i>	1	37	N/A	2	4	5	7	56
	<i>orbis</i>	84	4	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	88
	<i>provinciae/ regiones</i>	223	50	3	6	4	N/A	9	295
	<i>Roma</i>	75	4	90	N/A	1	N/A	1	171
	<i>senatus</i>	N/A	4	N/A	1	1	1	2	9
	<i>tota Italia</i>	7	4	N/A	N/A	N/A	1	1	13
	<i>villae</i>	N/A	N/A	28	N/A	N/A	N/A	N/A	28
Remetentes	<i>castra</i>	3	34	34	2	4	4	31	112
	<i>civitates</i>	N/A	57	2	2	1	N/A	11	73
	<i>hiberna</i>	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
	<i>Europa</i>	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
	<i>Latium</i>	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
	<i>oppida</i>	N/A	28	N/A	1	3	10	7	49
	<i>orbis</i>	2	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	2
	<i>provinciae/ regiones</i>	N/A	38	7	3	3	N/A	14	65
	<i>Roma</i>	2	4	28	1	N/A	N/A	N/A	35
	<i>senatus</i>	N/A	5	1	N/A	N/A	N/A	4	10
	<i>tota Italia</i>	1	N/A	1	N/A	N/A	N/A	N/A	2
	<i>villae</i>	N/A	N/A	82	N/A	N/A	N/A	N/A	82

Fonte: Elaborada pelo autor.

Atentando para a tabela, percebemos que a maior parte das notícias teve como destinatários e remetentes os acampamentos (*castra*), atingindo 394 referências. A intensa comunicação decorria de cartas, emissários, fugitivos, desertores, legados e boatos que chegavam ou saíam desses lugares com os avisos sobre pedidos e posicionamentos em relação aos confrontos. A título de ilustração, temos os dois trechos abaixo:

Destinatário – No terceiro dia, César já tem o **acampamento** protegido por uma trincheira; dá instruções que lhe tragam as demais coortes e as bagagens deixadas no **acampamento** anterior (Caes. *BCiv.* 1, 42, 4, *grifos nossos*).⁸²

Remetente – “No dia 9 de março eu cheguei a Brundísio e estabeleci **acampamento**”. Pompeu está em Brundísio. Ele enviou N. Mágio a mim visando negociar a paz (Cic. *Att.* 9, 13, 1, *grifos nossos*).⁸³

Continuamente, as segundas localidades em número de informações são as províncias e regiões (*provinciae / regiones*), com 360 menções nas fontes. Ao chegarem lá, os generais logo enviavam aos seus habitantes comissões para diligenciar as questões já explicitadas:

Destinatário – Divulgado o [falso] édito por toda a **província**, não houve uma cidade que nessa data não enviasse a Córdoba parte do seu Senado; não houve um cidadão romano de algum prestígio que não se apresentasse nesse dia (Caes. *BCiv.* 2, 19, 2, *grifos nossos*).⁸⁴

Remetente – César [...] pensava que devia sondar as disposições das **províncias** e avançar um pouco mais para o interior. Como tivessem chegado até ele delegações vindas da **Tessália** e da **Etólia** que lhe asseguravam que, se lhes fossem enviadas guarnições, as cidades daquelas populações cumpririam suas ordens [...] (Caes. *BCiv.* 3, 34, 1-2, *grifos nossos*).⁸⁵

A terceira localidade era a capital do Império, reunindo 206 alusões. Tudo o que acontecia nas províncias chegava à *Urbs*, desde os resultados dos embates até os

⁸² *Tertio die Caesar vallo castra communit; reliquas cohortes, quas in superioribus castris reliquerat, impedimenta que ad se traduci iubet.*

⁸³ *VIII Idus Martias Brundisium veni, ad murum castra posui. Pompeius est Brundisi. Misit ad me N. Magium de pace.*

⁸⁴ *Quo edicto tota provincia pervulgato nulla fuit civitas, quin ad id tempus partem senatus Cordubam mitteret, non civis Romanus paulo notior, quin ad diem conveniret.*

⁸⁵ *Caesar [...] temptandas sibi provincias longiusque procedendum existimabat et, cum ad eum ex Thessalia Aetoliaque legati venissent, qui praesidio misso pollicerentur earum gentium civitates imperata facturas.*

deslocamentos de tropas e rendições. Uma vez lá, as notícias iam para os outros sítios do poderio romano, como nos revelam os dois exemplos:

Destinatário – Quando chega a **Roma** a notícia desses fatos, grassa um tal pânico que, tendo ido o cônsul Lêntulo abrir o erário para, de acordo com as determinações do Senatus-consulto, retirar fundos destinados a Pompeu, mal abriu ele o erário mais recôndito pôs-se a fugir (Caes. *BCiv.* 1, 14, 1, *grifos nossos*).⁸⁶

Remetente – Quando César chegou à Síria [...] tomou conhecimento por meio de pessoas e de cartas vindas de **Roma** que o governo da *Urbs* estava sendo conduzido de forma severa e negligente e todos os assuntos da República eram geridos de forma indiscreta (*BAlex.* 65, 1, *grifos nossos*).⁸⁷

Ao longo deste capítulo, vimos que o período tardo-Republicano foi fortemente marcado por crises e disputas contínuas. A questão da distribuição de terras aos indivíduos mais pobres, os conflitos entre *optimates* e *populares*, as disputas no exterior e as revoltas servis enfatizaram as diferenças sociais entre ricos e pobres e também o problema do abastecimento alimentício na Itália, distúrbios que se mantiveram enraizados durante as guerras civis entre Pompeu e César, quando os exércitos travaram batalhas em cinco províncias distintas e enfrentaram perigosos inimigos, como a fome e a inópia.

Mostramos que no decorrer desses conflitos a maior parte da comunicação ocorreu de modo informal, sendo as notícias transmitidas primordialmente por meio dos boatos, ditos que funcionavam como gritos de alerta, anunciando a *fama* dos líderes e promovendo pânico e medo generalizados. Verificamos ainda que tais reputações influenciavam nas decisões citadinas, levando as autoridades a buscarem negociações cívicas em prol da preservação dos recursos e do corpo de cidadãos. Os acordos eram firmados entre territorialidades distintas, indo desde os acampamentos até as províncias e a capital do Império.

⁸⁶ *Quibus rebus Romam nuntiatis tantus repente terror invasit, ut cum Lentulus consul ad aperiendum aerarium venisset ad pecuniamque Pompeio ex senatusconsulto proferendam, protinus aperto sanctiore aerario ex urbe profugeret.*

⁸⁷ *Cum in Syriam Caesar ex Aegypto venisset atque ab eis qui Roma venerant ad eum cognosceret litterisque urbanis animadverteret multa Romae male et inutiliter administrari neque ullam partem rei publicae satis commode geri.*

O boato, portanto, estava em vários lugares e esferas da vida social, fazendo e desfazendo nomes, precipitando ou encerrando motins. Era uma obra coletiva que manifestava a voz de grupos, a opinião pública, um produto do processo de comunicação, em que os papéis são cuidadosamente distribuídos e representados.

CAPÍTULO III

3 AS TRANSMISSORES DOS BOATOS

A *fama* desse evento rapidamente se espalhou entre todas as cidades da Gália. Pois, na verdade, sempre que um evento importante e ilustre acontece, os gauleses o levam aos gritos através dos campos e de todas as regiões; depois, os outros também se ocupam de transmiti-lo aos seus vizinhos, como então aconteceu (Caes. *BGall.* 7, 3, 2).⁸⁸

A comunicação não existe por si mesma, isolada da coletividade, pois “[...] é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social” (DÍAZ BORDENAVE, 2006). Ela serve para que os sujeitos se relacionem entre si, dividam experiências, ideias e sentimentos, modificando a realidade onde estão inseridos.

É dessa partilha que nasce a sociedade. A partir de determinados impulsos, como instintos eróticos, ímpetos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda e outros, os indivíduos entram em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro. Exercem, assim, efeito sobre os demais e também sofrem efeitos por parte deles. São esses contatos que fazem com que os portadores daqueles impulsos iniciais formem uma unidade – mais exatamente, uma sociedade.

Segundo Simmel (2006), uma das principais formas de interação de tal sociedade são as conversas. Nelas, há um interesse por parte dos envolvidos em não só compartilhar opiniões, mas também influenciar-se mutuamente. Em outras palavras, a troca de informações está permeada de conteúdos intencionais que engendram consequências, como a formação de partidos, as chances de encontro e separação, a mudança entre oposição e cooperação, o engodo e a revanche.

Nas guerras civis, por exemplo, eram muito frequentes as conversas direcionadas à política e às batalhas. Os aristocratas, os generais e as pessoas comuns se encontravam em ambientes de sociabilidade para dialogar acerca dos últimos acontecimentos. Ao fazê-lo, produziam e divulgavam boatos a fim de ganhar a

⁸⁸ *Celeriter ad omnes Galliae civitates fama perfertur. Nam ubicumque maior atque illustrior incidit res, clamore per agros regionesque significant; hunc alii deinceps excipiunt et proximis tradunt, ut tum accidit.*

simpatia dos falares, os quais transitavam dentro de teias de comunicação até atingir um amplo público.

É importante frisar que a amplitude dos boatos dependia diretamente dos seus transmissores e receptores; dos primeiros, porque constituíam fontes confiáveis e soberanas, ou seja, eram *experts*, pessoas conhecedoras do que falavam, como um comandante de tropas ou as lideranças municipais; dos segundos, porque não eram escolhidos ao acaso, mas designados por razões sociais, políticas e militares. Um receptor desempenhava um papel específico no ato da circulação do boato, por isso era escolhido com cuidado. Cada boato tinha sempre o seu público (KAPFERER, 1993). Daí advém a necessidade de apresentarmos os agentes da comunicação.

3.1 OS AGENTES DA COMUNICAÇÃO: OS ATORES DOS BOATOS

No *corpus* textual do grupo primário, encontramos as seguintes menções (Tabela 4):

Tabela 4 – As referências dos agentes da comunicação.

(continua)

OS AGENTES DA COMUNICAÇÃO	CATEGORIAS	FONTES LITERÁRIAS			TOTAL DE REFERÊNCIAS
		Grupo primário			
		<i>Phar-salia</i>	<i>de Bello Civili</i>	<i>epistulae Ciceronem</i>	
Aristocratas	<i>Atticus</i>	N/A	N/A	97	97
	<i>Balbus</i>	N/A	1	13	14
	<i>equestres</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>L. Caesar</i>	N/A	5	6	11
	<i>M. Cato</i>	1	3	1	5
	<i>senatores</i>	N/A	148	68	216
	<i>Terentia</i>	N/A	N/A	8	8
	<i>Tulia</i>	N/A	N/A	7	7
Comandantes de tropas	<i>A. Varrum</i>	N/A	12	N/A	12
	<i>Brutus</i>	1	1	N/A	2
	<i>Caesar</i>	10	261	30	302
	<i>Cicero</i>	N/A	N/A	110	110
	<i>Cn. Domitius</i>	1	7	N/A	8
	<i>Curio</i>	2	25	3	30
	<i>Juba</i>	1	7	N/A	8

(continua)

OS AGENTES DA COMUNICAÇÃO	CATEGORIAS	FONTES LITERÁRIAS			TOTAL DE REFERÊNCIAS
		Grupo primário			
		<i>Phar-salia</i>	<i>de Bello Civili</i>	<i>epistulae Ciceronem</i>	
Comandantes de tropas	<i>Labienus</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>L. Domitius</i>	2	21	13	36
	<i>M. Antonius</i>	N/A	11	6	17
	<i>M. Cotta</i>	1	2	N/A	3
	<i>M. Varrum</i>	N/A	4	N/A	4
	<i>Petreius</i>	1	19	N/A	20
	<i>Pompeius</i>	6	116	24	146
Militares	<i>aquatores</i>	N/A	16	N/A	16
	<i>equites</i>	N/A	20	N/A	20
	<i>exploratores</i>	N/A	4	N/A	4
	<i>frumentarii</i>	N/A	21	N/A	21
	<i>fugitivi</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>legati</i>	N/A	48	3	48
	<i>milites</i>	10	92	1	103
	<i>pabulatores</i>	N/A	13	N/A	13
	<i>perfugae</i>	N/A	9	N/A	9
	<i>speculatores</i>	N/A	2	N/A	2
Outros agentes	<i>amici</i>	N/A	N/A	10	10
	<i>captivi</i>	N/A	3	1	4
	<i>catervae</i>	16	N/A	N/A	16
	<i>cives</i>	3	4	N/A	7
	<i>clientes</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>familiares</i>	N/A	N/A	8	8
	<i>liberti</i>	N/A	N/A	26	26
	<i>tabelarii</i>	N/A	N/A	6	6
	<i>multitudines</i>	N/A	21	N/A	21
	<i>municipes</i>	2	4	6	12
	<i>negotiatores</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>oppidani</i>	N/A	23	N/A	23
	<i>principes</i>	N/A	8	N/A	8
	<i>reges</i>	1	21	N/A	22
	<i>rusticani</i>	N/A	N/A	2	2
	<i>viatores</i>	N/A	N/A	1	1
	<i>servi</i>	N/A	8	3	11
Povos	<i>Aegyptii</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Africani</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Allobroges</i>	N/A	4	N/A	4
	<i>Asiatici</i>	3	N/A	N/A	3

(conclusão)

OS AGENTES DA COMUNICAÇÃO	CATEGORIAS	FONTES LITERÁRIAS			TOTAL DE REFERÊNCIAS
		Grupo primário			
		<i>Phar-salia</i>	<i>de Bello Civili</i>	<i>epistulae Ciceronem</i>	
Povos	<i>Britanni</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Calagurritani</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Corfiniensis</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Cumanii</i>	N/A	N/A	1	1
	<i>Cydones</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Gaditanii</i>	1	2	N/A	3
	<i>Gallii</i>	N/A	4	N/A	4
	<i>Germani</i>	N/A	3	N/A	3
	<i>Gomphensis</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Graeci</i>	N/A	4	N/A	4
	<i>Hispani</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Iacetani</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Lacedaemonii</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Lingones</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Lusitanii</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Macedones</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Massilienses</i>	N/A	12	1	13
	<i>Metropolitae</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Neapolitanii</i>	N/A	N/A	1	1
	<i>Numidae</i>	5	4	N/A	9
	<i>Oscensis</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Parthi</i>	N/A	4	N/A	4
	<i>Phocaici</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Sicani</i>	1	N/A	1	2
	<i>Sulmonensis</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Syriaci</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Tarraconenses</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Thessalos</i>	1	1	N/A	2
	<i>Thracii</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Tyrii</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Uticenses</i>	N/A	1	N/A	1

Fonte: Elaborada pelo autor.

Entre todos os agentes das guerras civis, os comandantes de tropas eram os que mais se comunicavam, chegando a 699 ocorrências nas fontes. Além de

coordenarem os ataques e exigirem provisões, conduziam as negociações com as cidades, tentando conquistar apoio e firmar acordos. Através de boatos, cartas, embaixadores e dos seus próprios homens, difundiam os caminhos a percorrer, as dificuldades dos inimigos e as suas vitórias, anúncios que não só aumentavam as chances de sucesso, mas também preservavam as suas *famae* e a vida dos seus legionários. Era nesse sentido que César e Pompeu se manifestavam:

Na verdade, **César**, em carta a Trebônio, tinha recomendado vivamente não permitisse que a cidade fosse tomada de assalto com violência, para evitar que os soldados, fortemente irritados com a odiosa defecção dos marseheses, com o desprezo de que eram vítimas e com a longa duração do assédio, matassem todos os adultos [...] (Caes. *BCiv.* 2, 13, 3, *grifo nosso*).⁸⁹

Eu teria enviado a você a carta de Pompeu, mas o mensageiro do meu irmão saiu com muita pressa, logo, eu a mandarei amanhã. **Pompeu** adicionou um *post scriptum* com suas próprias mãos: “Eu acho que você deve vir a Lucéria. Você não estará seguro em lugar nenhum” (Cic. *Att.* 8, 1, 1, *grifo nosso*).⁹⁰

Dialogando com os comandantes, temos os aristocratas. Somando 359 referências, compunham o grupo com maior prestígio social, porquanto detinham escravos, clientes, dinheiro, propriedades e até milícias particulares. Os senadores, em especial, eram os que tinham mais influência política, razão pela qual o seu apoio se tornava decisivo – e disputado – durante os combates.⁹¹ Constantemente, os generais trocavam correspondências com eles a fim de alcançar a sua estima, fidelidade e suporte financeiro. É o que notamos na epístola abaixo:

⁸⁹ *Caesar enim per litteras Trebonio magnopere mandaverat, ne per vim oppidum expugnari pateretur, ne gravius permoti milites et defectionis odio et contemptione sui et diutino labore omnes puberes interficerent.*

⁹⁰ *Ipsam tibi epistulam misissem sed iam subito fratris puer proficiscebatur. Cras igitur mittam. Sed in ea Pompei epistula erat in extremo ipsius manu, “tu censeo Luceriam venias. Nusquam eris tutius”.*

⁹¹ Os *equestres* e os *senatores* foram contabilizados nas fontes com base não só nos vocábulos latinos, mas também nos nomes próprios dos homens pertencentes às ordens.

Então, no mesmo dia, recebi uma carta [do **senador**] **Q. Pedio**, advinda de Cápuia, dizendo que César escreveu para ele no dia 14 nos seguintes termos: “Pompeu encontra-se confinado na cidade. Meu acampamento está em seus portões. Estou aventurando-me em um grande trabalho, o qual deverá demorar alguns dias, dependendo da profundidade do mar: mesmo assim, não tenho outra escolha. Estou construindo uma trincheira em ambas as alas do porto para que eu possa impedi-lo de manobrar os navios ou prevenir que ele saia da cidade de uma vez” (Cic. *Att.* 9, 14, 1, *grifos nossos*).⁹²

Os militares também constituíam importantes agentes da comunicação. Com 238 alusões, cuidavam da manutenção das lutas (*milites*), da difusão das mensagens oficiais (*legati*), do abastecimento de trigo da *annona militaris* (*frumentarii*), do reconhecimento dos territórios (*equites*), da provisão de água (*aquatores*), do suprimento emergencial de comida e madeira (*pabulatores*), dos eventos ocorridos nos acampamentos inimigos (*perfugae* e *fugitivi*), da descoberta dos melhores percursos para as marchas (*exploratores*) e da espionagem dos adversários (*speculatores*),⁹³ conforme ilustrado nas Figuras 9, 10, 11 e 12:

Figura 9 – Soldados cortando árvores para construir um acampamento.

Fonte: Friso n. 68 da Coluna de Trajano.⁹⁴

Figura 10 – Soldados cortando árvores para erguer paliçadas.

Fonte: Friso n. 91 da Coluna de Trajano.⁹⁵

⁹² *Ecce tibi eodem die Capua litteras accepi ab Q. Pedio Caesarem ad se pridie Idus Martias hoc exemplo: Pompeius se oppido tenet. Nos ad portas castra habemus. Conamur opus magnum et multorum dierum propter altitudinem maris. Sed tamen nihil est quod potius faciamus. Ab utroque portus cornu moles iacimus, ut aut illum quam primum traicere quod habet Brundisi copiarum cogamus aut exitu prohibeamus.*

⁹³ Sobre os militares, cf. Lee (1975); Watson (1969).

⁹⁴ Cf. Le Bohec (1994, p. xviii).

⁹⁵ Cf. Le Bohec (1994, p. xx).

Figura 11 – Soldados buscando forragens.

Fonte: Friso n. 87 da Coluna de Trajano.⁹⁶

Figura 12 – Soldados buscando forragens.

Fonte: Friso n. 88 da Coluna de Trajano.⁹⁷

Ao realizarem essas tarefas, estabeleciam contato com as comunidades e os quartéis. Ouviam boatos, novidades e planos, que levavam diretamente aos seus líderes ou aos chefes rivais:

Era frequente ouvir, nos turnos de guarda e nas conversas, dizerem os soldados que preferiam comer a casca das árvores a deixar Pompeu escapar-lhes das mãos. Com satisfação, ficavam sabendo através de **desertores** que os cavalos dos inimigos ainda se aguentavam, mas que todos os animais de carga tinham sucumbido; que os próprios soldados não passavam bem de saúde, não só em razão da estreiteza de espaço, do mau cheiro do grande número de cadáveres, dos trabalhos diários a que não estavam afeitos, como também por estarem em grande falta d'água (Caes. BCiv. 3, 49, 1-2, *grifo nosso*).⁹⁸

Excluídos das esferas aristocráticas e militares, havia os outros agentes, com 180 citações nas fontes. Eram representados, por exemplo, pelos libertos (*liberti*), pelos cidadãos provinciais e italianos (*oppidani* e *municipes*), pelos reis e amigos estrangeiros (*reges* e *amici*), pelas multidões (*multitudines* e *catervae*) e pelos servos (*servi*).⁹⁹ Em geral, serviam de intermediários entre os estrategos, os patrícios e as lideranças citadinas, criando e transportando os boatos mais

⁹⁶ Cf. Le Bohec (1994, p. xix).

⁹⁷ Cf. Le Bohec (1994, p. xix).

⁹⁸ *Crebraeque voces militum in vigiliis colloquiisque audiebantur, prius se cortice ex arboribus victuros, quam Pompeium e manibus dimissuros. Libenter etiam ex perfugis cognoscebant equos eorum tolerari, reliqua vero iumenta interisse; uti autem ipsos valetudine non bona, cum angustiis loci et odore taetro ex multitudine cadaverum et cotidianis laboribus insuetos operum, tum aquae summa inopia affectos.*

⁹⁹ Os *liberti* também foram contabilizados com base nos nomes dos indivíduos inseridos nesta ordem.

preocupantes e eficazes. Inclusive, no *corpus* ciceroniano, observamos a atuação dos libertos na transmissão de informações sigilosas com relação a César:

Eu enviei Filotimo, meu **liberto**, a ele [Sérvio Sulpício] com uma carta [...]. Curião está comigo. Ele pensa que César está decaindo na estima popular e não sente segurança a respeito de uma missão na Sicília, caso Pompeu comece as tratativas navais (Cic. *Att.* 10, 7, 2-3, *grifo nosso*).¹⁰⁰

Trabalhando igualmente como intermediários, temos os povos. Perfazendo 82 trechos, organizavam-se em populações urbanas, étnico-regionais ou provinciais, sendo, portanto, uma coletividade bastante numerosa. Por conseguinte, eram os que conservavam a opinião pública mais ampla e resolutiva, cujos efeitos se verificavam na expansão dos boatos por diversos territórios de modo acelerado. Aliás, tanto César quanto Pompeu estavam cientes da relevância de tais povos na disseminação das notícias, visto que sempre os encontramos em diálogo. Vejamos:

Cumpra sua rota em direção a Marselha e, destacando-se secretamente à frente um pequeno barco, anuncia sua chegada a Domício e aos **marselheses**; exorta-os encarecidamente a que, somando suas forças aos reforços enviados, travem novamente combate com a frota de Bruto (Caes. *BCiv.* 2, 3, 3, *grifo nosso*).¹⁰¹

Toda a África aliada às insígnias romanas estava, então, sob Varo, que, embora confiado no brio latino, as forças do rei dilatadas chamou, os **Líbicos brasões [numidas]** do extremo mundo comandados por Jubá (Luc. *Phars.* 4, 666-670, *grifos nossos*).¹⁰²

Os **gregos** informam imediatamente Antônio sobre esses fatos; ele envia informes a César e não permanece no acampamento mais que um dia; no dia seguinte, César se junta a ele (Caes. *BCiv.* 3, 30, 6, *grifo nosso*).¹⁰³

¹⁰⁰ *Iniecta autem mihi spes quaedam est velle mecum Ser. Sulpicium conloqui. Ad eum misi Philotimum libertum cum litteris. Si vir esse volet, praeclara sunodia, sin autem —, erimus nos qui solemus. Curio mecum vixit iacere Caesarem putans offensione populari Siciliaeque diffidens si Pompeius navigare coepisset.*

¹⁰¹ *Cursum Massiliam versus perficit praemissaque clam navicula Domitium Massiliensesque de suo adventu certiores facit eosque magnopere hortatur, ut rursus cum Bruti classe additis suis auxiliis confligant.*

¹⁰² *Omnis Romanis quae cesserat Africa signis/ tum Vari sub iure fuit; qui robore quamquam/ confisus Latio regis tamen undique uires/ exciuit, Libycas gentis, extremaque mundi/ signa suum comitata lubam.*

¹⁰³ *Haec ad Antonium statim per Graecos deferuntur. Ille missis ad Caesarem nuntiis unum diem sese castris tenuit; altero die ad eum pervenit Caesar.*

Até aqui, vimos que a *Farsália*, os *Comentários sobre as Guerras Civis* e as *Cartas* de Cícero apontam a existência de cinco grupos atuantes nas comunicações dos confrontos. É essencial salientar que os agentes inseridos nesses grupos pertenciam a redes de sociabilidade muito coesas, as quais repassavam as informações, em quase sua totalidade, “[...] para amigos, parentes e assim por diante” [...], por meio do “ouvir dizer” (LAURENCE, 1994, p. 62), redes mais intensas em nível local e regional, com hierarquias de diferentes graus de vinculação.

Dentre todas elas, a mais importante era a *família*. Segundo Saller (1995), compreendia uma vasta quantidade de pessoas ligadas por sangue, obrigação ou escravidão, subordinadas ao controle de um *pater familias*. Os indivíduos unidos consanguineamente compunham os irmãos, os filhos e os parentes próximos do chefe da *domus*. Os adjuntos por obrigação abarcavam os libertos e os clientes, os quais mantinham laços pessoais manifestados no patronato – uma instituição baseada na *fides*, ou seja, na ideia de confiança mútua (VENTURINI, 2001). Por seu turno, os conectados pela escravidão apareciam em uma relação de dependência, cuja manutenção oscilava entre a violência, a coerção legal e a cooptação a partir da concessão da liberdade (JOLY, 2004), uma diversidade de sociações que permitia aos seus membros dialogarem todos os dias sobre temas inéditos e longínquos em um curto espaço de tempo.

No interior familiar, os libertos e escravos eram comumente empregados na descoberta e difusão de notícias. Cícero, por exemplo, comenta que os utilizava para buscar relatórios e correspondências:

O motivo pelo qual enviei [o liberto] Aristocrito prontamente ao seu encontro foi o de permitir que você escreva e me diga imediatamente as primeiras etapas formais tomadas e o esboço geral de todo o negócio; embora eu também tenha dado instruções para Dexippo [outro liberto] se apressar de volta o mais rápido possível [...] (Cic. *Fam.* 14, 3, 4).¹⁰⁴

Esses sujeitos ainda tinham vínculos com outras redes que não a *família* do seu patrono e, por isso, representavam um perigo aos aristocratas. Cícero (*Fam.* 7, 25, 1), inclusive, recomenda ao seu amigo Fádio que não confie nenhuma palavra sigilosa aos seus libertos, pois eles poderiam repassá-la a terceiros.

¹⁰⁴ *Ea re ad te statim Aristocritum misi, ut ad me continuo initia rerum et rationem totius negotii posses scribere, etsi Dexippo quoque ita imperavi, statim ut recurreret.*

Outra rede de sociabilidade era a *amicitia*. De acordo com Konstan (2005, p. 7), a amizade no mundo clássico era entendida como uma relação política, pessoal ou familiar, fundada na reciprocidade obrigatória. Envolvia o intercâmbio entre iguais, isto é, entre aristocratas ou equestres, que trocavam dados de interesse público, objetivando fixar alianças. Uma prática usual consistia na requisição de apoio dos *amici* pelos patrícios, quando pretendiam candidatar-se a uma magistratura. Logo, solicitavam a disseminação de elogios às suas pessoas e vitupérios aos seus adversários (Cic. Att. 1, 1).

Embora existissem, as redes não se limitavam a si mesmas. Ao contrário, interligavam-se fazendo com que indivíduos de redes distintas tivessem contato regularmente, possibilitando o conhecimento de inúmeras versões do mesmo fato. Portanto, a comunicação entre os agentes não deve ser entendida como uma cadeia linear de transmissão, mas dentro de múltiplas interações (Figura 13):

Figura 13 – A multiplicidade de redes de um boato.

Fonte: Buckner (1965, p. 61).

Vale destacar, ainda, que as redes podiam organizar-se em difusas e próximas. Nas primeiras, havia uma estrutura de sociabilidade bem definida, a exemplo de uma pequena cidade, uma fraternidade ou uma unidade do exército. Pensando nas guerras civis, tais coletividades evidenciavam-se nos laços familiares, de amizade, de patronato e de servidão. Por sua vez, nas segundas existiam escolhas sociométricas, ou seja, as hierarquias eram demarcadas conforme as necessidades – temos aí as *catervae* e as *multitudines* (BUCKNER, 1965).

Nesse sentido, se um boato fosse muito impactante – como o despertar ou o findar de uma batalha, o assassinato de um governante ou a *fama* de um general –, todos os componentes das redes estariam estimulados a apurá-lo; se fosse insignificante, o interesse não seria tão generalizado.

Daí o comentário de Buckner (1965, p. 63):

[...] sempre que um boato está circulando por uma comunidade ou um grupo, alguns indivíduos terão ouvido ele apenas uma vez, alguns mais de uma vez e outros não vão ouvir nada. A quantidade de repetição que um boato receberá dependerá da situação. Alguns boatos valem mais a pena repetir do que outros, e alguns, mesmo que sejam boatos interessantes e válidos, são constrangedores de se repetir. Mas, deixando de lado as características particulares do boato, duas variáveis a nível de grupo operam para promover ou retardar a propagação ou a repetição de boatos: a estrutura do grupo ou público através do qual o boato se está espalhando e o envolvimento ou interesse do grupo no tópico.

3.2 OS CENTROS DE INFORMAÇÃO: OS CENÁRIOS DAS CONVERSAS

É preciso considerar também – apesar de Buckner não mencionar – os espaços nos quais os boatos circulavam. Afinal de contas, as pessoas não se comunicam num vazio, mas dentro de um ambiente, como parte de uma situação, como momento de uma história. Intitulamos esses locais de centros de informação, isto é, os cenários em que todas as notícias transitavam e para aonde se dirigiam os aristocratas, os comandantes, os militares e os provinciais com o propósito de adquirir informações sobre eventos e personalidades. Observemos a Tabela 5.

Tabela 5 – As referências dos centros de informação.

(continua)

OS CENTROS DE INFORMAÇÃO	VOCÁBULOS	FONTES LITERÁRIAS			TOTAL DE REFERÊNCIAS
		Grupo primário			
		<i>Phar- salia</i>	<i>de Bello Civili</i>	<i>epistulae Ciceronem</i>	
Cidade de Roma	<i>Campus Martius</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>domus</i>	N/A	N/A	90	90
	<i>fana</i>	2	N/A	N/A	2

(continua)

OS CENTROS DE INFORMAÇÃO	VOCÁBULOS	FONTES LITERÁRIAS			TOTAL DE REFERÊNCIAS
		Grupo primário			
		<i>Phar-salia</i>	<i>de Bello Civili</i>	<i>epistulae Ciceronem</i>	
Cidade de Roma	<i>muri urbis</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Senatus</i>	1	3	5	9
	<i>theatra</i>	N/A	N/A	1	1
	<i>viae</i>	1	N/A	N/A	1
Demais cidades e vilas	<i>Alexandria</i>	N/A	10	1	11
	<i>Ancona</i>	N/A	1	2	3
	<i>Arcanum</i>	N/A	N/A	3	3
	<i>Arpinium</i>	N/A	N/A	3	3
	<i>Arretium</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Ariminum</i>	1	3	N/A	4
	<i>Asparagium</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Athenae</i>	3	1	N/A	4
	<i>Auximum</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Avaricum</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Brundisium</i>	3	9	1	13
	<i>Buthrotum</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Calles</i>	N/A	N/A	6	6
	<i>Canusium</i>	N/A	1	2	3
	<i>Capua</i>	N/A	3	9	11
	<i>Calydon</i>	1	1	N/A	2
	<i>Cingulum</i>	N/A	1	1	2
	<i>Corcyra</i>	4	8	N/A	8
	<i>Corduba</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Corfinium</i>	2	8	7	17
	<i>Cumae</i>	N/A	N/A	18	18
	<i>Cyrene</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Dyrrhachium</i>	1	12	2	15
	<i>Ephesus</i>	1	1	N/A	2
	<i>Fanum</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Firmum</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Formiae</i>	N/A	N/A	50	50
	<i>Gades</i>	5	3	N/A	8
	<i>Gaza</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Gomphos</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Ilerda</i>	4	7	N/A	11
	<i>Iguvium</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Intimile</i>	N/A	N/A	1	1
	<i>Laterium</i>	N/A	N/A	1	1
	<i>Larisa</i>	2	2	N/A	4
	<i>Lissum</i>	N/A	3	N/A	3

(continua)

OS CENTROS DE INFORMAÇÃO	CATEGORIAS	FONTES LITERÁRIAS			TOTAL DE REFERÊNCIAS
		Grupo primário			
		<i>Phar-salia</i>	<i>de Bello Civili</i>	<i>epistulae Ciceronem</i>	
Demais cidades e vilas	<i>Luceria</i>	N/A	1	7	8
	<i>Massilia</i>	4	8	N/A	12
	<i>Menturnae</i>	N/A	N/A	2	2
	<i>Messana</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Metropolitana</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Munda</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Narbo</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Naupactus</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Octogesa</i>	N/A	3	N/A	3
	<i>Oricum</i>	N/A	6	N/A	6
	<i>Palaeste</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Pelusium</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Pergamum</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Petra</i>	2	1	N/A	3
	<i>Pisa</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Pisaurum</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Puteoli</i>	N/A	1	1	2
	<i>Salonas</i>	1	1	1	3
	<i>Sidon</i>	N/A	N/A	1	1
	<i>Sulmo</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Teanum</i>	N/A	N/A	2	2
	<i>Tyrus</i>	2	N/A	1	3
	<i>Utica</i>	N/A	5	N/A	5
Províncias	<i>Achaia</i>	N/A	5	N/A	5
	<i>Aegyptus</i>	21	5	N/A	26
	<i>Africa</i>	5	4	N/A	9
	<i>Aquitania</i>	N/A	1	N/A	11
	<i>Asia</i>	20	10	N/A	30
	<i>Cappadocia</i>	1	1	N/A	2
	<i>Cilicia</i>	1	2	N/A	3
	<i>Creta</i>	6	2	N/A	8
	<i>Cyprus</i>	3	2	1	6
	<i>Gallia</i>	14	10	N/A	24
	<i>Germania</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Hispania citerior</i>	N/A	3	N/A	3
	<i>Hispania ulterior</i>	N/A	2	N/A	2

(conclusão)

OS CENTROS DE INFORMAÇÃO	VOCÁBULOS	FONTES LITERÁRIAS			TOTAL DE REFERÊNCIAS
		Grupo primário			
		<i>Phar-salia</i>	<i>de Bello Civili</i>	<i>epistulae Ciceronem</i>	
Províncias	<i>Illyricum</i>	5	1	N/A	1
	<i>Libya</i>	60	N/A	N/A	60
	<i>Lusitania</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Macedonia</i>	N/A	6	N/A	6
	<i>Mauretania</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Pontus</i>	2	2	N/A	4
	<i>Sardinia</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Sicilia</i>	N/A	9	N/A	9
	<i>Syria</i>	4	8	N/A	12
Regiões ou reinos	<i>Aetolia</i>	N/A	3	N/A	3
	<i>Apulia</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Armenia</i>	4	N/A	N/A	4
	<i>Boeotia</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Campania</i>	N/A	1	1	2
	<i>Candavia</i>	N/A	2	N/A	2
	<i>Colchis</i>	N/A	N/A	1	1
	<i>Cyclades</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Epirus</i>	3	5	2	10
	<i>Graecia</i>	2	N/A	N/A	2
	<i>Hiberia</i>	1	N/A	N/A	1
	<i>Lacedaemonia</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Lycia</i>	N/A	N/A	1	1
	<i>Minturnae</i>	N/A	N/A	1	1
	<i>Nymphaeum</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Pamphylia</i>	N/A	N/A	1	1
	<i>Parthia</i>	22	4	N/A	26
	<i>Phoenicia</i>	N/A	1	N/A	1
	<i>Picenum</i>	N/A	1	3	4
	<i>Thessallia</i>	52	11	N/A	63
	<i>Thracia</i>	1	1	N/A	2

Fonte: Elaborada pelo autor.

Consoante a tabela, averiguamos que as demais cidades e vilas são os lugares que apresentam maior recorrência nas fontes, contabilizando 279 menções. Seguem-se aí as províncias, com 229 passagens, as regiões ou reinos, com 130, e a cidade de

Roma, com 105. É imprescindível enfatizar, contudo, que os números não condizem com a relevância dos centros de informação; eles apenas atestam a vastidão imperial. Assim, as demais cidades e vilas são substanciais nos textos não só por existirem em grande número, mas também por estarem diretamente envolvidas nos embates, sendo os locais de edificação dos acampamentos militares. Isso justifica o intenso fluxo de notícias, uma vez que os *castra* eram os remetentes capitais e um dos principais destinatários da *stasis*. A *Urbs*, em contraste, não surgiu com tanta frequência na documentação, porém consistia no centro da comunicação, no sítio para onde convergiam os falares sobre tudo e sobre todos.

Aliás, “[...] a História da cidade de Roma só faz sentido em um mundo de outras cidades e Impérios” (GUARINELLO, 2003, p. 54), e a sua hegemonia mediterrânica deve ser pensada como resultante de um longo processo de integração de povos, impérios e tribos, que não tratou somente da conquista ou domínio de territórios, “[...] mas do controle sobre as redes de comunicação e da criação de outros canais de conexões” (GUARINELLO, 2003, p. 54; 2013, p. 129).¹⁰⁵ Tal integração acarretou o aumento – ou a formação – de sociabilidades entre as antigas elites provinciais e os cidadãos romanos, vínculos estabelecidos ao longo de séculos através de acordos familiares, obrigações servis e laços de patronato e amizade, unindo a capital às mais diversas cidades (WALLACE-HADRILL, 2008).

Era à *Urbs* que os acontecimentos mais notáveis chegavam.¹⁰⁶ Cícero corrobora tal afirmação ao comentar que a profusão de indivíduos para lá aumentava quando um assunto importante surgia, ocasionando o engarrafamento nas estradas (Cic. *Att.* 1, 14). Até mesmo o senador evitava deixar Roma por receio de ficar desinformado:

Afinal de contas, não há nada que me mantenha em Roma, mas a expectativa de notícias vindas da África. Pois me parece que as coisas têm amadurecido até que uma decisão seja iminente. Penso, contudo, que isso é de alguma importância para mim [...], em qualquer caso, quaisquer que forem as notícias, não estarei longe dos amigos para buscar conselho (Cic. *Fam.* 5, 21, 3).¹⁰⁷

¹⁰⁵ Para mais informações acerca da integração mediterrânica, cf. Dommelen (2012); Gras (1998); Horden e Purcell (2000); Moatti (2006); Price (2012).

¹⁰⁶ À época de Pompeu e César, Roma tinha entre 750 mil e 1 milhão de habitantes (BRUNT, 1971).

¹⁰⁷ *Neque me tamen ulla res alia Romae tenet nisi exspectatio rerum Africanarum — videtur enim mihi res in propinquum adducta discrimen [...] quamquam id ipsum, quid intersit, non sane intelligo —, verumtamen, quidquid illinc nuntiatum sit, non longe abesse a consiliis amicorum.*

Uma vez na capital, os dados em relação às lutas no exterior tornavam-se muito requisitados, uma demanda que assentava na própria natureza política de uma Cidade-Estado clássica, marcada pela atribuição do Senado e das assembleias em debater assuntos bélicos e pela participação dos cidadãos nas decisões coletivas (CARDOSO, 1985; GUARINELLO, 1987).¹⁰⁸

Toda informação expressiva era divulgada inicialmente nas assembleias. Devido ao fato de constituírem espaços de decisão, com a aprovação e/ou revogação de leis e a eleição de magistrados, continham os boatos a respeito das campanhas. Era para lá que os sujeitos iam quando queriam medir a reputação de um aristocrata.

As quatro assembleias preeminentes da *Urbs* compreendiam os *comitia centuriata* (assembleia das centúrias), os *comitia curiata* (assembleias das cúrias), os *comitia tributa* (assembleias das tribos) e o *concilium plebis* (assembleia da plebe). A primeira tinha a função de eleger os cônsules, os pretores, os censores e os ditadores, bem como determinar se a capital iria ou não declarar guerra a uma comunidade. A segunda era composta por 30 cúrias e tinha a função de dotar os magistrados de *imperium*. A terceira assembleia, formada por 35 tribos, deliberava sobre questões judiciais e elegia magistrados menores, como os edis curuis e os questores. A última, aquela que merece um destaque maior, escolhia os tribunos da plebe e promulgava as leis.¹⁰⁹

Enfim, elas tinham certa centralidade na concorrência por honrarias e magistraturas, bem como na aquisição de informações. Outro lugar que também detinha esta última característica eram as *domus* aristocráticas. As mais proeminentes localizavam-se nos montes Aventino e Palatino, próximas ao *Forum Romanum*, ao *Circus Maximus* e a templos importantes, como o de Diana e de Vesta (Mapa 6).

¹⁰⁸ Uma empreitada de caráter ofensivo ou defensivo inevitavelmente seria debatida pelos *cives romani* nos *comitia*, em Roma. Na *centuriata*, por exemplo, liam-se os relatórios das batalhas, escolhiam-se os comandantes das tropas e votava-se pela continuidade ou não da guerra (NICOLET, 1988). Já na cúria, os senadores debatiam as *litterae* particulares dos generais, determinavam com quem firmariam alianças, recebiam os *legati* das embaixadas estrangeiras e aprovavam o envio de reforços ou de víveres (SAMMER, 2003).

¹⁰⁹ Para mais informações sobre as assembleias republicanas, cf. Abbott (1901).

Mapa 6 – A cidade de Roma no século I.

Fonte: CAH IX, p. 70.

Abrangiam uma área de cerca de 10km², nos quais os patrícios, os libertos, os clientes e os escravos se encontravam diariamente. A casa de Cícero, ademais, consistia na mais popular.¹¹⁰ O próprio senador reclamava da enorme quantidade de indivíduos que apareciam lá, a ponto de o impedirem de falar com os seus amigos íntimos ao pé do ouvido:

Quando minha casa está cheia de pessoas para a saudação matinal e quando eu vou ao Fórum em meio a uma multidão de amigos, não consigo encontrar em toda aquela turba um único homem a quem eu possa acenar ou sussurrar com familiaridade (Cic. Att. 1, 18, 1).¹¹¹

A *salutatio* supramencionada compunha um costume romano no qual os clientes iam às casas dos seus patronos para prestar-lhes reverência (Juv. 3, 127; 5, 19). Durante a prática, os ali presentes traziam consigo boatos dos bairros mais distantes

¹¹⁰ As escavações de Cerutti (1997) apontam a localização da *domus* ciceroniana no sudoeste do Palatino, próxima à *Clivus Victoriae*, nos arredores do templo da deusa Cibele e do Circo Máximo.

¹¹¹ *Itaque, cum bene completa domus est tempore matutino, cum ad forum stipati gregibus amicorum descendimus, reperire ex magna turba neminem possumus, quocum aut iocari libere aut suspirare familiariter possimus.*

e levavam embora dados variados. Quanto maior o público em uma *domus*, mais pessoas saíam dali para espalhar a *fama* política do seu patrono.¹¹²

Uma boa ilustração pode ser extraída do episódio em que César, na função de *pontifex maximus*, se tornou alvo de um boato sobre o adultério de sua mulher. O caso em questão ocorreu em sua moradia, em dezembro de 62, e é narrado por Plutarco (*Caes.* 11) e Suetônio (*Iul.* 3). Para ambos, as suspeitas de que Pompeia era adúltera surgiram durante a celebração do festival da *Bona Dea*, presidido pela esposa do pontífice. O festival era permitido somente às mulheres da elite, porquanto exaltava a figura de uma divindade associada à virgindade e à fertilidade. Entretanto, um jovem patrício chamado Clódio resolveu vestir-se de matrona com o objetivo de acompanhar as celebrações. Depois de um tempo, o intruso acabou sendo descoberto por causa da sua voz masculina. A surpresa fez com que as mulheres entrassem em pânico e dessem gritos estrondosos. Como resultado, Pompeia pediu que suas servas fechassem as portas a fim de impedir a saída do infrator, o que possibilitou a localização de Clódio rapidamente.

Em nenhuma das fontes anunciadas há a certeza de que houve uma relação sexual entre Pompeia e Clódio. Suetônio, por exemplo, descreve em poucas linhas aquilo que classifica como uma “suspeita”, e Plutarco alega que a certeza de um adultério aparece momentos após o evento, quando as matronas voltaram às suas residências para contar aos maridos o ocorrido. É essencial, então, percebermos que a simples presença de um infrator masculino em uma celebração religiosa, feminina e restrita à *domus* cesariana foi utilizada pelos adversários como uma forma de atacar a *fama* do pontífice. Cícero, aliás, narra esse uso:

Eu imagino que você tenha ouvido que P. Clódio, filho de Ápio, foi descoberto usando roupas de mulher na casa de C. César, enquanto um sacrifício estava acontecendo. Uma serva conseguiu tirá-lo da casa escondido. Isso criou uma *infamia* pública (Cic. *Att.* 1, 12, 3).¹¹³

¹¹² Cícero comenta: “[...] quase todo *sermo* que contribui para a *fama* pública de um homem tem origem no seio da sua casa” – *Nam fere omnis sermo ad forensem famam a domesticis emanat auctoribus*. Ele, inclusive, incentiva seu irmão a “[...] atrair o público para que a tua casa esteja cheia durante a noite” – *Tamen hoc loco ea dico quibus multitudinem capere possis, ut de nocte domus compleatur* –, visando garantir “[...] a presença assídua de cidadãos de todas as classes” – *Omnium generum frequentia adsit* (Cic. *Comment. pet.* 12-13).

¹¹³ *P. Clodium, Appi f., credo te audisse cum veste muliebri deprehensum domi C. Caesaris, cum pro populo fieret, eumque per manus servulae servatum et eductum; rem esse insigni infamia.*

Após o escândalo, os senadores reuniram-se para julgar Clódio. Concomitantemente, a população de Roma saiu às ruas para defender o réu, por acreditar em sua inocência. Como muitos senadores temiam uma reação negativa, decidiram que ali não havia o que ser deliberado e absolveram o acusado. Quanto a César, repudiou sua esposa. Ao ser questionado sobre o divórcio, respondeu: "Eu não quero que minha mulher seja nem mesmo objeto de suspeita" (Plut. Caes. 10, 6).¹¹⁴ Essas suspeitas, ao serem expostas na forma de boatos, influenciariam a opinião pública a seu respeito, especialmente porque César se candidataria ao governo da Hispânia Ulterior.

Voltemos agora à *salutatio*. Após realizarem-na, os aristocratas e toda uma multidão de clientes se dirigiam ao *Forum Romanum*, uma praça retangular composta pelos edifícios mais prestigiosos de Roma (Mapa 7).

Mapa 7 – O Fórum Romano no século I.

Fonte: CAH IX, p. 370.

¹¹⁴ τὴν ἐμὴν ἡξίου μὴδὲ ὑπονοηθῆναι.

Em especial, os prédios mais visitados eram os templos (*fana*) de Saturno e da Concórdia, onde ficava o erário público e onde se realizavam os encontros do Senado em períodos de discórdias civis; o *comitium*, uma área aberta na qual transcorriam as *contiones* e os *comitia curiata*; e a *curia Hostilia*, o primeiro local de reunião do *Senatus*.

A afluência diária de pessoas e a presença de prédios valorosos proporcionava ao Fórum uma sociabilidade intensa.¹¹⁵ Muitos políticos aproveitavam-se de tal concentração para intimidar publicamente os seus adversários, porquanto toda e qualquer informação do Fórum alcançava os lugares mais afastados da cidade (LÓPEZ, 2017). Magno, inclusive, foi hostilizado por clientes de Clódio enquanto participava de um caso judicial no *comitium*, com base em uma pergunta feita em voz alta: “Quem é o homem que busca outro homem?”, e respondida na forma de um coro: “Pompeu!” (Plut. *Pomp.* 48-50).

Indignado e cheio de raiva [Clódio] perguntou a seus partidários (e ele foi escutado apesar de toda a gritaria) “quem era o homem que matava o povo de fome?”; seus arruaceiros responderam: “Pompeu”. “Quem estava inclinado a ir a Alexandria?” Eles responderam: “Pompeu”. “Quem todos queriam que fosse o escolhido?” Responderam: “Crasso” [...]. Quando deu três horas da tarde, os clodianos, com um sinal dado, começaram a cuspir sobre nossos homens. Paroxismo de raiva. Eles tentaram nos apressar e nos tirar dali [...] (Cic. *QFr.* 2, 3, 2).¹¹⁶

Esses ataques geralmente ocorriam durante o discurso de um notável aristocrata nos *rostra*. De acordo com Taylor (1990), consistiam em uma grande plataforma de pedra, situada em frente à Cúria, com a função de abrigar os oradores ou magistrados interessados em comunicar as medidas deliberadas pelo Senado ou pelas assembleias. No entorno dos *rostra* ficavam os *subrostrani* e os *susurratores*, indivíduos que, visando a uma remuneração financeira, levavam, através das *viae*, o que era dito no Fórum aos mercados, aos templos, às basílicas e aos bairros (*vici*) da *Urbs* (Cic. *Fam.* 7, 1, 4). Lá, os boatos atingiam um público ainda mais amplo e especializado em reproduzir as notícias aos parentes e amigos. Ao repassarem as

¹¹⁵ Cícero (*Fam.* 5, 15, 2) afirma que esse local era o centro de todo o Império.

¹¹⁶ *Cum omnia maledicta, versus denique obscoenissimi in Clodium et Clodiam dicerentur. Ille furens et exsanguis interrogabat suos in clamore ipso, quis esset, qui plebem fame necaret: respondebant operae: "Pompeius," quis Alexandream ire cuperet: respondebant: "Pompeius"; quem ire vellent: respondebant: "Crassum" [...] Hora fere nona quasi signo data Clodiani nostros consputare coeperunt; exarsit dolor. Urgere illi, ut loco nos moverent [...].*

informações, porém, as pessoas acabavam modificando a mensagem original, formulando boatos especuladores sobre os fatos. Por exemplo, em junho de 51, Cícero recebeu uma carta de M. Célio Rufo relatando um falso boato acerca de sua morte: “Os *subrostrani* espalharam a notícia de que você havia se afastado, de modo que na cidade e no fórum circulou um boato persistente de que você tinha sido assassinado por Q. Pompeio em sua viagem” (Cic. *Fam.* 8, 1, 5).¹¹⁷

Saindo do Fórum, os boatos chegavam aos *theatra* (teatros). Segundo Guarinello (2007, p. 128), esses lugares eram, para os romanos, “[...] um espaço de sua normalidade cotidiana, um lugar no qual reafirmavam seus valores [...]” e se organizavam em cidadãos e não cidadãos. Aos primeiros, funcionava como um microcosmo, refletindo nos assentos a estrutura social.

Por englobar representantes de todas as ordens, o teatro consistia em um centro de informação bastante ativo. Era um espaço “[...] onde a população não apenas via, mas se fazia ver e ouvir [...], onde o anonimato da massa conferia força e consistência para o apoio ou as reivindicações da plebe” (GUARINELLO, 2007, p. 127). Aliás, uma reivindicação foi feita contra a suposta tirania de Pompeu em 56, atacado com versos difamatórios. Consoante Cícero (*Att.* 2, 19, 2):

O sentimento do povo pode ser mais bem visto no teatro e nas exibições públicas. [...] Nos jogos em honra a Apolo, o ator Diphilo fez um ataque impertinente a Pompeu, “Por causa dos nossos infortúnios tu és Grande”, o que foi replicado de novo e de novo. “Um tempo virá no qual você irá se arrepender disso”, ele declamou entre as ovações de toda a audiência [...].¹¹⁸

Portanto, os teatros eram bons lugares para se observar a opinião pública, fosse ela aviltante ou laudatória, uma característica muito utilizada pelos aristocratas no decorrer dos confrontos civis. Ático, por exemplo, fez questão de enviar uma carta a Cícero narrando as manifestações populares contrárias a César, o qual respondeu da seguinte maneira:

¹¹⁷ [...] *Subrostrani* [...] *dissiparant periisse, ut in Urbe ac foro toto maximus rumor fuerit, te a Q. Pompeio in itinere occisum.*

¹¹⁸ *Populi sensus maxime theatro et spectaculis perspectus est; [...] ludis Apollinaribus Diphilus tragoedus in nostrum Pompeium petulanter inuectus est; nostra miseria tu es magnus – miliens coactus est dicere; Eandem uirtutem istam ueniet tempus cum grauiter gemes totius theatri clamore dixit itemque cetera [...].*

Eu espero que a Hispânia esteja segura. A ação dos massilienses é louvável em si mesma e é a prova de que as coisas estão indo bem na Hispânia [...]. Você está certo em observar a expressão do sentimento popular no teatro. Até mesmo as legiões que César possui na Itália me parecem ser muito desleais a ele (Cic. *Att.* 10, 12a, 3).¹¹⁹

Enfim, o último centro de informação da cidade de Roma era o *Campus Martius* (Campo de Marte). Jacobs e Conlin (2015) esclarecem que abrangia uma planície de cerca de 2km², situada ao norte dos *muri Urbis* (Mapa 8).¹²⁰ Durante boa parte da República foi usado como um sítio de treinamento militar e como um local de corridas de cavalos, assembleias políticas, comemorações religiosas e acampamentos. Os generais detentores do *imperium* pernoitavam no *Campus Martius*, com suas tropas, antes de saírem em campanhas no exterior ou desfilarem em Triunfo. Ademais, era a principal porta de entrada da capital. Aí, os *legati* advindos do estrangeiro aguardavam a autorização do Senado para adentrarem o *pomerium* (HÖLKESKAMP, 2006).

¹¹⁹ *Hispanias spero firmas esse. Massiliensium factum cum ipsum per se luculentum est tum mihi argumento est recte esse in Hispaniis. Odium autem recte animadvertis significatum <in> theatro. Legiones etiam has quas in Italia assumpsit alienissimas esse video.*

¹²⁰ De acordo com Estrabão (5. 3. 8), “[...] a extensão única desta planície é impressionante, proporcionando tanto espaço que as corridas de carros e outros exercícios equestres podem ocorrer simultaneamente junto a muitas outras pessoas se exercitando em jogos de bola, de circo e lutas. As estruturas que o cercam, o relvado coberto de grama durante todo o ano, as cúpulas das colinas além do Tibre, que se estendem de seus bancos com efeito panorâmico, apresentam um espetáculo que o olho abandona com arrependimento. Ao lado do Campo de Marte existe mais uma planície, com numerosas colonatas, recintos sagrados, três teatros, um anfiteatro e templos luxuosos, todos muito próximos e quase dando a impressão de que se trata de outra parte do centro da cidade”. – *τούτων δὲ τὰ πλεῖστα ὁ Μάρπιος ἔχει κάμπος πρὸς τῇ φύσει προσλαβὼν καὶ τὸν ἐκ τῆς προνοίας κόσμον. καὶ γὰρ τὸ μέγεθος τοῦ πεδίου θαυμαστὸν ἅμα καὶ τὰς ἀρματοδρομίας καὶ τὴν ἄλλην ἵππασίαν ἀκώλυτον παρέχον τῷ τοσοῦτῳ πλήθει τῶν σφαίρα καὶ κρίκῳ καὶ παλαίστρα γυμναζομένων· καὶ τὰ περικείμενα ἔργα καὶ τὸ ἔδαφος ποιάζον δι’ ἔτους καὶ τῶν λόφων στεφάναι τῶν ὑπὲρ τοῦ ποταμοῦ μέχρι τοῦ ρείθρου σκηνογραφικὴν ὄψιν ἐπιδεικνύμεναι δυσσπάλλακτον παρέχουσι τὴν θέαν. πλησίον δ’ ἐστὶ τοῦ πεδίου τούτου καὶ ἄλλο πεδῖον καὶ στοαὶ κύκλῳ παμπληθεῖς καὶ ἄλση καὶ θέατρα τρία καὶ ἀμφιθέατρον καὶ ναοὶ πολυτελεῖς καὶ συνεχεῖς ἀλλήλοις, ὥς πάρεργον ἂν δόξαιεν ἀποφαίνειν τὴν ἄλλην πόλιν.*

Havia igualmente uma conectividade mediante relações familiares, comerciais, políticas ou militares. Estas últimas, em especial, eram as mais importantes e ativas, pois, como as cidades recebiam os acampamentos e soldados, acabavam trocando entre si informações e víveres.

Entre as *civitates*, ficavam as *villae urbanae*. Segundo Columela (*Rust.* 1, 5) e Varrão (*Rust.* 1, 13, 1-10), consistiam em luxuosas moradias aristocráticas, geralmente próximas à *Urbs*, a Lavínio, a Âncio e à baía de Nápoles (Mapa 10). Cícero possuía uma estância em Óstia (a 30km de Roma), uma em Pompéia (a 250km) e uma em Fórmias (a 120km), sendo esta a escolhida por ele para se esconder de César e, também, acessar os boatos da capital (BECKER, 2013).

Mapa 10 – As *villae* da Itália Central no ano 50.

Fonte: CAH IX, p. 117.

O acesso às *villae* era facilitado pelas estradas sobreditas, fato que possibilitava o pleno funcionamento da rede de patronato, haja vista que os patrícios constantemente recebiam os seus clientes advindos de outras cidades. Em situações de crise, o trânsito aos domicílios intensificava-se a ponto de Cícero

comparar a sua residência a um recinto comum: “Minha vila está tão cheia de indivíduos do interior que mais se parece um salão público do que uma casa privada: ela é muito pequena para caber toda a tribo Emília” (Cic. *Att.* 2, 14, 2).¹²⁴

Apresentados os centros da *Urbs*, as cidades e as vilas, julgamos necessário apontar duas observações: a primeira concerne à consideração de alguns destinatários e remetentes das comunicações como centros de informação, escolha que se pautou na percepção de que as *civitates*, as *provinciae*, as *regiones*, as *villae* e *Roma*, além de serem os maiores transmissores e receptores de notícias, eram também os locais para onde os agentes se dirigiam quando desejavam atualizar-se e deliberar sobre os embates; a segunda diz respeito à opção de não abordarmos estritamente as províncias e regiões ou reinos, pois entendemos que esses sítios configuravam, na verdade, o somatório dos boatos falados nas cidades. Por exemplo, se uma notícia impactante atingia a Gália era porque todas as suas cidades já estavam cientes dela.

Com essas considerações em mente, passaremos ao estudo da construção dos *castra* e dos *oppugnatio* (cercos) e explicaremos a razão. Até o momento, abordamos as referências dos agentes das comunicações e dos centros de informação, demonstrando com quem e por onde as informações circulavam nas guerras civis. Todavia, é preciso sempre lembrar que esses sujeitos e locais se tornavam mais ativos em períodos de tensão. Ora, o aristocrata, muitas vezes, só frequentava o teatro e o Fórum para saber acerca da movimentação dos generais e de suas tropas, notícias que necessariamente acompanhavam os relatórios sobre as edificações de acampamentos ou de cercos nas proximidades. Logo, podemos dizer que esses episódios impulsionavam boa parte da sociabilidade existente no conflito entre Pompeu e César. E é sobre eles que falaremos agora.

¹²⁴ *De pangendo quod me crebro adhortaris, fieri nihil potest. Basilicam habeo non villam frequentia Formianorum ad quam partem basilicae tribum Aemiliam.*

3.3 CASTRA, OPPUGNATIO E DIRIPERE: OS CATALISADORES DA SOCIABILIDADE

O campo de batalha era um ambiente de forte interação, sobretudo em tempos de bloqueio, devido ao grande público envolvido: a cidade confinada com os seus habitantes, os legionários edificadores das obras do sítio (cerca de 10 a 15 mil homens) e os camponeses impedidos de entrar no município. Por ser um evento populoso e impactante, chamava a atenção de muitos curiosos, em especial das *civitates* da província e dos reinos, as quais enviavam embaixadores ao cerco a fim de saber o que estava acontecendo.

Um dos assédios mais famosos das guerras civis foi o de Marselha, demonstrado no Mapa 11 adiante:

Mapa 11 – O cerco de Marselha.

Fonte: Caesar (1914, p. 375).

César, a propósito, o descreve em detalhes:

Sob suas ordens enviam barcos em todas as direções; requisitam navios cargueiros [...] e os transferem ao porto; os malprovidos de ferro, madeira ou armamento se prestam para restaurar ou armar os outros; o que se encontra de trigo é levado aos armazéns públicos; fazem-se reservas de outras mercadorias e provisões para um eventual cerco da cidade. [...] César conduz três legiões a Marselha, põe-se a levantar torres e manteletes para o assédio da cidade e ordena a construção de doze navios de guerra em Arles. Construídos e equipados com armas trinta dias após a derrubada da madeira, são levados a Marselha (Caes. *BCiv.* 1, 36, 2-5).¹²⁵

Lá erguem dois fronts, uma plataforma, manteletes e torres. Caio Trebônio apela para uma grande quantidade de pessoas e animais de toda a província; ordena que lhe tragam madeira e vime e constrói uma plataforma (Caes. *BCiv.* 2, 1).

Para Ziolkowski (1993), essas operações não eram aleatórias, mas constituíam táticas seguras contra o inimigo, cujo objetivo era vencê-lo pela *inopia* e pelo *diripere* (saque), privando-o da comunicação e dos víveres necessários à sobrevivência e devastando e pilhando suas propriedades.

Em relação à penúria, dispomos de uma passagem do *Compêndio da Arte Militar* escrito por Vegécio:

Mediante esse sistema, o assediador desgasta o inimigo sem esforço e risco. Para evitar essas circunstâncias, os habitantes, impulsionados pela mínima suspeita, devem recolher dentro do recinto amuralhado todos os víveres para ter provisões de sobra, cuja escassez obrigue os inimigos a se retirarem. Convém salgar não somente a carne dos cerdos, mas de todos os animais que não podem ser mantidos encarcerados com vida, a fim de que com a ajuda da carne o grão se torne suficiente. [...]. Deve-se recolher pasto para os cavalos e o que não se puder transportar deve ser queimado pelo fogo. Deve-se fazer reserva de vinho, vinagre, da colheita restante e das frutas e não deixar nada que puder servir de alimento ao inimigo (*Mil.* 4, 7, 1-8).¹²⁶

¹²⁵ *Eius imperio classem quoquo versus dimittunt; onerarias naves, [...] deprehendunt atque in portum deducunt, parum clavis aut materia atque armamentis instructis ad reliquas armandas reficiendasque utuntur; frumenti quod inventum est, in publicum conferunt; reliquas merces commeatusque ad obsidionem urbis, si accidat, reservant. [...] Permotus Caesar legiones tres Massiliam adducit; turres vineasque ad oppugnationem urbis agere, naves longas Arelate numero XII facere instituit. Quibus effectis armatisque diebus XXX, a qua die materia caesa est, adductisque Massiliam.*

¹²⁶ *Multa defensionum obpugnationumque sunt genera [...]. Nunc sciendum est obsidendi duas esse species, unam, cum aduersarius oportunis locis praesidiis ordinatis uel aqua prohibet inclusos uel deditionem sperat a fame, quando omnes prohibuerit commeatus. Hoc enim consilio ipse otiosus ac tutus fatigat inimicum. Ad quos casus possessores, quamuis leui suspicionem pulsati, omnem alimoniam uictus intra muros debent studiosissime collocare, ut ipsis exuberet substantia, aduersarios inopia cogat abscedere. Non solum autem porcinum sed et omne animalium genus, quod inclusum seruari non potest, deputari oportet ad laridum, ut adminiculo carnis frumenta sufficiant [...]. Pabula equis praecipue congerenda et quae adportari nequiverint exurenda, uini aceti ceterarumque frugum uel pomorum congerendae sunt copiae nihilque, quod usui proficiat, hostibus relinquendum.*

A respeito dos saques, temos as imagens da Coluna de Trajano (Figuras 14 e 15):

Figura 14 – Assalto a Sarmizegetusa.

Fonte: Friso n. 87 da Coluna de Trajano.¹²⁷

Figura 15 – Saque a Sarmizegetusa.

Fonte: Friso n. 92 da Coluna de Trajano.¹²⁸

Além das cidades, os bloqueios também podiam ser aplicados aos *castra* rivais. Ao longo dos confrontos, os estrategos tentavam impedir o acesso aos recursos fundamentais dos adversários, esperando a rendição, sem derramamento de sangue, pois, os líderes sabiam, afirma Vegécio (*Mil.* 3, 9, 8), que a fome atacava desde dentro e sempre vencida sem armas.

A melhor maneira de escapar de um ataque desses seria erigindo um bom acampamento. O seu formato ideal deveria assemelhar-se ao de uma cidade murada, rodeada por fossos e estacas, assentada em um espaço com abundância de pasto, madeira e água e sem possibilidades de inundações (Veg. *Mil.* 1, 21-22). O processo de construção dependia dos legionários e levava algumas horas, podendo envolver o nivelamento do solo (*agger*); o fabrico das muralhas defensivas (*muri*), de trincheiras (*circumvallare* / *fossa*), de fortificações, de torres móveis (*turres mobiles*), de carros com escudos (*testudines*) e de armas para o arremesso de projéteis (*musculus*, *vineae*, *plutei*, *aries*, *balista*, *catapulta* e *scorpio*);¹²⁹ o preenchimento do *vallum* com madeiras e pedras, e a vigia das saídas da cidade (LE BOHEC, 1994).

Após essas tarefas, o acampamento adquiria a aparência subsequente (Figura 16):

¹²⁷ Cf. Le Bohec (1994, p. xx).

¹²⁸ Cf. Le Bohec (1994, p. xx).

¹²⁹ Para visualizar figuras sobre a artilharia romana mencionada, cf. Marsden (1971).

Figura 16 – Modelo de um acampamento.¹³⁰

Fonte: Dobson (2013, p. 218).

¹³⁰ Desenhado com base na narrativa de Políbio (6, 27-42).

Os recursos locais facilitavam a conquista dos materiais para a confecção de todos os equipamentos bem como das fortificações. Os trabalhos eram feitos no decorrer das campanhas e exigiam a coordenação de um *praefectus castrorum*, o qual designava as funções aos homens (Veg. *Mil.* 2, 10).¹³¹ Sobre as habilidades, Vegécio explana que

[...] os pescadores, pintores, doceiros e os tecelões, todos que [tinham] ocupações próprias de mulher, [deveriam] manter-se longe dos acampamentos; ao contrário, todos os artesãos, ferreiros, carpinteiros, açougueiros e caçadores de cervos e javalis [deveriam] juntar-se ao exército (Veg. *Mil.* 1, 7, 1-3).¹³²

É primordial frisar que a necessidade de obter provisões era proporcional ao número de soldados utilizados na edificação dos acampamentos e dos cercos. Logo, quanto mais combatentes estivessem envolvidos na empreitada, maior seria a precisão de bens essenciais à guerra e à alimentação. Tal afirmação corrobora a ideia já divulgada de que a carestia e a destruição de propriedades consistiam em caminhos garantidos para a vitória. O próprio filho de Pompeu, inclusive, sabia que, para deixar o município mais seguro durante o sítio, precisava cortar a madeira do entorno e metê-la dentro da cidade.

E ele, como um inimigo, entrou nas terras de Córdoba, cortando e queimando os campos e edifícios. Em vista desses ultrajes, os cordobenses vieram à presença das legiões de Marcelo, que tinha sido escolhido para ser seu capitão, pedindo-lhe que pudessem ter a oportunidade de lutar com eles antes que tivessem tempo de destruir com fogo e espada as ricas e nobres propriedades dos habitantes de Córdoba (*BAlex.* 59-60).¹³³

¹³¹ Havia ainda um *praefectus fabrum*. Ele era o responsável pelos soldados especializados na confecção das máquinas de guerra, de cordas e dos armamentos (espadas, lanças e escudos), além da manutenção dos edifícios e das barracas (Veg. *Mil.* 2, 11).

¹³² *Piscatores aucupes dulciarios linteones omnesque, qui aliquid tractasse uidebuntur ad gynacea pertinens, longe arbitror pellendos a castris; fabros ferrarios carpentarios, macellarios et ceruorum aprorumque uenatores conuenit sociare militiae.*

¹³³ *Ipsa hostili modo Cordubensium agros vastat, aedificia incendit. Cuius rei deformitate atque indignitate legiones quae Marcellum sibi ducem ceperant ad eum concurrerunt, ut in aciem educerentur orant, priusque confligendi sibi potestas fieret quam cum tanta contumelia nobilissimae carissimaeque possessiones Cordubensium in conspectu suo rapinis, ferro flammaque consumerentur.*

Em casos de bloqueio, restavam duas saídas aos generais: saquear alguma cidade ou tentar uma negociação cívica. Sobre esta, Vegécio (*Mil.* 3) recomendava cuidado com os juramentos prestados pelos habitantes das comunidades, porquanto eles poderiam mudar de lado e dar suprimentos aos inimigos e, não somente: eles poderiam deixar alimentos disponíveis a fim de atrair oponentes e capturá-los. Foi o que ocorreu com Fárnaces II no Ponto:

Ele ordenou que um grande número de gado fosse espalhado na passagem do desfiladeiro e que os cidadãos e os camponeses andassem por ali como faziam ordinariamente, pois, caso Domício adentrasse como um amigo, não suspeitaria de uma emboscada no momento em que avistasse os homens e os rebanhos sem apreensão e nos campos; ou, se ele viesse como inimigo, que os soldados, deixando as suas fileiras para a pilhagem, fossem feitos em pedaços quando dispersados (*BAlex.* 36, 3).¹³⁴

Não devemos esquecer que os cercos, os saques, a penúria e as emboscadas estavam envoltas em teias de comunicação. Ora, os *milites*, ao lutarem e erguerem os seus acampamentos, conversavam entre si e com os povos provinciais a todo tempo, um diálogo que podia ser despretenso ou intencionalmente construído. Neste último caso, Sinnigen (1961) aponta para a função de “agente secreto” assumida pelos soldados incumbidos do abastecimento (*frumentarii*, *aquatores*, *pabulatores* e *exploratores*), uma atividade que só acontecia devido às suas movimentações pelo interior, proporcionando o contato com os cidadãos enquanto negociavam apoio ou compravam comida. Nesse ínterim, aproveitavam para interceptar mensagens do oponente, aprisionar adversários e enviar espiões, na tentativa de adquirir dados vantajosos.

Em relação à captura de informações dos rivais, Cícero comenta: “A passagem de Castulo [...] tornou-se mais perigosa do que nunca devido ao aumento dos assaltos, e essa é a grande causa dos atrasos, porque batedores, postados em todos os lados, procuram por nossos homens e os detêm” (*Cic. Fam.* 10, 31, 1).¹³⁵

¹³⁴ *Magnum autem multitudinem pecoris intra eas fauces dissipari iussit paganosque et oppidanos in his locis obversari, ut sive amicus Domitius eas angustias transiret, nihil de insidiis suspicaretur, cum in agris et pecora et homines animum adverteret versari tamquam amicorum adventu, sive inimicus ut in hostium finis veniret, praeda diripienda milites dissiparentur dispersique caederentur.*

¹³⁵ *Nam saltus Castulonensis [...], etsi nunc frequentioribus latrocinii infestior factus est, tamen nequaquam tanta in mora est, quanta qui locis omnibus dispositi ab utraque parte scrutantur tabellarios et retinent.*

Sobre o uso de espiões, César relata:

Algum tempo depois, os habitantes de Bursavola, enviando espiões à Ategua para saber a verdade sobre o que havia acontecido, confirmaram o relatório dos nossos legados e logo apedrejaram o culpado pelo assassinato dos mensageiros [...], acusando-o de ser o responsável pela destruição de todos (*BHisp.* 22, 2).¹³⁶

Por causa desses indivíduos, Cícero aconselhou cautela na identificação dos remetentes das notícias, visto que uma informação capturada prejudicaria toda a campanha. Assim, mudar ou ocultar o nome do escritor, escolher com cuidado os carregadores das cartas e prevenir comentário de questões sigilosas evitaria o surgimento de falsos boatos (*Cic. Att.* 2, 19; 2, 20). Fárnaces II, infelizmente, não tomou tais precauções e acreditou em anúncios incorretos: “Tendo interceptado alguns mensageiros que traziam a Domício o relato dos assuntos em Alexandria, entendeu [erroneamente] que César estava em grande perigo e pedia a Domício que o socorresse logo, vindo para Alexandria pela Síria” (*BAlex.* 38, 1).¹³⁷

Outro autor que discorre sobre o perigo dos falsos boatos é Suetônio (*Iul.* 66, 1), que relata a preocupação de César quanto às reações de uma *fama* em seu acampamento: “Quando havia pânico por causa dos relatos sobre o número dos inimigos, [...] o comandante costumava levantar a coragem dos seus não negando ou desacreditando os boatos, por exagerar falseando o verdadeiro perigo”.¹³⁸

À medida que os estrategos se viam impossibilitados de enviar informações – em razão dos batedores – e rodeados por avisos enganosos, buscavam diligenciar diretamente com os *oppidani* enredados pelos cercos, com o intuito de convencê-los a abrir os portões das *civitates*. Tal negociação ocorria de modo singular, com recados arremessados, soldados pulando os muros e gritos. Muitas vezes, os legionários apenas esperavam o sinal de César, a partir do qual “[...] começariam

¹³⁶ *Et speculatores ad oppidum Ateguam miserunt. Qui cum certum conperissent, legatorum responsa ita esse gesta quemadmodum illi rettulissent, ab oppidanis concursu facto, eum qui legatos iugulasset, lapidare et ei manus intentare coeperunt: illius opera se perisse.*

¹³⁷ *Pharnaces interceptis tabellariis, qui de Alexandrinis rebus litteras ad Domitium ferebant, cognoscit Caesarem magno in periculo versari flagitareque ab Domitio ut quam primum Caesari subsidia mitteret propiusque ipse Alexandream per Syriam accederet.*

¹³⁸ *Fama vero hostilium copiarum perterritos non negando minuendove, sed insuper amplificando ementiendoque confirmabat.*

com uma gritaria repentina para causar o terror inesperado, perturbando e assustando os inimigos, que passariam a ver a ameaça (*BAfr.* 80, 4).¹³⁹

O intrigante é que os próprios cidadãos, cansados da *stasis*, também tentavam estabelecer contato. Nas fontes, há relatos de indivíduos que fugiam dos municípios para conferenciar com os líderes e suplicar clemência. Hirtio, por exemplo, narra que, no ano de 45, em Córdoba,

[...] uma matrona pulou da muralha, veio ao acampamento e relatou "que o resto de sua família pretendia fazer o mesmo, mas foram todos presos e mortos". Da mesma forma, foi lançada uma carta, na qual se encontrava escrito "L. Minatio a César". "Pompeu me abandonou. Se você poupar a minha vida, prometo servi-lo com a mesma fidelidade e apego que até agora demonstrei". Ao mesmo tempo, os embaixadores que haviam sido enviados pela guarnição momentos antes a César agora esperaram por ele uma segunda vez, oferecendo entregar a cidade no dia seguinte, com uma concessão: se ele poupasse suas vidas. Ele respondeu que era César e cumpriria a sua palavra (*BHisp.* 19, 2).¹⁴⁰

No decorrer deste capítulo, vimos que os vários agentes da comunicação e os centros de informação estavam em contínua integração. Embora pertencessem a categorias sociais distintas, os aristocratas, os libertos, os escravos, os comandantes, os militares e os inúmeros povos mantinham contato frequente para evitar a ignorância sobre os fatos das guerras civis. Em prol disso, os espaços da *Urbs* ou de *tota Italia* acabavam tornando-se palcos privilegiados, todos apropriados de acordo com os interesses em jogo: sobrevivência, vitória e recompensa.

Movidos assim, os sujeitos procuravam por boatos de acontecimentos recentes, ouvidos lá e cá, ou seja, por informações de primeira mão, que, talvez, lhes dessem vantagens. "Cada um forjava suas próprias conjecturas, e o que ouvia do outro servia para aumentar um pouco de sua própria angústia" (Caes. *BCiv.* 2, 29, 2).¹⁴¹ No fundo, é como se as pessoas envolvidas nos conflitos quisessem não só se instruir

¹³⁹ *Quo signo dato subito clamore facto ex improviso hostibus aversis incuterent terrorem, ut perturbati ac perterriti respicere post terga cogerentur.*

¹⁴⁰ *Insequenti luce materfamilias de muro se deiecit et ad nos transsiliit dixitque se cum familia constitutum habuisse ut una transfugerent ad Caesarem, illam oppressam et iugulatam. Hoc praeterito tempore tabellae de muro sunt deiectae in quibus scriptum est inventum: 'L. Munatius Caesari. Si mihi vitam tribues, quoniam ab Cn. Pompeio sum desertus, qualem me illi praestiti, tali virtute et constantia futurum me in te esse praestabo'. Eodem tempore oppidani legati qui antea exierant, Caesarem adierunt: si sibi vitam concederet, sese insequenti luce oppidum esse dedituros. Quibus respondit se Caesarem esse fidemque praestaturum.*

¹⁴¹ *Unusquisque enim opiniones fingeat et ad id, quod ab alio audierat, sui aliquid timoris addebat.*

ou repassar notícias, mas também expressar as suas opiniões, de modo que elas atingissem amplitude e conquistassem adeptos. Até porque o boato – é bom lembrar – remete a um processo de difusão em cadeia, a um som audível que se eleva de todas as vozes. Ele corre, cativa multidões e, quanto mais simpatizantes alcança, mais verídico parecerá.

Tornam-se verdadeiros porque os agentes acreditam que sejam. Como argumenta Kapferer (1993), os boatos apenas redemonstram que as certezas são sociais: é verdadeiro aquilo que o grupo que o espalha considera como tal. O saber comumente repousa sobre a fé, e não sobre a prova. “Portanto, as íntimas convicções que movem os povos baseiam-se mais em palavras [...]” do que em fatos (KAPFERER, 1993, p. 242), e é na vitória de César que tais convicções vão mostrar-se muito decisivas.

CAPÍTULO IV

4 ANALISANDO OS BOATOS

O próprio Magno viu o medo e achou por bem
depor brasões, sem arriscar tudo com tropas
vencidas pela *fama* do não visto César (Luc. *Phars.* 2, 598-600).¹⁴²

O triunfo cesariano nas guerras civis é fortemente rememorado na contemporaneidade. Livros de História, obras cinematográficas, óperas e peças teatrais sempre exaltam a genialidade e a perspicácia de um general que conseguiu vencer o seu inimigo e conquistar o poder supremo da República. Tais produções, porém, costumam enfatizar apenas o talento bélico do líder, deixando de lado outros aspectos relevantes e determinantes da vitória, como o apoio partidário, a alimentação, o clima, a disposição das tropas, a fortuna e os próprios boatos.

Aliás, são aspectos que abordamos nos Capítulos II e III desta tese. O que faltou até agora foi a exposição detalhada da influência dos boatos no conflito, isto é, a comprovação da hipótese de que eles foram importantes a César na aquisição de alianças, recursos e na rendição de comunidades. Para finalmente validarmos a nossa ideia, principiaremos as análises a partir da aparição dos primeiros boatos de uma guerra civil iminente, surgidos após a morte de Júlia, em setembro de 54.

4.1 O PRELÚDIO DA STASIS

O acontecimento, de acordo com Plutarco, foi transmitido em Roma e “[...] imediatamente toda a cidade ficou chocada, o que causou tumulto e o surgimento de boatos mencionando a ruptura entre eles, porque a aliança de casamento, ao invés de impedir, escondeu as suas verdadeiras ambições, e agora estava quebrada” (Plut. *Pomp.* 53, 5).¹⁴³

¹⁴² *Sensit et ipse metum Magnus, placuitque referri/ signa nec in tantae discrimina mittere pugnae/ iam uictum fama non uisi Caesaris agmen.*

¹⁴³ εὐθύς γὰρ ἐκύμαινεν ἡ πόλις, καὶ πάντα τὰ πράγματα σάλον εἶχε καὶ λόγους διαστατικούς, ὥς ἡ πρότερον παρακαλύπτουσα μᾶλλον ἢ κατείργουσα τῶν ἀνδρῶν τὴν φιλαρχίαν οἰκειότης ἀνήρηται.

Sem os laços familiares, Pompeu e César não tinham mais motivos para disfarçar as suas intenções, e logo começaram a circular anúncios de que eles pretendiam rapinar todo o *Orbis* romano (Cat. *Carm.* 29), notícias amplificadas pouco depois, quando “[...] foi dito que Crasso tinha morrido na guerra contra os partas e ele havia sido o maior obstáculo para a eclosão da guerra civil. Por temerem a ele, tanto Pompeu e César, de alguma forma, continuaram a se tratar de maneira justa” (Plut. *Pomp.* 53, 6).¹⁴⁴

A morte de Júlia e de Crasso, segundo Apiano (*B Civ.* 2, 3, 20) e Cícero (*QFr.* 3, 4, 1; 3, 8, 4), produziram “[...] um alarmante boato de ditadura [...]” e a possibilidade de uma grande contenda entre os dois estrategos.¹⁴⁵ A solução para essas questões mostrou-se na consolidação do sentimento geral de que a República deveria ser governada por um só homem.

Assim, entre os anos de 53 e 52, os dois líderes promoveram medidas, visando fortalecer os seus poderes pessoais. César, por exemplo, patrocinou a eleição de aliados às principais magistraturas romanas e presenteou aristocratas e reis a fim de garantir apoio nas províncias (Suet. *Iul.* 28). Magno, por seu turno, promoveu a violência pública na capital, tentando evitar que as assembleias acontecessem normalmente. O resultado foi a sua escolha como cônsul único pelo Senado (Plut. *Pomp.* 54, 3-5; 58, 1).

Ao ser empossado, nomeou os cônsules dos anos 51 e 50, os quais aprovaram leis para prejudicar a César, como a proibição dos subornos nos *comitia*, a transferência de uma de suas legiões da Gália para o comando de Pompeu na Partia (App. *B Civ.* 2, 3, 23; 2, 4, 29) e o impedimento de candidaturas ao consulado *in absentia* (Plut. *Caes.* 28; Suet. *Iul.* 28).

Reagindo às medidas, César

¹⁴⁴ μετ’ οὐ πολὺ δὲ καὶ Κράσσοις ἐν Πάρθοις ἀπολωλὼς ἡγγέλλετο: καὶ τοῦτο κώλυμα ὄν μέγα τοῦ συμπεσεῖν τὸν ἐμφύλιον πόλεμον ἐκποδῶν ἐγγεγόνει: δεδιότες γὰρ ἐκεῖνον ἀμφοτέρωι τοῖς πρὸς ἀλλήλους ἀμῶς γε πῶς ἐνέμενον δικαίοις.

¹⁴⁵ *Dictaturae etiam rumor plenus timoris fuisset.*

[...] tentou manter o seu poder até ser eleito cônsul e pediu ao Senado que lhe concedesse mais tempo no seu atual comando de toda a Gália ou de uma parte. Marcelo, que sucedeu a Pompeu como cônsul, proibiu-o. Dizem que quando isso foi anunciado a César, ele colocou a mão em sua espada e exclamou: "Isso será concedido a mim" (App. *B Civ.* 2, 4, 25).¹⁴⁶

Os boatos e as atitudes dos comandantes induziram a população de Roma a questioná-los sobre a sua antiga aliança. Como suas respostas, em geral, eram evasivas e ambíguas, as suspeitas de uma possível guerra acabaram confirmando-se, e logo os cidadãos começaram a se preocupar com os planos dos generais. Cícero, inclusive, foi um dos interessados em adquirir informações, chegando a escrever para os seus amigos. A seu pedido, Célio redigiu uma epístola com as seguintes observações:

O ponto em questão [...] é esse: Cn. Pompeu está determinado a não permitir que C. César seja eleito cônsul, a menos que ele entregue o seu exército e as suas províncias. César, por outro lado, está convencido de que não há segurança para ele, caso renuncie a suas tropas. Ele propõe, no entanto, o compromisso de que ambos devem ceder. Por causa do apego mútuo e detestável, a aliança entre os dois não está a degenerar em brigas privadas, mas a caminho da guerra (Cic. *Fam.* 8, 14, 2).¹⁴⁷

Simultaneamente à expectativa bélica, apareceram boatos sobre os reveses de César na Gália e a derrota das suas milícias, consoante outra carta de Célio:

Há boatos frequentes a seu respeito e eles não são muito agradáveis. De qualquer modo, os *susurratores* falam sobre as novas notícias: um deles diz que ele perdeu sua cavalaria e eu suspeito que é, sem dúvida, o caso; outro diz que a sétima legião foi batida e ele mesmo está preso entre os belovácios, separado do resto do seu exército; todavia, até agora não há nada de certo e mesmo esses boatos – apenas vagos – não são, apesar de tudo, divulgados publicamente, mas apenas falados como segredos entre poucos (Cic. *Fam.* 8, 1-4).¹⁴⁸

¹⁴⁶ ὁ δὲ Καῖσαρ ἀντιπράξειν τὴν βουλὴν ὑπονοῶν ἐδεδοίκει μὲν ὑπὸ τοῖς ἐχθροῖς ἰδιώτης γενέσθαι, ἐτέχναζε δὲ ἐπὶ δυνάμει εἶναι, μέχρι ὑπατος ἀποδειχθεῖν, καὶ τὴν βουλὴν ἦτοι χρόνον ἄλλον ὀλίγον ἐς τὴν παροῦσάν οἱ τῆς Γαλατίας ἡγεμονίαν ἢ ἐς μέρος αὐτῆς ἐπιλαβεῖν. διακωλύσαντος δὲ Μαρκέλλου, ὃς ἐπὶ τῷ Πομπηίῳ ὑπατος ἦν, φασὶ τὸν Καῖσαρα τῷ μηνύοντι ἀποκρίνασθαι, κόπτοντα τὴν λαβὴν τοῦ ξίφους: ἥδε μοι δώσει.

¹⁴⁷ *Propositum hoc est [...] quod Cn. Pompeius constituit non pati C. Caesarem consulem aliter fieri, nisi exercitum et provincias tradiderit, Caesari autem persuasum est se salvum esse non posse, si ab exercitu recesserit; fert illam tamen condicionem, ut ambo exercitus tradant. Sic illi amores et invidiosa coniunctio non ad occultam recidit obtrectationem, sed ad bellum se erumpit.*

¹⁴⁸ [...] *Crebri et non belli de eo rumores; sed susurratores dumtaxat veniunt; alius equitem perdidisse, quod opinor certe factum est; alius septimam legionem vapulasse; ipsum apud Bellovacos circumsederi, interclusum ab reliquo exercitu; neque adhuc certi quidquam est, neque haec incerta tamen vulgo iactantur, sed inter paucos, quos tu nosti, palam secreto narrantur.*

O problema é que tais segredos não se mantiveram privados por muito tempo e sem demora alcançaram o Fórum e os teatros, provocando na opinião pública romana a certeza da superioridade pompeiana e de sua vitória sobre um exército fraco.

Para piorar ainda mais a imagem de César, no início do ano 50, o Senado o obrigou a receber emissários de Magno na Gália com a missão de remover uma de suas legiões (App. *B Civ.* 2, 4, 29; Suet. *Iul.* 29). Ao chegarem a Roma, os *militēs* semearam boatos difamatórios sobre o seu antigo chefe, dizendo que ele não era amado e que, caso houvesse um embate, prefeririam apoiar Pompeu.

Com os soldados também vieram boatos de que César havia atravessado os Alpes e estava marchando em direção à *Urbs* com o intuito de destruir o seu adversário. Por conseguinte, Magno foi declarado publicamente protetor da *Respublica* e encarregado da primeira linha de defesa da Itália, na cidade de Cápuia (App. *B Civ.* 2, 4, 30-31; Plut. *Caes.* 29).

Com a perspectiva de uma contenda insurgente, os indivíduos passaram a escolher em quem depositariam o seu apoio. Muitos, aliás, mostraram-se indecisos e temerosos em tomar qualquer partido. Cícero, por exemplo, escreveu para Ático exprimindo suas dúvidas:

A minha ideia é essa: uma vez aliado com Pompeu, eu nunca serei culpado de improbidade política; e aliando-me a César, eu não lutaria contra Pompeu. Tão forte era a aliança entre esses dois. Mas agora, a partir da sua carta e da minha visão, vejo que existe a possibilidade de uma grande luta entre eles (Cic. *Att.* 7, 1, 3).¹⁴⁹

O senador decidiu, então, aliar-se a Pompeu e enviou correspondências a todos os seus amigos e familiares pedindo que fizessem o mesmo e que declarassem publicamente suas opções. Requisitou ainda que fomentassem boatos sobre as intenções de César em tornar-se “rei” e sobre as suas pretensões de massacrar toda a oposição (Cic. *Att.* 7, 7).

¹⁴⁹ *Haec enim cogitabamus, nec mihi coniuncto cum Pompeio fore necesse peccare in re publica aliquando nec cum Caesare sentienti pugnandum esse cum Pompeio. Tanta erat illorum coniunctio. Nunc impendet, ut et tu ostendis et ego video, summa inter eos contentio.*

Assim como Cícero e seus conhecidos, diversos sujeitos e cidades do Império decretaram apoio a Magno, em especial por acreditarem nos boatos da fraqueza cesariana e no presumível triunfo pompeiano. De súbito, o número de fiéis deste último se espalhou, superando a rede de alianças do primeiro.

Por fim, verificamos que o prelúdio das guerras civis se pautou em quatro boatos: os anunciadores do conflito, as intenções ditatoriais dos comandantes, a falsa fidelidade das tropas da Gália e o avanço de César sobre a capital, uma sequência que indica uma intensificação dos falares acerca das ações dos generais, isto é, aponta que os boatos foram sendo construídos e repassados de forma que a eclosão do confronto se tornava cada vez mais inevitável.

4.2 AS AÇÕES SOCIAIS: AS DETERMINAÇÕES DOS GRUPOS E OS SEUS INTERESSES

Com esses anúncios tornava-se irremediável também a formação de expectativas quanto ao sucesso ou ao fracasso dos líderes. De certo, é por meio delas que os sujeitos vão agir em conjunto e perseguir interesses comuns, ou seja, atuar associadamente em prol da facção escolhida.

Tal ação coletiva, segundo Tilly (1978), é o somatório de cinco componentes, a saber: o interesse, a organização, a mobilização, a oportunidade e a ação em si. O interesse, para o autor, ocorre quando o grupo realiza um balanço entre possíveis ganhos e perdas. A organização advém da estrutura do grupo e da sua capacidade de proceder conforme esse mesmo interesse. A mobilização, por seu turno, é o processo em que o coletivo adquire meios necessários à ação, como armas, dinheiro, votos, víveres, entre outros. A oportunidade compreende a relação que o grupo tem com o mundo que o rodeia. E a ação em si é quando ele se movimenta em favor de obter benefícios.

Esse movimento pode ser defensivo, ofensivo ou preparatório. No primeiro, a ameaça externa induz as pessoas a medirem os seus recursos e a defendê-los

contra o inimigo. No segundo, faz com que o grupo use racionalmente os seus bens para agredir o adversário. E, no último, leva o coletivo a planejar o enfrentamento, reunindo fundos e coletando informações (TILLY, 1978).

Todas essas ações são encontradas e percebidas durante os anos da *stasis*. Foram elas que marcaram a configuração e a reconfiguração das redes de alianças, bem como a aquisição de vantagens ou desvantagens militares. Em nossas fontes do grupo primário, encontramos as subsequentes (Tabela 6):

Tabela 6 – As referências das ações sociais.

AS AÇÕES SOCIAIS	VOCÁBULOS	FONTES LITERÁRIAS			TOTAL DE REFERÊNCIAS
		Grupo primário			
		<i>Pharsalia</i>	<i>de Bello Civili</i>	<i>epistulae Ciceronem</i>	
Aberturas das portas	<i>aperire</i>	N/A	5	1	6
Assalto	<i>diripere</i>	1	5	3	9
	<i>perfringere</i>	1	1	N/A	2
Assembleias	<i>colloquia</i>	34	24	N/A	58
	<i>concilia</i>	1	2	3	6
	<i>contiones</i>	N/A	7	2	9
Deserções	<i>deserere</i>	25	8	3	36
Envio de homens e de recursos	<i>mittere</i>	N/A	80	N/A	80
Expulsões ou fugas	<i>fugae</i>	39	43	19	101
	<i>fugere</i>	15	35	N/A	50
Fechamento das portas	<i>claudere</i>	9	1	N/A	10
	<i>obstruere</i>	N/A	3	N/A	3
	<i>praecludere</i>	1	4	N/A	5
	<i>reficere</i>	N/A	9	N/A	9
Pânicos	<i>catervae</i>	16	N/A	N/A	16
	<i>pavores</i>	11	N/A	N/A	11
	<i>perturbare</i>	N/A	8	1	9
	<i>terrores</i>	11	16	N/A	27
	<i>timores</i>	23	32	10	65
	<i>trepidantes</i>	38	1	N/A	39
	<i>tumultus</i>	31	10	N/A	41

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 6, as expulsões ou fugas são as ações sociais com maior recorrência nas fontes, com 229 passagens, Em seguida, os pânicos, contabilizando 228 menções, o envio de homens e de recursos, com 130, as assembleias, com 73, as deserções, com 36, o fechamento de portas, com 27, os assaltos às cidades, com 11, e a abertura de portas, com seis ocorrências.

As expulsões ou fugas eram o resultado da circulação de boatos perturbadores e ocorriam por três razões: devido aos pânicos e temores, em virtude da decisão das comunidades de banir as guarnições dos estrategos e em consequência da evasão das tropas por receio da hostilidade popular. É o que notamos nos trechos abaixo:

Cápua e as tropas estão estagnadas – nossa causa encontra-se desesperançosa. Todos estão **fugindo**, a menos que alguma divindade ajude Pompeu a juntar o seu exército com Domício (Cic. *Att.* 7, 23, 3, *grifo nosso*).¹⁵⁰

Diante do ocorrido [...] a cidade de Lisso [...] acolheu Antônio, proporcionando-lhe toda sorte de ajuda. Otacílio, temendo por sua sorte, **foge** da cidade e vai juntar-se a Pompeu (Caes. *BCiv.* 3, 29, 1, *grifo nosso*).¹⁵¹

Os pânicos ocorriam quando um boato muito impactante, como a *fama* de Pompeu ou de César, chegava às *civitates* / *oppida*. Ao ouvi-lo, os indivíduos aumentavam os *timores* (temores), os *terrores* (terrores) e os *tumultus* (tumultos). Vejamos:

Eu vi o cônsul Lêntulo em Fórmias no dia 21. Eu vi Libão. Em todo lugar há **temor** e confusão. Pompeu está na estrada para Larínio, pois lá estão as suas coortes e em Lucéria [...] e no resto da Apulia (Cic. *Att.* 7, 12, 2, *grifo nosso*).¹⁵²

Por sua vez, o envio de homens e de recursos decorria do impacto dos boatos nas negociações cívicas. Nesse sentido, os *castra*, as *civitates* e os *oppida* mandavam

¹⁵⁰ *Quod quaeris hic quid agatur, tota Capua et omnis hic dilectus iacet; desperata res est, in fuga omnes sunt, nisi qui deus iuverit ut Pompeius istas Domiti copias cum suis coniungat.*

¹⁵¹ *Quo facto conventos [...] Lissum [...] Antonium recepit omnibusque rebus iuvit. Otacilius sibi timens ex oppido fugit et ad Pompeium pervenit.*

¹⁵² *Vidi Lentulum consulem Formiis x Kal., vidi Libonem; plena timoris et erroris omnia. Ille iter Larinum; ibi enim cohortes et Luceriae [...] reliquaque in Apulia.*

viveres e fundos aos líderes por acreditarem nas suas chances de vitória, conforme demonstra César nas *Guerras Cívicas*:

Saindo de Áuximo, César percorre o território do Piceno. Todas as prefeituras da região acolhem-no [...] e assistem seu exército com todos os meios. Até mesmo de Cíngulo [...] vêm emissários que garantem que os seus habitantes fariam [...] o que César ordenasse. Ele exige soldados; **enviam-nos** (Caes. *BCiv.* 1, 15, 1-3, *grifo nosso*).¹⁵³

Promoveu o recrutamento em toda a província [...]. Acumulou grande quantidade de trigo para **enviá-la** tanto aos marselheses como a Afrânio e Petreio (Caes. *BCiv.* 2, 18, 1, *grifo nosso*).¹⁵⁴

As assembleias eram os espaços onde havia a deliberação sobre o futuro das comunidades. Em geral, ocorriam entre comandantes, soldados e provinciais que buscavam apoio e alianças. De igual modo, às categorias anteriores, constituíam palcos profícuos ao fluxo de boatos. Percorramos dois exemplos:

[Pompeu] não possui espírito, plano, forças ou energias. Eu não digo nada a respeito de sua desgraçada fuga da *Urbs*, de seus discursos temerosos nas **assembleias** das cidades e da sua ignorância em relação à força dos adversários e das suas próprias (Cic. *Att.* 7, 21, 2, *grifo nosso*).¹⁵⁵

Depois de ler integralmente a carta, Domício, ocultando o seu conteúdo, anuncia que Pompeu virá rapidamente em socorro; exorta-os a não fraquejar e a preparar tudo o que pode ser útil à defesa da cidade. Conversa, porém, em uma **assembleia** secreta, com um pequeno grupo dos seus íntimos e arquiteta um plano de fuga (Caes. *BCiv.* 1, 19, 1-2, *grifo nosso*).¹⁵⁶

Por seu turno, os assaltos aconteciam quando os cidadãos resolviam declarar inimizade a Pompeu ou a César. Nesse caso, a solução para os chefes consistia em saquear as *civitates*, pilhando os seus bens e deixando todos famintos ou mortos. Lucano e o próprio César, aliás, ilustram esses episódios:

¹⁵³ *Auximo Caesar progressus omnem agrum Picenum percurrit. Cunctae earum regionum praefecturae [...] eum recipiunt exercitumque eius omnibus rebus iuvant. Etiam Cingulo [...] ad eum legati veniunt quaeque imperaverit [...]. Milites imperat: mittunt.*

¹⁵⁴ *Delectum habuit tota provincia [...]. Frumenti magnum numerum coegit, quod Massiliensibus, item quod Afranio Petreioque mitteret.*

¹⁵⁵ *Non animus est, non consilium, non copiae, non diligentia. Mittam illa, fugam ab urbe turpissimam, timidissimas in oppidis contiones, ignorationem non solum adversari sed etiam suarum copiarum.*

¹⁵⁶ *Litteris perfectis Domitius dissimulans in consilio pronuntiat Pompeium celeriter subsidio venturum hortaturque eos, ne animo deficiant quaeque usui ad defendendum oppidum sint parent. Ipse arcano cum paucis familiaribus suis colloquitur consiliumque fugae capere constituit.*

Se preparas um cerco, um **assalto** aos portões,
suportaremos fogo e dardo em nossos tetos,
água de fonte inimiga podemos roubar,
e sedentos, lambar a terra revirada,
e, na escassez de trigo, colocar na boca
coisas torpes à vista e asquerosas ao tato (Luc. *Phars.* 3, 343-348, *grifo*
nosso).¹⁵⁷

Para lá Curião envia a cavalaria para **assaltar** e fazer despojos; ao mesmo tempo, Varo, para proteger aquelas mercadorias, envia da cidade seiscentos cavaleiros numidas e quatrocentos infantes que, alguns dias antes, o rei Jubá enviara a Útica, como reforço (Caes. *BCiv.* 2, 25, 3, *grifo* *nosso*).¹⁵⁸

As deserções, o fechamento e a abertura das portas marcavam a opção de uma comunidade em se render ou enfrentar o assédio. Os três posicionamentos transformavam determinada localidade em amiga ou inimiga, assinalando ainda a sua preferência ou não por salvaguardar os seus habitantes, edifícios e meios:

A par dessas instruções, os marselheses tinham **fechado as portas** a César; tinham convocado para a defesa da cidade os álbicos [...]; tinham acumulado na cidade provisões de trigo vindas das regiões vizinhas e de todos os postos fortificados; tinham instalado na cidade fábricas de armas e reparavam muros, portas e navios (Caes. *BCiv.* 1, 34, 4-5, *grifo* *nosso*).¹⁵⁹

Você sabe que em Sulmona C. Átio Paeligno **abriu os portões** a Antônio, embora ele tivesse sob seu comando cinco coortes, que Q. Lucrécio escapou do local, e Pompeu saiu de Brundísio, **desertando** a Domício (Cic. *Att.* 8, 4, 3, *grifos* *nostros*).¹⁶⁰

Explanadas as ações sociais, é válido lembrar que são impulsionadas pelas “janelas de oportunidades” percebidas pelos atores, ou seja, pelas condições que os encorajam a se unir a um movimento social em um contexto. Nesse sentido, não podem ser dissociadas dos meios de comunicação e interpretação subjacentes a qualquer mobilização. Desses meios, os boatos são uma parte integrante e fundamental. Eles funcionam “[...] como um sinal de mudanças no *status quo*, como

¹⁵⁷ *Si claudere muros/ obsidione paras et ui perfringere portas,/ excepisse faces tectis et tela parati,/ undarum raptos auersis fontibus haustos/ quaerere et effossam sitientes lambere terram/ et, desit si larga Ceres, tunc horrida cerni/ foedaque contingi maculato attingere morsu.*

¹⁵⁸ *Huc equitatum mittit, ut diriperet atque haberet loco praedae; eodemque tempore his rebus subsidio DC Numidae ex oppido peditesque CCCC mittuntur a Varo, quos auxilii causa rex luba paucis diebus ante Uticam miserat.*

¹⁵⁹ *Quibus mandatis acceptis Massilienses portas Caesari clauserant; Albicos [...] ad se vocaverant; frumentum ex finitimis regionibus atque ex omnibus castellis in urbem convexerant; armorum officinas in urbe instituerant; muros portas classem reficiebant.*

¹⁶⁰ *Sulmone C. Atium Paelignum aperuisse Antonio portas, cum essent cohortes quinque, Q. Lucretium inde effugisse scis Gnaeum ire Brundisium desertum.*

um método de mobilização para ação e como uma ferramenta para os líderes ganharem apoio para seu grupo” (OLIVEIRA, 2016).

Esclarecida essa questão, voltemos ao prelúdio da *stasis*. Pompeu, como vimos, recebeu o maior apoio do Império, pois era percebido como o mais forte e bem preparado à batalha. Todavia, no decorrer dos embates, esse suporte foi diminuindo, a ponto de César tornar-se o novo favorito ao triunfo, uma transição em que os boatos, outra vez, se revelaram peças centrais. E é justamente tal mudança que investigaremos agora. Para tanto, organizamos a sequência deste capítulo segundo os episódios das guerras civis: 1) o avanço de César sobre a Itália; 2) a conquista de Roma; 3) o cerco a Marselha; 4) as campanhas nas Hispânicas Ulterior e Citerior; 5) o sítio à Útica; 6) as batalhas na Grécia.

4.3 O AVANÇO DE CÉSAR SOBRE A ITÁLIA

No dia 10 janeiro de 49, César cruzou o Rubicão com somente 500 soldados e sem nenhum território sob o seu domínio na península. Pompeu e o Senado, ao contrário, tinham 11.500 legionários, controlando, para além de Roma, as cidades de Arímimo, Brundísio, Cápua e Corfíno (Mapa 12).

Mapa 12 – As cidades pró-Pompeu na Itália.

Fonte: ACH, p. 104.

De acordo com Lucano (*Phars.* 1, 143-149), foi neste momento que as *famae* de Pompeu e César começaram a se propagar. O primeiro é referenciado como “ó Magno” (*Magne*), no vocativo, seguido da menção às suas brilhantes campanhas contra os piratas. Suas habilidades militares, características morais, senectude e talento político, especialmente entre o *volgus*, são glorificados e divulgados no boca a boca. Em síntese, Pompeu era bem conhecido, e a sua *fama* se assemelhava à de um salvador. César, em oposição, é apresentado por Lucano sem nenhum comentário sobre as suas vitórias ou sobre sua semelhança com homens grandiosos do passado. Temos apenas a alusão a um estrategista bravo, inquieto, impetuoso, cruel e sem pudor, cuja *fama* assustava os inimigos e a população de Roma. Eis, então, os retratos dos líderes na poesia lucaniana:

Não como iguais bateram-se. Um deles vergado
em senectude, e calmo, e acostumado à toga,
na paz das armas esqueceu, sequaz de *fama*,
muito concede à plebe – o seu motor é a voz
do povo – e só lhe alegra o aplauso em seu teatro (Luc. *Phars.* 1, 129-133).¹⁶¹

Quanto a César, não só o nome havia
e *fama* de estrategista, mas bravura inquieta
e um único pudor: o de vencer a luta.
Indômito e ferrenho, onde ira ou fé o instar
se atira e nunca poupa temerário ferro,
persegue seu sucesso e dos deuses o apoio,
dirimindo o que do alto poder lhe apartasse,
feliz em percorrer caminhos arruinando (Luc. *Phars.* 1, 143-150).¹⁶²

É importante recordar que as *famae* consistiam em um tipo de boato bastante decisivo e confiável. Elas eram embasadas na opinião pública ou no julgamento das pessoas acerca de um evento ou de um personagem conhecido. Por causa disso, eram sempre levadas em consideração pelas cidades antes da tomada de qualquer decisão. Quanto maior a *fama* de um comandante, mais cautela as comunidades tinham, pois a sua aproximação e chegada fomentavam a formação de multidões, pânico e fugas.

Os demais boatos – *audire, dicere, murmurare, nuntiare, rumores e sermones* –, em geral, traziam notícias a respeito do andamento dos confrontos, isto é, a respeito da movimentação dos generais, dos resultados dos cercos e das alianças entre as *civitates*. Embora não difundissem, em seu conteúdo, a *fama* de Pompeu ou César, eram habitualmente avaliados em conjunto com elas.

Dito isso, retornemos à entrada de César no norte da Itália. Sua primeira conquista foi a cidade de Arimino, entre 11 e 12 de janeiro de 49, na qual o rápido assalto levou à fuga muitos dos seus habitantes. Amedrontados, acharam que as milícias cesarianas eram mais numerosas do que os 500 homens já citados e difundiram

¹⁶¹ *Iter uergentibus annis/ in senium longoque togae tranquillior usu/ dedidit iam pace ducem,/ famaеque petitor/ multa dare in uolgu, totus popularibus auris/ in pelli plausuque sui gaudere theatri.*

¹⁶² *Sed non in Caesare tantum/ nomen erat nec fama ducis, sed nescia uirtus/ stare loco, solusque pudor non uincere bello./ Acer et indomitus, quo spes quoque ira uocasset, ferre manum et numquam temerando parcere ferro,/ successus urguere suos, instare fauori/ numinis, in pellens quidquid sibi summa petenti/ obstaret gaudensque uiam fecisse ruina.*

boatos causadores de pânico, que logo se alastraram do norte da península até Roma (App. *B Civ.* 2, 5, 35).

Plutarco corrobora essa versão:

Logo divulgou-se a notícia da tomada de Arímino, como se a guerra tivesse sido declarada, por mar e por terra, as fronteiras tivessem sido violadas, bem como todas as leis romanas e os limites de seu governo, completamente arruinados; dir-se-ia que as cidades inteiras, erguendo-se de seus lugares, fugiam umas após outras, de terror, por toda a Itália, não os homens e as mulheres, como outrora, de maneira que a cidade de Roma ficou imediatamente cheia, como inundada por uma torrente de povos vizinhos, que a ela se lançaram de todos os lados, sem que magistrado algum pudesse governá-la com sua autoridade, nem pela razão, conter uma tão violenta tempestade e tormenta, e bem pouco faltou para que ela não fosse totalmente destruída, porque não havia um lugar sequer onde não surgissem dissensões, rebeliões violentas e perigosas (Plut. *Caes.* 33).¹⁶³

Os boatos facilitaram a César, entre os dias 13 e 16, a ocupação de Pisauro, Fano e Ancona quase sem nenhuma resistência (Caes. *BCiv.* 1, 10-11). Pompeu, então, decidiu frear o avanço do seu adversário, enviando tropas a Igúvio, em uma região próxima a Arímino. Sua população, entretanto, já ciente da *fama* cesariana e do seu “imenso” exército, preferiu hostilizar os pompeianos e expulsá-los, como verificamos no seguinte excerto das *Guerras Cívicas*:

Quando se anuncia a chegada dele, Termo, sem confiança nos sentimentos do município, retira as suas coortes da cidade e se põe em fuga. Em meio à marcha, os soldados desertam e tornam a seus lares. Curião ocupava Igúvio com apoio entusiasta da população. Ao tomar conhecimento desses fatos, César, contando com a boa disposição dos municípios, retira de suas guarnições as coortes da décima-terceira legião e parte para Áuximo (Caes. *BCiv.* 1, 12, 2-3).¹⁶⁴

¹⁶³ ἐπεὶ δὲ κατελήφθη τὸ Ἀρίμινον, ὥσπερ ἀνεωγμένου τοῦ πολέμου πλατεῖαις πύλαις ἐπὶ πᾶσαν ὁμοῦ τὴν γῆν καὶ θάλασσαν, καὶ συγκεχυμένων ἅμα τοῖς ὅροις τῆς ἐπαρχίας τῶν νόμων τῆς πόλεως, οὐκ ἄνδρας ἂν τις ᾤκηται καὶ γυναῖκας, ὥσπερ ἄλλοτε, σὺν ἐκπλήξει διαφοιτᾶν τῆς Ἰταλίας, ἀλλὰ τὰς πόλεις αὐτὰς ἀνισταμένας φυγῇ διαφέρεσθαι δι’ ἀλλήλων, τὴν δὲ Ῥώμην ὥσπερ ὑπὸ ῥευμάτων πιμπλαμένην φυγαῖς τῶν πέριξ δήμων καὶ μεταστάσεσιν, οὔτε ἄρχοντι πεῖσαι ῥαδίαν οὔσαν οὔτε λόγῳ καθεκτὴν, ἐν πολλῶν κλύδωνι καὶ σάλῳ μικρὸν ἀπολιπεῖν αὐτὴν ὑφ’ αὐτῆς ἀνατετράφθαι. πάθη γὰρ ἀντίπαλα καὶ βίαια κατεῖχε κινήματα πάντα τόπον.

¹⁶⁴ Cuius adventu cognito diffusus municipii voluntati Thermus cohortes ex urbe reducit et profugit. Milites in itinere ab eo discedunt ac domum revertuntur. Curio summa omnium voluntate Iguvium recepit. Quibus rebus cognitis confisus municipiorum voluntatibus Caesar cohortes legionis XIII ex praesidiis deducit Auximumque proficiscitur.

A partir daí Dião Cássio (41, 4, 1-2) afirma que as cidades nortenhas não se opuseram à marcha do líder. Inclusive, Lucano (1, 466 - 468) comenta que as demonstrações de apoio fizeram com que o invasor se encorajasse, ocupando os municípios restantes, que igualmente se entregaram a ele de modo voluntário.

O progresso de César foi acompanhado ainda por Cícero. Por meio de duas cartas enviadas a Ático, entre os dias 12 e 17 de janeiro do ano de 49, ele relatou seu conhecimento sobre os boatos e as invasões, demonstrando notável espanto:

O que está acontecendo? Estou no escuro. As pessoas dizem: “Cíngulo é nossa, Ancona está perdida, Labieno desertou a César”. Nós estamos falando de um oficial romano ou de Aníbal? Louco e miserável nunca nem mesmo viu a sombra do bem! (Cic. Att. 7, 11, 1).¹⁶⁵

Para o senador, a *fama* de César começava a confundir-se com a do histórico e cruel inimigo cartaginense, sentimento compartilhado por Lucano (*Phars.* 1, 303-305) na *Farsália*: “[...] em tremendo tumulto de guerras se agita Roma, qual se tivesse atravessado os Alpes Aníbal”.¹⁶⁶

Enfim, as rendições, a rápida disseminação da sua reputação e a associação a Aníbal fizeram com que até mesmo Pompeu se atemorizasse, um medo que, aliás, o fez rememorar a tomada da Itália pelos gauleses no ano 390, que ocasionou o subsequente saque à *Urbs*. Como resultado, Magno reuniu seus aliados e abandonou a capital. À ocasião, Cícero escreveu para Ático revoltado: “O que você pensa do plano de Pompeu? Eu digo: a sua deserção de Roma. Eu não sei o que fazer sobre isto. Além do mais, nada pode ser mais ridículo. Deixar a cidade? Você faria o mesmo, caso os gauleses estivessem vindo?” (Cic. Att. 7, 11, 3).¹⁶⁷

Plutarco atribui a atitude pompeiana aos boatos propagados, argumentando que o estrategista era muito

¹⁶⁵ Quaeso, quid est hoc? Aut quid agitur? Mihi enim tenebrae sunt. “Cingulum” inquit ‘nos tenemus, Anconem amisimus; Labienus discessit a Caesare’. Utrum de imperatore populi Romani an de Hannibale loquimur? O hominem amentem et miserum qui ne umbram quidem umquam tou kalou viderit!

¹⁶⁶ Non secus ingenti bellorum Roma tumultu/ concutitur, quam si Poenus transcenderit Alpes/ Hannibal.

¹⁶⁷ Quale tibi consilium Pompei videtur? Hoc quaero quod urbem reliquerit. Ego enim aporo. Tum nihil absurdus. Urbem tu relinquis? Ergo idem, si Galli venirent?

[...] superior a César, em número de soldados: jamais, porém, o deixaram usar do seu parecer, mas deram-lhe tantos falsos boatos e causaram-lhe tanto temor, como se já tivessem os inimigos às portas, como vencedor, que ele cedeu por fim e deixou-se levar pelos demais, deliberando, ao ver as coisas em tal perturbação e tumulto, abandonar a cidade, ordenando aos senadores que o seguissem; não houve um só que ficasse, tanto eles preferiam a tirania à liberdade do governo (Plut. *Caes.* 33, 3-4).¹⁶⁸

A notícia da fuga rapidamente correu toda a Itália. Ciente disso, César resolveu marchar até Áuximo, onde estavam estacionados os legionários de Magno sob a liderança de Átio Varo. Ao saberem da sua chegada, os *cives* enviaram decuriões ao seu encontro, alegando a expulsão dos pompeianos, porque “[...] nem eles nem os demais munícipes podiam suportar que se impedisse a entrada em sua cidade [...] [de um] general de belos serviços prestados à República, de tão grandes façanhas” (Caes. *BCiv.* 1, 13, 1).¹⁶⁹

Simultaneamente, nos dias 17 a 20 de janeiro, Cíngulo e Ásculo Piceno também se entregaram ao comandante. A primeira *civitas* havia sido fundada e construída por um aliado de Pompeu, Labieno, e seus cidadãos, ao ouvirem boatos da aproximação de César, mandaram emissários a ele, assegurando que todos executariam seus desejos “com a maior boa vontade”.¹⁷⁰ Por seu lado, a segunda cidade estava ocupada por cinco coortes de Pompeu lideradas por Lêntulo Espínter, e seus nativos os pressionaram a desertar (Caes. *BCiv.* 1, 15, 2-3).

Nesse íterim, o próprio César relata que, ao percorrer essa região do Piceno, foi acolhido pelas *praefecturae* da *regio* “com a alma em júbilo”. E elas assistiram “[...] o seu exército com todos os meios” (Caes. *BCiv.* 1, 15, 1),¹⁷¹ uma situação repetida ainda em mais cidades do norte italiano:

¹⁶⁸ οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ τότε πλήθει δυνάμεως ὑπερέβαλλεν ὁ Πομπηῖος τὴν Καίσαρος· εἶσε δ' οὐδεὶς τὸν ἄνδρα χρῆσασθαι τοῖς ἑαυτοῦ λογισμοῖς, ἀλλὰ ὑπ' ἀγγελμάτων πολλῶν καὶ ψευδῶν καὶ φόβων, ὡς ἐφεστῶτος ἤδη τοῦ πολέμου καὶ πάντα κατέχοντος, εἶξας καὶ συνεκκρουσθεὶς τῇ πάντων φορᾷ ψηφίζεται ταραχὴν ὀρᾶν, καὶ τὴν πόλιν ἐξέλιπε κελεύσας ἔπεσθαι τὴν γερουσίαν, καὶ μηδὲνα μένειν τῶν πρὸ τῆς τυραννίδος ἡρημένων τὴν πατρίδα καὶ τὴν ἐλευθερίαν.

¹⁶⁹ Neque se neque reliquos municipes pati posse C. Caesarem imperatorem, bene de re publica meritum, tantis rebus gestis oppido moenibusque prohiberi.

¹⁷⁰ Se cupidissime facturos pollicentur.

¹⁷¹ Cunctae earum regionum praefecturae libentissimis animis eum recipiunt exercitumque eius omnibus rebus iuvant.

Já nessa altura as vilas do Lácio, hesitantes
e ainda sem partido, prontas a ceder,
entretanto, ao terror da guerra deflagrada,
vão protegendo os muros com largas trincheiras
os quais rente circunda a paliçada, e munem
as altas torres do mural com pedregulhos,
com todo troço, enfim, que ao longe o inimigo atinja.
O povo era propenso a Magno [...]
Mas o medo tudo
transforma e a boa-fé da Sorte é inconstante.
De medo Libon deixa a Etrúria e Termo a Úmbria.
Perdem, destarte, povos tais seu livre arbítrio.
Nem faz guerras civis sob os auspícios paternos
Sula, que retrocede, ouvido o nome de “César”.
Quando a cavalaria estava às portas de Áuximo,
do lado em que era falho o cerco, Varo foge
por selvas e por serras. Já de Ásculo o povo
põe Lêntulo p’ra fora: ao vencedor se entregam
seus homens, e ele só, de um exército foge,
chefiando estandartes de tropa nenhuma (Luc. *Phars.* 2, 447-471).¹⁷²

Tais rendições servem como demonstrações iniciais de como os boatos ajudaram César a construir sua credibilidade. Eles tomaram a frente, organizaram os grupos e criaram uma aceitação passiva, gerando oposição e resistência às milícias de Pompeu. Nas palavras de Kapferer, “[...] se o boato toma vulto, então ele se auto confirma” (KAPFERER, 1993, p. 174). Ele passa a ter razão, apoio e adesão. Foi assim que logo se espalhou, atravessando boa parte do território nortenho.

Continuamente, na Itália Central temos a mesma configuração. Corfíno, por exemplo, mantinha-se como o último local de resistência aos cesarianos. Seu comandante, Domício, a par das intenções ofensivas do líder, preparou-se para um possível cerco, estocando recursos dentro dos muros da sua cidade e de outras duas próximas, Alba e Sulmona. Essa conduta limitou as possibilidades de César apoderar-se de Corfíno, levando-o a remeter Marco Antônio até as comunidades vizinhas a fim de adquirir alianças e víveres. Ao chegar lá, em 24 de janeiro, o enviado descobriu que “[...] os habitantes de Sulmona, cidade distante catorze quilômetros de Corfíno, estavam desejosos de cumprir as suas ordens, mas eram

¹⁷² *Tunc urbes Latii dubiae varioque fauore/ ancipites, quamquam primo terrore ruentis/ cessurae belli, denso tamen aggere firmant/ moenia et abrupto circumdant undique uallo,/ saxorumque orbes et quae super eminus hostem/ tela petant altis murorum turribus aptant./ Pronior in Magnum populus [...]/ gens Etrusca fuga trepidi nudata Libonis,/ iusque sui pulso iam perdidit Vmbria Thermo./ Nec gerit auspiciis ciuilia bella paternis/ Caesaris audito conuersus nomine Sulla./ Varus, ut admotae pulsarunt Auximon alae,/ per diuersa ruens neglecto moenia tergo,/ qua siluae, qua saxa, fugit. Depellitur arce/ Lentulus Asculea; uictor cedentibus instat/ deuertitque acies, solusque ex agmine tanto/ dux fugit et nullas ducentia signa cohortes.*

impedidos pelo senador Quinto Lucrécio e por Átio Peligno, que ocupavam essa praça com uma guarnição de sete coortes” (Caes. *BCiv.* 1, 18, 1).¹⁷³

Quando avistaram os estandartes de César, os sulmonenses “[...] abriram as portas e todos, civis e militares, saíram exultantes ao encontro de Antônio. Lucrécio e Átio pularam do alto das muralhas” (Caes. *BCiv.* 1, 18, 2-3).¹⁷⁴

No mesmo dia, Antônio retornou com reforços e César os incorporou em seu exército. Em seguida, uniram-se a ele a oitava legião, 22 coortes da Gália e cerca de 300 cavaleiros. Com os novos homens, pôs-se a rodear Corfínio com trincheiras e fortificações. Ao mesmo tempo, Pompeu despachou mensageiros a Domício, avisando que não viria em seu socorro e que ele teria que enfrentar o assediador sozinho. Os boatos dessa mensagem logo transitaram e os domicianos,

[...] por decisão unânime, trazem a público Domício, cercam-no, mantêm-no preso e enviam, dentre os seus, delegados junto a César, para dizer que estavam dispostos a lhe abrir as portas, a fazer o que viesse ele a ordenar, e a entregar em suas mãos Lúcio Domício vivo (Caes. *BCiv.* 1, 20, 5).¹⁷⁵

Prevenido, César cercou Corfínio no intuito de obrigar os cidadãos a cumprir o prometido e evitar uma presumível mudança de planos. Assustados, eles executaram o anunciado e se renderam. A vitória, no dia 31 de janeiro, sem derramamento de sangue, propiciou ao general a *fama* de insano, divulgada por *tota Italia* (Luc. *Phars.* 2, 573).¹⁷⁶

A partir daí a preocupação com tal *fama* passou a se intensificar entre todos os centros de informação e agentes da comunicação na Itália. Até mesmo nas cartas de Cícero observamos esse crescimento. O senador mostrou-se receoso com os *sermões* populares, a ponto de solicitar o controle dos falares, pois sabia que os

¹⁷³ *Nuntiatur Sulmonenses, quod oppidum a Corfinio VII milium intervallo abest, cupere ea facere, quae vellet, sed a Q. Lucretio senatore et Attio Peligno prohiberi, qui id oppidum VII cohortium praesidio tenebant.*

¹⁷⁴ *Sulmonenses simul atque signa nostra viderunt, portas aperuerunt universique, et oppidani et milites, obviam gratulantes Antonio exierunt. Lucretius et Attius de muro se deiecerunt.*

¹⁷⁵ *Itaque omnes uno consilio Domitium productum in publicum circumsistunt et custodiunt legatosque ex suo numero ad Caesarem mittunt: sese paratos esse portas aperire, quaeque imperaverit facere et L. Domitium vivum in eius potestati tradere.*

¹⁷⁶ *Fama furoris.*

boatos sobre o estrategista eram os verdadeiros culpados pela edificação de uma poderosa reputação (Cic. *Att.* 8, 11, 7).

Em conversas com pequenos fazendeiros e “homens comuns”, Cícero identificou uma opinião pública contrária a Magno e favorável a César. Menciona também que os indivíduos temiam o segundo, oferecendo-lhe serviços e considerando-o um deus (Cic. *Att.* 8, 13-16).

Assim, instalou-se o consenso de que a *fama* cesariana havia superado a de Pompeu, uma constatação que levou o senador a tecer as considerações:

Você já viu alguém mais tolo do que o seu Cn. Pompeu, agitando toda essa lama com a sua inútil ineficiência? Por outro lado, você já leu ou ouviu sobre alguém mais vigoroso em ação do que o nosso César, ou mais moderado na vitória também? (Cic. *Fam.* 8. 15, 1).¹⁷⁷

A disparidade entre as duas *famae* levou várias *civitates* a ofertar apoio a César. Divulgaram éditos com louvores a ele e notícias falsas sobre Magno, atitudes que não passaram despercebidas a Cícero: “Você acredita que aqueles decretos dos italianos a respeito da saúde de Pompeu estão relacionados aos elogios endereçados a César? Você dirá, ‘eles estão aterrorizados’. Sim, mas eles se declararam aterrorizados naquela ocasião” (Cic. *Att.* 9, 5, 4).¹⁷⁸

Sem suporte, Pompeu partiu para Brundísio, no sul da Itália. Ao longo de sua marcha, não conseguiu recrutar nenhum soldado das comunidades vizinhas, tendo que alistar pastores e escravos, homens que só vieram em seu auxílio, segundo Dião Cássio (41, 18, 6), porque não haviam sido intimidados pelas palavras das tropas cesarianas.¹⁷⁹

Ao chegar a Brundísio, em 31 de janeiro, Magno mandou seu filho à Ásia a fim de que divulgasse a *fama* do pai em todas as cidades onde havia triunfado (Luc. *Phars.*

¹⁷⁷ *Ecquando tu hominem ineptiorem quam tuum Cn. Pompeium vidisti, qui tantas turbas, qui tam nugax esset, commorit? Ecquem autem Caesare nostro acriorem in rebus gerendis, eodem in victoria temperatiorem aut legisti aut audisti?*

¹⁷⁸ *Video ut se huic dent, ut daturi sint. Quicquam tu illa putas fuisse de valetudine decreta municipiorum prae his de victoria gratulationibus? “Timent” inquires. At ipsi tum se timuisse dicunt. Sed videamus quid actum sit Brundisi.*

¹⁷⁹ Panfletos circularam na Itália anunciando o “fiasco de Pompeu” em Corfíno (Cic. *Att.* 9, 12).

2, 632-649). Tempos depois, no dia 17 de março, vendo que o seu adversário se aproximava, o comandante seguiu para a Grécia. Com a fuga, César conquistou Brundísio, a última comunidade que até então apoiava Pompeu. Ao final, esclareceu que só não perseguiu Magno até a Grécia, porque não tinha navios suficientes (Caes. *BCiv.* 1, 28-29).

A nova estação provocou a inópia de César, do seu exército e de Roma. Em consequência, despachou *legati* à Sardenha para coletarem *frumentum* e enviá-lo à *Urbs* e a Brundísio. Ao chegarem à ilha, foram informados de que não haveria resistência, visto que os pompeianos já tinham sido expulsos pela população após o surgimento de boatos da vinda dos cesarianos.

Os habitantes de Cáralis, tão logo ouviram que lhes tinha sido enviado Valério e antes mesmo de sua partida, de livre e espontânea vontade expulsam Cota da cidade. Ele, em pânico, porque constatava que eram idênticos os sentimentos de toda a província, foge para a África. Catão [...], ao tomar conhecimento da chegada de Curião, põe-se a lamentar em assembleia que tinha sido abandonado e traído por Pompeu, que, na maior das improvisações, tinha empreendido uma guerra desnecessária e que, interrogado por ele e outros no Senado, havia assegurado que tinha organizado e preparado tudo para a guerra. Após essas lamúrias em público, fugiu da província (Caes. *BCiv.* 1, 30, 2-5).¹⁸⁰

Por fim, à medida que os boatos sobre César e sua *fama* cresciam, encontravam a adesão de novos públicos, e quanto mais indivíduos agregavam, mais verídicos pareciam. Foi assim que o líder efetivou suas vitórias e seguiu adiante, passando agora a Roma.

4.4 A CONQUISTA DE ROMA

O Campo de Marte foi o primeiro local a receber os anúncios dos progressos de César. Um dos mais temidos foi transmitido, por exemplo, pelos partidários de

¹⁸⁰ *Caralitani, simul ad se Valerium mitti audierunt, nondum profecto ex Italia sua sponte Cottam ex oppido eiciunt. Ille perterritus, quod omnem provinciam consentire intellegebat, ex Sardinia in Africam profugit. Cato [...] Quibus rebus paene perfectis adventu Curionis cognito queritur in contione sese proiectum ac proditum a Cn. Pompeio, qui omnibus rebus imparatissimis non necessarium bellum suscepisset et ab se reliquisque in senatu interrogatus omnia sibi esse ad bellum apta ac parata confirmavisset. Haec in contione questus ex provincia fugit.*

Pompeu: César havia atravessado o Rubicão e marchava em direção a Roma. A sua *fama* violenta, de acordo com Lucano (*Phars.* 1, 187), fez com que a pátria tremulasse perante o acaso vindouro.

Intimidados, os pompeianos passaram a difundir notícias de que o general tinha invadido ferozmente Arímino, provocando o refúgio dos habitantes em cidades vizinhas e na própria *Urbs*. O ataque estimulou a disseminação do boato de que a Itália estava nas mãos de um conquistador (Luc. *Phars.* 1, 268).

Quando chega a Roma a notícia desses fatos, alastra-se um tal pânico que, tendo ido o cônsul Lêntulo abrir o erário para, de acordo com as determinações do *senatus-consultum*, retirar fundos destinados a Pompeu, mal abriu ele o erário mais recôndito, pôs-se a fugir. Divulgavam-se falsos boatos de que César estava para chegar a qualquer momento e que a sua cavalaria já se fazia presente (Caes. *BCiv.* 1, 14, 1-2).¹⁸¹

A cada instante, diversos falares chegavam à capital e a *fama* cesariana tornava-se mais e mais pavorosa. Nas palavras de Lucano:

César, fanático por guerras, não vê graça
em rotas sem sangue trilhadas, e sem pisar
o Hespérico chão livre de imigos, não se alegra
cruzar campos vazios, nem marchar sem prélios
e mais prélios; melhor que um colono
ceder-lhe a lavra, imbele: obtê-la a ferro e fogo
Ser só um cidadão e andar na lei o estorva (Luc. *Phars.* 2, 439-446).¹⁸²

Imediatamente, então, os cidadãos da *Urbs* começaram a se proteger de um possível assalto. Ergueram paliçadas, trincheiras, construíram mecanismos de defesa e selecionaram os soldados para as vigias (Luc. *Phars.* 1, 515-518). Tais ações aumentaram ainda mais a crença de que a cidade seria saqueada.

¹⁸¹ *Quibus rebus Romam nuntiatis tantus repente terror invasit, ut cum Lentulus consul ad aperiendum aerarium venisset ad pecuniamque Pompeio ex senatusconsulto proferendam, protinus aperto sanctiore aerario ex urbe profugeret. Caesar enim adventare iam iamque et adesse eius equites falso nuntiabantur.*

¹⁸² *Caesar in arma furens nullas nisi sanguine fuso/ gaudet habere vias, quod non terat hoste uacantis/ Hesperiae fines uacuosque inrumpat in agros/ atque ipsum non perdat iter consertaque bellis/ bella gerat. Non tam portas intrare patetis/ quam fregisse iuuat, nec tam patiente colono/ arua premi quam si ferro populetur et igni./ Concessa pudet ire uia ciuemque uideri.*

Com as estratégias bélicas foram praticados também rituais religiosos. Apiano (*B Civ.* 2, 5, 36) alega que

[...] orações públicas foram oferecidas, como era costume em tempos de perigo, e as pessoas que se lembravam dos tempos malignos de Mário e Sula, clamavam que César e Pompeu deveriam deixar os seus comandos como o único meio de evitar a guerra.¹⁸³

Lucano igualmente menciona as cerimônias sacras, relatando a execução do *Amburbium* e do “lustral”, formalidades realizadas por sacerdotes específicos visando aplacar a ira dos deuses e proteger a cidade. Vejamos:

Nisso, conveio convocar Etruscos magos,
costume já remoto. Deles, o mais velho
– Arrunte era seu nome, o que em Luca morava,
versado em ler do raio o curso e as mornas vísceras,
avisado nas penas que o céu atravessavam –
primeiro ordena a morte das estéreis mulas
[...] e que os filhotes agourentos se lhes queimem.
De imediato ordena que em torno à cidade
seus cidadãos medrosos façam procissão,
e que purgando os muros com ritos lustrais,
percorram os pontífices todo o pomério (Luc. *Phars.* 1, 584-594).¹⁸⁴

Depois dos ritos, a narrativa lucaniana concentra-se no lamento dos idosos sobreviventes de guerras anteriores, os quais reavivavam suas violentas memórias e agouravam os sofrimentos vindouros: “Da anciã garganta, entanto, o fio de sangue desferido resguardou a flama. [...] Assim, tristíssima a velhice se queixava lembrando do passo e temendo o futuro” (Luc. *Phars.* 2, 128-233).¹⁸⁵

Todavia, as expectativas geradas pelos boatos e pelas inquietudes dos mais velhos não se concretizaram com a chegada de César à capital. Em nenhuma das fontes

¹⁸³ εὐχαὶ δὲ ὡς ἐπὶ φοβεροῖς προυγράφοντο, καὶ ὁ δῆμος ἐν μνήμῃ τῶν Μαρίου καὶ Σύλλα κακῶν γιγνώμενος ἐκεκράγει Καίσαρα καὶ Πομπήιον ἀποθέσθαι τὰς δυναστείας ὡς ἐν τῷδε μόνῳ τοῦ πολέμου λυθησομένου.

¹⁸⁴ Haec propter placuit Tuscos de more uetusto/ acciri uates. Quorum qui maximus aeuo/ Arruns incoluit desertae moenia Lucae./ fulminis edoctus motus uenasque calentis/ fibrarum et monitus errantis in aere pinnae./ monstra iubet primum quae nullo semine discors/ protulerat natura rapi sterilique nefandos/ ex utero fetus infaustis urere flammis./ Mox iubet et totam pauidis a ciuibus urbem ambiri et festo purgantes moenia lustris/ longa per extremos pomeria cingere fines.

¹⁸⁵ Paruom set fessa senectus/ sanguinis effudit iugulo flammisque pepercit. [...] Haec rursus patienda manent, hoc ordine belli/ ibitur, hic stabit ciuilibus exitus armis./ [...] Sic maesta senectus/ praeteritique memor flebat metuensque futuri.

averiguamos trechos narrando a agressividade e a crueldade do invasor com os *cives*. Ao contrário, o que conferimos são passagens exaltando a clemência e a amabilidade do líder. Por que, então, foi construída e repassada uma imagem adulterada? Talvez porque os cesarianos almejassem representar o general como uma personalidade a ser temida. Ou talvez porque os pompeianos pretendessem edificar a figura de alguém a ser odiado. Não importa, pois a documentação não nos permite identificar os ensejos de cada grupo. De qualquer forma, o que temos é a constatação de que os boatos, embora falsos, contribuíram para a criação de uma *fama* aterrorizante. Em suma,

A *fama* enganadora em medo verdadeiro
se tornou, aterrando o povo, e o mal
futuro adiantou, e a guerra vindoura correu
no boca-a-boca que distorce, aumenta e inventa.
“Contam que, onde Mevânia se estende em tauríferas campinas,
pelotões intrépidos pelejam
e que, onde o Nar deságua no Tibre, desanda
de César fero a bárbara cavalaria;
das águias e demais brasões à frente avança,
com não parco esquadrão, em quartéis numerosos.
Nem não é o conhecido general que veem:
Maior na mente, mais brutal e sanguinário
do que as hostis nações que ele venceu, parece.
Os que entre o Reno e o Elba habitam, removidos
dos Árticos rincões, despatriados, seguem-no,
horda que tinha ordens de rapinar Roma
às vistas dos Romanos. Nisso, o medo de uns
à *fama* aumenta e, mesmo sem ver malfeitores,
o inventado se teme, e não somente o vulgo
se abala ao vão temor, mas a Cúria e os Conscritos
aos pátrios lares deixam, e da guerra os
vis decretos um Senado em fuga envia os cônsules” (Luc. *Phars.* 1, 469-489).¹⁸⁶

Afinal, por qual razão algo inverídico acabou tornando-se crível? Devido à memória social dos envolvidos no contexto. Em outras palavras, por causa da relação entre as recordações e a realidade vivida. “As memórias constituem um processo ativo de

¹⁸⁶ *Uana quoque ad ueros accessit fama timores/ inrupitque animos populi clademque futuram/intulit et uelox properantis nuntia belli/ innumeras soluit falsa in praeconia linguas./ Est qui tauriferis ubi se Meuania campis/ explicat audaces ruere in certamina turmas/ adferat, et qua Nar Tiberino inlabitur amni/ barbaricas saeui discurrere Caesaris alas/ ipsum omnes aquilas conlataque signa ferentem/ agmine non uno densisque incedere castris./ Nec qualem meminere uidet: maiorque ferusque/ mentibus occurrit uictoque inmanior hoste./ Hunc inter Rhenum populos Albimque iacentes/ finibus Arctois patriaque a sede reuolsos/ pone sequi, iussamque feris a gentibus urbem/ Romano spectante rapi. Sic quisque pauendo/ dat uires famae, nulloque auctore malorum/ quae finxere timent. Nec solum uolgus inani/ percussus terrore pauet, sed curia et ipsi/ sedibus exiluere patres, inuisaque belli/ consulibus fugiens mandat decreta senatus.*

reestruturação das lembranças no seio de um dado grupo social”. E os boatos coincidem com a experiência de vida daqueles que os compartilham. Só há memória social porque existe sentido para aqueles que a recordam. E quando um boato se transforma em crença é porque uma coletividade se empenhou em tirar do esquecimento a “sua” versão dos fatos (OLIVEIRA, 2015, p. 115).

O uso das memórias sociais é bastante perceptível, por exemplo, nas obras que abordam as guerras civis. Dião Cássio, nesse sentido, relaciona o medo da aproximação de César com os conflitos ocorridos entre Mário e Sula:

Pompeu, por causa daquilo que foi dito a ele a respeito de César e porque ainda não tinha preparado uma força suficiente para lutar contra ele, mudou os seus planos; pois ele viu que o povo da cidade, e de fato muitos membros do seu partido, ainda mais que os outros, encolhiam de medo da guerra em consequência da lembrança dos acontecimentos de Mário e Sula [...] (Dio. 41, 5, 1).¹⁸⁷

As pessoas comuns, relembando

[...] seus sofrimentos anteriores, alguns pela experiência e outros por ouvirem falar da boca das vítimas de todos os ultrajes que Mário e Sula cometeram, não procuravam também um tratamento moderado da parte de César. Pelo contrário, da mesma forma que grande parte de seu exército consistia de bárbaros, esperavam que o infortúnio vindouro fosse muito maior e mais terrível do que os anteriores (Dio. 41, 8, 5-6).¹⁸⁸

À noite, “[...] todos invocaram os deuses, beijaram o chão e lamentaram em mesmo número quantos perigos e aos quais tinham sobrevivido [...]”. Próximo aos portões, também, havia muitas lamentações (Dio. 41, 9, 2).¹⁸⁹

¹⁸⁷ ὁ οὖν Πομπήιος ἔκ τε τῶν περὶ τοῦ Καίσαρος αὐτῷ λεχθέντων, καὶ ὅτι ἰσχὺν ἀξιόμαχον οὕτω παρεσκεύαστο, καὶ τοὺς ἐν τῇ πόλει, τοὺς τε ἄλλους καὶ αὐτοὺς μάλιστα τοὺς στασιώτας, τὸν τε πόλεμον ὀκνοῦντας μνήμη τῶν τε τοῦ Μαρίου καὶ τῶν τοῦ Σύλλου ἔργων καὶ ἀπαλλαγῆναι ἀσφαλῶς.

¹⁸⁸ ποτε ἐθέλησαι λογιζόμενοι, καὶ αὐτοὶ ἔρημοι μὲν ἀρχόντων ἔρημοι δὲ συμμάχων γιγνόμενοι, πρὸς τε τὰ ἄλλα πάντα παισὶ τέτισιν ὀρφανοῖς καὶ γυναιξὶ χήραις ἐώκεσαν, καὶ τὰς ὀργὰς τὰς τε ἐπιθυμίας τῶν ἐπιόντων καὶ πρῶτοι. τῆς τῶν προτέρων παθημάτων μνήμης, οἱ μὲν αὐτοὶ πειραθέντες, οἱ δὲ καὶ ἐκείνων ἀκούοντες ὅσα καὶ οἷα ὁ τε Μάριος καὶ ὁ Σύλλας ἐξεργάσαντο, μέτριον οὐδὲν οὐδὲ ἐς τὸν Καίσαρα ὑπώπτευσον, ἀλλὰ καὶ πολὺ πλείω καὶ δεινότερα, ἅτε καὶ βαρβαρικοῦ τὸ πλεῖστον τοῦ στρατοῦ αὐτοῦ ὄντος, πείσεσθαι προσεδόκων.

¹⁸⁹ τοὺς τε γὰρ θεοὺς ἀνεκάλουν καὶ τὰ δάπεδα κατεφίλουν, ὅσάκις τε [...], ὠδύροντο: πολὺς δὲ καὶ περὶ τὰς πύλας θρῆνος ἦν.

O intrigante é que, mesmo com as memórias e com o clima de pânico instaurado, Cícero não conseguia ter certeza sobre o que ocorreria quando o inimigo, de fato, alcançasse a *Urbs*: “Se César entrar em Roma de maneira ordenada, vocês podem muito bem ficar em casa; mas, se em seu frenesi, o homem entregar a cidade para a pilhagem, eu temo que até mesmo Dolabela não poderá nos ajudar muito” (Cic. *Fam.* 14, 14, 1).¹⁹⁰

A dúvida ocorria porque o senador, a todo o momento, se correspondia com os pompeianos e com os cesarianos no intuito de evitar a efetivação da guerra. Por causa disso, deparava-se com vários boatos que ou confirmavam, ou refutavam as versões apresentadas. Logo, ele não conseguia decidir-se, declarando:

Estou impressionado com a evidência de que todos os nossos partidários deixaram Roma e levaram suas mulheres com eles. Nesta ocasião, o distrito em que estou consiste não só de cidades devotas a mim, mas também de Estados que pertencem a mim, e em nossa propriedade. Eu definitivamente ainda não me decidi qual é o melhor plano (Cic. *Fam.* 14, 13, 1).¹⁹¹

Enfim, voltemos agora à marcha de César. O comandante transpôs o Rubicão em 10 de janeiro de 49 e, sete dias depois, Pompeu já havia desocupado Roma ao lado de boa parte do Senado. A população, por sua vez, viu-se abandonada pelo seu principal protetor e assustada com a *fama* do invasor.

Embora ausente, Magno ordenou a interrupção do fornecimento de grãos à capital, objetivando culpabilizar o seu adversário pela fome dos cidadãos. Astutos, os pompeianos difamaram César, inventando que ele desejava a penúria como uma forma de conquistar Roma.

¹⁹⁰ *Si vos valetis, nos valemus. Vestrum iam consilium est, non solum meum, quid sit vobis faciendum. Si ille Romam modeste venturus est, recte in praesentia domi esse potestis; sin homo amens diripiendam urbem daturus est, vereor, ut Dolabella ipse satis nobis prodesse possit.*

¹⁹¹ *Sed rursus illud me movet, quod video omnes bonos abesse Roma et eos mulieres suas secum habere, haec autem regio, in qua ego sum, nostrorum est cum oppidorum, tum etiam praediorum, ut et multum esse mecum et, cum abieritis, commode in nostris praediis esse possitis. Mihi plane non satis constat adhuc.*

Mas, logo, do peito
expulsa o belicismo e, todo entregue à paz,
granjeia o sempre instável favor popular,
côncio de que a discórdia ou o máximo apoio
é uma questão de pão, pois só a fome pode
cidades controlar. Quando os mais poderosos
sustentam a ralé, estão comprando o medo:
não sabe o que é temor uma plebe esfaimada (Luc. *Phars.* 3, 52-58).¹⁹²

Segundo Apiano (*B Civ.* 2, 66, 41), todas as imagens negativas foram refutadas por César. Ele, inclusive, chegou a corresponder-se com pessoas da *Urbs*, sustentando que não se comportaria igual a Sula. Sua promessa se infiltrou nas cidades italianas por meio de panfletos, levando senadores e plebeus a crerem em sua clemência. A partir daí, podemos dizer que as comunidades passaram a adorar César e a abominar Pompeu (Cic. *Att.* 9, 13-15).

Finalmente, ao chegar a Roma, em 1.º de abril, reorganizou a *Respublica*, deu descanso aos soldados e solicitou aos senadores que enviassem *legati* a Pompeu para um acordo. Passados três dias, seguiu rumo às Hispânicas.

Ele, quando saiu da amedrontada Roma,
sobre nuvens, veloz, dos Alpes passa em marcha,
e enquanto outras nações tremem de ouvir seu nome,
os Focences, estando guerra inda em aberto,
ousaram, não com a Grega franqueza, manter
a boa-fé e os pactos, seguindo não fados,
mas princípios (Luc. *Phars.* 3, 297-303).¹⁹³

4.5 O CERCO A MARSELHA

Ao sair da *Urbs*, César deparou-se com um grave problema: as Hispânicas, a África e a Grécia se haviam declarado favoráveis a Pompeu. Como ele dispunha da posse somente da Itália e das Gálias, viu-se flanqueado por muitos exércitos, julgando prudente agir antes que as províncias se organizassem e o atacassem pelo norte,

¹⁹² *Tum pectore curas/ expulit armorum pacique intentus agebat/ quoque modo uanos populi conciret amores,/ gnarus et irarum causas et summa fauoris/ annona momenta trahi. Namque adserit urbes/ sola fames, emiturque metus, cum segne potentes/ uolgens alunt: nescit plebes ieiuna timere.*

¹⁹³ *Ille ubi deseruit trepidantis moenia Romae/ agmine nubiferam raptu super euolat Alpem;/ cumque alii famae populi terrore pauerent/ Phocais in dubiis ausa est seruare iuuentus/ non Graia leuitate fidem signataque iura,/ et causas, non fata, sequi.*

pelo sul e pelo leste, um arranjo que já estava, aliás, sendo encaminhado por Magno e seu filho. Este, havia tempos, incitava as cidades subjugadas e aliadas ao pai a pegarem suas armas e lutarem pela sua facção. A adesão foi tamanha que

[...] Nem Ciro à frente de Menônios batalhões,
tampouco o Persa, cujas tropas numerava
pelos dardos lançados, nem o vingador
do fraternal amor, quando cortou o plaine
com naus sem conta, comandaram tantos reis;
nunca se viu tão vária gente, tão diversa
e, traje e língua (Luc. *Phars.* 3, 284-290).¹⁹⁴

As tropas equipadas agruparam-se, em geral, no território grego, enquanto as outras províncias permaneceram com um contingente reduzido de legionários. A par disso, César concentrou as suas atenções na Península Ibérica, em particular, na Hispânia Citerior, cujas mobilizações pró-Magno já haviam sido iniciadas por Vibúlio Rufo.

Contudo, no caminho para lá, descobriu um inimigo inesperado: a cidade de Marselha. Inteirados de sua chegada, entre 25 e 30 de abril, seus munícipes

[...] tinham fechado as suas portas; tinham convocado para a defesa da cidade os álbicos, uma população bárbara que habitava os montes a cavaleiro de Marselha e que havia muito estavam sob a proteção deles; tinham acumulado na cidade provisões de trigo vindas das regiões vizinhas e de todos os postos fortificados; tinham instalado na cidade fábricas de armas e reparavam muros, portas e navios (Caes. *BCiv.* 1, 34, 4-5).¹⁹⁵

A hostilidade gerava um obstáculo não só partidário como também físico para o estrategista, pois a *civitas* localizava-se no intermédio entre a Itália e a Hispânia. A jornada cesariana, então, estava comprometida e estagnada, e a única solução para seguir adiante seria transpor os seus muros e liberar o caminho. Assim, o líder ordenou o início das obras do cerco.

¹⁹⁴ *Non, cum Memnoniis deducens agmina regnis/ Cyrus et effusis numerato milite telis/ descendit Perses, fraternique ultor amoris/ aequora cum tantis percussit classibus, unum/ tot reges habuere ducem, coiere nec umquam/ tam variae cultu gentes, tam dissona uolgi/ ora.*

¹⁹⁵ *Massilienses portas Caesari clausurant; Albicos, barbaros homines, qui in eorum fide antiquitus erant montesque supra Massiliam incolebant, ad se vocaverant; frumentum ex finitimis regionibus atque ex omnibus castellis in urbem convexerant; armorum officinas in urbe instituerant; muros portas classem reficiebant.*

Não demorou, entretanto, para surgirem as primeiras dificuldades: a carência de materiais e víveres. A fim de resolvê-las, César remeteu *legati* e *milites* para negociar com os marselheses. As conversas ocorreram por meio de embaixadores, pelos quais foram oferecidas a *pax* e a *societas*, caso se declarassem seus aliados. Eles, porém, responderam que não o acolheriam, porquanto preferiam apoiar Magno e já abrigavam milícias suas havia algum tempo.

Nesse momento, César enviou *frumentarii*, *pabulatores*, *speculatores* e *legati* ao restante da província. Os homens, ao adentrarem o interior da Gália, derrubaram matas, tiraram a madeira das selvas e enrijeceram o solo, visando construir torres (Luc. *Phars.* 3, 394-398).

Tendo bastante lenha cortada, as carroças
buscadas na lavoura fazem o transporte,
e os campônios, cedendo bois que o solo aravam,
lamentaram perder um ano de cultivo (Luc. *Phars.* 3, 450-453).¹⁹⁶

Enquanto edificava o cerco, por volta de 4 a 10 de maio, ouviu boatos de que “[...] Pompeu marchava com legiões a caminho da Hispânia através da Mauritânia e estava prestes a chegar” (Caes. *BCiv.* 1, 39, 3).¹⁹⁷ Logo, retirou-se em direção à Península Ibérica e deixou a campanha em Marselha nas mãos de Caio Trebônio.

Avesse, entanto, ao Marte estático do assédio,
César, à Hispânia, fim do mundo se dirige
deixando ordem de guerra. O aterro é levantado.
Com eixos estrelados; nele, ao par dos muros,
têm lugar duas torres, não presas ao chão,
mas, por oculta propulsão, longirrolantes (Luc. *Phars.* 3, 453-458).¹⁹⁸

À frente do *oppugnatio*, Trebônio continuou à procura de bens para levantar mais torres e máquinas de assédio. Objetivando adquirir madeira e ciprestes, estabeleceu

¹⁹⁶ *Utque satis caesi nemoris, quaesita per agros/ plaustra ferunt, curuoque soli cessantis aratro/ agricolae raptis annum fleuere iuuencis.*

¹⁹⁷ *Audierat Pompeium per Mauretianiam cum legionibus iter in Hispaniam facere confestimque esse venturum.*

¹⁹⁸ *Dux tamen inpatiens haesuri ad moenia Martis/ uersus ad Hispanas acies extremaque mundi/ iussit bella geri. Stellatis axibus agger/ erigitur geminasque aequantis moenia turris/ accipit; hae nullo fixerunt robore terram/ sed per iter longum causa repserunt latenti.*

um acordo com o *oppidum* de Arelate, o qual forneceu todos os materiais necessários e algumas embarcações.

Esses navios foram aproveitados pelo encarregado de César em uma batalha contra os marseheses e os pompeianos no golfo de Leão, nos dias 20 a 30 de junho do ano 49. Derrotados, os apoiadores de Magno retornaram soturnos à cidadela. Lá, transmitiram os fatos e saciaram o desejo popular por informações. “Conhecido o resultado, seguiram-se tão grandes manifestações de dor que se tinha a impressão de que a cidade, naquele momento, acabara de ser tomada pelo inimigo” (Caes. *BCiv.* 2, 7, 3).¹⁹⁹

O clima de pânico fez com que os *oppidani* repudiassem os cesarianos, arremessando tijolos, pedras e tonéis flamejantes nas máquinas de assédio. De nada, contudo, adiantou. E os munícipes, então, decidiram suplicar clemência, ostentando fitas brancas de lã.

Diante dessa situação nova, interrompem-se as operações de guerra, e os soldados, dando as costas para o combate, entregam-se à curiosidade de ouvir e conhecer os boatos. Os inimigos, tão logo se aproximam dos legados e do exército, atiram-se todos a seus pés; pedem que aguardem a chegada de César: reconhecem que a cidade está tomada, os trabalhos de assédio terminados, a torre solapada; desistem, portanto, da defesa; sabem que nada pode impedir que sejam, num piscar de olhos, imediatamente saqueados se, com a chegada de César, não se cumprirem suas ordens (Caes. *BCiv.* 2, 12, 1-3).²⁰⁰

Mesmo com a rendição, os pompeianos continuaram incitando os marseheses a revidarem. A luta prolongou-se até parte das obras do cerco ser consumida pelo fogo. Em consequência, as tropas de César voltaram a necessitar de víveres, “[...] uma vez que todas as árvores de todos os quadrantes do território [...] tinham sido cortadas e retiradas” (Caes. *BCiv.* 2, 15, 1).²⁰¹ Destarte, uma disputa que parecia já estar vencida acabou sendo retomada.

¹⁹⁹ *Re cognita tantus luctus excepit, ut urbs ab hostibus capta eodem vestigio videretur.*

²⁰⁰ *Qua nova re oblata omnis administratio belli consistit, militesque aversi a proelio ad studium audiendi et cognoscendi feruntur. Ubi hostes ad legatos exercitumque pervenerunt, universi se ad pedes proiciunt; orant, ut adventus Caesaris exspectetur: captam suam urbem videre: opera perfecta, turrim subrutam; itaque ab defensione desistere. Nullam exoriri moram posse, quominus, cum venisset, si imperata non facerent ad nutum, e vestigio diriperentur.*

²⁰¹ *Nihil erat reliquum, omnibus arboribus longe lateque in finibus Massiliensium excisis et convectis.*

Os *sermones* da carestia de Trebônio sem demora chegaram à Hispânia Ulterior, onde um antigo aliado de Pompeu, Varrão, já demonstrava apreço por César. Porém, ao escutar os falares da falta de bens, viu que a sorte do militar estava mudando e optou por posicionar-se publicamente como amigo de Magno. Comunicou a sua decisão aos provinciais e exigiu deles homens, navios e trigo, recursos que pretendia mandar à Hispânia Citerior, a fim de reforçar os efetivos de Afrânio e Petreio – comandantes pompeianos – em Lérída.

Fez transportar para a cidade de Cádiz todo o dinheiro e todo o tesouro do templo de Hércules; para lá enviou da província uma guarnição de seis coortes e pôs no comando dessa cidade Caio Galônio [...]. Ele mesmo fez discursos contundentes contra César em assembleias. Com frequência, anunciou do alto de seu tribunal que César tinha travado combates de resultados adversos, que grande número de seus soldados tinha desertado para o lado de Afrânio e que essas notícias ele tinha colhido de informantes dignos de fé e de fontes seguras. Com base nessas intimidações, os cidadãos romanos da província foram constrangidos a garantir-lhe, para a administração da província, dezoito milhões de sestércios, vinte mil libras de prata e cento e vinte mil módios de trigo. Às cidades que ele julgava serem simpáticas a César impunha obrigações mais pesadas, para lá deslocava guarnições; autorizava processos contra simples cidadãos que tivessem emitido opinião ou falado contra seu governo e lhes confiscava os bens. Forçava toda a província a prestar juramento de fidelidade a ele próprio e a Pompeu (Caes. *BCiv.* 2, 18, 2-6).²⁰²

Receoso do contingente inimigo, César – que estava na Hispânia Citerior – expediu mensageiros à Hispânia Ulterior, entre 25 e 30 de agosto. Os enviados divulgaram éditos determinando que os magistrados e os chefes de todos os *oppida* o apoiassem, indo ao seu encontro em Córdoba. Graças à sua *fama* e às suas vitórias na Itália, não houve oposições ao seu pedido. Como resultado, as principais *civitas* da província fecharam as portas a Varrão, o qual se apressava

²⁰² *Pecuniam omnem omniaque ornamenta ex fano Herculis in oppidum Gades contulit; eo sex cohortes praesidii causa ex provincia misit Gaiumque Gallonium [...]. Ipse habuit graves in Caesarem contiones. Saepe ex tribunali praedicavit adversa Caesarem proelia fecisse, magnum numerum ab eo militum ad Afranium perfugisse: haec se certis nuntiis, certis auctoribus comperisse. Quibus rebus perterritos cives Romanos eius provinciae sibi ad rem publicam administrandam HS CCXXX et argenti pondo XX milia, tritici modium CXX milia polliceri coegit. Quas Caesari esse amicas civitates arbitrabatur, his graviora onera iniungebat praesidiaque eo deducebat et iudicia in privatos reddebat qui verba atque orationem adversus rem publicam habuissent: eorum bona in publicum addicebat, Provinciam omnem in sua et Pompei verba iusiurandum adigebat. Cognitis eis rebus, quae sunt gestae in citeriore Hispania, bellum parabat.*

[...] para chegar o quanto antes com suas legiões a Cádiz, para não ser interceptado durante a marcha ou trajeto, tantas tão favoráveis eram as manifestações de simpatia da província a César. Tendo ele percorrido uma certa distância, entregaram-lhe uma carta vinda de Cádiz na qual se informava que, tão logo tomaram conhecimento do edito, os líderes gaditanos, juntamente com os tribunos das coortes que ali estavam aquarteladas, tinham, de comum acordo, decidido expulsar Galônio da praça e manter a cidade e a ilha para César; após essa decisão tinham notificado a Galônio que tomasse a iniciativa de deixar a cidade, enquanto lhe era possível fazê-lo sem risco; se não o fizesse, eles se encarregariam da decisão. Inquieto com essas ameaças, Galônio tinha deixado Cádiz. A par desses fatos, uma das legiões, a chamada indígena, retira as insígnias do acampamento de Varrão, na presença e à vista dele, recolhe-se a Sevilha e acampa no fórum e nos pórticos, sem molestar a ninguém. Essa atitude recebeu tal aprovação dos cidadãos romanos da comunidade que cada um tinha o maior desejo de receber em casa, como hóspedes, os legionários. Esses fatos abateram Varrão; tinha já ele alterado seu roteiro e enviado mensageiros a Itálica anunciando a sua chegada, quando foi informado por gente sua de que as portas lhe estavam fechadas (Caes. BCiv. 2, 20, 1-6).²⁰³

A aquisição de novos aliados deu a César a vantagem bélica indispensável para o seu retorno a Marselha. Ele recolheu dinheiro, navios e *frumentum* e partiu em socorro de Trebônio. No caminho, foi informado de que os marselheses se encontravam exauridos das disputas, enfrentando uma grave epidemia.

Ao ouvirem boatos sobre a aproximação do líder e dos episódios nas Hispânicas, os pompeianos fugiram às pressas. Os marselheses aproveitaram a evasão para retirar as embarcações dos portos e estaleiros, entregar as moedas do erário e depor as armas. Com essas operações, César, no dia 6 de setembro, poupou a todos, promovendo ainda mais a sua *fama* de clemente. Por isso,

²⁰³ *Hoc vero magis properare Varo, ut cum legionibus quam primum Gades contenderet, ne itinere aut traiectu intercluderetur: tanta ac tam secunda in Caesarem voluntas provinciae reperiebatur. Progresso ei paulo longius litterae Gadibus redduntur: simulatque sit cognitum de edicto Caesaris, consensisse Gaditanos principes cum tribunis cohortium, quae essent ibi in praesidio, ut Gallonium ex oppido expellerent, urbem insulamque Caesari servarent. Hoc inito consilio denuntiavisse Gallonio, ut sua sponte, dum sine periculo liceret, excederet Gadibus; si id non fecisset, sibi consilium capturos. Hoc timore adductum Gallonium Gadibus excessisse. His cognitis rebus altera ex duabus legionibus, quae vernacula appellabatur, ex castris Varonis adstante et inspectante ipso signa sustulit seseque Hispalim recepit atque in foro et porticibus sine maleficio consedit. Quod factum adeo eius conventus cives Romani comprobaverunt, ut domum ad se quisque hospitio cupidissime reciperet. Quibus rebus perterritus Varo, cum itinere converso sese Italicam venturum praemisisset, certior ab suis factus est praeclusas esse portas.*

[...] coube à Grega cidadela
glória e renome eternos; pois livre do abalo
e da inércia do medo, passou por completo
o irrefreável curso da flagrante guerra
e, quando as urbes todas caíam sob César,
foi ela a única vencida pelo tempo (Luc. *Phars.* 3, 388-392).²⁰⁴

Em resumo, podemos alegar que o triunfo em Marselha ocorreu muito mais por situações alheias à província do que pelo cerco montado. No conjunto dos fatos, o transcorrer dos boatos foi fundamental para as alterações nas redes de aliança. Tratemos agora dos combates nas Hispânicas.

4.6 AS CAMPANHAS NAS HISPÂNIAS ULTERIOR E CITERIOR

No livro terceiro da *Geografia*, Estrabão alega que as regiões eram ocupadas por populações muito anteriores à vinda dos romanos, povos que fundaram diversas cidades importantes, como Córdoba, Gades, Híspalis, Lérida, Cartago Nova e Terraco. O autor ainda comenta sobre a rica hidrografia do território, banhado pelos rios Anás (Guadiana) e Bétis (Gadalquivir), o que favorecia a mobilidade e o transporte de produtos.²⁰⁵

Entre todas as localidades, a mais fiel a Magno era Lérida, além de ser a mais bem posicionada em termos estratégicos, devido aos rios e à fronteira com a Gália. Por essas razões foi assinalada pelos pompeianos como base para as operações na província. Sua movimentação até lá ocorreu, em especial, por efeito de dois boatos: um anunciando a travessia de Pompeu e de suas tropas na Mauritânia rumo às Hispânicas; outro comunicando as dificuldades cesarianas em Marselha.

Os escolhidos para liderar a milícia de Magno foram Afrânio e Petreio, ambos governadores da Hispânia Citerior e Ulterior, respectivamente. Preocupado com tal comando e com o número crescente de soldados, César, por volta de 11 a 30 de

²⁰⁴ *Iam satis hoc Graiae memorandum contigit urbi/ aeternumque decus, quod non impulsu nec ipso/ strata metu tenuit flagrantis in omnia belli/ praecipitem cursum, raptisque a Caesare cunctis/ uincitur una mora.*

²⁰⁵ Para além dos rios, havia uma rede de estradas romanas cobrindo os litorais mediterrânico e atlântico, a exemplo das vias *Lata* e *Exterior*.

maio, despachou um *legati* chamado Fábio a fim de “[...] ganhar com cartas e emissários o apoio das cidades vizinhas” a Lérida, construir um *castrum* (Mapa 13) e iniciar os trabalhos de *oppugnatio* (Caes. *BCiv.* 1, 40, 1).²⁰⁶

Mapa 13 – O cerco a Lérida.

Fonte: Caesar (1914, p. 381).

César chegou de Marselha ao acampamento entre 19 e 22 de junho de 49. Sem demora, começou a sofrer com as adversidades climáticas e com os problemas de abastecimento alimentício e de matérias primas:

Se até aqui o gládio foi central na guerra,
o clima instável fez-se, então, determinante.
Um inverno incessante de frios Aquilões
No céu fecha gélido as nuvens chuvosas (Luc. *Phars.* 4, 48-51).²⁰⁷

²⁰⁶ *Fabius finitimarum civitatum animos litteris nuntiisque temptabat.*

²⁰⁷ *Hactenus armorum discrimina: cetera bello/ fata dedit uariis incertus motibus aer./ Pigro bruma gelu siccisque Aquilonibus haerens/ aethere constricto pluuias in nube tenebat.*

Houve uma tromba-d'água tão violenta de que não se tinha notícias ter havido aguaceiro maior naquela região [...], fez o rio extravasar e num único dia rompeu as pontes que Caio Fábio tinha construído. Esse fato acarretou sérias dificuldades ao exército de César. [...] Era impossível às populações que tinham estabelecido relações de amizade com César transportar até ele o trigo; impossível a volta aos que se tinham afastado para bem longe na busca de forragem, agora interceptados pelos rios; impossível aos grandes comboios de provisão que vinham da Itália e da Gália chegar até nosso acampamento. Por outro lado, a estação era muito difícil porque não havia trigo nos armazéns e a colheita estava perto de madurar; as populações estavam totalmente desabastecidas porque Afrânio, antes da chegada de César, tinha consumido nos dias anteriores o gado que, pela penúria do trigo, podia ser um substituto; as populações vizinhas tinham-se removido para bem longe por causa da guerra. Os homens que tinham partido em busca de trigo e forragem eram fustigados pelos lusitanos, providos de armas leves, e pelos soldados da Hispânia Citerior [...] (Caes. *BCiv.* 1, 48).²⁰⁸

Por todos esses motivos, os exércitos de Afrânio e Petreio saíram em vantagem, desfrutando de pastos e trigo em abundância. Com o prolongamento das chuvas, os governantes conseguiram afastar possíveis aliados de César, impondo incursões ao interior, um cenário e uma ação que, de certo, contribuíram para o aumento da *inopia* e da *fames*.

O preço do trigo tinha chegado a cinquenta denários por módio; a escassez diminuía as energias dos soldados e os transtornos cresciam a cada dia; [...] César exigia gado das cidades que se tinham aliado a ele por serem bem pequenas as disponibilidades de trigo; despachava serviçais do exército às cidades mais distantes; ele próprio, por todos os meios disponíveis, acudia a escassez vigente (Caes. *BCiv.* 1, 52).²⁰⁹

Eis, então, que surgiram boatos. Os reveses sofridos por César foram relatados fantasiosamente por Petreio e Afrânio aos seus partidários em Roma, de modo a aparentar que o embate havia terminado e o general havia sido derrotado (Caes.

²⁰⁸ *Tanta enim tempestas cooritur, [...] Summas ripas fluminis superavit pontesque ambo, quos C. Fabius fecerat, uno die interrupit. Quae res magnas difficultates exercitui Caesaris attulit. [...] Neque civitates, quae ad Caesaris amicitiam accesserant, frumentum supportare, neque ei, qui pabulatum longius progressi erant, interclusi fluminibus reverti neque maximi commeatus, qui ex Italia Galliaque veniebant, in castra pervenire poterant. Tempus erat autem difficillimum, quo neque frumenta in hibernis erant neque multum a maturitate aberant; ac civitates exinanitae, quod Afranius paene omne frumentum ante Caesaris adventum Ilerdam convexerat, reliqui si quid fuerat, Caesar superioribus diebus consumpserat; pecora, quod secundum poterat esse inopiae subsidium, propter bellum finitimae civitates longius removerant. Qui erant pabulandi aut frumentandi causa progressi, hos levis armaturae Lusitani peritique earum regionum cetrati citerioris Hispaniae consectabantur [...].*

²⁰⁹ *Iamque ad denarios L in singulos modios annona pervenerat, et militum vires inopia frumenti deminuerat, atque incommoda in dies augebantur; [...] Caesar eis civitatibus, quae ad eius amicitiam accesserant, quod minor erat frumenti copia, pecus imperabat; calones ad longinquiores civitates dimittebat; ipse praesentem inopiam quibus poterat subsidiis tutabatur.*

BCiv. 1, 53). Dião Cássio (41, 21), inclusive, narrou a aparição desses falares no Fórum, destacando que muitos senadores migraram para o lado de Pompeu.

Os boatos, no entanto, não se restringiram à *Urbs*. Em pouco tempo alcançaram Marselha e o acampamento de Trebônio, motivando os marselheses a digladiarem na batalha naval do golfo de Leão. A *fama* da vitória dos cesarianos aí também não permaneceu circunscrita, atingindo todas as cidades das duas Hispânicas e a capital do Império. Logo

[...] os habitantes de Osca e os de Calagorre [...] enviam delegados a César e se declaram prontos a cumprir as suas ordens. Seguem-lhes o exemplo os tarraconenses, os jacetanos, os ausetanos e, alguns dias após, os ilurgavonenses. [...] César exige deles que lhe assegurem o fornecimento de trigo. Eles o prometem, requisitam por toda parte os animais de carga e os trazem ao acampamento [...] (Caes. *BCiv.* 1, 60, 1-3).²¹⁰

Com os novos boatos, várias populações mais distantes desertaram Afrânio e Petreio e aderiram a César (Caes. *BCiv.* 1, 60, 5). Sem auxílio, os governadores viram-se cercados, famintos e sedentos, o que proporcionou ao estrategista

[...] a esperança de pôr termo à campanha sem necessidade de combates e sem perdas entre os seus, uma vez que tinha cortado aos adversários o fornecimento de víveres [...]. Por que desafiar a Fortuna? Principalmente levando-se em conta que não é menos ofício de um general vencer pela inteligência do que pela espada (Caes. *BCiv.* 1, 72, 1-2).²¹¹

Não obstante as privações, os aliados de Pompeu continuaram a resistir, travando combates com os cesarianos entre 25 e 30 de junho. Durante os entraves, o comandante ordenou a construção de uma paliçada e de um fosso, impedindo as buscas por forragem. Em consequência, no dia 1.º de julho, os afranianos e os petreianos entregaram as suas armas e prometeram fazer tudo o que o líder

²¹⁰ *Oscenses et Calagurritani [...] mittunt ad eum legatos seseque imperata facturos pollicentur. Hos Tarraconenses et Iacetani et Ausetani et paucis post diebus Illurgavonenses [...] Petit ab his omnibus, ut se frumento iuvent. Pollicentur atque omnibus undique conquisitis iumentis in castra deportant. [...] Exstinctis rumoribus [...] multae longinquoiores civitates ab Afranio desciscunt et Caesaris amicitiam sequuntur.*

²¹¹ *Caesar in eam spem venerat, se sine pugna et sine vulnere suorum rem conficere posse, quod re frumentaria adversarios interclusisset. [...] Cur denique fortunam periclitaretur? Praesertim cum non minus esset imperatoris consilio superare quam gladio.*

requisitasse. Ao final, César desmobilizou a guarnição inimiga e ainda cedeu trigo e água aos vencidos, num gesto nítido de clemência. Nas palavras de Lucano,

[...] César, de face sereno,
assentiu em poupá-los da pena e da guerra.
Tão logo se acertou a justa paz e o pacto,
corre o soldado rumo aos rios desguarnecidos,
deita às margens e agita as águas liberadas.
[...] Quão tristes são os que guerreiam! O soldado,
deixando ao vencedor as armas, volta aos seus
seguro e sem escudo, calmo e inofensivo,
e, da paz donatário, já muito lastima
as vezes que vibrou o ferro em lassos membros
e a sede padecida, e as preces vãs por bons
duelos! [...]
Pra que a Sorte imutável jamais se lhes altere,
tanto têm de vencer e sangrar pelo mundo
e seguir o infundável destino de César (Luc. *Phars.* 4, 363-392).²¹²

Com o triunfo, César retornou a Marselha, no início de setembro de 49, para acudir Trebônio. Em seguida, dirigiu-se a Roma, aonde chegou em outubro do mesmo ano. Ali tornou-se *dictator* e resolveu a questão dos credores. Após, marchou rumo à Brundísio, tencionando preparar seus homens para atravessar o mar Jônico e tentar subjugar a Grécia.

4.7 O SÍTIO A ÚTICA

No ano 48, o território grego era um dos poucos que ainda estavam sob o controle de Pompeu, razão que justificava a intenção cesariana de se dirigir até lá. Nesse sentido, vale salientar que a Hélade apoiava Magno, especialmente devido aos boatos divulgados sobre eventos de Útica, episódios que marcaram a derrota cesariana e colaboraram para o enfraquecimento da sua *fama*. Analisemos, então, o decorrer desses fatos.

²¹² *At Caesar facilis uoltuque serenus/ flectitur atque usus belli poenamque remittit./ Ut primum iustae placuerunt foedera pacis,/ incustoditos decurrit miles ad amnes,/ incumbit ripis permissaque flumina turbat. Heu miseri qui bella gerunt! Tunc arma relinquens/ uictori miles spoliato pectore tutus/ innocuusque suas curarum liber in urbes/ spargitur. O quantum donata pace potitos/ excussis umquam ferrum uibrasse lacertis/ paenituit, tolerasse sitim frustra rogasse/ prospera bella deos! [...];/ Ut numquam fortuna labet successibus anceps,/ uincendum totiens; terras fundendus in omnis/ est cruor et Caesar per tot sua fata sequendus.*

A cidade de Útica encontrava-se na província romana da África, na região entre o golfo de Cartago e o rio Bagradas. De acordo com Estrabão (17, 3, 13), situava-se em uma baía de aproximadamente 52km² e em uma península de 700km².

As condições favoráveis a Pompeu começaram aí quando Átio Varo – fugido de Áuximo durante o avanço de César sobre a Itália – desembarcou no local. Ao chegar, aproveitou-se da falta de um governador nomeado para reunir duas legiões e firmar aliança com o rei Jubá da Numídia.

A formação do foco de resistência incomodou a César, que prontamente destacou Curião à cidade, no início de agosto de 49. Sua primeira atitude foi enviar embaixadores a Útica para negociar apoio, mas, ao alcançarem os seus muros, eles notaram que os munícipes já mantinham os exércitos de Varo, amparando, inclusive, a construção do seu acampamento.

Por conseguinte, Curião apressou os seus legionários a montarem outro *castrum*, no intuito de prejudicar a entrada de alimentos no *oppidum* adversário. A disposição das milícias no campo de batalha ficou da seguinte maneira (Mapa 14):

Mapa 14 – A campanha de Curião no norte da África.

Fonte: Caesar (1923, p. 96).

Em decorrência da proximidade dos acampamentos, Curião ouviu falsos boatos a respeito do pequeno efetivo dos oponentes. Acreditando nas informações, lançou um ataque incauto, transportando os seus soldados por uma estrada quente, arenosa e destituída de água (App. *B Civ.* 2, 7, 45). Enquanto guerreava, escutou que o rei Jubá tinha expedido poucos homens em auxílio a Varo – pois jazia preso em disputas dentro do seu próprio reino – e escolheu prosseguir com os ataques.

A tribo numida aglomerou-se às margens do rio, ao sul da cidade. Depressa, os *equites* romperam as barreiras do *castrum* e fizeram alguns *captivi*, os quais confirmaram a suposta veracidade dos boatos. Nesse ínterim, Curião, inicialmente contente com sua pretensa vitória, percebeu que havia caído em uma armadilha, avistando no horizonte muitos cavaleiros e arqueiros de Jubá (Caes. *BCiv.* 2, 41).

Ao vislumbrar as tropas reais, abandonou os trabalhos de assédio e se recolheu ao acampamento, onde narrou o ocorrido para os *milites*.

Ao tomar conhecimento desses fatos, o questor Márcio Rufo, que Curião havia deixado no acampamento, exorta os seus a não desanimar. Eles pedem e suplicam que os embarque de volta à Sicília. E lhes dá garantia e ordena aos capitães de navios que desde a noite mantenham as canoas nas proximidades da praia. Tal era, porém, o pânico de todos que diziam que as forças de Jubá estavam chegando; outros, que as legiões de Varo se aproximavam e que já se avistava a poeira dos que estavam vindo (não havia nada de verdade nisso); outros supunham que a esquadra dos inimigos voaria a toda velocidade. Dessa forma, cada um, sob o terror generalizado, cuidava apenas de si [...] (Caes. *BCiv.* 43, 1-2).²¹³

Por fim, em 24 de agosto de 49, diversos cesarianos desertaram para a Sicília e o restante se rendeu a Jubá. Ele,

²¹³ *His rebus cognitis Marcius Rufus quaestor in castris relictus a Curione cohortatur suos, ne animo deficient. Illi orant atque obsecrant, ut in Siciliam navibus reportentur. Pollicetur magistrisque imperat navium, ut primo vespere omnes scaphas ad litus appulsas habeant. Sed tantus fuit omnium terror, ut alii adesse copias lubae dicerent, alii cum legionibus instare Varum iamque se pulverem venientium cernere, quarum rerum nihil omnino acciderat, alii classem hostium celeriter advolaturam suspicarentur. Itaque perterritis omnibus sibi quisque consulebat.*

[...] ao avistar coortes desses soldados diante da cidade, proclama que são presas suas; dá ordem de liquidar grande parte deles; envia ao seu reino alguns por ele selecionados e [...], montado a cavalo, foi introduzido na cidade, seguido de um cortejo de senadores, entre os quais estavam Sérvio Sulpício e Licínio Damasipo, e, por uns poucos dias em Útica, fez e desfez o que bem entendeu. Após alguns outros dias, retirou-se para o reino com todas as suas tropas (Caes. *BCiv.* 2, 44, 2-3).²¹⁴

4.8 AS BATALHAS NA GRÉCIA

Os sucedidos em Útica são essenciais ao entendimento da atualidade dos boatos. Segundo Kapferer (1993), as pessoas estão mais interessadas nas notícias e nos acontecimentos contemporâneos do que nos fatos ocorridos em outros lugares e em outras épocas. Assim, os boatos da derrota de César na África suplantaram os seus triunfos passados, sobrepujando a sua *fama* de conquistador e construindo a imagem de um líder cansado e esfacelado.

Isso gerou ao estrategista a tarefa de reconstruir a opinião pública a seu respeito. Ou seja, se ele realmente quisesse granjear o apoio dos helenos, teria que renovar a sua *fama*, esforçando-se para vencer Pompeu e produzir um fato atual. E foi exatamente o que ele fez.

No oitavo livro da *Geografia*, Estrabão declara que a Grécia, à época tardo-Republicana, se situava em um território densamente povoado, com cerca de 130 mil km², dos quais boa parte era composta por montanhas.

Os primeiros sinais de guerra surgiram ali muito antes de Magno, quando seu filho chegou à procura de alianças e negociações cívicas. Em pouco tempo, coletou dinheiro, homens e víveres, resguardando-os em seus quartéis para o inverno vindouro, ações que renderam a Pompeu uma chegada privilegiada por volta do dia 20 de março de 49.

²¹⁴ *Quarum cohortium milites postero die ante oppidum luba conspicatus suam esse praedicans praedam magnam partem eorum interfici iussit, paucos electos in regnum remisit, [...] Ipse equo in oppidum vectus prosequentibus compluribus senatoribus, quo in numero erat Ser. Sulpicius et Licinius Damasippus paucis, quae fieri vellet, Uticae constituit atque imperavit diebusque post paucis se in regnum cum omnibus copiis recepit.*

César, por seu turno, desembarcou na Hélade em 5 de janeiro de 48, desgastado das campanhas na Itália, nas Hispânicas e em Marselha. Atracou em um lugar denominado Palaeste sem perder um só navio e sem ser notado pelos pompeianos que vigiavam as praias (Caes. *BCiv.* 3, 6).

A *fama* de sua vinda, todavia, não tardou a se espalhar, sendo acompanhada pelo início das negociações cívicas de César com as comunidades. Issa e Salona, por exemplo, aceitaram desfazer a *amicitia* com Magno e auxiliar César no que precisasse. Tal transição alcançou os ouvidos de Marcos Otávio, um lugar-tenente de Pompeu, que depressa ordenou uma investida contra as *civitates*, derrotando a primeira e sendo batido na segunda.

Os boatos da vitória em Salona depressa alcançaram as *poleis* do ocidente grego, dando a César o fato atual necessário à reestruturação da sua *fama*. Alarmado, Magno debandou em marcha até Apolônia, objetivando evitar que o seu inimigo cooptasse todas as *urbes* da orla marítima.

Nesse intervalo, outra comunidade, chamada Órico, associou-se a César. Seus habitantes, que inclusive estavam sob o comando dos pompeianos, expulsaram as milícias e abriram as portas ao general (App. *B Civ.* 2, 8, 54). Os boatos dessa atitude logo atingiram Apolônia, e César, suportado pelos oricenses, partiu para lá.

Quando ouve boatos de sua vinda, Lúcio Estabério, que lá era o comandante, se pôe a transportar água para a cidadela, a preparar a resistência, a exigir reféns dos apolinenses. Eles, no entanto, se negam a entregá-los, a fechar as portas ao cônsul e a tomar uma decisão contrária à Itália toda. Sabendo das disposições dos apolinenses, Estabério foge secretamente de Apolônia. Eles enviam emissários a César e o acolhem na cidade. Seguem seu exemplo os bilidenses, os amantinos e as demais cidades vizinhas e todo o Épiro; enviam delegados a César, prometendo-lhe cumprir suas ordens (Caes. *BCiv.* 3, 12).²¹⁵

No dia 10 de janeiro, Pompeu tomou conhecimento da capitulação das comunidades. Escolheu, então, ir em direção a Dirráquio, onde estava assentada

²¹⁵ *Cuius adventu audito L. Staberius, qui ibi praeerat, aquam comportare in arcem atque eam munire obsidesque ab Apolloniatibus exigere coepit. Illi vero daturos se negare, neque portas consuli praeclusuros, neque sibi iudicium sumpturos contra atque omnis Italia populusque Romanus indicavisset. Quorum cognita voluntate clam profugit Apollonia Staberius. Illi ad Caesarem legatos mittunt oppidoque recipiunt. Hos sequuntur Bullidenses, Amantini et reliquae finitimae civitates totaque Epiros et legatis ad Caesarem missis, quae imperaret, facturos pollicentur.*

boa parte de suas guarnições, acercando-se dali entre 20 e 30 de janeiro. Sua vinda foi sucedida pela de César cerca de 4 meses depois, no início de maio. Ambos principiaram a elevação dos acampamentos a fim de se protegerem do restante do inverno. O arranjo dos *castra* conservou-se assim (Mapa 15):

Mapa 15 – A batalha de Dirráquio.

Fonte: Caesar (1914, p. 371).

Com a primavera, César mandou cartas a Brundísio convocando à Grécia Marco Antônio e o remanescente das suas tropas. Os recém-chegados foram acolhidos pelos cidadãos de Lisso, que havia pouco tinham repellido os pompeianos. Sem perder tempo, Antônio remeteu mensageiros ao seu líder, sugerindo a junção dos dois exércitos em Dirráquio.

Os boatos dos reforços atingiram diversas populações gregas, estimulando o crescimento do apoio cesariano. A Tessália e a Etólia, por exemplo, expediram delegações com promessas de soldados e trigo, enquanto a Macedônia manifestou entusiasmo de todos os seus para com o militar (Caes. *BCiv.* 3, 34-35).

As novas alianças produziram uma *fama* que, “[...] em meio a muitas suposições e geral boataria [...], ultrapassou a realidade” (Caes. *BCiv.* 3, 36, 1).²¹⁶ Em

²¹⁶ *Magna opinione et fama omnium; nam plerumque in novitate rem fama antecedit.*

consequência, mais e mais comissões saíam das *poleis* ao encontro dos cesarianos, garantindo-lhes *frumentum* e *copiae*.

Pompeu, por outro lado, viu-se desamparado e impossibilitado de adquirir novos recursos. Ele até mesmo tentou firmar acordos cívicos com as localidades próximas, mas de nada adiantou. A par das privações adversárias, no dia 1.º de julho, César começou a incitá-lo ao confronto, no intuito de “[...] abalar o prestígio de que parecia gozar [...] particularmente entre as nações estrangeiras, quando pelo mundo afora se espalhasse a *fama* de que ele estava cercado por César e não se atrevia a travar combate” (Caes. *BCiv.* 3, 43, 3).²¹⁷

Magno, porém, não demonstrava medo. Todos os dias, colocava a sua faminta legião em formação de batalha à frente do seu próprio *castrum* e, entre 5 e 10 de julho de 48, enfrentou o oponente em duas ocasiões, saindo vitorioso em ambas. Como resultado,

[...] despachou a todas as províncias e cidades cartas sobre a batalha de Dirráquio, nas quais aumentava e exagerava a realidade dos fatos, e espalharam-se boatos de que César, batido, estava em fuga com perda quase total de seu exército (Caes. *BCiv.* 3, 79, 4).²¹⁸

Esses boatos atuais tornaram inseguras as marchas, afastando algumas cidades da amizade de César. Tal distanciamento ocasionou graves dificuldades, sobretudo porque o estrategista não encontrava quem lhe fornecesse provimentos (Plut. *Caes.* 41). A solução foi partir rumo à Tessália, entre 10 e 12 de julho.

Dirigiu-se, então, à cidade de Gonfos, a qual, meses antes, se tinha colocado à sua disposição. Entretanto,

²¹⁷ *Ut auctoritatem qua ille maxime apud exterarum nationes niti videbatur, minueret, cum fama per orbem terrarum percrebuisset, illum a Caesare obsideri neque audere proelio dimicare.*

²¹⁸ *Simul a Pompeio litteris per omnes provincias civitatesque dimissis proelio ad Dyrrachium, facto latius inflatusque multo, quam res erat gesta, fama percrebuerat, pulsum fugere Caesarem paene omnibus copiis amissis.*

[...] lá já tinham chegado [...] os boatos [...] sobre a derrota em Dirráquio, com toda sorte de exageros. Então, Andróstenes, pretor da Tessália, preferindo ser parceiro da vitória de Pompeu a compartilhar com César a adversidade, [...] fechou as portas [...] (Caes. *BCiv.* 3, 80, 2-3).²¹⁹

Destarte, durante os dias 13 e 17, o general sitiou e invadiu Gonfos, onde “[...] não somente arranhou víveres em abundância para alimentar seu exército, como também o imunizou contra as doenças, porque os soldados encontraram grande quantidade de vinho, com que venceram a pestilência” (Plut. *Caes.* 41).²²⁰

A tomada da pólis produziu uma nova *fama* que alcançou, sem demora, o conhecimento dos munícipes de Metrópolis. Eles,

[...] que inicialmente tinham tomado decisão idêntica [a Gonfos], influenciados pelos mesmos boatos, fecharam as portas e encheram as muralhas de homens armados; mas, depois, informados da sorte da população de Gonfos pelos prisioneiros que César cuidara de apresentá-los nas muralhas, abriram as portas. Foram poupados com o maior desvelo, e a comparação da sorte dos metropolitanos com a desventura dos gonfenses fez com que nenhuma cidade da Tessália deixasse de obedecer a César e cumprir suas ordens, a não ser Larissa, ocupada pelas numerosas forças de Cipião (Caes. *BCiv.* 3, 81, 1-2).²²¹

Com a retomada das alianças, César, no início de agosto, saiu ao encalço de Pompeu nas imediações de Farsália. Outra vez, os dois mandaram erigir acampamentos e posicionaram seus *milites*, organizando-se assim (Mapa 16):

²¹⁹ *Sed eo fama iam praecurrerat, quam supra docuimus, de proelio Dyrrachino, quod multis auxerat partibus. Itaque Androstenes, praetor Thessaliae, cum se victoriae Pompei comitem esse mallet quam socium Caesaris in rebus adversis, omnem ex agris multitudinem servorum ac liberorum in oppidum cogit portasque praecludit [...].*

²²⁰ [...] Θεσσαλικήν πόλιν, οὐ μόνον ἔθρεψε τὴν στρατιάν, ἀλλὰ καὶ τοῦ νοσήματος ἀπήλλαξε παραλόγως.

²²¹ *Metropolitae primum eodem usu consilio isdem permoti rumoribus portas clausurunt murosque armatis compleverunt; sed postea casu civitatis Gomphensis cognito ex captivis, quos Caesar ad murum producendos curaverat, portas aperuerunt. Quibus diligentissime conservatis collata fortuna Metropolitum cum casu Gomphensium nulla Thessaliae fuit civitas praeter Larisaeos, qui magnis exercitibus Scipionis tenebantur.*

Mapa 16 – A batalha de Farsália.

Fonte: Caesar (1914, p. 371).

No dia 9 de agosto do ano 48, foi travada a batalha decisiva, cuja narrativa é realizada por César nas *Guerras Civis*:

Quando dado o sinal, nossos soldados, com dardos em riste, se lançaram ao ataque e deram conta de que os pompeianos não arremetiam; instruídos pela experiência e adestrados nas lutas anteriores, naturalmente sofreram o passo e se detiveram mais ou menos a meio do caminho, para não se aproximarem com as forças exauridas. Pouco tempo após, retomada a corrida, despediram os seus dardos e rapidamente, segundo as instruções de César, sacaram de suas espadas. Por sua vez, os pompeianos não desapontaram, pois suportaram a saraivada de projéteis; resistiram às investidas dos legionários, mantiveram a formação e, tendo arremessado os dardos, voltaram-se para suas espadas. Simultaneamente, a cavalaria do flanco esquerdo de Pompeu arremeteu em peso, conforme lhe tinha sido ordenado, e a multidão dos arqueiros se espalhou [...] (Caes. *BCiv.* 3, 93, 1-3).²²²

²²² *Sed nostri milites dato signo cum infestis pilis procucurrissent atque animum advertissent non concurrere a Pompeianis, usu periti ac superioribus pugnis exercitati sua sponte cursum represserunt et ad medium fere spatium constiterunt, ne consumptis viribus appropinquarent, parvoque intermisso temporis spatio ac rursus renovato cursu pila miserunt celeriterque, ut erat praeceptum a Caesare, gladios strinxerunt. Neque vero Pompeiani huic rei defuerunt. Nam et tela missa exceperunt et impetum legionum tulerunt et ordines suos servarunt pilisque missis ad gladios redierunt. Eodem tempore equites ab sinistro Pompei cornu, ut erat imperatum, universi procucurrerunt, omnisque multitudo sagittariorum se profudit.*

Ao cabo, César sagrou-se vitorioso. O seu exército sofreu poucas baixas, perdendo apenas 200 soldados e 30 centuriões.

Do exército de Pompeu parece que os caídos foram perto de quinze mil, mas os que se renderam foram mais de vinte e quatro mil [...]; muitos outros se refugiaram nas cidades vizinhas. Foram trazidos a César do campo de batalha cento e oitenta estandartes militares e nove águias (Caes. *BCiv.* 3, 99, 4).²²³

A *fama* desse embate logo atingiu as comunidades helênicas, provocando insurreições contra os legados de Magno (Caes. *BCiv.* 3, 101). Ainda assim, o vencido continuou a sua campanha, difundindo éditos na Macedônia que decretavam o recrutamento de jovens. Sem respaldo, retirou-se à Mitilene, na ilha de Lesbos, onde se juntou à sua família, navegando depois à Cilícia e ao Chipre.

Ao desembarcarem nesta última localidade, “[...] não tiveram acolhida no porto e na cidade e lhes foram enviados mensageiros para que deixassem aqueles lugares; a contragosto tiveram que zarpar. E já se divulgava por aquelas cidades a *fama* da chegada de César” (Caes. *BCiv.* 102, 7-8).²²⁴

Pompeu, então, decidiu recolher-se em Alexandria, no Egito, sendo perseguido pelo seu oponente, o qual, “[...] fiando-se na repercussão da sua *fama*, não [hesitou] em pôr-se em marcha com débeis recursos, estimando que qualquer lugar lhe seria seguro” (Caes. *BCiv.* 3, 106, 3).²²⁵ De fato, recebeu inúmeras homenagens por todas as cidades por que passou, ganhando estátuas e louvores.

No início de setembro, César ouviu boatos sobre um encontro entre Magno e Ptolomeu. Ao lembrar que o Faraó era um antigo amigo do comandante, temeu o seu fortalecimento e o recomeço dos confrontos.

²²³ *Ex Pompeiano exercitu circiter milia XV cecidissee videbantur, sed in deditionem venerunt amplius milia XXIII [...], multi praeterea in finitimas civitates refugerunt; signaque militaria ex proelio ad Caesarem sunt relata CLXXX et aquilae VIII.*

²²⁴ *Idem hoc L. Lentulo [...] et P. Lentulo [...] ac nonnullis aliis acciderat Rhodi; [...] oppido ac portu recepti non erant missisque ad eos nuntiis, ut ex his locis discederent contra voluntatem suam naves solverant. Iamque de Caesaris adventu fama ad civitates perferebatur.*

²²⁵ *Sed Caesar confusus fama rerum gestarum infirmis auxiliis proficisci non dubitaverat, aequae omnem sibi locum tutum fore existimans.*

Ptolomeu, entretanto, não tinha pretensões de desafiar César, em especial porque a sua *fama* e a dos seus triunfos já eram do seu conhecimento. Por causa disso, o governante achou mais prudente destruir o refugiado, dando fim à sua vida no dia 28 de setembro. O assassinato é relatado em detalhes por Plutarco:

Mas quando Pompeu tomou a mão de Filipo para se levantar com mais facilidade, Septímio, por trás, foi o primeiro a atravessá-lo com sua adaga, e depois dele Sálvio e depois Aquilas desembainharam suas espadas. Pompeu, jogando a toga sobre o rosto com as duas mãos, sem dizer ou fazer nada indigno dele, mas emitindo apenas um gemido, resistiu firmemente aos golpes. Depois de viver cinquenta e nove anos, ele se despediu de sua vida um dia depois de seu aniversário (Plut. *Pomp.* 79, 4-5).²²⁶

Três dias depois, César foi recebido pelo Faraó, que lhe ofereceu a cabeça de seu inimigo. Não obstante a hostilidade entre os dois, a entrega de sua cabeça por um egípcio era uma afronta aos romanos, não um gesto amistoso. Isso fez com que o líder declarasse guerra a Ptolomeu.

Após vencer as tropas faraônicas, em 47, César deixou o Egito e seguiu em direção à Síria e, de lá para a Cilícia e a Capadócia, derrotando, no Ponto, Fárnaces II, filho de Mitrídates. Ainda em 47, retornou à Península Itálica, sendo nomeado ditador pela segunda vez. Aí se ocupou das mais diversas tarefas, como a restauração da *Respublica*, a reabilitação de suas legiões e a reunião de recursos para encerrar de vez a resistência dos aliados de Pompeu na África e nas Hispânicas.

Em conclusão, vimos neste capítulo que os boatos influenciaram no desfecho das guerras civis, oportunizando a César novas alianças e muitos provimentos, uma intervenção – e isso é essencial frisar – que não ocorreu abruptamente, mas foi o resultado de 6 anos de falares propagados e de expectativas criadas.

Como demonstramos, os primeiros boatos do conflito surgiram com a morte de Júlia, em 54, já demarcando os dois grupos rivais: os apoiadores de Pompeu e os de César. A qualidade dos anúncios divulgados sem demora deu vantagem ao primeiro,

²²⁶ τῆς τοῦ Φιλίππου λαμβανόμενον χειρός, ὅπως ῥᾶον ἐξανασταίῃ, Σεπτίμιος ὀπισθεν τῷ ξίφει διελαύνει πρῶτος, εἶτα Σάλβιος μετ' ἐκεῖνον, εἶτα Ἀχιλλᾶς ἐσπάσαντο τὰς μαχαίρας. δὲ ταῖς χερσὶν ἀμφοτέραις τὴν τήβεννον ἐφελκυσάμενος κατὰ τοῦ προσώπου, μηδὲν εἰπὼν ἀνάξιον ἑαυτοῦ μηδὲ ποιήσας, ἀλλὰ στενάξας μόνον, ἐνεκαρτέρησε ταῖς πληγαῖς, ἐξήκοντα μὲν ἐνὸς δέοντα βεβιωκῶς ἔτη, μὴ δ' ὕστερον ἡμέρᾳ τῆς γενεθλίου τελευτήσας τὸν βίον.

pois a sua *fama* e a esperança de sua vitória eram maiores. Essa superioridade, todavia, foi revertida com a chegada de César ao norte da Itália e com a tomada de Arímino, em janeiro de 49. As informações da vitória induziram a rendição de diversas outras cidades, espalhando rapidamente a sua *fama* de conquistador e afugentando Magno, um renome que alcançou a *Urbs*, assustando ainda os *cives* e o Senado, os quais até chegaram a construir mecanismos de defesa para um possível assalto, que, inclusive, não chegou a acontecer, pois César foi clemente e poupou todos os que se renderam a ele.

A partir daí, constatamos que a *fama* do general suplantou a de Pompeu, visto que mais e mais *civitates* e *oppida* passaram a louvá-lo. Os boatos do apoio crescente logo transitaram pelas províncias, facilitando as negociações cívicas e dando a César vantagens bélicas na aquisição de *frumenta*, *copiae*, *ligna* e *aquae*.

Tudo isso rendeu a ele, entre 49 e 48, os triunfos sobre as Hispânicas, Marselha e a Grécia. E, não somente: o triunfo sobre Pompeu, pois a *fama* cesariana sobrepujou a do oponente em todo o Império, retirando de Magno não só qualquer possibilidade de recuperação como também a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, investigamos as guerras civis entre Pompeu e César (54-48 a.C.) a partir da influência dos boatos, falares propagados por diversos meios e agentes em inúmeros centros de informação do Império.

Esses boatos foram pensados com base em uma questão central: de que forma determinaram a vitória cesariana? Para responder, lidamos com um *corpus* textual variado e amplo, que apontou uma multiplicidade de passagens e eventos em que as conversas definiram os rumos da política e das batalhas.

Buscamos, então, afastar-nos de uma perspectiva alicerçada no senso comum, cujo principal equívoco foi considerar que uma *stasis* só é vencida por causa da extensão das tropas, da genialidade ou do talento bélico de um líder.

O exercício metodológico realizado pautou-se em quatro procedimentos: primeiro, abordamos as teorias dos boatos e as suas implicações para o estudo do Mundo Antigo; em seguida, contextualizamos historicamente as guerras civis e as trajetórias de Pompeu e César, além de destacarmos as negociações cívicas efetivadas por eles entre os muitos destinatários e remetentes; depois, examinamos os sujeitos da comunicação e os caminhos percorridos pelos boatos; por fim, analisamos o impacto destes nos embates.

No decorrer de tal exercício, mostramos como as pesquisas dos boatos são recentes, desenvolvidas cientificamente no despertar do século XX, com a Segunda Guerra Mundial. As interpretações apresentadas foram a psicopatológica e a política, social e interacional, a última delas utilizada para a escrita desta tese, pois foge da concepção negativa e fantasiosa dos boatos, considerando-os notícias informais e rápidas transmitidas por grupos habituais de pessoas.

Vimos também que, apesar de informais, os boatos podiam circular nos canais oficiais, respaldados por indivíduos confiáveis, a exemplo de familiares e autoridades municipais. Em Roma, onde não havia uma grande mídia nem um número significativo de leitores, representavam o melhor acesso aos ocorridos.

Nesse sentido, optamos por uma leitura política e sociológica das fontes, refutando a vertente literária que entende os boatos como estratégias meramente textuais e retóricas. A preferência consistiu na análise de vocábulos latinos – *opinio*, *rumor*, *fama*, *sermo populi* e *sermo hominum* –, que os ratificam como evidências históricas e expressões de opiniões coletivas.

Lendo-os assim, aprofundamo-nos no contexto tardo-Republicano e das guerras civis, evidenciando que os boatos são socialmente construídos e transmitidos. Notamos as consequências da escassez alimentar, da fome e da penúria no andamento dos confrontos, prejudicando não só os civis como também os comandantes e suas guarnições, uma conjuntura que, aliás, não impediu César de triunfar, sobretudo porque obteve comida e assistência cidadinas devido à sua *fama* e aos boatos sobre sua aproximação.

A fim de compreendermos essa vitória, delimitamos 10 meios de comunicação. Como resultado, comprovamos a proeminência dos boatos em relação aos demais veículos de informação, os quais traziam, em geral, falares sobre o decorrer das lutas. Entre eles, a *fama* foi a mais examinada, visto que produzia as decisões mais impactantes e definidoras, uma preponderância que fundamentou o estudo das *famae* de Pompeu e César.

Aí verificamos a execução de feitos políticos e militares memoráveis, que, além de os consagrarem e os tornarem célebres, facilitaram as negociações.

Em períodos conflituosos, esses acordos eram primordiais à sobrevivência e à manutenção das milícias. Por tais motivos, exploramos as deliberações ocorridas entre os *castra* e as *civitates* / *oppida*, todas embasadas em pedidos de alianças e víveres para sanar as dificuldades. Percebemos ainda a importância de expormos os roteiros trilhados pelas transações, razão que norteou o levantamento dos destinatários e remetentes das mensagens veiculadas nos combates.

Ao mesmo tempo, averiguamos os agentes responsáveis por transportar as notícias até esses receptores, ou seja, os atores dos boatos. Salientamos que as conversas não existiam por si mesmas nem isoladas da coletividade, uma vez que os indivíduos dialogavam dentro de redes de sociabilidade muito coesas, como a

familia, a *amicitia*, o patronato e a servidão. Na sequência, assinalamos os espaços onde os boatos eram divulgados, os centros de informação, pois as redes não se comunicavam num vazio, mas em locais escolhidos propositadamente.

Atestamos que os agentes e os centros se tornavam mais ativos em momentos de instabilidade. E, em uma *stasis*, os relatórios de construção dos *castra* e dos *oppugnatio* incitavam bastante os boatos, mormente por efeito do grande público envolvido e da procura por informações e recursos.

Efetuada todas essas reflexões, dedicamo-nos à comprovação da nossa hipótese, mediante a análise dos episódios das guerras civis e das ações sociais. Princípios com a exposição dos boatos precedentes aos embates, emergidos quase 5 anos antes, em 54. Após, demonstramos de que modo eles contribuíram no posicionamento dos grupos partidários e na manifestação das expectativas quanto à vitória ou à derrota dos estrategos, ficando a maior parte do Império favorável a Pompeu. Inclusive, foi por meio de tais esperanças que as pessoas se mobilizaram, abrindo ou fechando os portões, desertando, enviando homens e bens ou expulsando os inimigos.

Em seguida, esclarecemos que a entrada de César na Itália e a rápida tomada de Arimino fomentaram a *fama* de um novo Aníbal, a qual proporcionou a ele o domínio de outras cidades, a saber, Pisauro, Fano, Ancona, Igúvio, Áuximo, Cíngulo, Ásculo Piceno, Alba, Sulmona, Corfíno, Brundísio e a própria capital. Rapidamente, os boatos dessas conquistas foram sendo repassados, e César adquiriu novos territórios provinciais que aumentaram ainda mais a sua *fama*. As alianças crescentes oportunizaram a ele a superação dos problemas alimentícios, naturais e climáticos, prejudicando, por outro lado, a campanha de Magno. Não demorou, então, para que César se encontrasse fortalecido, amparado e vitorioso.

Em suma, a partir das investigações empreendidas nesta pesquisa, notamos que os boatos revelaram interpretações novas e singulares acerca das guerras civis, um evento já tão estudado e conhecido na contemporaneidade. Ao analisarmos a sua influência no triunfo cesariano, surpreendemo-nos com a sua eficácia e velocidade na irradiação de notícias. Os boatos voavam, alastravam-se e corriam, tornando-se intangíveis e longínquos. Por exemplo, os anúncios dos sucessos ou da *fama* de

César atingiam províncias distantes de modo acelerado, definindo episódios simultâneos em localidades díspares.

Sincronicamente, consistiam de informações paralelas, não controladas. Ou seja, nem Pompeu nem César tinham o poder de comandar o que era dito sobre eles, de construir a imagem que desejassem. As versões dos boatos evoluíam, enriqueciam-se, adaptavam-se e ajustavam-se segundo os interesses dos grupos naquilo que estava acontecendo. Quando os indivíduos se viam privados das notícias oficiais, montavam a sua versão pessoal e coletiva dos fatos. Nesse sentido, os boatos forneciam explicações velozes e satisfatórias, pautadas em hipóteses com a maior probabilidade subjetiva.

Ademais, as opiniões que os grupos exprimiam a respeito dos generais dependiam dos dados associados a eles ou das suas mentalidades. No último caso, os anúncios ligavam-se às necessidades, paixões, hábitos e às condições materiais dos agentes, pois quem comunicava algo estava emocionalmente ligado à mensagem, e não há situação mais emotiva do que uma *stasis*.

As batalhas apresentam ótimas condições para a disseminação dos boatos. A precaução dos líderes em revelar seus planos, a dúvida quanto ao número das legiões, o estado de apreensão das populações, a aproximação rival e outros fatores transformam as situações bélicas em ocasiões propícias à origem e ao desenvolvimento dos falares. Nesse contexto, os boatos, com frequência, reduziram o prestígio dos comandantes, criaram ameaças, instalaram pânicos, hostilizaram os adversários e agregaram aliados. Foram usados ainda para as orientações de (re)ação, sobretudo porque embasaram as escolhas de amizade / inimizade.

Finalmente, não podemos esquecer que os boatos fixaram retratos, elegendo heróis e vilões, personificações que foram aprimoradas e repintadas com o passar do tempo, adaptando-se à realidade vivida e aos novos acontecimentos. Por fortuna ou acaso, a *fama* de César metamorfoseou-se ao longo das guerras civis, a ponto de ele deixar de ser um invasor e usurpador para se tornar um conquistador clemente e salvador da República, uma transmutação que, aliás, foi ao encontro das ambições pessoais do próprio estrategista, pois, como afirmam Plutarco (*Caes.* 69) e Suetônio (*Iul.* 76), ele mesmo se esforçava para obter poder, glória, magistraturas, pompas e

privilégios superiores às grandezas humanas. Justamente por se empenhar na aquisição de tais honrarias foi considerado pelos poetas como um homem que não só se aproveitou da *fama* de que dispunha, como também a usou para alcançar mais. Não foi à toa que Lucano proferiu: “Por causa do perigo extremo que César correu, poderia em um dia adquirir *fama* eterna” (*Phars.* 10, 532-533).²²⁷ Ele realmente a adquiriu, estando ela presente por todo o curso de sua vida, na vingança de sua morte, na identificação dos futuros imperadores romanos e até mesmo na titulação de governantes modernos.

²²⁷ *Potuit discrimine summo/ Caesaris una dies in famam et saecula mitti.*

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAÇÃO PRIMÁRIA

APPIAN. The Civil Wars. In: **Roman History**. In four Volumes. With an English translation by Horace White. London: Macmillan and Company, 1964. v. III

_____. **The Foreign Wars**. With an English translation by Horace White. London: Macmillan and Company, 1899.

_____. **Roman History**. In four Volumes. With an English translation by Horace White. London: Macmillan and Company, 1912.

ARISTOTLE. **Rhetoric**. 23 volumes. With an English translation by J. H. Cambridge, Mass., Harvard University Press. London: William Heinemann, Ltd., 1926.

CAESAR. **Alexandrian, African and Spanish wars**. With an English translation by A. G Way. London: William Heinemann, Ltd., 1988.

_____. **Comentários sobre as guerras civis**. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1999.

_____. **The civil wars**. With an English translation by A. G Peskett. Edinburgh: St Edmundusbury Press Ltd., 1990.

_____. **The Gallic War**. With an English translation by Edwards. Bungay: Richard Clay, 1986.

CASSIUS DIO. **Roman History**. With an English translation by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961.

CATO. **On agriculture**. With an English translation by W. D. Hooper. London: William Heinemann, Ltd., 1979.

CATULLUS. **The Carmina of Gaius Valerius Catullus**. With an English translation by Leonard C. Smithers. London: Smithers, 1894.

CÍCERO. **Cicero's Letters to Atticus**. With an English translation by E. O. Winstedt, London: William Heinemann, Ltd., 1912. v. I-III.

_____. *Commentariolum Petitionis*. In: SILVA, A. C. P. G. R. **Breviário de uma campanha eleitoral: O Commentariolum Petitionis** de Quinto Cícero. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, Lisboa, p. 37-59.

_____. *De Inventione*. In: ILUNGA, K. **O Da invenção, de Marco Túlio Cícero**: Tradução e estudo. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de

Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 41-165.

_____. *De oratore*. In: SCATOLIN, A. **A invenção no Do Orador de Cícero**: Um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23. 2009. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009, p.147-308.

_____. For *Aulus Cluentius*. **The Orations of Marcus Tullius Cicero**. With an English translation by C. D. Yonge, B. A. London: Henry G. Bohn, 1917, p. 104-187. v. II.

_____. **Letters to His Friends; To his brother Quintus; to Brutus**. With English translation by William Glynn Williams. In three volumes. London: Heinemann, 1952.

_____. Oration for *L. Murena*. **The Orations of Marcus Tullius Cicero**. With an English translation by C. D. Yonge, B. A. London: Henry G. Bohn, 1917, p. 330-375. v. II.

_____. The four against Catiline. **The Orations of Marcus Tullius Cicero**. With an English translation by C. D. Yonge, B. A. London: Henry G. Bohn, 1917, p. 279-329. v. II.

COLUMELLA. **On agriculture**. 3 vols. London: William Heinemann, Ltd., 1977.

DIODORUS SICULUS. **Library**: Diodorus of Sicily in Twelve Volumes. With an English Translation by C. H. Oldfather. London: William Heinemann, Ltd., 1989. v. IV-VIII.

JUVENAL. **Juvenal and Persius**. With an English translation by G. G. Ramsay. London: William Heinemann, Ltd., 1928.

LUCAN. **Farsália**: Cantos I a V. Trad. de Brunno V. G Vieira. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

_____. **The civil war**. With an English translation by J. D. Duff. London: William Heinemann, Ltd., 1928.

LUCRETIUS. **De Rerum Natura**. With an English translation by William Ellery Leonard. E. P. Boston: Dutton, 1916.

PLINY THE ELDER. **The Natural History**. With an English translation by John Bostock, London: Taylor and Francis, 1855.

PLUTARCH. Life of Antony. In: **Plutarch's Lives**. With an English translation by Bernadotte Perrin. London: William Heinemann, Ltd., 1920. v. IX.

_____. Life of Caesar. In: **Plutarch's Lives**. With an English translation by Bernadotte Perrin. London: William Heinemann, Ltd., 1919. v. VII.

_____. Life of Cicero. In: **Plutarch's Lives**. With an English translation by Bernadotte Perrin. London: William Heinemann, Ltd., 1919. v. VII.

_____. Life of Crassus. In: **Plutarch's Lives**. With an English translation by Bernadotte Perrin. London: William Heinemann, Ltd., 1919. v. VIII.

_____. Life of Pompey. In: **Plutarch's Lives**. With an English translation by Bernadotte Perrin. London: William Heinemann, Ltd., 1917. v. V.

QUINTILIAN. ***Institutio Oratoria V***. With an English translation by Harold Edgeworth Butler. London: William Heinemann, Ltd., 1921.

SALLUST. **The Jugurthine War**. With an English translation by John Selby Watson, M.A. London: Harper & Brothers, 1899.

SENECA THE ELDER. ***Declamations***, Volume I: *Controversiae*, Books 1-6. With an English translation by Michael Winterbottom. London: William Heinemann, Ltd., 1974.

STRABO. **The Geography of Strabo**. With an English translation by H. C. Hamilton, W. Falconer. Three volumes. London: George Bell & Sons, 1903.

SUETONIUS. **The lives of the twelve Caesars**. With an English translation by Catharine Edwards. Oxford: Oxford University Press, 2000.

TACITUS. **Complete works of Tacitus**. With an English translation by N. Church, William Jackson Brodribb and Lisa Cerrato. New York: Random House, 1942.

_____. **The Annals**. With an English translation by A.J. Woodman. Cambridge: Hackett Publishing Company, 2004.

_____. **The Histories**. With an English translation by Kenneth Wellesley. London: Penguin, 1995.

TITUS LIVIUS. ***Ab Urbe Condita***. Books I and II. With an English translation by Benjamin Oliver Foster. London: William Heinemann, Ltd., 1919.

_____. **Períocas, Perúocas de Oxirrinco, Fragmentos**. Introducción, traducción y notas de José Antonio Villar Vidal. Madrid: Editorial Gredos, 2008.

VALERIUS MAXIMUS. **Memorable Doings and Sayings**. Books 6-9. London: William Heinemann, Ltd., 2000. v. II.

VEGETIUS. **Epitome of Military Science**. With an English translation by N. P. Milner. Translated texts for historians. Liverpool: Liverpool University Press, 1993. v. XVI.

VELLEIUS PATERCULUS. **Compendium of Roman History**. With an English translation by Frederick W. Shipley. London: William Heinemann, Ltd., 1961.

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

ABBOTT, F. F. **A history and description of Roman political institutions**. Boston: Ginn & Company, 1901.

ADAMS, C. E. P. **Logistics of the Roman imperial army**: major campaigns on the eastern front in the first three centuries A.D. Yale: Yale University Press, 1976.

_____. Supplying the Roman Army: O. Petr. 245. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, n. 109, p. 119-124, 1995.

ALDRIN, P. L'impensé social des rumeurs politiques: sur l'approche dominocentrique du phénomène et son dépassement. **Les Langages du Politique**, n. 92, p. 24-35, 2010.

_____. Penser la rumeur: une question discutée des sciences sociales. **Genèses**, v. 1, n. 50, p. 126-141, 2003.

_____. **Sociologie politique des rumeurs**. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.

ALLPORT, G. W.; POSTMAN, L. **The psychology of rumor**. Oxford: Henry Holt, 1947.

AUBRION, E. **Rhétorique et histoire chez Tacite**. Metz: Université de Metz, 1985.

AUTIN, L. Rumour as a literary device in Tacitus. **Histos Working Papers**, n. 4, p. 1-17, 2015.

BBC. Para CIA e FBI, 'Rússia teria agido em eleições nos EUA para promover vitória de Trump'. **British Broadcasting Corporation**, Brasil, 10 Dez. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38275572>. Acesso em: 03 jan. 2018.

BEARD, M.; CRAWFORD, M. **Rome in the Late Republic**: problems and interpretations. London: Bloomsbury Academic, 1999.

BECKER, J. A. Villas and agriculture in Republican Italy. In: EVANS, J. D. (Ed.). **A companion to the archaeology of the Roman Republic**. Oxford: Blackwell, 2013. p. 309-322.

BENEKER, J. The crossing of the Rubicon and the outbreak of civil war in Cicero, Lucan, Plutarch and Suetonius. **Phoenix**, v. 65, n. 1/2, p. 74-99, 2011.

BORDIA, P.; DIFONZO, N. Rumor, gossip and urban legends. **Diogenes**, v. 54, p. 19-35, 2007.

BOWMAN, A. K. The Roman Imperial Army: letters and literacy on the northern frontier. In: BOWMAN, A. K.; WOOLF, G. (Ed.). **Literacy and power in the Ancient World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 99-125.

_____.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. **The Cambridge Ancient History**: the last age of the Roman Republic, 146-43 B.C. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. v. 9.

BRUNT, P. A. **Italian manpower**: 225 B.C.-14 A.D. Oxford: Oxford University Press, 1971.

BUCKNER, H. T. Theory of rumor transmission. **The Public Opinion Quarterly**, v. 29, n. 1, p. 54-70, 1965.

CAMPBELL, B. **The Roman Army**: 31 B.C.-A.D. 337. London: Routledge, 1994.

_____. **War and society in the Imperial Rome**: 31 B.C.-A.D. 284. London: Routledge, 2002.

CANFORA, L. **Júlio César, o ditador democrático**. Tradução de A. S. Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CARDOSO, C. F. **A Cidade-Estado antiga**. São Paulo: Ática, 1985.

CARRERAS, C. Estrategia y logística military romanas: un estudio de caso. **E-premissas**, n. 1, p. 48-68, 2006.

_____.; FUNARI, P. P. A. Estado y mercado en el abastecimiento de bienes de consume en el Imperio Romano: un estudio de la distribución de aceite español em Britannia. **História Econômica & História de Empresas**, v. 3, n. 2, p. 105-121, 2000.

CARVALHO, M. M. de; FUNARI, P. P. A. A história militar na Roma Antiga e o testemunho de Amiano Marcelino. In: CERQUEIRA, F. V. et al. (Org.). **Guerra e paz no Mundo Antigo**. Pelotas: UfPel, 2007. p. 281-297.

CERUTTI, S. M. The location of the Houses of Cicero and Clodius and the Porticus Catuli on the Palatine Hill in Rome. **The American Journal of Philology**, v. 118, n. 3, p. 417-426, 1997.

CHEVALLIER, R. **Roman roads**. With an English translation by N. H. Field. Berkeley: University of California Press, 1976.

COGITORE, I. Les rumeurs politiques sont-elles des bruits dans les Annales des Tacite. In: SCHETTINO, M. T.; PITTIA, S. **Les sons du pouvoir dans les mondes anciens**. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2012. p. 399-416.

COLLINS, R. **Quatro estações sociológicas**. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2009.

CRAWFORD, M. H. **Roman Republican coinage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974. v. 1-2.

DANDO-COLLINS, S. **The epic saga of Julius Caesars tenth legion and Rome**. New York: Wiley, 2002.

DÍAZ BORDENAVE, J. E. **O que é comunicação?** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).

DOBSON, M. No holiday camp: the Roman Republican Army Camp as a fine-turned instrument of war. In: EVANS, J. D. (Ed.). **A companion to the archeology of the Roman Republic**. Oxford: Blackwell, 2013. p. 217-235.

DOMMELEN, P. Colonialism and migration in the Ancient Mediterranean. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, n. 1, p. 393-409, 2012.

DUBY, G. **O domingo de Bouvines**: 27 de julho de 1214. Tradução de Maria Cristina Frias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

EDMONDSON, J. Public spectacles and Roman social relations. In: BASARRATE, T. N. (Ed.). **Ludi romani**: espectáculos em Hispania Romana. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, 2002. p. 8-29.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EL PAÍS. 'Fake News': a guerra informativa que já contamina as eleições no Brasil. **El País**, Brasil, 11 Fev. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/09/politica/1518209427_170599.html. Acesso em: 03 jan. 2018.

ERDKAMP, P. (Ed.). **A companion to the Roman army**. Oxford: Blackwell, 2007.

FIELDS, N. **Spartacus and the slave war 73-71 B.C.** New York: Osprey Publishing, 2009.

FINLEY, M. I. **Democracia antiga e moderna**. Tradução de Waldéa Barcellos e Sandra Bedram. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FLINT, W. W. The *delatores* in the reign of Tiberius as described by Tacitus. **The Classical Journal**, v. 8, n. 1, p. 37-42, 1912.

FORBES. Como boatos ajudaram a eleger Donald Trump nos EUA. **Forbes**, Brasil, 18 Nov. 2016. Disponível em: <http://forbes.uol.com.br/negocios/2016/11/como-boatos-ajudaram-a-eleger-donald-trump-nos-eua/>. Acesso em: 03 jan. 2018.

FOWLER, W. W. When did Caesar write his commentaries on the civil war? **Classical Philology**, v. 3, n. 2, p. 129-136, 1908.

FOX, J. Careless talk: tensions within British domestic propaganda during the Second World War. **Journal of British Studies**, v. 51, p. 936-966, 2012.

G1. Notícias falsas sobre eleição nos EUA têm mais alcance que notícias reais. **G1**, Brasil, 21 Set. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos->

eua/2016/noticia/2016/11/noticias-falsas-sobre-eleicoes-nos-eua-superam-noticias-reais.html. Acesso em: 03 jan. 2018.

GARNSEY, P. **Food and society in Classical Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

GONÇALVES, A. T. M. **A oposição aos imperadores durante o período dos Severos**: uma análise da obra de Herodiano. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GRAS, M. **O Mediterrâneo arcaico**. Lisboa: Teorema, 1998.

GRIFFIN, M. (Ed.). **A companion to Julius Caesar**. Oxford: Blackwell, 2009.

GUARINELLO, N. L. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Imperialismo greco-romano**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. Uma Morfologia da História: as formas da História Antiga. **Politeia**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 41-62, 2003.

_____. Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo. **História**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 125-132, 2007.

GUASTELLA, G. **Word of mouth**: fama and its personifications in art and literature from Ancient Roma to the Middle Ages. Oxford: Oxford University Press, 2017.

GUHA, R. **Elementary aspects of peasant insurgency in colonial India**. Delhi: Oxford University Press, 1999.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HARDIE, P. (Ed.). **Rumour and renown**: representations of “fama” in western literature. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

HÖLKESKAMP, K. J. History and collective memory in the Middle Republic. In: MORSTEIN-MARS, R.; ROSENSTEIN, N. (Ed.). **A companion to the Roman Republic**. Oxford: Blackwell, 2006. p. 478-495

HORDEN, P.; PURCELL, N. **The corrupting sea**: a study of Mediterranean history. Oxford: Blackwell, 2000.

HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A. **The Oxford classical dictionary**. 4th ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

ISTOÉ. Uma presidente fora de si. **ISTOÉ**, Brasil, 01 Abr. 2016. Disponível em: https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/. Acesso em: 03 jan. 2018.

JACOBS II, P. W.; CONLIN, D. A. **Campus martius**: the field of mars in the life of Ancient Rome. New York: Cambridge University Press, 2015.

JOLY, F. D. **Tácito e a metáfora da escravidão**: um estudo de cultura política romana. São Paulo: Edusp, 2004.

KAPFERER, J. N. **Boatos**: o mais antigo mídia do mundo. Tradução de Ivone da Silva Ramos Maya. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

KEPPIE, L. **The making of the Roman Army from Republic to Empire**. New York: Barnes and Noble Books, 1994.

KIMMEL, A. J. **Rumor and rumor control**: a manager's guide to understanding and combatting rumors. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2004.

KONSTAN, D. **A amizade no mundo clássico**. Tradução de Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.

KOVACS, F. N. T. **Les rumeurs dans la guerre du Liban**: les mots de la violence. Paris: CNRS, 1998.

LAURENCE, R. Rumour and communication in Roman politics. **Greece & Rome**, v. 41, n. 1, p. 62-74, 1994.

_____. **The roads of Roman Italy**: mobility and cultural change. London: Routledge, 1999.

LE BOHEC, Y. **The Imperial Roman Army**. London: B.T. Batsford Ltd., 1994.

LE BON, G. **Psicologia das multidões**. Tradução de Marina Sérvulo da Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LEE, K. H. Caesar, B.C. 1.80.4 - who are the pabulatores? **The Classical Journal**, v. 70, n. 3, p. 38-39, 1975.

LEFEBVRE, G. **O grande medo de 1789**: os camponeses e a Revolução Francesa. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

LONDON, J. E. **Soldiers and ghosts**: a history of battle in Classical Antiquity. New Haven: Yale University Press, 2005.

LINTOTT, A. Political history, 146-95 B.C. In: BOWMAN, A. K.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. **The Cambridge Ancient History**: the last age of the Roman Republic, 146-43 B.C. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 40-105. v. 9.

LÓPEZ, C. R. **Public opinion and politics in the Late Roman Republic**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

_____. Temo a los troyanos: rumores y habladurías em la Roma tardorrepública. **Pólis**: Revista de Ideas y Formas Políticas de la Antigüedad Clásica, n. 19, p. 113-134, 2007.

MANTAS, V. G. Conflitos civis em Roma: dos Gracos a Sula. In: BRANDÃO, J. L.; OLIVEIRA, F. (Ed.). **História de Roma Antiga**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015. p. 313-361. v. 1.

MARTIN, R.; GAILLARD, J. **Les genres littéraires à Rome**. Paris: Nathan, 1990.

MARSDEN, E. W. **Greek and Roman Artillery**: technical treatises. Oxford: Clarendon Press, 1971.

MAILLÉ, M. La rumeur entre société civile et État. In: REUMAUX, F. (Éd.). **Les oies du Capitole ou les raisons de la rumeur**. Paris: CNRS-Communication, 1999. p. 75-89.

MOATTI, C. Translation, migration and communication in the Roman Empire: three aspects of movement in history. **Classical Antiquity**, v. 25, n. 1, p. 109-140, 2006.

MORAIS, R. De Sula ao 1º "Triunvirato": o legado de Crasso e Pompeio Magno. In: BRANDÃO, J. L.; OLIVEIRA, F. (Ed.). **História de Roma Antiga**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015. p. 363-388. v. 1.

MORIN, E. **La rumeur d'Orléans**. Paris: Seuil, 1969.

MUHAMA, A. F. O Gênero epistolar: diálogo per absentiam. **Discurso**, n. 31, p. 329-345, 2000.

NEXO. O que é 'pós-verdade', a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. **NEXO**, Brasil, 16 Nov. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%99p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>. Acesso em: 03 jan. 2018.

NICOLET, C. **Le métier de citoyen dans la Rome Républicaine**. Paris: Gallimard, 1988.

OLIVEIRA, J. C. M. de. Boatos, crises e oportunidades políticas na Antiguidade tardia. **História**, São Paulo, v. 35, n. 89, p. 1-15, 2016.

_____. Do boato à lenda: comunicação informal e fronteiras identitárias nas origens da controvérsia donatista. **Antíteses**, v. 8, n. 16, p. 111-129, jul./dez. 2015.

PAILLARD, B. L'écho de la rumeur. **Communications**, v. 52, n. 1, p. 125-139, 1990.

PERALTA, E. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Arquivos da Memória**, Lisboa, v. 2, p. 4-23, 2007.

PERRING, D. Spatial organization and social change in Roman towns. In: RICH, J.; WALLACE-HADRILL, A. (Ed.). **City and country in the Ancient World**. New York: Routledge, 1992. p. 273-293.

PESKETT, A. G. Introduction. In: CAESAR. **The civil wars**. With an English translation by Edinburg. Bury St Edmunds: St Edmundsbury Press Ltd., 1990. p. v-x.

PETERSON, W. A.; GIST, N. P. Rumor and public opinion. **American Journal of Sociology**, v. 57, n. 2, p. 159-167, 1951.

PLATNER, S. B. **A topographical dictionary of Ancient Rome**. London: Oxford University Press, 1929.

PRICE, S. Religious mobility in the Roman Empire. **Journal of Roman Studies**, v. 102, p. 1-19, 2012.

RICHARDS, L. **Whispers of war**: underground propaganda rumour-mongering in the Second World War. London: Psywar, 2010.

RUPPERT, M. **Crossing the Rubicon**: the decline of the American Empire at the end of the Age of Oil. Gabriola Island: New Society Publishers, 2004.

SABIN, P.; WEES, H. V.; WHIBY, M. (Ed.). **The Cambridge History of Greek and Roman warfare**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. v. 1.

SALLER, R. **Patriarchy, property and death in the Roman family**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SAMMER, R. P. **L'information en temps de guerre**: de la deuxième guerre punique au triomphe de César (219-46 av. J.-C.). 2003. 106 f. Mémoire de Maîtrise (Mémoire de Maîtrise en Histoire) – Département d'Histoire, Université de Paris 8, Paris, 2003.

SANTOS, H. F. dos. **Viagem ao planeta dos boatos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SANTOSUOSSO, A. **Soldiers, citizens and the symbols of war**: from Classical Greece to Republican Rome, 500-167 B.C. Oxford: Westview Press, 1997.

SARAIVA, F. R. dos S. **Dicionário latino-português**. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

SEAGER, R. Cicero and the word "popularis". **Classical Quarterly**, v. 22, n. 2, p. 328-338, 1972.

_____. **Pompey the Great**: a political biography. Oxford: Blackwell, 2002.

SHATZMAN, I. Tacitean rumours. **Latomus**, v. 33, p. 549-578, 1974.

SHIBUTANI, T. **Improvised news**: a sociological study of rumor. Indianapolis: The Bobbs-Merrill Co., 1966.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais de sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SINNIGEN, W. G. The Roman Secret Service. **The Classical Journal**, v. 57, n. 2, p. 65-72, 1961.

STERN, W. **The psychological methods of intelligence**. With an English translation by Guy Montrose. Baltimore: Warwick & York, 1914.

SYME, R. **The Roman revolution**. Oxford: Clarendon Press, 1939.

TAYLOR, L. R. **Roman voting assemblies**: from the Hannibalic war to the dictatorship of Caesar. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1990.

THOMAS, R. **Letramento e oralidade na Grécia Antiga**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.

TILLY, C. **From mobilization to revolution**. Ann Arbor: Addison-Wesley, 1978.

VENTURINI, R. L. B. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 215-222, 2001.

VIEIRA, B. G. Introdução. In: LUCANO. **Farsália**: cantos I a V. Tradução de Brunno V. G. Vieira. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011. p. 13-71.

WALLACE-HADRILL, A. **Rome's cultural revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

WATSON, G. R. **The Roman soldier (aspects of Greek and Roman life)**. London: Thames and Hudson, 1969.

WAY, A. G. T. Introduction. In: CAESAR. **Alexandrian, African and Spanish wars**. With an English translation by A. G. Way. Massachusetts: Harvard University Press, 1988. p. v-xiii.

WOOLF, G. **Et tu, Brute?** A short history of political murder. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

WYKE, M. Mistress as metaphor in Augustan elegy. **Helios**, v. 16, n. 1, p. 25-47, 1989.

ZANKER, P. **The power of images in the Age of Augustus**. With an English translation by Shapiro Alan. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1988.

ZIOLKOWSKI, A. *Urbs direpta*, or how the Romans sacked cities. In: RICH, J.; SHIPLEY, G. (Ed.). **War and society in the Roman world**. London: Routledge, 1993. p. 69-91.

ANEXOS

ANEXO A – Glossário dos vocábulos

A

A. Varrum: Átio Varro.

Achaia: a província da Acaia.

Aegyptius / aegyptii: egípcio.

Aegyptus: a província do Egito.

Aetolia: a península da Anatólia.

Africa: a província da África.

Africanus / africana: africano; natural da província da África.

Alexandria: a cidade de Alexandria.

Allobroges: tribo Celta.

Amicus / amici: amigo; aliado.

Amicitia / amicitiae: amizade; aliança.

Ancona: a cidade de Ancona.

Animus / animi: ânimo; vontade; coragem; espírito.

Aperire: eu abro; abrir.

Apulia: a região da Apúlia.

Aqua / aquae: água; fonte de água.

Aquator / aquatores: aguador; carregador de água.

Aquitania: a província da Aquitânia.

Arbor / arbores: árvore.

Arcanum: a cidade de Arcano.

Ariminum: a cidade de Arímino.

Armenia: o reino da Armênia.

Arpinium: a cidade de Arpínio.

Arretium: a cidade de Arrécio.

Asia: a província da Ásia.

Asiaticus / asiatici: asiático; natural da província da Ásia.

Asparagium: a cidade de Asparágio.

Athenae: a cidade de Atenas.

Atticus: Tito Pompônio Ático.

Audire: eu ouço; eu escuto a.

Auximum: a cidade de Áuximo.

Avaricum: a cidade de Avárico.

B

Balbus: Cornélio Balbo.

Boeotia: região da Beócia.

Britannus / britanni: bretão; natural da Bretanha.

Brundisium: a cidade ou o porto de Brundísio.

Brutus: Décimo Bruto.

Buthrotum: a localidade de Butroto.

C

Cn. Domitius: Cneu Domício Aenobarbo.

Caesar: Caio Júlio César.

Calagurritanus / calagurritani: cidadão de Calaguri.

Calles: a cidade de Calles.

Calydon: a cidade de Calidão.

Campania: a região da Campânia.

Campus Martius: o Campo de Marte.

Candavia: região da Candávia.

Canusium: a cidade de Canúsio.

Cappadocia: a província da Capadócia.

Captivus / captivi: cativo; prisioneiro.

Capua: a cidade de Cápuia.

Castrum / castra: acampamento militar.

Caterva / catervae: multidão; bando.

Cicero: Marco Túlio Cícero.

Cilicia: a província da Cilícia.

Cingulum: a cidade de Cíngulo.

Civitas / civitates: cidade murada; o corpo de cidadãos.

Civis / cives: cidadão.

Claudere: eu fecho; fechar.

Cliens / clientes: cliente; aliado.

Colchis: a região de Cóquida.

Colloquium / colloquia: conversa; discussão.

Concilium / concilia: conselho; assembleia.

Contio / contiones: assembleia; reunião de pessoas.

Copia / copiae: abundância em suprimentos; tropas.

Corcyra: a cidade de Córçira.

Corduba: a cidade de Córdoba.

Corfinensi / Corfiniensis: cidadão de Corfíno.

Corfinium: a cidade de Corfíno.

Creta: a ilha de Creta.

Cumae: a cidade de Cumas.

Cumanus / Cumanii: cidadão de Cumas.

Curio: Curião.

Cyclades: as ilhas Cíclades.

Cydonis / Cydones: natural da Cidônia.

Cyprus: a ilha de Chipre.

Cyrene: a cidade de Cirene.

D

Deserere: eu deserto; desertar.

Dicere: eu digo, eu digo a.

Diripere: tomar a cidade de assalto; saque.

Domus / domus: casa aristocrática.

Dyrrhachium: a cidade de Dirráquio.

E

Editum / edita: Édito.

Ephesus: a cidade de Éfeso.

Epirus: região do Épiro.

Eques / equites: cavaleiro; pertencente à cavalaria.

Equester / equestres: pertencente à ordem equestre.

Europa: o continente europeu.

Explorator / exploratores: batedor; espião.

F

Fama / famae: fama; reputação; notoriedade pública; boato.

Fames / fames: fome.

Familiaris / familiares: pertencente à família; parente.

Fanum: a cidade de Fano.

Firmum: a cidade de Firmo.

Formiae: a cidade de Fórmias.

Frumentarium / frumentarii: frumentário; responsável pelos granários.

Frumentum / frumenta: trigo; cereais; frumento.

Fuga / fugae: fuga; debandada.

Fugere: eu fujo; fugir.

Fugitivus / fugitivi: fugitivo; desertor.

G

Gades: a cidade de Cádiz.

Gaditani / Gaditanii: natural de Cádiz.

Gallia: a província da Gália.

Gallus / Galli: gaulês; natural da Gália.

Gaza: a cidade de Gaza.

Germania: a província da Germânia.

Germanus / Germani: germano; natural da Germânia.

Gomphenses / Gomphensis: os habitantes de Gonfos.

Gomphos: a cidade de Gonfos.

Graecia: a região da Grécia.

Graecus / Graeci: grego; natural da Grécia.

H

Hiberia: a península Ibérica.

Hibernum / hiberna: inverno; quartéis de inverno.

Hiems / hiemes: inverno.

Hispania Citerior: a província da Hispânia Citerior.

Hispania Ulterior: a província da Hispânia Ulterior.

Hispanus / Hispani: hispânico; natural da Hispânia.

I – J

lactanus / lacetani: Jacetano.

Ignis / ignes: material para fogueira; fogo; fogueira.

Iguvium: a cidade de Igúvio.

Ilerda: a cidade de Lérida.

Illyricum: a província do Ilírico.

Inopia / inopiae: inópia; penúria.

Juba: Jubá, rei da Numídia.

Iumentum / iumenta: animais de carga; carne.

L

Labienus: Labieno.

L. Caesar: Lúcio César.

L. Domitius: Lúcio Domício Aenobarbo.

Lacedaemoni / Lacedaemonii: lacedemônios; natural da Lacônia.

Lacedaemonia: a região da Lacônia.

Larisa: a cidade de Larissa.

Laterium: a cidade de Latério.

Latium: a região do Lácio.

Legatus / legati: legado; enviado; mensageiro.

Libellus / libelli: livro; panfleto.

Libertus / liberti: liberto; pertencente à categoria dos libertos.

Libya: a província da Líbia.

Lignum / ligna: madeira para fogo; lenha.

Lingonis / lingones: Lingones; tribo celta.

Lissum: a cidade de Lisso.

Littera / litterae: carta; correspondência; epístola.

Littera publica / Litterae publicae: carta pública; carta a uma comunidade.

Loqui: eu converso; eu digo; conversar; dizer.

Luceria: a cidade de Lucéria.

Lusitani / Lusitanii: Lusitano; natural da Lusitânia.

Lusitania: a província da Lusitânia.

Lycia: a região da Lícia.

M

M. Antonius: Marco Antônio.

M. Cato: Marco Pórcio Catão.

M. Cotta: Marcos Cota.

M. Varrum: Marcos Varrão.

Macedonia: província da Macedônia.

Macedonis / Macedones: macedônico; natural da Macedônia.

Massilia: a cidade de Marselha.

Massiliensis / Massilienses: marselhês; natural de Marselha.

Mauretania: a província da Mauritânia.

Menturnae: a cidade de Minturno.

Messana: a cidade de Messana.

Metropolis: a cidade de Metrópolis.

Metropolita / Metropolitae: metropolitano; natural de Metrópolis.

Miles / milites: legionário; soldado.

Minturnae: a região de Minturno.

Mittere: eu envio; enviar.

Multitudo / multitudines: multidão; pessoas em pânico.

Munda: a cidade de Munda.

Muri Urbis: muros da cidade de Roma.

Murmurare: murmurar; boatos.

Municeps / municipes: os habitantes de uma cidade; munícipes.

N

Narbo: a cidade de Narbo.

Naupactus: a cidade de Naupacto.

Neapolitani / Neapolitani: napolitano; natural de Nápoles.

Negotiator / negotiatores: comerciante; negociante.

Numida / Numidae: numida; natural da Numídia.

Nuntiare: eu noticio; noticiar.

Nuntius / nuntii: notícias; relatórios.

Nymphaeum: a região do Ninfeu, na Grécia.

O

Obstruere: eu obstruo; obstruir.

Octogesa: a cidade de Octogesa.

Opinio / opiniones: opinião; opinião pública.

Oppidanus / oppidani: habitante de um *oppidum*; provincial.

Oppidum / oppida: vila fortificada; cidade murada (geralmente nas províncias).

Oratio / orationes: discurso público.

Orbis terrarum: o planeta Terra.

Oricum: a cidade de Órico.

Oscenses / Oscensis: natural de Osca; Terraconense.

P

Pabulator / pabulatores: soldado responsável pelas forragens.

Palaeste: a cidade de Palase.

Pamphylia: a região da Panfília.

Parthia: o reino da Pártia.

Parthus / Parthi: parta; natural da Pártia.

Pavor / pavores: medo; pânico; pavor.

Pax / paces: paz; trégua.

Pecorum / pecora: alimento; carne; gado.

Pecunia / pecuniae: dinheiro; moeda.

Pelusium: a cidade de Pelúsio.

Perfringere: eu violo; eu infrinjo; violar; infringir.

Perfuga / perfugae: desertor; fugitivo.

Pergamum: a cidade de Pérgamo.

Petra: a cidade de Petra.

Petreius: Marcos Petreio.

Perturbare: eu perturbo; perturbar.

Phocaicus / Phocaici: focense; natural de Focéia.

Phoenicia: o reino da Fenícia.

Picenum: região do Piceno.

Pisa: a cidade de Pisa.

Pisaurum: a cidade de Pisauro.

Pompeius: Pompeu Magno.

Pontus: província do Ponto.

Praecludere: eu bloqueio; bloquear; eu fecho; fechar.

Princeps / principes: chefe; líder; o mais distinto dos cidadãos.

Prohibere: estar impedido de conseguir víveres.

Provincia / provinciae: província romana; unidade administrativa.

Puteoli: a cidade ou o porto de Puteoli.

Q

Não há nenhum vocábulo.

R

Reficere: refazer; restaurar.

Regio / regiones: região; província.

Rex / reges: rei; monarca.

Roma: a cidade de Roma.

Rumor / rumores: boato; rumor.

Rusticanus / rusticani: agricultor; camponês; homem do campo.

S

Sal / sales: sal.

Salonas: a cidade de Salona.

Sardinia: a província da Sardenha.

Senator / senatores: senador romano.

Senatus: o Senado em Roma.

Senatus consultum / Senatus consulta: decreto do Senado.

Sermo / sermones: boato; conversas; opinião pública.

Servus / servi: cativo; escravo; servo.

Sicanus / Sicani: sicano; uma população da Sicília.

Sicilia: província da Sicília.

Sidon: a cidade de Sídón.

Signum / signa: aviso; estandarte militar; sinal.

Socius / socii: aliado; sócio.

Speculator / speculatores: batedor; espião.

Sulmo: a cidade de Sulmona.

Sulmonenses / Sulmonensis: sulmonense; natural de Sulmona.

Syria: a província da Síria.

Syriacus / Syriaci: sírio; natural da Síria.

I

Tabelarius / tabelarii: mensageiro particular.

Tabella / tabellae: pequeno recado escrito em cera.

Tarraconenses / Tarraconensis: tarraconense; natural de Terracota.

Teanum: a comunidade de Teano.

Tempestas / tempestates: tempestade; tempo ruim para a navegação.

Tempus difficillimum: clima impróprio à navegação.

Tempus longum: demora em receber reforços.

Terentia: Terência.

Terror / terrores: medo; pânico; terror.

Theatrum / theatra: teatro.

Thessallia: a região da Tessália.

Thessalo / Thessalos: tessálio; natural da Tessália.

Thracia: o reino da Trácia.

Thrax / Thraces: trácio; natural da Trácia.

Timor / timores: medo; temor; pânico.

Tota Italia: toda a Itália.

Trepidans / trepidantes: trêmulo; trepidante.

Tulia: Túlia.

Tumultus / tumultus: pânico; tumulto.

Turba / turbae: multidão; turba.

Tyrius / Tyrii: tírio; natural de Tiro.

Tyrus: a cidade de Tiro.

U

Utica: a cidade de Útica.

Uticenses / Uticensis: uticense; natural de Útica.

V

Via / viae: estrada; rua.

Viator / viatores: transeuntes; viajantes.

Villa / villae: vila aristocrática; residência de campo.

Vox / voces: voz; opinião.

X

Não há nenhum vocábulo.

Z

Não há nenhum vocábulo.

ANEXO B – Cronologia das guerras civis

JANEIRO DE 49

(continua)

Dia	Local	Acontecimento	Referências
01	Roma	Marco Antônio força os cônsules a lerem uma carta enviada por César pelas mãos de Curião.	Cic. <i>Fam.</i> 16, 11, 2; <i>Phil.</i> 2, 51-55; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 1-3; [Liv]. <i>Per.</i> 109; Plut. <i>Caes.</i> 30, 3-6; <i>Pomp.</i> 59, 3-4; App. <i>B Civ.</i> 2, 32; Dio. 41, 1, 1-2; 45, 27, 1; 46, 11, 1.
04	Roma	Cícero chega a Roma.	Cic. <i>Fam.</i> 16, 11, 2.
5 ou 6	Roma	Cícero tenta negociar a paz entre Pompeu e César.	Cic. <i>Fam.</i> 16, 12, 2; <i>Att.</i> 15, 3, 1; <i>Phil.</i> 2, 24; Plut. <i>Cic.</i> 37, 1; <i>Caes.</i> 31, 1-2; <i>Pomp.</i> 59, 5-6; <i>Ant.</i> 5, 8.
7	Roma	O Senado aprova o <i>Senatus Consultum Ultimum</i> . Marco Antônio, Cássio, Curião e Célio, fogem de Roma para se juntarem a César.	Cic. <i>Fam.</i> 8, 17, 1; 16, 11, 2; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 3-7; [Liv]. <i>Per.</i> 109; Luc. <i>Phars.</i> 1, 273-279; Plut. <i>Caes.</i> 31, 2-3; <i>Ant.</i> 5, 9; Suet. <i>Iul.</i> 3, 1, 1; App. <i>B Civ.</i> 2, 33; Dio. 41, 3, 1-2; 45, 27, 2.
8 ou 9	Campo de Marte	Pompeu encontra-se com o Senado fora de Roma e é autorizado a ser o defensor da Itália.	Caes. <i>BCiv.</i> 1, 6-8; [Liv]. <i>Per.</i> 109; App. <i>B Civ.</i> 2, 34; Dio. 41, 3, 3-4.
10	Rubicão	César cruza o Rubicão em direção a Arimino.	Caes. <i>BCiv.</i> 1, 7-8; Luc. <i>Phars.</i> 1, 183-391; Plut. <i>Caes.</i> 32-33; <i>Pomp.</i> 60, 1-4; <i>Ant.</i> 5-6; Suet. <i>Iul.</i> 30-33; App. <i>B Civ.</i> 2, 35; Dio. 41, 3, 1-2.
11 a 16	Etrúria	César marcha através da Úmbria e do Piceno. Os desertores de Labieno se juntam a ele.	Cic. <i>Att.</i> 7, 11; 12, 5; 13, 1; <i>Fam.</i> 16, 12, 2-4; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 11-13; Luc. <i>Phars.</i> 1, 392-498; Plut. <i>Caes.</i> 34; <i>Pomp.</i> 64, 5; Dio. 41, 4.

(conclusão)

Dia	Local	Acontecimento	Referências
17	Roma	Pompeu e a maioria dos senadores fogem da cidade.	Cic. <i>Att.</i> 7, 11, 3-4; 8, 3, 3; 9, 10, 2; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 14; Luc. <i>Phars.</i> 1, 469-523; 2, 1-438; Plut. <i>Caes.</i> 33, 1-34; <i>Pomp.</i> 60-61; 83, 6-7; Suet. <i>Iul.</i> 75, 1; App. <i>B Civ.</i> 2, 36; Dio. 41, 6.
23	Itália	L. César é encarregado de trocar mensagens entre Pompeu e César em busca de um acordo.	Cic. <i>Att.</i> 7, 13a, 2; 7, 14, 1; 7, 16, 1-2; 7, 17, 2; 7, 18, 2; 7, 19, 1; 8, 12, 2; <i>Fam.</i> 16, 12, 3; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 8-11; Dio. 41, 5.
24 a 31	Corfíno	Domício é derrotado em Corfíno.	Cic. <i>Att.</i> 8, 3, 7; 8, 7, 1; 8, 11d, 3-4; 8, 12a, 1; 8, 12d, 1; 8, 14, 3; 8, 15a, 3; 9, 9c, 1; 9, 16, 1-2; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 15-23; [Liv]. <i>Per.</i> 109; Luc. <i>Phars.</i> 2, 478-525; Plut. <i>Caes.</i> 34, 6; 35, 1; Suet. <i>Iul.</i> 34, 1; App. <i>B Civ.</i> 2, 38; Dio. 41, 10, 1-2; 41, 11, 1-3.
24 a 31	Brundísio	Pompeu chega a Brundísio.	Cic. <i>Att.</i> 8, 4, 3; 8, 8, 2; 8, 9a, 2; 8, 11d, 3-4; 8, 12a, 4; 8, 14, 1; 9, 10, 8; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 24, 1-5; Luc. <i>Phars.</i> 2, 526-649; App. <i>B Civ.</i> 2, 38-39; Dio. 41, 10, 3-11, 1.
24 a 31	África	Átio Varro chega à África.	Caes. <i>BCiv.</i> 1, 31, 2-3.

FEVEREIRO DE 49

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1 a 31	Etrúria	César conquista as principais cidades da Etrúria.	Cic. <i>Att.</i> 7, 17; 7, 18; 7, 19; 7, 20; 7, 21; 7, 22; 7, 23; 7, 24; 7, 25; 8, 1; 8, 2; 8, 3; 8, 4; 8, 5; 8, 6; 8, 7; 8, 8; 8, 9; 8, 10; 8, 11a; 8, 11b; 8, 11c; 8, 12; 9, 10, 5-8.

MARÇO DE 49

Dia	Local	Acontecimento	Referências
4	Brundísio	Os cônsules fogem da Itália rumo à Grécia.	Cic. <i>Att.</i> 8, 15, 3; 9, 6.
9	Brundísio	César chega ao porto de Brundísio e tenta impedir a fuga de Pompeu.	Cic. <i>Att.</i> 9, 12, 1; 9, 13, 8; 9, 13a, 1; 9, 14, 1; <i>Fam.</i> 8, 15, 1; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 25-26; Luc. <i>Phars.</i> 2, 650-679; Plut. <i>Caes.</i> 35, 1-2, <i>Pomp.</i> 62, 2-4; App. <i>BCiv.</i> 2, 40.
17	Brundísio	Pompeu deixa Brundísio rumo à Grécia.	Cic. <i>Att.</i> 9, 14, 3; 9, 15, 6; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 27-30; [Liv]. <i>Per.</i> 109; Luc. <i>Phars.</i> 2, 680-683; Plut. <i>Pomp.</i> 62, 5; 63, 4; Suet. <i>Iul.</i> 34, 1-2; App. <i>B Civ.</i> 2, 40; Dio. 41, 12, 1; 41, 14, 3.
28	Fórmias	César visita Cícero em Fórmias na tentativa de contar com seu apoio.	Cic. <i>Att.</i> 9, 18.

ABRIL DE 49

(continua)

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1	Campo de Marte	César encontra-se com o Senado fora de Roma.	Cic. <i>Att.</i> 9, 15, 6; 9, 17, 1; 10, 1, 2; 10, 3a, 2; <i>Fam.</i> 4, 1, 1; 8, 16, 2; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 32-33; Luc. <i>Phars.</i> 3, 71-112; Plut. <i>Caes.</i> 35, 3-5; Suet. <i>Iul.</i> 34, 2; App. <i>B Civ.</i> 2, 41; Dio. 41, 15, 1; 41, 16, 4.
2 a 15	Roma	César recolhe o dinheiro do erário público, apesar da oposição do Tribuno L. Metello. Faz os arranjos políticos necessários à sua ausência e deixa Roma rumo à Hispânia.	Cic. <i>Att.</i> 10, 4, 8; 10, 8, 6; <i>Fam.</i> 8, 16, 4; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 33, 3-4; Luc. <i>Phars.</i> 3, 112-168; Plin. <i>HN.</i> 19, 40; 33, 56; Plut. <i>Caes.</i> 35, 6-11; <i>Pomp.</i> 62, 1-2; App. <i>B Civ.</i> 2, 41; Dio. 41, 17, 1-4.

(conclusão)

Dia	Local	Acontecimento	Referências
23	Sicília	Catão deixa Siracusa ao saber da aproximação dos enviados de César.	Cic. <i>Att.</i> 10, 16, 3.
25 a 30	Marselha	César chega à Marselha e tenta negociar a rendição dos seus habitantes.	Cic. <i>Att.</i> 10, 10, 4; 12a, 3; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 34; 1, 35, 5; Luc. <i>Phars.</i> 3, 358-374; Suet. <i>Ner.</i> 2, 2.

MAIO DE 49

Dia	Local	Acontecimento	Referências
2 ou 3	Sicília	Curião e Q. Valério tomam o controle da Sicília e da Sardenha para César.	Cic. <i>Att.</i> 10, 4, 8-9; 12, 2; 16, 3; Caes. <i>BCiv.</i> 1, 30, 2; 1, 31, 3; Luc. <i>Phars.</i> 3, 46-70; App. <i>B Civ.</i> 2, 40; Dio. 41, 18, 1.
4 a 10	Marselha	César tenta tomar a cidade de Marselha, mas é repellido por seus habitantes.	Caes. <i>BCiv.</i> 1, 36, 1-5; [Liv]. <i>Per.</i> 110; Luc. <i>Phars.</i> 3, 375-455; Suet. <i>Iul.</i> 34, 2; Dio. 41, 19, 1-4.
11 a 30	Lérída	Afrânio e Petreio travam batalha contra C. Fábio próximo ao rio Sicoris.	Caes. <i>BCiv.</i> 1, 37, 1; 1, 40, 7; Dio. 41, 20, 1-2.

JUNHO DE 49

(continua)

Dia	Local	Acontecimento	Referências
7	Não informado	Cícero e outros deixam a Itália para se juntarem a Pompeu na Grécia.	Cic. <i>Fam.</i> 8, 17, 1; 8, 14, 7, 1-3; Plut. <i>Cic.</i> 38, 1; <i>Brut.</i> 4, 1-3; <i>Pomp.</i> 64, 4-7; Dio. 41, 18, 4-6.
19 a 22	Lérída	César chega a Lérída e trava combate com Afrânio.	Caes. <i>BCiv.</i> 1, 31, 1; 1, 47, 4; Luc. <i>Phars.</i> 4, 1-47; App. <i>B Civ.</i> 2, 42; Dio. 41, 20, 3-5.

(conclusão)

Dia	Local	Acontecimento	Referências
20 a 30	Grécia	Pompeu acolhe reforços advindos da Macedônia e da Ásia.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 3, 1-5; 3, 4; <i>BAlex.</i> 67, 1; Luc. <i>Phars.</i> 3, 169-297; Plut. <i>Pomp.</i> 64, 1-4; App. <i>B Civ.</i> 2, 49; Dio. 44, 44, 1-2.
20 a 30	Marselha	Décimo Bruto Albino derrota os marselheses em uma batalha naval.	Caes. <i>BCiv.</i> 1, 56, 1; 1, 58, 5; [Liv]. <i>Per.</i> 110; Luc. <i>Phars.</i> 3, 455-762; Plut. <i>Caes.</i> 16, 2; Suet. <i>Iul.</i> 68, 4; Dio. 41, 21, 3-4.
25 a 30	Lérida	César massacra os exércitos de Afrânio e Petreio.	Caes. <i>BCiv.</i> 1, 59, 1; 1, 80, 5; Luc. <i>Phars.</i> 4, 143-253; Suet. <i>Iul.</i> 75, 2; App. <i>B Civ.</i> 2, 42-43; Dio. 41, 22, 1-2.

JULHO DE 49

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1	Lérida	Afrânio e Petreio se rendem a César.	Caes. <i>BCiv.</i> 1, 81, 1; 1, 87, 5; 3, 83, 2; [Liv]. <i>Per.</i> 110; Luc. <i>Phars.</i> 4, 254-401; Plut. <i>Caes.</i> 36, 2; 41, 4; <i>Pomp.</i> 65, 3; App. <i>B Civ.</i> 2, 43; Dio. 41, 22, 3; 41, 23, 2.
24	Útica	Jubá, rei da Numídia, derrota Curião próximo ao rio Bagadras.	Caes. <i>BCiv.</i> 2, 23, 1; 2, 44, 3; <i>BAfr.</i> 97, 3; [Liv]. <i>Per.</i> 110; Luc. <i>Phars.</i> 4, 581-824; App. <i>B Civ.</i> 2, 44-46; Dio. 41, 41, 1; 41, 42, 7; 41, 42, 56; 43, 30, 3.

AGOSTO DE 49

Dia	Local	Acontecimento	Referências
25 a 30	Ilírico	C. Antônio é forçado a se render a M. Otávio na costa da Dalmácia.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 67, 5; [Liv]. <i>Per.</i> 110; Luc. <i>Phars.</i> 4, 402-581; Suet. <i>Iul.</i> 36, 1; App. <i>B Civ.</i> 2, 47; Dio. 41, 40, 1-2; 42, 11, 1.
25 a 30	Hispânia Ulterior	César aceita a rendição de M. Varrão e dos Hispânicos.	Cic. <i>Fam.</i> 9, 13, 1; Caes. <i>BCiv.</i> 2, 17, 1; 21, 5; [Liv]. <i>Per.</i> 110; Dio. 41, 24, 1-3.
25 a 30	Itália	Marco Antônio percorre as cidades italianas como legado de César.	Cic. <i>Att.</i> 10, 10, 5; Plut. <i>Ant.</i> 6, 5-7.

SETEMBRO DE 49

Dia	Local	Acontecimento	Referências
6	Marselha	César conquista a cidade de Marselha.	Caes. <i>BCiv.</i> 2, 1-16; 3, 22, 1-6; [Liv]. <i>Per.</i> 110; Dio. 41, 25, 1-3.
10 a 30	Gália Cisalpina	Motim das tropas de César em Plasencia.	Luc. <i>Phars.</i> 5, 237-373; Suet. <i>Iul.</i> 36, 1; App. <i>B Civ.</i> 2, 47; Dio. 41, 26, 1; 41, 35, 5.
10 a 30	Roma	César é eleito ditador.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 1, 1; Luc. <i>Phars.</i> 5, 374-402; Plut. <i>Caes.</i> 37, 1-2; App. <i>B Civ.</i> 2, 48; Dio. 41, 36, 1-4.

OUTUBRO DE 49

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1 a 31	Roma	César lida com a questão dos devedores ocasionada pelas guerras civis.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 1, 2-5; Plut. <i>Caes.</i> 37, 2; App. <i>BCiv.</i> 2, 48; Dio. 41, 37.

NOVEMBRO DE 49

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1 a 31	Roma	César se prepara para lutar na Grécia.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 2, 1; App. <i>B Civ.</i> 2, 48; Dio. 41, 39, 1-4; 43, 1.

DEZEMBRO DE 49

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1 a 31	Macedônia	Pompeu recolhe as suas tropas em quartéis de inverno.	App. <i>B Civ.</i> 2, 50-52.
1 a 31	Brundísio	César é impedido de ir à Grécia por causa do mau tempo.	App. <i>B Civ.</i> 2, 52-54.

JANEIRO DE 48

Dia	Local	Acontecimento	Referências
4	Épiro	César desembarca na Grécia.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 2, 2 ; 3, 6, 1-3; Luc. <i>Phars.</i> 5, 403-460; Plut. <i>Caes.</i> 37, 3-9; <i>Ant.</i> 7, 2; Suet. <i>Iul.</i> 58, 2; App. <i>B Civ.</i> 2, 54; Dio. 41, 43, 1; 41, 44, 3.
4 ou 5	Épiro	Bíbulo captura navios de César que estavam indo buscar o restante das tropas em Brundísio.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 7, 1; 3, 8, 4; Dio. 41, 44, 4.
5 a 10	Épiro	César captura Órico e Apolônia.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 10, 1 ; 3, 12, 4; Plut. <i>Pomp.</i> 65, 5; App. <i>B Civ.</i> 2, 54-55; Dio. 41, 45.
5 a 10	Épiro	Bíbulo falha em bloquear César e falece.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 14, 1; 3, 18, 5; Dio. 41, 48, 1.
10 a 20	Ilíria	M. Otávio não consegue tomar Salonas.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 9, 1-8; Dio. 42, 11, 1-4.
20 a 31	Épiro	Pompeu chega a Dirráquio antes de César.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 13, 1-6; Plut. <i>Pomp.</i> 65, 6; App. <i>B Civ.</i> 2, 55.

FEVEREIRO DE 48

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1 a 10	Roma	Célio e Milo lideram uma revolta dos credores. Ambos são mortos.	Cic. <i>Brut.</i> 273; Caes. <i>BCiv.</i> 3, 20, 1 ; 3, 22, 4; [Liv]. <i>Per.</i> 11; Dio. 42, 22, 1; 42, 25, 3.
11 a 31	Épiro	César tenta retornar à Itália, mas é bloqueado por tempestades.	Luc. <i>Phars.</i> 5, 476-702; Plut. <i>Caes.</i> 38, 1-7; Suet. <i>Iul.</i> 58, 2; App. <i>B Civ.</i> 2, 56-58; Dio. 41, 45, 1; 41, 46, 4.

MARÇO DE 48

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1 a 31	Brundísio	M. Antônio retoma o porto de Brundísio.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 23, 1; 3, 24, 4; Plut. <i>Ant.</i> 7, 3.
1 a 31	Ásia	Cipião alista reforços para Pompeu na Síria e Ásia.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 31, 1; 3, 33, 2.

ABRIL DE 48

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1 a 10	Brundísio	Marco Antônio reúne o restante dos cesarianos e atravessa o mar rumo à cidade de Lisso.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 25, 1 ; 3, 30, 7; Luc. <i>Phars.</i> 5, 703-721; Plut. <i>Caes.</i> 39, 1; <i>Ant.</i> 7, 3-6; App. <i>B Civ.</i> 2, 59; Dio. 41, 48, 1-4.
10 a 15	Dirráquio	Pompeu envia a sua esposa à ilha de Lesbos.	Luc. <i>Phars.</i> 5, 722-815.
20 a 30	Épiro	Pompeu ataca as cidades de Órico e Lisso.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 39, 1; 3, 40, 5; App. <i>B Civ.</i> 2, 56.

MAIO DE 48

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1 a 30	Dirráquio	César chega a Dirráquio.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 41, 1; 3, 42, 5; Luc. <i>Phars.</i> 6, 1-28; Dio. 41, 49, 1; 41, 50, 1.
1 a 30	Dirráquio	Cipião chega à Grécia e trava combate contra Cássio e Longino.	Luc. <i>Phars.</i> 5, 722-815.
1 a 30	Dirráquio	César sofre com a falta de víveres.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 47, 4 ; 3, 49, 5; Luc. <i>Phars.</i> 6, 80-117; Plin. <i>HN.</i> 19, 144; Plut. <i>Caes.</i> 39. 1-3; Suet. <i>Iul.</i> 68, 2; App. <i>B Civ.</i> 2, 61.

JUNHO DE 48

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1 a 30	Ásia	Fárnaces II, rei do Bósforo, ataca os reinos vizinhos.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 41, 1; 3, 42, 5; Luc. <i>Phars.</i> 6, 1-28; Dio. 41, 49, 1; 41, 50, 1.

JULHO DE 48

(continua)

Dia	Local	Acontecimento	Referências
1	Épiro	Intensificam-se as hostilidades entre Pompeu e César.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 50, 1 ; 3, 55, 2; Luc. <i>Phars.</i> 6, 118-262; Plut. <i>Caes.</i> 16, 3-4,1; Suet. <i>Iul.</i> 68, 4; App. <i>B Civ.</i> 2, 60; Dio. 41, 50, 3-4.
1 a 5	Grécia	Q. Fúfio avança sobre a Beócia e a Ática.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 56, 1; 3, 57, 5; Dio. 42, 14, 1.
5 a 10	Macedônia	Pompeu derrota os soldados de César em várias ocasiões.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 58, 1; 3, 72, 4; [Liv]. <i>Per.</i> 111; Luc. <i>Phars.</i> 6, 263-313; Plut. <i>Caes.</i> 39, 4-8; <i>Pomp.</i> 65, 7-8; Suet. <i>Iul.</i> 68, 3; App. <i>B Civ.</i> 2, 61-63; Dio. 41, 50, 4.

(conclusão)

Dia	Local	Acontecimento	Referências
10 a 12	Macedônia	César parte em retirada desde Dirráquio até a Tessália.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 73, 1 ; 3, 79, 7; Luc. <i>Phars.</i> 6, 314-315; Plut. <i>Caes.</i> 39, 9-11; <i>Pomp.</i> 66, 2; App. <i>B Civ.</i> 2, 64; Dio. 41, 51, 1-3.
13 a 17	Gonfos	César toma a cidade de Gonfos.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 80, 1 ; 3, 81, 3; Plut. <i>Caes.</i> 41, 6-8; App. <i>B Civ.</i> 2, 64; Dio. 41, 51, 4-5.
15 a 17	Macedônia	Pompeu desiste de ir à Itália e prefere perseguir César na Tessália.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 82, 1; Luc. <i>Phars.</i> 6, 316-332; Plut. <i>Pomp.</i> 66, 1; 67, 3; App. <i>B Civ.</i> 2, 65-66; Dio. 41, 52, 1; 41, 54, 3.

AGOSTO DE 48

Dia	Local	Acontecimento	Referências
9	Farsália	César derrota Pompeu definitivamente.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 85, 1 ; 3, 97, 5 ; 3, 99, 1-5; Luc. <i>Phars.</i> 7, 1-872; Plut. <i>Brut.</i> 4, 4-5, 1; <i>Caes.</i> 44, 1; 46, 4; <i>Pomp.</i> 68, 5; 73, 11; <i>Ant.</i> 8, 2-3; Suet. <i>Iul.</i> 30, 4; 75, 2; App. <i>B Civ.</i> 2, 69-82; Dio. 41, 55, 1; 41, 61, 1.
10 a 31	Farsália	Pompeu foge para o Egito.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 102, 5 – 103, 1; Luc. <i>Phars.</i> 8, 159-471; Plut. <i>Pomp.</i> 76, 1 -77, 1; App. <i>B Civ.</i> 2, 83; Dio. 42, 2, 4-6.

SETEMBRO DE 48

Dia	Local	Acontecimento	Referências
28	Alexandria	Pompeu é morto.	Caes. <i>BCiv.</i> 3, 103, 2; 3, 104, 3; [Liv]. <i>Per.</i> 112; Luc. <i>Phars.</i> 1, 683-686 ; 8, 472- 711; Plut. <i>Brut.</i> 33, 3-5; <i>Pomp.</i> 77, 1; 80, 2; App. <i>B Civ.</i> 2, 84-86; Dio. 42, 3, 1; 42, 5, 7.